



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Câmpus de São José do Rio Preto

MARINA DONATO SCARDOELLI

**Matamos as meninas:**

notas e comentários à tradução do ensaio *On tue les petites filles*, de Leïla  
Sebbar

São José do Rio Preto  
2019

MARINA DONATO SCARDOELLI

**Matamos as meninas:**

notas e comentários à tradução do ensaio *On tue les petites filles*, de Leïla  
Sebbar

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Profa. Dra. Maria Angélica Deângeli

São José do Rio Preto  
2019

S285m Scardoelli, Marina Donato  
Matamos as meninas : notas e comentários à tradução do ensaio *On tue les petites filles*, de Leïla Sebbar / Marina Donato Scardoelli. – São José do Rio Preto, 2019  
227 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Maria Angélica Deângeli

1. Tradução e interpretação. 2. Feminismo e literatura. 3. Crime sexual contra as crianças. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARINA DONATO SCARDOELLI

**Matamos as meninas:**

notas e comentários à tradução do ensaio *On tue les petites filles*, de Leïla  
Sebbar

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão examinadora

Profa. Dra. Maria Angélica Deângeli  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientadora

Profa. Dra. Flávia Nascimento Falleiros  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Viviane Veras  
UNICAMP – IEL

São José do Rio Preto  
03 de setembro de 2019

A todas as meninas e mulheres que,  
violentadas, agredidas e desrespeitadas, nunca  
deixam de sonhar.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço

aos meus pais, pelo incentivo e apoio;

à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Angélica Deângeli, por todos os ensinamentos que recebi na graduação e no mestrado;

às minhas amigas, que me consolaram nos dias difíceis;

ao meu namorado, Igor, por ser meu porto-seguro, que me motiva e nunca me deixa desistir;

à Profa. Dra. Viviane Veras e à Profa. Dra. Flávia Nascimento Falleiros, cujos comentários e anotações enriqueceram esta dissertação;

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pelo auxílio financeiro, sem o qual esta pesquisa não poderia ter sido realizada.

Na nebulosa da infância, a sensitiva já procurava a bondade e a beleza. Mas a bondade e a beleza são conceitos do homem. E a menina não encontrava a bondade e a beleza por onde procurava. Talvez porque já caminhasse fora dos conceitos humanos. (GALVÃO, 2005, p. 52)

## RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo apresentar a tradução parcial comentada do ensaio *On tue les petites filles : une enquête sur les mauvais traitements, sévices, meurtres, incestes, viols contre les filles mineures de moins de 15 ans, de 1967 à 1977 en France*, publicado em 1978 pela autora argelina Leïla Sebbar, cuja extensa bibliografia é composta por obras que remetem, principalmente, ao universo feminino, a questões de identidade, imigração e exílio. O ensaio que compõe nosso objeto de estudo é um dos mais expressivos da carreira da autora e traz relatos de abusos e violência contra meninas menores de quinze anos, como maus tratos, assassinato, incesto, pedofilia e estupro, nos anos de 1967 a 1977 na França. Em nossa pesquisa, buscamos esclarecer, por meio das notas do tradutor, questões culturais, históricas, linguísticas e ideológicas que julgamos relevantes para a tradução, baseando-nos em teorias pós-modernas de tradução que procuram incorporar a pauta feminista em sua prática. Além disso, também fazemos uma reflexão sobre o gênero tradução comentada e as possibilidades de leitura que se abrem com a nota do tradutor.

Palavras-chave: tradução comentada; tradução feminista; menina; mulher; violência; francês; português.



## **ABSTRACT**

*This research aims to translate and comment Leïla Sebbar's essay On tue les petites filles : une enquête sur les mauvais traitements, sévices, meurtres, incestes, viols contre les filles mineures de moins de 15 ans, de 1967 à 1977 en France, published in 1978. This is one of the most expressive writings in Sebbar's career, since it shows several reports of abuse and violence against girls under fifteen years of age. These reports include denunciations of mistreatment, murder, incest, pedophilia and rape during 1967 and 1977 in France. In our research, we intend to use translator's notes to clarify cultural, historical, linguistic and ideological issues that we deem relevant in translation. To accomplish our goal, we rely on postmodern theories of translation that seek to incorporate feminist theory into its practice. In addition, we also make some considerations on the commented translation genre and the multiple reading possibilities brought by translator's notes.*

*Keywords: commented translation; feminist translation; girl; woman; violence; French; Portuguese.*

## RÉSUMÉ

*L'objectif de cette recherche est de présenter la traduction partielle et commentée de l'essai On tue les petites filles : une enquête sur les mauvais traitements, sévices, meurtres, incestes, viols contre les filles mineures de moins de 15 ans, de 1967 à 1977 en France publié en 1978 par l'écrivaine algérienne Leïla Sebbar, dont la vaste bibliographie comprend des œuvres qui renvoient principalement à l'univers féminin, aux questions d'identité, d'immigration et d'exil. Cet essai, qui est l'un des plus expressifs de la carrière de l'auteure, présente des récits d'abus et de violence contre des petites filles de moins de quinze ans, tels que mauvais traitements, meurtres, inceste, pédophilie et viols, pendant les années de 1967 à 1977, en France. À l'aide des notes du traducteur, nous avons l'intention d'explicitier les questions culturelles, historiques, linguistiques et idéologiques qui sont, à notre avis, pertinentes pour la lecture de cette traduction. Notre recherche s'appuie sur les théories post-modernes de la traductologie et incorpore les idées féministes sur le processus de traduction. Par ailleurs, nous faisons aussi une réflexion sur le genre traduction commentée et les possibilités de lectures ouvertes par les notes du traducteur.*

*Mots-clés : traduction commentée ; traduction féministe ; fille ; femme ; violence ; français ; portugais.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa original do ensaio <i>On tue les petites filles</i> .....	22
Gráfico 1 – Percepção da população .....	36
Gráfico 3 – Vitimização de mulheres brasileiras.....	37
Gráfico 4 – Detalhamento das agressões .....	38
Gráfico 5 – Detalhamento do agressor e reação da vítima.....	38
Gráfico 6 – Quantitativo de denúncias .....	39
Gráfico 7 – Tipos de violação.....	40
Gráfico 8 – Gênero das vítimas .....	41
Gráfico 9 – Faixa etária das vítimas .....	41
Gráfico 10 – Raça das vítimas.....	41
Gráfico 11 – Relação entre suspeito e vítima.....	42
Gráfico 12 – Local da violação.....	42
Quadro 1 – Nota cultural .....	67
Quadro 2 – Nota cultural .....	68
Quadro 3 – Nota cultural .....	68
Quadro 4 – Nota cultural .....	68
Quadro 5 – Nota histórica.....	69
Quadro 6 – Nota histórica.....	69
Quadro 7 – Nota histórica.....	69
Quadro 8 – Nota metalinguística .....	70
Quadro 9 – Nota metalinguística .....	70
Quadro 10 – Nota metalinguística .....	71
Quadro 11– Nota metalinguística .....	71
Quadro 12– Nota metalinguística .....	71
Quadro 13 – Nota sobre gênero.....	72
Quadro 14 – Nota sobre gênero.....	72
Quadro 15 – Nota sobre gênero.....	73
Quadro 16 – Nota sobre gênero.....	73
Quadro 17 – Nota sobre gênero.....	73
Quadro 18 – Nota sobre gênero.....	74
Quadro 19 – Nota terminológica .....	74
Quadro 20 – Nota terminológica .....	75
Quadro 21 – Nota terminológica .....	75

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – LEILA SEBBAR: ESCRITA E FEMINISMOS</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Leïla Sebbar: vida e obra</b>	<b>16</b>
<b>1.2 O ensaio: <i>On tue les petites filles</i></b>	<b>21</b>
<b>1.3 Feminismos: contextualizações</b>	<b>26</b>
1.3.1 Nos EUA e na Europa	26
1.3.2 No Brasil	30
1.3.3 Dominação e patriarcado	32
<b>1.4 Os números da violência</b>	<b>36</b>
1.4.1 Direitos da Criança e do Adolescente	44
1.4.2 A legislação na França e no Brasil	46
<b>CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO E MULHERES</b>	<b>50</b>
<b>2.1 Tradução e feminismos: a ideologia na escrita</b>	<b>50</b>
<b>2.2 Traduzir: uma história comentada</b>	<b>59</b>
<b>2.3 As notas e os comentários no ensaio <i>Matamos as meninas</i></b>	<b>66</b>
2.3.1 Notas culturais	67
2.3.2 Notas históricas	68
2.3.3 Notas metalinguísticas	70
2.3.4 Notas sobre gênero	71
2.3.5 Notas terminológicas	74
<b>CAPÍTULO 3 – MATAMOS AS MENINAS: UMA TRADUÇÃO COMENTADA</b>	<b>76</b>
<b>Preâmbulo</b>	<b>77</b>
... <i>É o amor da mamãe que eu preciso...</i>	78
<b>O segredo dos quartos</b>	<b>83</b>
<b>Ele achava que eu era a mulher dele</b>	<b>84</b>
<i>Meu pai descobriu que eu tinha ficado mocinha</i>	85
<i>Vi um menino passar a mão na sua bunda: bati nela</i>	89
<i>Duas palavras me passaram pela cabeça: matar ele</i>	94
<i>Ele comprava sangue e colocava nas toalhinhas</i>	101
<i>Aos 13 anos, eu entendi mais ou menos que ele se aproveitava de mim</i>	103

<i>Ele me deu um soco... Eu nunca superei</i>	107
<b>Ele me chamava de Maria-Rameira</b>	112
<i>...Todas as meninas faziam isso com o pai</i>	113
<i>Acordei com o pênis dele na mão</i>	114
<i>A palmada com a bunda de fora</i>	117
<i>O orifício anal é flexível...</i>	121
<i>O lenço dele na minha calcinha</i>	124
<i>Eu não queria mais que tocassem em mim</i>	126
<i>Ele me disse “filhinha”...</i>	128
<b>Ela corre, é difícil de controlar</b>	133
<i>Do outro lado da rua, era como se fosse um campo</i>	134
<i>Para dar prazer a ele, ela também dorme com os outros</i>	137
<i>Ele joga um líquido branco em um lenço</i>	138
<i>No verão, eu tiro férias em Cannes</i>	140
<i>O quarto nº 5</i>	143
<i>Nos banheiros públicos</i>	145
<b>A lição objetiva</b>	149
<i>Quer que eu te mostre como ejacula...</i>	149
<i>Olha como o argelino fode a sua mãe</i>	151
<i>Para que elas conheçam tudo do amor</i>	154
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>158</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>161</b>
<b>ANEXO A – “AVANT-PROPOS”</b>	<b>166</b>
<b>ANEXO B – “LE SECRET DES CHAMBRES”</b>	<b>171</b>

## APRESENTAÇÃO

Nosso interesse por este trabalho nasceu da intenção de promover, de alguma forma, uma discussão em torno da condição feminina na sociedade, levando em consideração os efeitos de uma cultura machista. Ao descobrirmos o texto de Sebbar, percebemos a grandiosidade da obra, a qual propõe uma reflexão profunda e abrangente, na medida em que engloba uma questão pouco discutida até mesmo em rodas feministas: a violência contra meninas, especificamente. Compreendemos, assim, que o ensaio *On tue les petites filles*, que agora compõe nosso objeto de estudo, deveria ser analisado, traduzido e divulgado a fim de ampliar o debate sobre uma questão tão pertinente.

Além disso, enquanto ainda definíamos nosso *corpus*, deparamo-nos com dados que nos causaram espanto: nenhuma das obras da vasta bibliografia da escritora argelina Leïla Sebbar havia sido traduzida para o português. Assim, tomamos ainda mais consciência do limitado mercado editorial brasileiro, cujas traduções são majoritariamente oriundas da língua inglesa, como aponta Torres em seu estudo “L’autre traduit ou la littérature française au Brésil” (2009). Dessa forma, concluímos que a tradução de uma autora como Sebbar poderia se destacar por sua originalidade no contexto brasileiro, visto ser uma escritora magrebina contemporânea e não canônica que, apesar de ter sido traduzida para quase dez idiomas, não tem tradução para a língua portuguesa. Consideramos também que, dada sua contemporaneidade, a discussão promovida poderia ser mais rica e o debate mais amplo.

Assim, demos início ao nosso trabalho, cujo objetivo principal é apresentar a tradução parcial comentada do ensaio *On tue les petites filles*. Mais especificamente, optamos por nos debruçar sobre o capítulo intitulado “Les secrets des chambres” (p. 169-279), que trata sobre incesto, estupro e pedofilia, pois entendemos que nele as questões de gênero e a dominação masculina tornam-se mais evidentes. Também traduzimos o preâmbulo, “... C’est l’amour de maman que j’ai besoin...” (p. 9-15), em que a autora introduz o tema do ensaio, explorando questões relativas à infância, maternidade, feminilidade e sexualidade. Acreditamos que a tradução dessa parte do livro é essencial, pois contextualiza melhor nosso trabalho, considerando que nossa proposta não contempla a tradução integral da obra<sup>1</sup>.

Após a definição do nosso objeto de estudo, buscamos aprofundar nossos conhecimentos sobre a autora e sua trajetória; estudamos o movimento feminista e sua

---

<sup>1</sup> Levando em conta o prazo estipulado para a realização da pesquisa de Mestrado, optamos por uma tradução parcial do ensaio de Sebbar, visto que, pela extensão da obra, sua tradução integral poderia inviabilizar nossa pesquisa.

pluralidade, bem como suas reivindicações; procuramos, ainda, pesquisar sobre a tradução feminista e seus propósitos; por fim, refletimos sobre a tradução comentada e de que forma esse gênero textual poderia ser uma ferramenta pertinente para uma tradução com fins ideológicos. Fundamentamos, então, nosso trabalho com base nessas premissas, que serão expostas mais detalhadamente nos próximos capítulos desta dissertação.

Primeiramente, apresentamos a vida e a carreira da autora, ambas marcadas por seu exílio na França e pela luta pelos direitos das mulheres. Procuramos mostrar a importância de seu trabalho e apontar a inspiração transmitida por sua história, além de mostrar de que forma a temática de suas obras dialoga com os propósitos de nossa pesquisa. Discutimos, ainda, a questão da língua materna de Sebbar e o modo como essa problemática afetou sua carreira de escritora no exílio.

Em um segundo momento, abordamos a temática e as peculiaridades do estilo do ensaio que compõe nosso objeto de estudo. Apresentamos, primeiramente, uma breve reflexão sobre o ensaio como gênero textual para, em seguida, colocar algumas questões concernentes à temática da obra, a qual se reflete em seu estilo. Buscamos mostrar de que forma Sebbar expõe e discute os relatos, mesclando empatia e crítica social em um mesmo texto. Além disso, ainda procuramos apontar as questões estilísticas que afetam a tradução dessa obra e, conseqüentemente, nosso trabalho.

Em seguida, fazemos uma exposição dos aspectos da ideologia feminista que sustenta nosso estudo. Iniciamos com um breve panorama e histórico dos feminismos ocidentais e brasileiros, explicando como ocorreram as chamadas ondas feministas, que englobam diferentes reivindicações e posicionamentos ideológicos. Também explanamos os conceitos de dominação masculina e patriarcado, que se mostram relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, apresentamos alguns dados e informações de instituições como IGBE, Datafolha e Disque Direitos Humanos para discutir a problemática da violência contra a mulher e contra crianças e adolescentes; procurando, assim, mostrar como esses assuntos são negligenciados. Também expomos um breve histórico dos Direitos da Criança e do Adolescente, além da legislação sobre o assunto no Brasil e na França, pois entendemos que essas informações impactam diretamente nosso trabalho.

Concluimos, assim, que nosso propósito de incentivar a discussão sobre a violência contra meninas poderia ser, de certa forma, alcançado com a tradução comentada do ensaio de Sebbar, dada a sensibilidade com que a autora trata de um tema tão doloroso. Assim, no segundo capítulo, refletimos sobre as questões concernentes à tradução feminista e à tradução

comentada, pois tais considerações poderiam nos ajudar a pensar, de forma prática, nosso trabalho, ou seja, como esses instrumentos teóricos podem se refletir no ato tradutório.

Por conseguinte, iniciamos o segundo capítulo com uma exposição das ideias de Antoine Berman sobre tradução e sobre o que o autor chama de “projeto de tradução”. Em seguida, expomos algumas considerações sobre a tradução feminista, passando pela escola de tradução feminista canadense e pelas críticas às suas práticas. Mostramos a posição da estudiosa Olga Castro sobre o assunto e apresentamos algumas estratégias e perspectivas de tradução inspiradoras, propostas por autoras como Françoise Massardier-Kenney e Carolyn Shread. Também procuramos discutir de que forma essas noções podem ser úteis para nosso trabalho, que trata também de uma tradução com fins feministas.

Após esses apontamentos, buscamos expor outras reflexões pertinentes para esta pesquisa e nossos objetivos. Discutimos, então, de que forma a ideologia atua na tradução e na tradução comentada, com base nas considerações de Xoán M. G. Vilariño. Além disso, trazemos algumas questões expostas por Pascale Sardin, Adriana de Freitas Gomes, Maria Clara C. de Oliveira, Adriana Zavaglia, Carla M. C. Renard e Christiane Janczur sobre as notas de tradução, suas funções e aplicações no texto, bem como seus objetivos em uma tradução comentada.

Finalizamos o capítulo, então, com a exposição das nossas notas de tradução, divididas em cinco grupos: a) notas culturais; b) notas históricas; c) notas sobre gênero; d) notas metalinguísticas e e) notas terminológicas. Nesse momento, exemplificamos cada grupo com um trecho retirado do ensaio e a nota que o acompanha, comparando texto original e sua tradução.

Já em nosso terceiro capítulo, trazemos nossa tradução comentada do ensaio de Sebbar: *Matamos as meninas*. Decidimos utilizar o verbo “matar” na primeira pessoa do plural ao invés de utilizar o sujeito indeterminado, como em francês, porque acreditamos que, dessa forma, evidenciamos nosso papel enquanto atores sociais e nos responsabilizamos também pela violência contra essas meninas. Assim, nosso propósito de fazer da tradução um ato político torna-se também mais explícito.

Em relação à apresentação do texto, procuramos formatá-lo de forma semelhante ao original, agrupando os relatos do mesmo modo que a autora. As notas que elaboramos aparecem ao fim da página, enumeradas progressivamente.

Em seguida, passamos às considerações finais sobre nosso trabalho, levando em conta a teoria utilizada e a temática do ensaio traduzido. Enfatizamos nossas pretensões de conscientizar o público-leitor sobre o assunto discutido por meio de nossa tradução e nossas



notas. Destacamos, assim, a importância que o tradutor ou a tradutora tem nesse trabalho de disseminação do pensamento, além de ressaltarmos nossa intenção de incentivar a realização de outras traduções comentadas em âmbito acadêmico, pois acreditamos que esse tipo de pesquisa pode ser muito relevante para os Estudos da Tradução. Concluímos esta pesquisa enfatizando nosso propósito de divulgar a obra de Sebbar, fazer com que seu trabalho seja mais traduzido, estudado e, conseqüentemente, conhecido pelo leitor brasileiro.

## CAPÍTULO 1 – LEÏLA SEBBAR: ESCRITA E FEMINISMOS

Mais do que uma simples apresentação de nossos fundamentos teóricos, o objetivo deste primeiro capítulo consiste em expor a motivação que impulsionou este trabalho desde seu início. Pretendemos, por conseguinte, apresentar a vida e a obra da escritora Leïla Sebbar, que nos inspirou na escolha do tema com o qual trabalhamos. Em seguida, discutimos a temática e o estilo de nosso objeto de estudo, o ensaio *On tue les petites filles*; também apresentamos os aspectos da ideologia feminista que fazem parte das bases teóricas desta pesquisa e que são de extrema importância para o atual contexto da luta pela emancipação feminina. Por fim, trazemos algumas estatísticas de violência contra a mulher e contra crianças e adolescentes, além de uma breve exposição da legislação no Brasil e na França sobre o assunto.

### 1.1 Leïla Sebbar: vida e obra

Sebbar nasceu em 1941<sup>2</sup>, em Aflou, na Argélia. Seu pai era argelino e sua mãe, francesa. Ambos eram professores e faziam parte da elite argelina da época. A autora viveu a Guerra de Independência Argelina (1954-1962), durante a qual seu pai permaneceu preso por vários meses. Após o fim da guerra, partiu para a França, a fim de cursar o ensino superior em letras, na Universidade de Aix-en-Provence. Na mesma cidade, criou, com seus amigos, a primeira cinemateca. Em 1963, mudou-se para Paris, onde vive até hoje. Começou a exercer sua profissão lecionando literatura francesa.

Christiane Chaulet Achour, em *Leïla Sebbar, le féminisme à l'initiale d'une écriture et son devenir dans l'œuvre* (2010), discorre sobre alguns elementos importantes que influenciaram a carreira da autora, como sua participação no movimento feminista francês e sua relação conturbada com a língua francesa, que coloca em cena a problemática da identidade e da alteridade.

Achour divide a obra de Sebbar em três períodos, marcados principalmente por ensaios e artigos, ficções e coletâneas, respectivamente. No entanto, como afirma a pesquisadora, os limites dessa divisão não são claros, pois há momentos em que as escolhas de escrita da autora se misturam.

---

<sup>2</sup> Informações retiradas da página oficial da autora, disponível em <[http://clicnet.swarthmore.edu/leila\\_sebbar/biographie.html](http://clicnet.swarthmore.edu/leila_sebbar/biographie.html)>. Acesso em 17 maio 2018.

Entre os anos 1970 e 1980, a influência do feminismo nos textos de Sebbar é mais evidente. Uma de suas declarações, registrada em sua obra *L'arabe comme un chant secret*, mostra seu engajamento com essa e outras causas:

Foi assim que fui pega pela turbulência de Maio de 68 e do Movimento das Mulheres em Paris. Com outras pessoas, homens e mulheres, protestei para defender valores universais, ameaçados no Vietnã pelo exército americano. [...]. Protestei nas ruas de Paris contra o autoritarismo do poder, da sociedade, da universidade, e, com as mulheres, contra a violência social e política que elas sofrem, o sexismo, as injustiças evidentes. [...]. Essas lutas, esses protestos coletivos fascinam-me. Acredito que são justos e eu não sou uma indivíduo, sou todas as mulheres, todos os excluídos, todos os colonizados do Império e do interior. Eu não sou uma pessoa específica [...]. Sou uma cidadã de uma geração livre, não estou sozinha. Tenho uma tribo política, uma utopia... Em breve, eu me tornarei, como outros, órfã da Revolução, mas, com as mulheres, reflito, falo, papeio com confiança.<sup>3</sup> (SEBBAR, 2003, apud ACHOUR, 2010, p. 4, tradução nossa.)

Sebbar, então, publica seu primeiro texto *Sur sa culotte bleue en toile à matelas* (1976), na revista *Sorcières*. Trata-se de um conto autobiográfico marcado pela contestação dos clichês sobre os árabes. Achour ainda afirma que essa característica de questionamento dos estereótipos será uma constante que marcará a escrita de toda a obra da autora.

Em seguida, Sebbar lança alguns ensaios, com os quais buscava aliar a pesquisa de campo a um conteúdo mais reflexivo e crítico, como *On tue les petites filles* (1978)<sup>4</sup> e *Le pédophile et la maman* (1980). Com esses textos, a escritora buscava questionar, principalmente, a violência contra meninas menores de idade e a atração sexual de adultos por crianças, respectivamente.

Dentre as outras contribuições da autora, estão os artigos publicados em periódicos. Podemos citar a revista *Histoire d'Elles*, fundada por Sebbar, juntamente com outras mulheres jornalistas, fotógrafas, estudantes, ilustradoras, professoras. De forma artesanal e independente, buscavam com essa publicação destacar-se da imprensa tradicional voltada às mulheres. Ainda com as amigas fundadoras dessa revista, Sebbar empreendeu um trabalho de

<sup>3</sup> *C'est ainsi que je suis prise dans la turbulence de Mai 68 et du Mouvement des femmes à Paris. Avec d'autres, hommes et femmes, je manifeste pour défendre des valeurs universelles, menacées au Vietnam par l'armée américaine. [...] Je manifeste dans les rues de Paris contre l'autoritarisme du pouvoir, de la société, de l'université, et, avec les femmes, contre la violence sociale et politique qu'elles subissent, le sexisme, les inégalités flagrantes. [...] Ces luttes, ces protestations collectives m'enchantent. Je pense qu'elles sont justes et je ne suis pas une individu, je suis toutes les femmes, tous les exclus, tous les colonisés de l'Empire et de l'intérieur. Je ne suis pas une personne particulière [...] Je suis citoyenne d'une génération spontanée, je ne suis pas seule. J'ai une tribu politique, une utopie... Je deviendrai comme d'autres, bientôt, orpheline de la Révolution, mais, avec des femmes, je réfléchis, je parle, je bavarde avec confiance.*

<sup>4</sup> Abordaremos, de forma mais aprofundada, algumas questões sobre esse ensaio no subcapítulo 1.2 desta dissertação.

análise da cultura doméstica das mulheres: *Des femmes dans la maison, anatomie de la vie domestique, enquête de terrain, entretiens, photographies* (1981). Nesse mesmo período, a escritora também colaborou com artigos para os periódicos *Sorcières* e *Sans Frontières* (neste, as publicações abordavam o tema da imigração), além de escrever para as revistas literárias *La Quinzaine littéraire*, *Le Magazine littéraire*, *Les Moments littéraires* e *Étoiles d'encre* entre 1980 e 1990; contribuiu ainda como cronista em diferentes emissões da rádio *France Culture*, de 1984 a 1999.

Sebbar também dirigiu um número da revista *Cahier du Grif* em parceria com Nancy Huston, escritora que já conhecia por trabalhos anteriores, em periódicos como *Histoires d'Elles* e *Sorcières*. Essa publicação que empreenderam juntas, intitulada *Recluses et vagabondes* (1988), reúne mulheres escritoras e universitárias que questionam o papel feminino na criação literária e poética.

No entanto, segundo Achour (2010), a dominante “feminista”, progressivamente, dá lugar ao tema preferido por Sebbar em suas futuras obras: o exílio. Esse fato, para a pesquisadora, confirma-se com a publicação de *Les Lettres parisiennes* (1986), outra parceria com Huston. Tal obra apresenta um conjunto de cartas trocadas pelas autoras, nas quais Sebbar confirma o lugar de exílio presente em suas ficções, romances e contos, bem como seu lugar de escritora no exílio.

Conforme a divisão elaborada por Achour, o segundo momento da carreira da autora vai de 1981 a 1993, sendo marcado por contos e ficções. Nesse período, a autora publica treze romances, vários deles com protagonistas mulheres. Achour cita *Fatima ou les Algériennes au square* (1981) e a trilogia de Shérazade como os mais notáveis na obra de Sebbar, levando em conta o gênero citado.

Convém também notar que a trilogia mencionada, que inclui os romances *Shérazade*, *17 ans, brune, frisée, les yeux verts* (1982), *Les carnets de Shérazade* (1985), *Le fou de Shérazade e Shérazade* (1991), trará uma grande visibilidade e sucesso à autora. Os três romances contam a história de uma adolescente de 17 anos em busca de sua própria identidade, ao passo em que vive dividida entre França e Argélia. Outro aspecto que deve ser ressaltado é a intertextualidade que a trilogia apresenta com o clássico conto árabe das *Mil e uma noites*, que deve ser retomado pela leitora ou leitor em relação à personalidade e aos comportamentos da personagem principal.

Já no terceiro momento da carreira de Sebbar, que vai dos anos 1990 até a atualidade, predominam as publicações de obras coletivas que são dirigidas ou codirigidas pela autora, como *Une Enfance d'ailleurs* (1993), *Une Enfance algérienne* (1997), *Une Enfance Outremer*

(2001). Essas publicações, segundo Achour (2010), exploram questões sobre a infância e a história colonial da Argélia. Sebbar ainda escreveu diários de viagem, como *Mes Algéries en France* (2004), *Journal de mes Algéries en France* (2005), *Voyages en Algérie autour de ma chambre: abécédaire*, que reúnem contos, entrevistas, retratos, desenhos, entre outros elementos que criam uma imagem íntima e política de lugares importantes para a autora.

Além disso, Achour (2010) discorre sobre a questão da dupla identidade cultural e linguística, que se reflete na escrita da autora. Sebbar nunca aprendeu o árabe, apesar de ser a língua oficial de sua terra natal e, também, aquela que era falada por seu pai. A escritora aprendeu, todavia, o francês, língua do colonizador que gerou e ainda gera tantos conflitos culturais e sociais na Argélia e até na própria França. Sobre tal assunto, Achour afirma que:

A primeira é a obsessão da língua, que é ao mesmo tempo espaço de plenitude e falta. A plenitude, a língua francesa, parece ser apenas o canal da transmissão da falta da língua do pai, o árabe; raramente qualificada de língua francesa, é mais prazerosamente designada como “língua da mãe”. Não há verdadeiramente escolha, visto que é a única língua aprendida, imposta, dominada.<sup>5</sup> (ACHOUR, 2010, p. 7, tradução nossa.)

Essa problemática é retratada na crônica autobiográfica (e ficcional) *Je ne parle pas la langue de mon père* (2003), que rendeu a Sebbar o prêmio France-Algérie. Nesse texto, a escritora faz uma reflexão sobre língua, identidade e transmissão cultural, enquanto utiliza elementos de sua própria infância na Argélia para estabelecer uma relação entre realidade e ficção, criando novos personagens, encontros, conversas e situações que poderiam ter acontecido nesse período.

A relação de Sebbar com a língua francesa diferencia-se de outros autores magrebinos, que, geralmente, escolhem o francês em detrimento do árabe, escrevendo em uma língua que não é a sua língua de origem ou de suas origens. Considerando a questão da colonização dos países africanos pela França e a imposição do francês como forma de dominação, esses autores reiteram, com essa escolha, a dominação do estrangeiro e perpetuam a lembrança constante da presença do Outro, do colonizador ou do “mestre”, em suas vidas. Dessa forma, realizam constantemente um trabalho de tradução a cada palavra escrita (Cf. DEÂNGELI, 2015).

Sebbar, por não conhecer a língua árabe, nunca pôde escolher entre escrever em francês ou na língua de sua terra natal. No entanto, como aponta Achour, a escritora carrega o

---

<sup>5</sup> *La première est l'obsession de la langue qui est à la fois l'espace du plein et du manque. Le plein, la langue française, semble n'être que le canal de transmission du manque de la langue du père, l'arabe ; rarement qualifiée de langue française, elle est plus volontiers désignée comme de « langue de la mère ». Il n'y a pas véritablement de choix puisque c'est la seule langue apprise, imposée, maîtrisée.*

peso de pertencer a duas realidades muito distintas, o que fez com que, em vários de seus escritos, e por muitos anos, se voltasse para a questão da ausência da língua árabe. Contudo, a autora compreendeu, posteriormente, que nunca quis, de fato, aprender tal língua, pois não teria desenvolvido a curiosidade pungente sobre a realidade argelina que inspira seu trabalho. O monolinguismo, portanto, apesar de ter sido imposto, transformou a falta em um objeto de desejo que impulsiona a escrita de Sebbar.

Achour considera, então, que os grandes pilares da obra de Sebbar são a língua, a mulher oriental e a nostalgia de um mundo ao qual a autora só pertence pela escrita. No entanto, o feminismo, muito presente na fase inicial de sua carreira, não passa despercebido. Para Achour, a obra de Sebbar reafirma constantemente que o *status* das mulheres na sociedade deve ser alterado, abrindo espaço para a igualdade de direitos. Seus textos apresentam uma grande abundância de obras e figuras de referência importantes para o movimento feminista, além de questionar a condição e o estereótipo da mulher e da realidade feminina, seja na Argélia, seja na França.

O percurso de Sebbar mostra que ela evoca a memória da Argélia de forma nostálgica e se porta como uma testemunha, revelando assim a dura realidade argelina, bem como expondo a difícil condição feminina. Sua obra traz questões que nos chamam a atenção pela sensibilidade com que temas complexos como imigração, identidade e violência são tratados pela autora. Além disso, em seu site oficial, Sebbar afirma que considera o exílio, questão tão presente em sua bibliografia, como uma possibilidade de misturar intimidade, política e poética, revelando um olhar que torna possível diferenciar o invisível de uma realidade produzida, complexa e, muitas vezes, violenta. Além disso, segundo Achour, o movimento feminista foi essencial para que a escritora se afirmasse e saísse do anonimato, mostrando a importância e os efeitos que sua atuação como militante tiveram na carreira e na vida da autora.

Por esses motivos, principalmente, escolhemos uma das primeiras publicações de Sebbar, o ensaio *On tue les petites filles*, para compor o *corpus* de nossa pesquisa. Sua obra e seu engajamento com a causa feminista, seu envolvimento com a realidade das pessoas, sobretudo mulheres, são temas que nos incentivaram em todas as etapas deste trabalho. Assim, apresentaremos a seguir uma análise detalhada, porém não exaustiva, do referido texto.

## 1.2 O ensaio: *On tue les petites filles*

Uma das primeiras obras escritas por Sebbar, *On tue les petites filles* apresenta características do gênero textual denominado ensaio. Cabe, portanto, apresentar algumas informações relevantes sobre esse tipo de texto, por vezes até polêmico em relação aos aspectos filosóficos e literários que o envolvem.

Theodor W. Adorno, em “O ensaio como forma” (2003), apresenta uma discussão em torno dessas características que tornam o ensaio um gênero textual à parte. Para o autor, tal tipo de texto é capaz de conjugar a racionalidade científica com a criação artística, o que, em alguns meios acadêmicos, é dado como inadmissível. A ciência procura separar o conteúdo da forma, subordinando o conteúdo às regras do rigor científico, como se a subjetividade que representa a voz da autora ou autor pudesse ser suprimida.

Contudo, Adorno aponta que o ensaio tem pretensões estéticas, pois busca conciliar forma e conteúdo, sem a necessidade de apagar no texto a presença de quem escreve. Esse gênero textual, no entanto, visa à objetividade, característica que o relaciona à racionalidade científica. O autor considera o ensaio um gênero “misto”, pois deve estabelecer uma relação entre forma e conteúdo, permanecendo no limite entre arte e ciência.

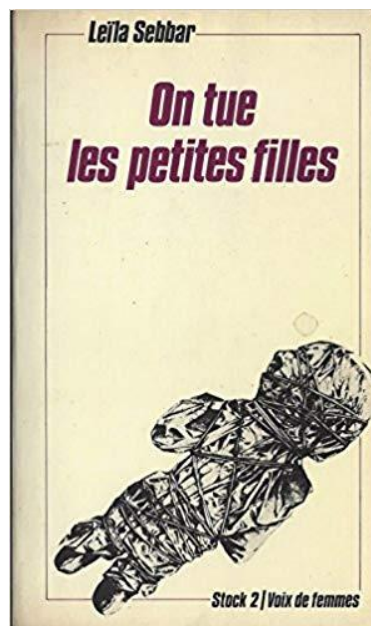
À luz dessas ideias, partimos da premissa de que o ensaio é um gênero que permite a livre manifestação do pensamento acerca do assunto sobre o qual se escreve, em que a autora ou autor pode exprimir suas próprias opiniões e argumentos de acordo com os dados apresentados. Esse gênero, praticado por numerosos pensadores, teóricos e escritores, é o escolhido por Sebbar para iniciar sua carreira como escritora. As críticas feitas pela autora ao machismo, à violência, ao preconceito, entre outros aspectos que caracterizam algumas injustiças sociais, são, dessa forma, difundidas e têm uma maior chance de serem lidas e absorvidas pela sociedade. Mesmo que a ficção também seja capaz de proporcionar uma perspectiva questionadora, o ensaio atrai um público diferente, pois sabe que o posicionamento crítico é inerente a esse gênero.

Em primeiro lugar, apontamos a motivação da autora em escrever esse ensaio, já que participava ativamente do movimento feminista na década de 1970. No entanto, como observa no próprio livro, o principal objetivo de Sebbar era fornecer um estudo sobre os abusos cometidos contra as meninas menores de idade, especificamente, já que não havia, na época da publicação do ensaio, dados estatísticos sobre maus tratos e violências sexuais (incesto, estupro coletivo e solitário, pedofilia, pornografia e prostituição) sofridos por essa parcela da população. A autora afirma que o “Movimento das Mulheres” foi o primeiro a realizar uma

campanha e um trabalho que levasse esses temas em consideração. Levada por essa omissão do Estado, da justiça e da sociedade em relação a essa problemática, Sebbar então escreve o ensaio *On tue les petites filles: une enquête sur les mauvais traitements, sévices, meurtres, incestes, viols contre les filles mineures de moins de 15 ans, de 1967 à 1977 en France*, publicado em 1978.

Ao fazer uma análise mais detalhada do texto, notamos, em primeiro lugar, o simbolismo presente na capa da obra original (Figura 1). Na parte superior, vemos o nome da autora e, logo em seguida, o título do ensaio aparece em letras roxas, cor que se popularizou como símbolo da luta pelos direitos das mulheres. Já na parte inferior da capa, é possível observar o que parece ser um corpo infantil, embalado em plástico. A ideia de que essa pode ser a representação de um cadáver não é absurda, considerando o título do ensaio, e o fato de que pode ser traduzido por: *Matamos as meninas*.

Figura 1 – Capa original do ensaio *On tue les petites filles*



Fonte: Google Imagens.

O conteúdo do ensaio, por sua vez, retoma o que parece ser evidenciado na capa: a autora divide a obra em três partes: “Le roman nourricier”, “Le secret des chambres” e “Promenades et jardins”, tratando, respectivamente, de maus tratos; incesto; estupro e pedofilia. Cada uma dessas partes contém relatos verídicos que auxiliam a autora na tarefa de expor os abusos a que foram submetidas essas meninas para, em seguida, apresentar uma reflexão sobre o assunto.



A única exceção é a primeira dessas reflexões, presente no preâmbulo da obra. Nesse primeiro momento, Sebbbar busca introduzir o tema da obra tecendo alguns comentários sobre sexualidade, feminilidade, infância e maternidade. Aqui, uma questão que parece ser essencial em toda a obra da autora também marca presença: o exílio. Para Sebbbar, a realidade das meninas e mulheres violentadas é semelhante a estar longe da própria casa: elas se encontram em exílio de seu próprio corpo, pois já não se identificam com ele e nem com sua própria história. A autora também discute brevemente todos os temas abordados em seu ensaio, finalizando com seu desejo de que, um dia, não sejamos vistas apenas como corpos para serem violentados.

Além disso, é importante mencionar de que forma esses relatos foram obtidos pela autora e, principalmente, quem são essas meninas que falam e cujas histórias são contadas no ensaio. Essas informações são esclarecidas na sessão “Matériel de Travail” (Material de Trabalho) (SEBBAR, 1978, p. 345-350), em que a escritora afirma ter empreendido um trabalho de pesquisa que incluiu a consulta de: a) relatórios médicos, elaborados por Dr. Strauss, que reuniam informações de 235 crianças hospitalizadas; b) processos judiciais e policiais concernentes às violências cometidas contra meninas menores de 15 anos<sup>6</sup> (tentativas de assassinato, atentado ao pudor, estupro, etc.); c) processos de encarceramento de detentos e detentas condenados a mais de 5 anos de prisão; d) correspondência endereçada a Menie Grégoire e também chamadas a seu programa de rádio sobre estupro, incesto, maus tratos, frieza, entre outros, durante 1970 e 1977.

Segundo a autora, também foram realizadas entrevistas em diversos órgãos e instituições, listados a seguir: a) no tribunal de menores, com procuradores, peritos, juízes de menores, médicos legistas; no Conselho Tutelar de Paris e na periferia, com policiais, inspetores e inspetoras de polícia, investigadores; b) nos centros penitenciários, com a direção e os inspetores, com as jovens meninas e mulheres encarceradas ou condenadas a penas graves (mães agressoras, assassinas, meninas infanticidas, outras mulheres ladras, proxenetas e que tinham sido agredidas em sua infância); c) nas casas de acolhimento<sup>7</sup>, com educadoras, psicólogos, assistentes sociais, adolescentes abrigadas à espera de uma decisão judicial, como a reintegração com a sua própria família ou estabelecimento de um lar adotivo; d) nos centros maternos, com os educadores, dirigentes, psicólogos e assistentes sociais; e) nos orfanatos, com psiquiatras infantis, educadores, assistentes sociais e psicólogos; f) nos hospitais infantis,

---

<sup>6</sup> De acordo com a autora, as estatísticas não tratavam das vítimas, mas dos autores das agressões. Sabia-se que eram cometidos cerca de 1500 estupros por mês na França, algo em torno de 60 estupros por dia. Sebbbar ainda destaca que nem todos os casos eram relatados à polícia, tornando os números pouco precisos.

<sup>7</sup> Sebbbar afirma que essas casas abrigavam cerca de 100 mil adolescentes, 48 mil meninos e 52 mil meninas.

com pediatras e com o Dr. Strauss; g) no centro de proteção materna e infantil<sup>8</sup>, com o médico-chefe e assistentes sociais; h) na ONG *SOS Femme/Alternative*, com as mulheres abrigadas<sup>9</sup>. Sebbar reitera, ainda, que também entrevistou meninas estudantes sobre a questão da violência, do estupro e do incesto.

Ao longo do ensaio, a autora seleciona e organiza esses relatos em tópicos que giram em torno de um tema específico, por exemplo, meninas que fogem de casa para escapar dos abusos sexuais do pai, ou que são forçadas pela própria família a seguir o caminho da prostituição, entre outras situações. É importante ressaltar que o título desses tópicos, bem como dos relatos que se seguem, sempre remete a uma passagem importante: na maioria das vezes, são frases proferidas pelas vítimas, mas também há alguns títulos criados pela própria autora. De todo modo, é inevitável notar a sensibilidade com que Sebbar trata do tema, tecendo uma crítica profunda à sociedade, enquanto expõe a violência que sofrem as meninas.

A discussão proposta pela autora considera os papéis de gênero “feminino” e “masculino” e a influência sociocultural sobre o comportamento dos envolvidos, seja o pai, a mãe, um colega, um desconhecido ou a própria menina vítima dos abusos. Para poder entender um pouco melhor o assunto do qual trata Sebbar, aprofundamo-nos nos estudos feministas e nas questões de gênero<sup>10</sup>, pois consideramo-los essenciais para a pesquisa que desenvolvemos.

Outro aspecto relevante sobre a obra que teve de ser levado em consideração no momento de sua tradução é o estilo da autora. Notamos, em primeiro lugar, algumas marcas de oralidade nos relatos, como a omissão da partícula de negação *ne*, de complementos verbais diretos e indiretos, a utilização de termos característicos da oralidade e o emprego de léxico tabu. Procuramos reproduzir essas marcas em português mantendo um registro informal da língua, embora em alguns trechos não tenhamos conseguido elaborar uma estratégia que fugisse à gramática normativa.

Já outro elemento que se destaca em relação à sintaxe são as frases curtas e iniciadas por pronome pessoal, presentes sobretudo nos relatos, mas também em trechos narrativos. Apesar de, em francês, a repetição dos pronomes ser mais comum do que no português brasileiro, a autora utiliza-os em excesso, causando um efeito estilístico que procuramos manter também na tradução. Além disso, no texto, encontramos a presença dos discursos

<sup>8</sup> A autora faz referência ao órgão *PMI (Protection maternelle et infantile)*.

<sup>9</sup> Além disso, a autora acrescenta que foram disponibilizadas pela ONG cartas de mulheres agredidas, cujas crianças também tinham sido maltratadas.

<sup>10</sup> Os estudos feministas e algumas considerações sobre gênero serão apresentados de forma mais detalhada no subcapítulo 1.3.

direto, indireto e indireto-livre. O narrador em 3ª pessoa é atravessado pelos discursos dos personagens narrados, gerando uma ambiguidade entre narrativa e enunciação. É interessante observar também que esses discursos parecem criar uma ficcionalização da vida cotidiana. A autora apresenta uma posição engajada em relação à violência nos lares, trazendo uma crítica que vai além de questões culturais e linguísticas. A confusão entre verdade e ficção provocada por esse recurso estilístico leva-nos a refletir sobre a verdade buscada pela autora: quem são, de fato, os responsáveis pelos abusos às meninas? Os pais incestuosos, as mães cúmplices, a justiça falha, as pessoas que veem tudo e se calam?

Já no que diz respeito à pontuação, a autora segue a tradição francesa: inicia sentenças com aspas em linha, continua a fala seguinte com travessão, indicando com vírgulas os trechos de narrativa que encerram os diálogos. Optamos por adaptar todos ao estilo brasileiro, que utiliza apenas um travessão para indicar cada fala e as interrupções do narrador (ou narradora), pois acreditamos que o ideal é tornar o texto familiar aos olhos do leitor ou da leitora brasileiros.

É possível perceber, portanto, pelos apontamentos que fizemos sobre o estilo do texto, que a autora, de fato, mescla forma e conteúdo para criticar a sociedade e provocar uma reflexão acerca de temas impactantes, sem, no entanto, faltar com o cuidado estético do texto. Acreditamos que a estética do ensaio em questão não sirva somente a fins formais, mas também para causar certo impacto em quem o lê, pois deixa o texto ora mais comovente, ora mais incômodo, espinhoso, enquanto nos faz perceber que também fazemos parte dessa sociedade e, por vezes, até endossamos comportamentos machistas que acabam sendo nocivos às meninas e mulheres.

*On tue les petites filles* tem mais de trezentas páginas repletas de dados concretos de casos de violência e abuso, sendo considerado pioneiro no tema. É uma obra extremamente importante para tornar pública essa realidade cruel que, mesmo hoje, quase 50 anos após a publicação do ensaio, continua tão atual. O referido ensaio foi (e ainda é) um manifesto contra a violência e, até hoje, constitui uma grande referência para o movimento pelos direitos das mulheres.

Reiteramos, assim, que a importância do ensaio e a relevância social do tema, além da negligência em relação à questão da violência contra meninas, bem como os poucos estudos sobre o assunto, motivaram-nos a escolher o texto de Sebbar para traduzir e comentar, levando em conta todos os aspectos sociais, culturais, históricos e ideológicos que envolvem esse trabalho.

No próximo subcapítulo, apresentaremos uma discussão sobre algumas questões feministas e de gênero que embasam esta pesquisa. Acreditamos que reflexões como essas sejam essenciais para a constituição do projeto de tradução de qualquer obra. Esse processo antecede e, inevitavelmente, influencia a tradução que não é, de forma alguma, neutra e imparcial.

### **1.3 Feminismos: contextualizações**

Levando em consideração o viés feminista desta pesquisa, julgamos conveniente apresentar, em primeiro lugar, um panorama geral da história desse movimento em prol dos direitos das mulheres para, em seguida, especificarmos de que forma nosso trabalho converge com essa ideologia.

#### 1.3.1 Nos EUA e na Europa

Charlotte Kroklokke e Anne Scott Sorenson, em “Three Waves of Feminism: From Suffragettes to Grrls” (2006), apresentam três momentos da luta feminista nos EUA e na Europa. As autoras têm a predileção pelo uso do termo no plural, considerando a grande diversidade de ideologias e orientações políticas presentes no movimento. Também por esse motivo, adotaremos a mesma estratégia em nosso trabalho.

As autoras, primeiramente, ressaltam que essa discussão poderia atravessar os séculos. Na Mesopotâmia e nas regiões do Mediterrâneo pré-históricas, já havia religiões voltadas para a adoração de deusas e sociedades organizadas por um sistema matriarcal; na Grécia Antiga, havia figuras importantes como Safo e Hipátia que discutiam a realidade da mulher; na Europa da Idade Média, destaca-se a retórica mística de mulheres como Hildegarda de Bingen (1098-1179); na Renascença, os escritos de mulheres como Leonora d’Este (1474-1539), Madame de Rambouillet (1588-1665) e Germaine de Staël (1766-1817). As pesquisadoras ainda apontam a importância das reivindicações por educação e direitos civis feitas na Revolução Francesa por mulheres como Olympe de Gouges (1748-1793), redatora da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (1791).

No entanto, apesar de já haver uma denúncia da injustiça contra as mulheres desde a Antiguidade, considera-se que o movimento feminista propriamente dito nasceu com a chamada “primeira onda feminista”, que teve início no final do século XIX e foi marcada pela

reivindicação do sufrágio feminino. Segundo Krollokke e Sorenson (2006), essa fase do movimento nos EUA ficou conhecida pelas diversas formas de intervenção utilizadas, que continuaram inspirando os feminismos posteriores. Mesmo com os protestos, somente em 1920 as mulheres estadunidenses conquistaram o direito ao voto. As autoras destacam que, embora esses primeiros protestos tenham tido a participação de mulheres negras, ainda havia muito racismo nesse meio, pois a maioria das sufragistas, como ficaram conhecidas, eram mulheres brancas, de classe média e escolarizadas.

O feminismo da primeira onda combatia os estereótipos femininos, principalmente de comportamento e fala. As militantes desse grupo começaram a fazer discursos públicos, o que era considerado pouco “feminino” na época: mulheres deveriam ser recatadas e nunca podiam exercer autoridade diretamente. Além disso, como apontam Krollokke e Sorenson (2006), sua própria existência desafiava a noção de que “lugar de mulher de verdade era em casa, atendendo às necessidades do marido e das crianças”<sup>11</sup> (p. 5). Também colocavam em cheque, com os protestos e discursos, as fraquezas biológicas da mulher, que eram tidas como verdades absolutas.

No século XVIII, foi publicada uma das primeiras manifestações do feminismo liberal, o clássico *Reivindicação dos direitos da mulher* (1792/2015), de Mary Wollstonecraft. Outras obras relevantes escritas na primeira onda feminista são *Um teto para todos* (1929/1978), de Virginia Woolf, e *O segundo sexo* (1949/1960), de Simone de Beauvoir. No entanto, ambas são mais utilizadas como referência pelas ativistas da segunda onda do feminismo.

Paralelamente, segundo afirmam Krollokke e Sorenson (2006), surge o feminismo de viés marxista/socialista, desenvolvido nos EUA nos sindicatos dos trabalhadores, na Europa nas reuniões dos partidos socialdemocratas e reformistas e durante a ascensão da União Soviética na Rússia. Tanto o feminismo liberal, quanto o marxista continuaram crescendo e permaneceram fortes até século XX, mas foram desafiados pelos feminismos da segunda onda.

Nesse segundo momento da luta feminista, as autoras dão destaque, principalmente, ao feminismo radical, que surgiu no fim da década de 1960. Os outros movimentos sociais da época, como protestos estudantis, protestos contra a Guerra do Vietnã, movimentos de gays e lésbicas e movimentos pelos direitos civis das pessoas negras. Esses grupos criticavam o capitalismo, o imperialismo e buscavam atender aos interesses dos oprimidos, como a classe trabalhadora, os negros, gays e mulheres. No entanto, segundo explicam as autoras, estas

---

<sup>11</sup> *a true woman's place was in the home, meeting the needs of husband and children.*

últimas, ao perceberem que suas pautas eram reduzidas e que não tinham participação efetiva nos protestos, criaram grupos constituídos apenas por mulheres, com os quais buscavam empoderar mulheres, conforme indicam em *The BITCH Manifesto* (1968), escrito por Jo Freeman, e em *Sisterhood is Powerfull* (1970), obra organizada por Robin Morgan.

O feminismo radical da segunda onda, conforme apontam Krolokke e Sorenson (2006), era uma combinação de neo-marxismo e psicanálise. As feministas que seguiam essa linha afirmavam que o patriarcado seria uma instituição inerente à sociedade burguesa e que as diferenças de gênero eram mais decisivas do que as de classe ou de raça. Também acreditavam na “heterossexualidade compulsória”, uma instituição que perpetuaria o poder social dos homens sobre as mulheres. Como expresso em obras como *On Lies, Secrets and Silence* (1980), de Addrienne Rich, essas militantes defendiam que as opressões de gênero, raça e classe operam de forma conjunta por meio da imposição da heterossexualidade. Essas mulheres também afirmavam que a emancipação feminina só seria possível com o fim do capitalismo e com a ascensão do socialismo, pois as mulheres seriam libertas de suas “obrigações” para com os homens e com a família, podendo dedicar-se ao trabalho.

No entanto, segundo afirmam as autoras, o feminismo radical da segunda onda ainda era constituído majoritariamente por mulheres brancas de classe média, o que gerava críticas por suas análises consideradas incompletas e insatisfatórias. Assim, mulheres lésbicas, da classe trabalhadora e, principalmente, negras, deram início ao chamado feminismo identitário, que buscava aliar discussões de gênero, classe, raça e sexualidade. Essas feministas consideravam que essas características eram decisivas e constitutivas de suas identidades, experiências e, conseqüentemente, sua opressão. Nesse contexto, nos EUA, surgiu o feminismo negro, que tinha o objetivo de buscar e valorizar a ancestralidade para fortalecer a identidade da mulher negra.

Já no contexto europeu, a chamada “escrita feminina” tomou diferentes rumos, com autoras como Hélène Cixous (França), Luce Irigaray (Bélgica) e Julia Kristeva (Bulgária). Krolokke e Sorenson (2006) afirmam que as feministas europeias exploravam dualidades como mente/corpo, homem/mulher, branco/preto para expor suas diferenças hierárquicas, mostrando como um é superior ao outro. As ativistas francesas adotaram a teoria do “falocentrismo” de Derrida, que fundamentaria a própria língua em sua lógica binária de privilegiar o sexo masculino. Essas militantes, portanto, pretendiam desconstruir a escrita feminina (técnica também utilizada na tradução, como explicitaremos no subcapítulo 2.1), com a finalidade de expor o sexismo presente na língua.

A terceira onda feminista, segundo Krollokke e Sorenson (2006), teve início nos anos 1990. As autoras explicam que as feministas dessa nova geração já nasceram com os direitos conquistados pelas feministas da primeira e da segunda ondas e, portanto, enxergam-se como fortes, capazes e decididas. São motivadas pela necessidade de desenvolver uma teoria política e feminista que consiga envolver experiências contraditórias e desconstruir o pensamento categórico. Segundo as autoras, as novas feministas honram as fases iniciais do feminismo, mas procuram corrigir o que consideram algumas falhas no movimento, levando em consideração as dificuldades que enfrentam. Procuram abranger toda a ambiguidade contemporânea, desafiando conceitos universais sobre o ser mulher e articulando sua luta à de grupos que abarcam intersecções de gênero, sexualidade, raça, classe e idade.

Essa nova onda feminista, segundo as autoras, também está ligada à nova ordem global, caracterizada pela queda do comunismo, pelas ameaças do fundamentalismo étnico e religioso e pela dualidade das promessas da biotecnologia, que prometem maiores facilidades às mulheres, enquanto também ameaçam sua saúde com os efeitos colaterais dos anticoncepcionais, intervenções cirúrgicas motivadas por questões estéticas, entre outras situações que colocam em risco a vida feminina. As violências contra a mulher que caracterizam essa realidade também envolvem tráfico de pessoas, automutilação e a sexualização da mídia em geral. A terceira onda feminista preocupa-se com essas novas ameaças às mulheres, enquanto critica as primeiras fases do feminismo pela tentativa de universalização da realidade feminina, i.e. o esquecimento de outras pautas como racismo e LGBTfobia, que também afetam as mulheres.

Além disso, nessa nova onda, o conceito de gênero vem sendo modificado e expandido com as ideias da chamada “teoria *queer*”, expressas em grande parte por Judith Butler. Segundo essa nova concepção, o gênero é uma construção social, constituída por determinados comportamentos e um conjunto de atitudes que levam algumas pessoas a se encaixarem ou não na sociedade, de acordo com o cumprimento correto ou incorreto desse acordo social.

Dessa forma, como apontam Krollokke e Sorenson, o feminismo da terceira onda busca tratar de problemas tradicionais e estereotipicamente femininos, enquanto ainda critica a “verdadeira feminilidade”, vitimização e libertação. Reivindicam termos pejorativos, como “vadia”, e reforçam sua presença em espaços majoritariamente masculinos. As feministas da terceira onda procuram evitar categorias estáticas e opressivas, assumindo a ambiguidade que envolve sua realidade. Dessa forma, as autoras concluem que os feminismos da terceira onda

definem-se não por um ponto de vista político e teórico compartilhado, mas pelo uso de estratégias retóricas, como performance e subversão.

### 1.3.2 No Brasil

Em relação à conjuntura brasileira, Céli R. J. Pinto, em “Feminismo, história e poder” (2010), explica o movimento feminista de forma semelhante. Segundo a autora, as sufragetes da primeira onda feminista foram lideradas por Bertha Lutz, uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que também fez campanha pelo direito ao voto para as mulheres brasileiras. Esse direito foi conquistado somente em 1932, com a promulgação do Novo Código Eleitoral Brasileiro.

Já os anos 1960, em que surgia a segunda onda feminista no exterior, foram um pouco conturbados no Brasil. Como Pinto (2010) relembra, nos primeiros anos da década, surgia a Bossa Nova, Jânio Quadros renunciava, Jango aceitava o parlamentarismo a fim de evitar um golpe de estado que, entretanto, não pôde ser evitado. Em 1964, os militares tomavam o poder; seu governo, relativamente moderado no início, tornou-se, em 1968, uma rigorosíssima ditadura militar por meio do AI-5 (Ato Institucional n. 5).

Mesmo em um ambiente pouco propício a manifestações populares, as feministas da época, segundo a autora, ainda fizeram alguns protestos na década de 1970. Em 1975, no México, aconteceu a I Conferência Internacional da Mulher, em que a ONU (Organização das Nações Unidas) declarou os dez anos seguintes como a década da mulher. Naquele ano, em parceria com o Centro de Informações da ONU, foi organizada no Brasil uma semana de debates intitulada “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”. Ainda em 1975, Terezinha Zerbini lançaria o Movimento Feminino pela Anistia, cujo papel na luta pela anistia em 1979 seria de extrema importância.

Pinto (2010) explica que, com o fim da Ditadura Civil Militar, nos anos 1980, o feminismo expandiu-se pelo Brasil: foram criados diversos grupos e coletivos feministas em todo o país para discutir temas como violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, etc. No entanto, esses movimentos ainda eram constituídos majoritariamente por mulheres brancas de classe média. Contudo, segundo a autora, após atuarem ao lado de movimentos populares que lutavam por educação, saneamento, habitação e saúde, as ativistas da época tiveram acesso a novas percepções com os discursos das classes populares, o que contribuiu para a ampliação do debate.



A autora ainda afirma que, em 1984, com a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNCM) e em consonância com grupos de estudos feministas, foi feita uma campanha nacional para que os direitos das mulheres fossem incluídos na nova Constituição. Dessa forma, conclui-se a Constituição de 1988, uma das que mais garante direitos para a mulher no mundo, segundo Pinto. Nos governos seguintes, entretanto, a CNCM perderia completamente sua importância. Somente no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, com a criação da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, o Conselho voltaria a funcionar da forma como foi idealizado.

Nas últimas décadas do século XX, segundo a autora, uma das questões centrais tratadas pelo movimento foi a violência contra a mulher, sobretudo a violência doméstica. As Delegacias Especiais da Mulher e a Lei Maria da Penha (Lei n. 11 340, de 7 de agosto de 2006) foram algumas das maiores conquistas dessa época.

Pinto não define uma terceira onda feminista brasileira, mas ainda é possível perceber essa tendência no Brasil, segundo demonstra o artigo “Feminismo contemporâneo: como as ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país” (2017), de Keli R. S. Mota, que traz algumas entrevistas de ativistas importantes para o movimento. Como as entrevistadas apontam, a nova onda presente no Brasil do século XXI é evidente: os meios de comunicação e a facilidade de acesso à informação contribuíram para a expansão do movimento, que atualmente conta com muitas adolescentes e mulheres mais jovens e ainda incorpora questões específicas de outros grupos excluídos dessa discussão, como racismo e lgbtfobia.

Entretanto, segundo afirmam as entrevistadas, muitas das pautas ainda permanecem as mesmas. Ao contrário do que ocorreu nos EUA e na Europa, há ainda um caminho muito grande a ser percorrido em relação à luta pela autonomia sobre o próprio corpo e ao combate à violência. Por exemplo, o Brasil tem uma altíssima taxa de violência doméstica e ainda não oferece aborto legalizado, exceto em casos de estupro e de risco à vida da mãe. Portanto, o movimento brasileiro luta por questões já resolvidas em outros países, enquanto também adere a outras pautas contemporâneas, em consonância com os movimentos internacionais: os movimentos brasileiros discutem ainda os problemas da biotecnologia, da indústria da beleza, que gera problemas de autoestima e depressão em mulheres, etc., enquanto busca-se uma integração com os outros movimentos sociais.

Além disso, a pluralidade do movimento brasileiro deve ser ressaltada. Em um artigo do *blog* Geledés, intitulado *Qual é o seu feminismo? Conheça as principais vertentes do movimento*, publicado por Ione Aguiar, são apresentadas as correntes feministas mais

populares no contexto contemporâneo: o feminismo negro, que discute a opressão de gênero juntamente com a opressão de raça; o feminismo interseccional, o qual busca incluir a luta de diversas minorias dentro do mesmo movimento, agregando mulheres de diferentes orientações sexuais, raça, classes, etc.; o feminismo radical, que busca combater a raiz da opressão feminina na sociedade e parte de uma premissa biológica para definir a mulher, excluindo pessoas transexuais do movimento; por fim, existe também o feminismo liberal, que luta por igualdade entre homens e mulheres e acredita que esta deve ser alcançada por reformas e políticas sociais.

Levando essas questões em consideração, acreditamos que nossa pesquisa busca refletir as preocupações da terceira onda do movimento, pois reivindicamos mais esforços no combate à violência contra a mulher, especificamente meninas menores de idade, enquanto pretendemos não ignorar pautas de outros movimentos que também lutam por emancipação. Dessa forma, apresentamos a seguir uma discussão sobre alguns conceitos que norteiam praticamente todos os feminismos, assim como nosso trabalho.

### 1.3.3 Dominação e patriarcado

Em *Feminismo e Política* (2014), os cientistas políticos Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli propõem uma reflexão sobre a desigualdade entre homens e mulheres a partir das perspectivas sobre a dominação masculina e o patriarcado, nas quais a maioria das teorias feministas baseia-se para tecer uma crítica ao mundo social. Segundo os autores, os feminismos militam pela igualdade de gênero ligando-a às causas e aos efeitos da dominação masculina, o que torna essa discussão essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Apesar de a definição desses dois termos levar a caminhos parecidos, Miguel e Biroli estabelecem uma distinção entre patriarcado e dominação, considerando os pensamentos de autoras feministas consagradas, como Sylvia Walby, Carole Pateman, Jean Bethke Elshtain, Nancy Fraser e Susan Moller Okin. Por um lado, o conceito de “patriarcado” pode ser considerado capaz de capturar a profundidade dos aspectos que envolvem a subordinação das mulheres, ao passo que também cumpre a necessidade de nomear uma das facetas da dominação masculina.

No entanto, segundo outras perspectivas feministas, o patriarcado seria apenas uma das manifestações históricas da dominação masculina, pois corresponderia a uma forma de organização política ligada ao absolutismo, na qual a sociedade centrava-se em torno da figura do patriarca, o homem mais velho da família que exercia um papel autocrático. Os

moldes patriarcais, conforme apresentam os autores, não condizem com os valores das sociedades democráticas contemporâneas. No entanto, apesar das mudanças nas instituições patriarcais, a dominação masculina perpetua-se a partir da substituição da subordinação feminina direta por estruturas implícitas e impessoais que estabelecem um sistema de vantagens e oportunidades a homens e mulheres, como papéis de gênero preestabelecidos, imposição de comportamentos mais “femininos” e outros “masculinos”, etc.

Miguel e Biroli, portanto, acreditam que o emprego do termo “dominação masculina” seja mais correto por ser mais abrangente do que “patriarcado”, que também tem uma conotação histórica importante. Por conseguinte, julgamos relevante ressaltar que, neste trabalho, utilizamos o primeiro desses termos para fazer referência ao sistema de subordinação feminina. Por esse motivo, apresentamos, a seguir, as considerações de Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (1998/2016), uma obra de referência sobre o tema na sociologia.

Bourdieu explica que a noção de superioridade dos homens sobre as mulheres tem raízes nas civilizações antigas, evoluindo segundo os moldes da sociedade contemporânea, para sempre favorecer a dominação masculina sobre o sexo feminino em todos os aspectos. O autor cita como exemplo dessa evolução a divisão social entre os sexos, tão presente na realidade humana, que parece até natural: acredita-se como se fosse uma verdade universal que a força masculina é superior à feminina, a ponto de se dispensar uma justificação para esse fato, pois a visão androcêntrica impõe-se como neutra, sem necessidade de discursos que a legitimem. Dessa forma, fatos sociais que envolvem a divisão sexual do trabalho e as atividades atribuídas aos dois sexos, o comportamento ideal atribuído aos dois sexos, bem como os espaços reservados a cada um deles, entre outros elementos, funcionam como uma “máquina simbólica” (p. 22) cujo efeito é ratificar a dominação masculina.

Para Bourdieu, o mundo social determina que essas características criem uma realidade sexuada para todas as coisas do mundo e, principalmente, para o corpo em seu estado biológico, i.e. a sociedade constrói a diferença biológica entre os sexos, atribuindo-lhes princípios enraizados na relação arbitrária que caracteriza a dominação dos homens sobre as mulheres. A diferença anatômica entre os corpos e entre os órgãos sexuais masculino e feminino, portanto, pode ser vista pela sociedade como uma justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, além de também legitimar a divisão social do trabalho.

O autor ainda explica que a construção social dos órgãos sexuais nas civilizações antigas contribuiu para registrar e ratificar características arbitrárias como uma propriedade

natural e indiscutível de homens e mulheres, por exemplo, a ereção fálica, que é associada a uma ideia de reprodução natural. O sociólogo afirma que a definição social dos órgãos sexuais é produto de uma construção feita a partir de escolhas que acentuam suas diferenças e, ao mesmo tempo, atenuam suas semelhanças. Bourdieu exemplifica sua posição com a representação da vagina como um falo invertido, descoberta por Marie-Christine Pouchelle em escritos de um cirurgião da Idade Média. Tal ideia sobre o aparelho reprodutor feminino estabelece oposições fundamentais que são impostas a partir do momento em que o princípio masculino é adotado como uma medida para as coisas do mundo. O homem e a mulher são vistos como duas variantes, uma superior e outra inferior, partindo da mesma fisiologia; dessa forma, até o Renascimento, não havia uma terminologia específica para tratar da genitália feminina, que era representada como um composto dos mesmos órgãos masculinos, apenas dispostos de maneira diferente. É partindo desse princípio que alguns anatomistas do século XIX tentaram encontrar, no corpo da mulher, justificativas para sua condição na sociedade, apelando para as tradicionais oposições entre sensibilidade e razão, passividade e atividade, interior e exterior. Bourdieu mostra que, todavia, uma solução para essa problemática seria estudar o clitóris, o qual demonstraria que essas diferenças apontadas entre os órgãos sexuais masculino e feminino são, de fato, uma construção social justificada pela visão androcêntrica que fundamenta a divisão dos estatutos sociais.

O sociólogo ainda afirma que esse sistema de dominação funciona de forma que os pensamentos e as percepções dos dominados estão estruturados numa situação de conformidade com as estruturas de dominação, fazendo com que seus “atos de conhecimento” sejam “atos de reconhecimento, de submissão” (p. 27). No entanto, essa mesma lógica, para o autor, pode ser utilizada de maneira inversa: a indeterminação de certos objetos autoriza outras interpretações, oferecendo possibilidade de resistência aos dominados, que reverterem a situação a seu favor. É possível utilizar alguns elementos que levam as mulheres a uma percepção negativa de si mesmas e revertê-los, pensando em outras palavras ou expressões relacionadas aos atributos sexuais masculinos que também podem ser vistas de forma desfavorável. Bourdieu exemplifica seu pensamento com um ditado berbere, no qual, dirigindo-se a um homem, uma mulher utiliza uma característica depreciativa (baixo, mole, curvo), normalmente atribuída às mulheres, para se referir ao órgão sexual masculino: “Você, sua equipagem (*laâlaleq*) despenca, ao passo que eu, eu sou uma pedra bem soldada” (p. 28). Para Bourdieu, portanto, a definição dos órgãos sexuais é estritamente condicionada por uma construção social que acentua diferenças e obscurece certas semelhanças.

O autor também procura demonstrar o mecanismo pelo qual se dá essa construção social, resultando na incorporação da dominação pela sociedade. Segundo afirma, essa diferenciação social dos sexos é legitimada por ritos de instituição que visam a destacar em homens e mulheres as características próprias de seu sexo, estimulando práticas adequadas e desencorajando condutas impróprias. Bourdieu cita como exemplo os antigos “ritos de separação”, que tinham por função emancipar o menino de sua relação com a mãe, reforçando e garantindo sua masculinidade e virilidade. Nesses ritos, buscava-se negar a parte feminina do masculino, abolindo os laços e vínculos com a mãe, seja com o primeiro corte de cabelo, ou com objetos cuja representação remete à masculinidade e que simbolizam a ruptura.

Da mesma forma que esses ritos visam atribuir virilidade aos meninos, as meninas dessas civilizações passavam por algo semelhante, com o objetivo de reforçar a entidade negativa que as representava, constituída principalmente por proibições: a sociedade passava a impor-lhe limites, todos referentes ao corpo, que era caracterizado como sagrado; à menina logo se atribuía o *status* de virgem, esposa, mãe de família, enquanto ela aprendia a maneira correta de amarrar seus cabelos, a forma correta de caminhar, de mostrar o rosto ou de dirigir o olhar. As mulheres, destinadas à resignação e à discricção, quando tentam utilizar estratégias tipicamente femininas contra os homens, como a magia, ainda não conseguem fugir da dominação, pois utilizam meios (como astúcia, mentira, passividade no ato sexual, magia), ou buscam um fim (como o amor ou a impotência de um homem por elas amado ou odiado), que têm como princípio a visão androcêntrica que as domina. Como essa ação é insuficiente para subverter a relação de dominação, as mulheres acabam reforçando sua imagem de seres maléficis e uma identidade negativa constituída, sobretudo, pela falta e pelas proibições. Assim, as mulheres estão condenadas a sempre comprovarem sua “natureza maligna”, justificando as proibições e os preconceitos que lhes são atribuídos. Desse modo, Bourdieu demonstra, então, como a visão androcêntrica determina práticas que, posteriormente, legitimam-na.

Levando em consideração as ideias apresentadas, acreditamos que a concepção de “dominação masculina” é muito pertinente para a execução deste trabalho, pois partimos do pressuposto de que há mecanismos na sociedade que favorecem a subordinação feminina, como papéis de gênero que predeterminam comportamentos e formas de pensar mais “adequados” a homens e mulheres. Conseqüentemente, essas imposições incentivam e legitimam a violência sofrida pelas mulheres, que são colocadas pela sociedade em uma posição de inferioridade desde as primeiras civilizações, como aponta Bourdieu. No subcapítulo a seguir, apresentaremos alguns dados que comprovam a existência dessa

desigualdade, mostrando que as mulheres, além de não ocuparem o mesmo lugar na sociedade que os homens, também sofrem abusos físicos, sexuais e psicológicos em razão de sua condição feminina.

#### 1.4 Os números da violência

Apesar dos progressos obtidos com a luta feminista, como o direito ao voto e ao trabalho fora de casa, podemos constatar que a dominação masculina ainda age de outras formas, em conformidade com o modo de vida contemporâneo. Um estudo<sup>12</sup> feito pelo IBGE em 2018 aponta que, no Congresso, as mulheres ainda são minoria; no trabalho, é raro ocuparem cargos importantes que exigem mais responsabilidade; precisam ser mais qualificadas que os homens para serem respeitadas e, muitas vezes, recebem menos pelo mesmo tipo de serviço; em casa, continuam fazendo a maior parte do trabalho doméstico, além de serem as maiores responsáveis pelo cuidado e educação das crianças.

Além disso, a dominação resulta também em violência, seja simbólica, física, psicológica ou sexual, como comprovam os dados de uma pesquisa feita pelo Datafolha em 2017, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>13</sup>. Apresentamos a seguir um infográfico com informações obtidas por esse estudo, que foi realizado com mulheres brasileiras acima de dezesseis anos:

Gráfico 1 – Percepção da população



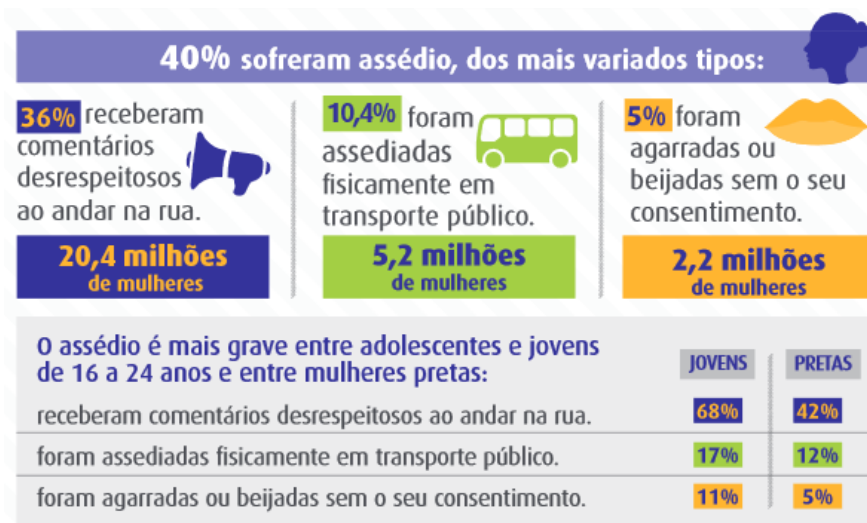
Fonte: Datafolha, 2017.

<sup>12</sup> Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551>>. Acesso em 14 maio 2018.

<sup>13</sup> Disponível em <<http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em 10 maio 2018.

Notamos, primeiramente, que a violência contra a mulher já é cotidiana e habitual na sociedade brasileira. Grande parte da população já presenciou cenas de agressão física ou verbal de homens contra mulheres, além de brigas ocasionadas por ciúmes; a maioria também acredita que esse tipo de violência tenha aumentado nos últimos dez anos. Sobre o assunto, a pesquisa conclui com base nas afirmações das mulheres entrevistadas:

Gráfico 2 – Assédio contra mulheres



Fonte: Datafolha, 2017.

É evidente, portanto, que muitas sofrem assédio, causando diversos constrangimentos, como desrespeito em locais públicos, invasão de privacidade e violação do espaço individual e autonomia da mulher sobre o próprio corpo. Também é possível observar que as mulheres mais jovens e pretas sofrem mais com esses abusos. Além disso, a pesquisa também traz números de agressão física e outros tipos de violência:

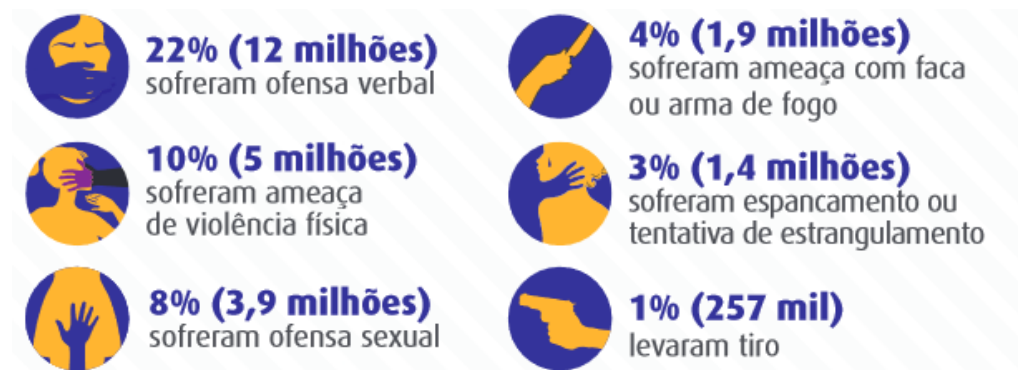
Gráfico 3 – Vitimização de mulheres brasileiras



Fonte: Datafolha, 2017.

Vemos, portanto, que as estatísticas de violência contra a mulher brasileira são alarmantes. As agressões sofridas envolvem ofensas verbais, ameaças, ofensas sexuais, espancamento, estrangulamento e até tentativa de assassinato, como mostra o infográfico a seguir:

Gráfico 4 – Detalhamento das agressões



Fonte: Datafolha, 2017.

A pesquisa mostra, ainda, que os agressores, na maioria dos casos, são conhecidos da vítima: eram pessoas em quem confiavam e com quem tinham relações. Ademais, as agressões geralmente acontecem, em primeiro lugar, na casa das vítimas. No entanto, apesar da gravidade dos casos, poucas mulheres agredidas procuram ajuda de qualquer tipo e dificilmente denunciam a agressão sofrida, como mostra o infográfico que segue:

Gráfico 5 – Detalhamento do agressor e reação da vítima



Fonte: Datafolha, 2017.

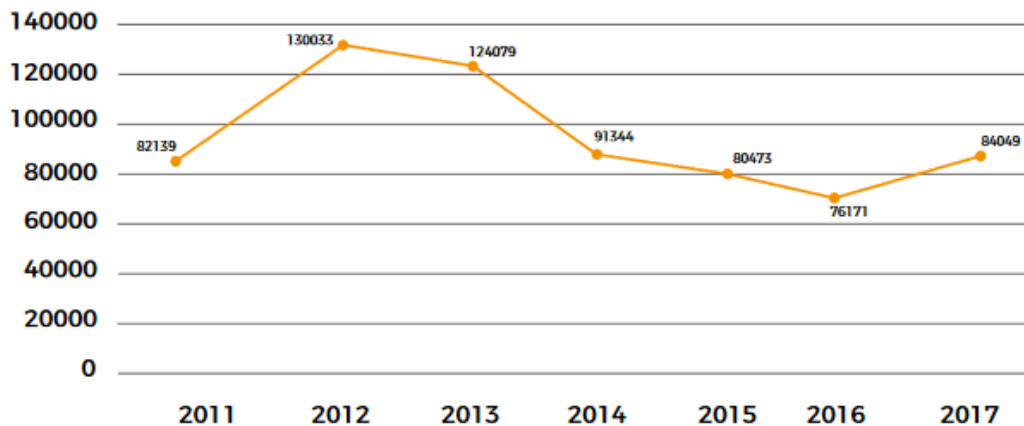
Com os dados apresentados pela pesquisa do Datafolha, também notamos a gravidade do problema, que envolve diversos tipos de abuso e agressão. Ressaltamos que, todavia,



foram entrevistadas mulheres de apenas dezesseis anos ou mais. No entanto, como mostra o *Atlas da Violência 2018*<sup>14</sup>, elaborado pelo Ipea, metade dos casos de agressão reportados foram cometidos contra crianças de até 13 anos. Considerando as vítimas até 17 anos, o número sobe para 67,9%. Ainda de acordo com esse estudo, estima-se que pouquíssimos casos são denunciados: a taxa de subnotificação gira em torno de 90%, o que significa que, no Brasil, ocorrem de 300 mil a 500 mil estupros por ano.

Alguns dados disponibilizados pelo Disque Direitos Humanos, órgão responsável por receber essas e outras denúncias que ferem os direitos humanos, apesar de não apresentarem informações detalhadas sobre a violência contra meninas especificamente, ainda ressaltam a ocorrência desse tipo de agressão. A organização contabiliza as violações reportadas em seus três canais de atendimento: o Disque 100, o formulário *online* e o aplicativo gratuito Proteja Brasil. A instituição destaca, em seu Balanço Anual<sup>15</sup>, elaborado pelo Ministério dos Direitos Humanos (MDH), que os dados apresentados não refletem um índice de violência, mas apenas o registro quantitativo das denúncias; i.e. não se pode afirmar que as denúncias recebidas apresentam um número aproximado da totalidade dos casos de violência, que frequentemente deixam de ser reportados. Apesar disso, os números ainda são expressivos:

Gráfico 6 – Quantitativo de denúncias



Fonte: Disque Direitos Humanos, 2017.

<sup>14</sup>

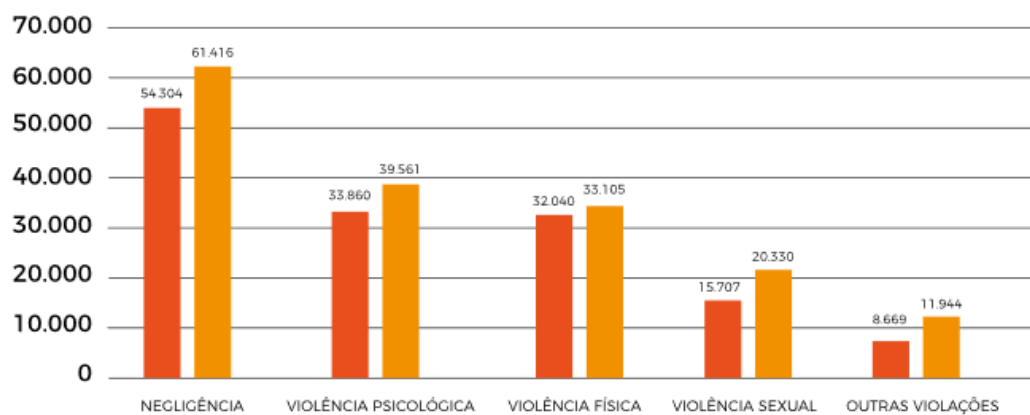
Disponível em [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf). Acesso em 09 ago. 2019.

<sup>15</sup> Disponível em <http://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/ouvidoria/dados-disque-100/relatorio-balanco-digital.pdf/view>. Acesso em 10 maio 2018.

Vemos que o número de denúncias caiu nos últimos cinco anos, apesar de um pequeno aumento em 2017. No entanto, como o próprio órgão pontua, esses dados não significam que tenha havido uma diminuição nos casos de agressão, pois mostram a quantidade de denúncias registradas, ao passo que também refletem o conhecimento da população acerca dos canais disponíveis para a realização dessas denúncias. Dessa forma, o relatório também serve de base para a atuação das entidades que buscam proteger os direitos humanos no Brasil.

Os dados apresentam também um detalhamento dos tipos de violação denunciados em 2017:

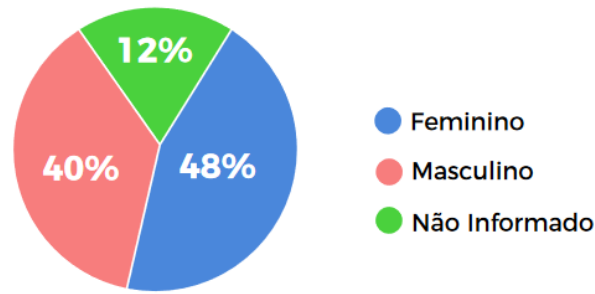
Gráfico 7 – Tipos de violação



Fonte: Disque Direitos Humanos, 2017.

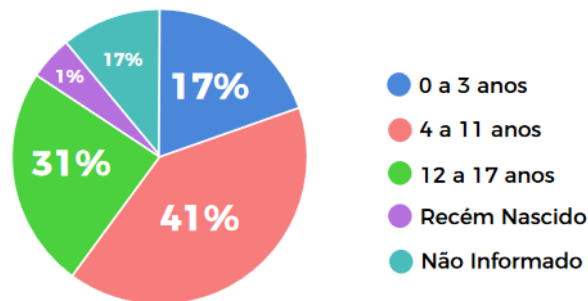
Segundo as denúncias, os tipos de violação mais frequentes envolvem negligência, violência psicológica, física e sexual, sendo que cada denúncia registrada pode envolver mais de um tipo de violação. Para compreendermos melhor a realidade brasileira e visualizarmos de maneira mais eficaz a abrangência dessas situações que também são registradas em *On tue les petites filles*, ainda apresentamos alguns gráficos que revelam o perfil das vítimas, considerando gênero, faixa etária e raça:

Gráfico 8 – Gênero das vítimas



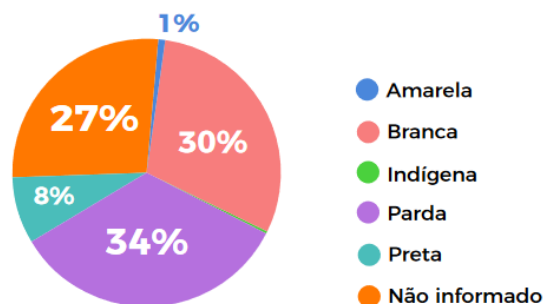
Fonte: Disque Direitos Humanos, 2017.

Gráfico 9 – Faixa etária das vítimas



Fonte: Disque Direitos Humanos, 2017.

Gráfico 10 – Raça das vítimas



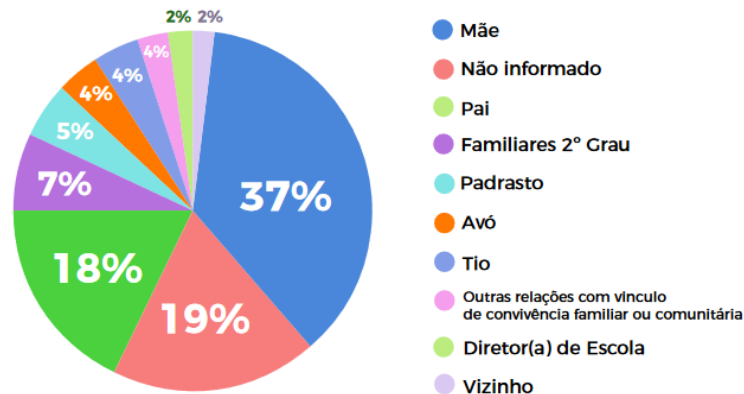
Fonte: Disque Direitos Humanos, 2017.

Os gráficos mostram que, em relação às denúncias recebidas em 2017 pelo Disque Direitos Humanos, meninas negras, pretas e pardas, de 4 a 17 anos, foram mais frequentemente vítimas de abusos; além disso, também houve muitos casos de vítimas com idade de 0 a 3 anos. É importante notar, ainda, que esse período da primeira infância até a adolescência é decisivo para o desenvolvimento de qualquer indivíduo, o que torna os traumas

provocados por essas agressões muito mais profundos. Dessa forma, as violações comprometem essas vítimas de diversas formas que vão além do trauma físico e psicológico.

Além disso, o relatório também traz alguns dados sobre a relação entre a vítima e os suspeitos de agressão:

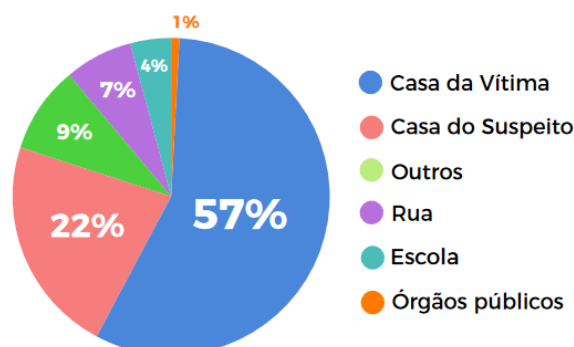
Gráfico 11 – Relação entre suspeito e vítima



Fonte: Disque Direitos Humanos, 2017.

Nota-se que a maioria das violações são causadas por pessoas da própria família. Além disso, os abusos acontecem, na maior parte dos casos, em lugares conhecidos pela vítima:

Gráfico 12 – Local da violação



Fonte: Disque Direitos Humanos, 2017.

Portanto, vítimas, de forma geral, são agredidas ou abusadas por pessoas próximas, em quem confiam, e em lugares que conhecem e frequentam, como a própria casa, a casa do suspeito ou a escola. Esse é outro aspecto em comum com *On tue les petites filles*, que apresenta relatos de incesto e estupros que, geralmente, são ocasionados por conhecidos da vítima e ocorrem em sua própria casa ou na casa de alguém em quem confiam. Ressaltamos,

ainda, que todos os tipos de violência mencionados são tratados por Sebbar em seu ensaio, evidenciando a relevância e surpreendente atualidade da obra, mesmo considerando as quatro décadas passadas desde a sua publicação. É importante evidenciar, também, que as meninas<sup>16</sup> cujos relatos são expostos em *On tue les petites filles* têm um perfil muito semelhante ao das vítimas de violência no Brasil: geralmente são adolescentes, agredidas por algum ou alguns de seus familiares.

Além disso, precisamos levar em conta os espaços físicos com os quais trabalhamos: França e Brasil. Apesar das diferenças culturais, há também muitos aspectos semelhantes que afetam as vidas de meninas francesas e brasileiras, como se pode observar nos relatos do ensaio. Com os dados apresentados aqui, procuramos expor não somente a realidade brasileira, mas também estabelecer um modelo de comparação com a França, visto que, para a década de 1970, não há estatísticas francesas disponíveis em relação à violência contra meninas.

Todavia, ressaltamos que as informações apresentadas tratam apenas da violência contra crianças e adolescentes em geral, sem um recorte de gênero mais aprofundado. Como Sebbar afirma em seu texto, as meninas, por serem do gênero feminino, sofrem uma violência que tem a mesma raiz daquela infligida às mulheres mais velhas, fruto da dominação masculina. Por esse motivo, consideramos um equívoco negligenciar o problema do machismo na violência contra as meninas. Encontramos, dessa forma, nossa maior motivação para a execução deste trabalho: procuramos dar mais visibilidade à questão da violência contra meninas menores de idade, chamando a atenção da população e das autoridades para essa problemática que afeta a vida de mulheres desde sua infância.

Além disso, apesar dos números alarmantes, a realidade é ainda mais cruel: um estudo<sup>17</sup> divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) aponta que somente 10% das violações de estupro são denunciadas. Estima-se, portanto, que os casos de abuso são muito mais frequentes do que esses números evidenciam.

Assim, com o objetivo de dar continuidade à discussão proposta, apresentaremos, nos subcapítulos a seguir, algumas informações relevantes sobre o histórico dos Direitos da Criança e do Adolescente e sobre as legislações francesa e brasileira acerca do assunto, a fim de estabelecermos semelhanças e diferenças que nos serão úteis para compreender a realidade

---

<sup>16</sup> Ver subcapítulo 1.2 desta dissertação.

<sup>17</sup> Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/140327\\_notatecnicadiest11.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf)>. Acesso em 05 fev. 2019.

em que se encontram as meninas dos relatos em *On tue les petites filles*, além de reforçar a pertinência da tradução desse texto de Leïla Sebbar..

#### 1.4.1 Direitos da Criança e do Adolescente

Levando em conta a temática dos direitos humanos voltados a crianças e adolescentes, Renata Mantovani de Lima, Leonardo Macedo Poli e Fernanda São José mostram, em seu artigo “A evolução histórica dos direitos da criança e do adolescente: da insignificância jurídica e social ao reconhecimento de direitos e garantias fundamentais” (2017), que apenas no século XX a criança e o adolescente foram reconhecidos como sujeitos detentores de direitos e de garantias fundamentais.

Anteriormente, eram vistos como “adultos” em corpos infantis, pois não existia o conceito de infância como conhecemos hoje. Dessa forma, as crianças exerciam atividades impostas aos adultos, variando de acordo com sua condição econômica e social. Por exemplo, filhos de camponeses e artesãos ocupavam-se de trabalhos braçais, enquanto as crianças advindas de famílias mais abastadas estudavam e adquiriam conhecimentos necessários para a vida em sociedade, como regras de etiqueta, leitura, música, dança, entre outros.

Já as meninas, segundo os autores, eram constantemente abusadas sexualmente. Por exemplo, nas embarcações portuguesas do Período Colonial, eram frequentemente submetidas a abusos sexuais de marujos, mesmo que acompanhadas por familiares; já as órfãs do Rei, destinadas a casar com os membros da Coroa e continuar a linhagem real, eram guardadas dia e noite para não serem violentadas e não perderem sua virgindade, o bem mais precioso que possuíam, de acordo com os valores da época.

Citando os questionamentos de Ramos (2010) sobre o tema, os autores ressaltam que as meninas a partir de doze anos já eram consideradas, pela Igreja Católica, aptas a se casar e, portanto, eram cobiçadas e desejadas como se já fossem mulheres adultas; os meninos eram considerados capacitados para o trabalho pesado a partir dos nove anos, eram tratados como homens e valorizados apenas como mão de obra que deveria ser explorada enquanto durasse sua vida útil.

Já na primeira metade do século XX, segundo afirmam Lima, Poli e José (2017), a criança e o adolescente passaram a ser vistos como “objeto” de tutela do Estado. O principal motivo para isso seria a ideia de que estes eram ainda indivíduos “imperfeitos” e em fase de desenvolvimento, o que demandaria proteção e cuidado. No entanto, não havia uma

preocupação por parte do Estado em fazer com que estes indivíduos exercessem alguma autonomia privada, pois seus direitos legais eram reflexos do interesse paterno ou social.

Em 1927, com a publicação do Código de Menores no Brasil, a criança e o adolescente brasileiros em situação irregular passaram a ser contemplados pela legislação, que os protegia, ainda que não integralmente. Os autores ainda destacam algumas obras literárias, como *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, e *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, que também expressam a indiferença com que eram tratadas as crianças e os adolescentes nessa época.

Como os autores apontam, somente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi reconhecida a necessidade de formalização de alguns princípios, bem como a garantia de que não seriam violados, a fim de preservar os direitos do indivíduo. Nesse ponto, as crianças e os adolescentes passaram a receber, de forma gradativa, proteção do Estado.

Como consequência dos valores adquiridos após os conflitos mundiais do século XX, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 1948, garante a dignidade a todos os indivíduos. Como apontam os estudiosos,

a Declaração resguarda a capacidade indistinta de todos os indivíduos para fruir dos direitos e liberdades nela previstos; a igualdade de tratamento perante a lei, assim como a proteção contra qualquer forma de discriminação; a liberdade de pensamento, consciência e crença religiosa; a liberdade em poder opinar e se expressar; os cuidados necessários à infância e o tratamento igualitário aos filhos concebidos dentro ou fora do casamento; dentre outros direitos e garantias nela previstos. (LIMA et al., 2017, p. 322)

Os direitos humanos previstos pela Declaração, portanto, assumem que os sujeitos são dotados de grande subjetividade enquanto indivíduos livres. Dessa forma, são fortalecidos o respeito e a dignidade nas relações sociais, principalmente nas relações familiares. A criança e o adolescente, nesse momento, têm sua importância reconhecida e sua proteção garantida pela lei, passando a ser vistos como sujeitos de direitos, dotados de uma autonomia progressiva para exercê-los de acordo com sua idade.

Além disso, segundo Lima, Poli e José (2017), na segunda metade do século XX, os direitos humanos voltados para a criança e o adolescente foram ampliados e a proteção que recebiam do Estado aumentou. A infância passou a ser, de fato, reconhecida como uma fase da vida que deve ser respeitada e debatida.

No Brasil, outro avanço nesse âmbito foi o advento da Carta Magna de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), que estabeleceram a proteção integral à criança e ao adolescente em qualquer circunstância.

Já em âmbito internacional, como expõem os autores, a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, de 1990, determina que a criança, a partir de seu nascimento, tenha direito à liberdade, a um nome, uma nacionalidade e que possa conhecer e ser cuidada por seus pais, na medida do possível. Também garante o direito de livre expressão e manifestação da criança e do adolescente, principalmente em relação a questões que os envolvem diretamente. Além disso, os Estados signatários da Convenção comprometem-se a assegurar a proteção dos menores contra agressões e abusos, como maus tratos, exploração e violência sexual.

Ressaltamos, contudo, que esses direitos previstos em lei nem sempre são cumpridos. Como os dados apresentados anteriormente indicam, ainda ocorrem muitas violações e agressões contra essa parcela da população. Ademais, as ideias que incentivam e perpetuam a dominação masculina na sociedade fazem com que meninas sofram diversos tipos de agressões que são direcionadas a todas as mulheres. A relevância do ensaio de Sebban está em mostrar como a Justiça é falha em punir esses casos, que muitas vezes são negligenciados e até ignorados.

#### 1.4.2 A legislação na França e no Brasil

No que diz respeito à violência, há, no entanto, leis específicas em cada país que tipificam crimes contra a integridade física e psicológica das crianças e adolescentes. Por esse motivo, faremos uma breve exposição das legislações francesa e brasileira acerca do assunto, principalmente em relação à pedofilia e ao estupro, a fim de estabelecer um paralelo que auxilia nossas reflexões.

A pedofilia, caracterizada pela atração sexual de adultos por crianças, é classificada como uma desordem mental e de personalidade e como desvio sexual pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em inúmeros países, os atos sexuais entre adultos e crianças são considerados crime, assim como o assédio sexual e a pornografia infantil.

Na França, os termos legais utilizados para designar as relações sexuais entre adultos e crianças são *attentat sexuelle sur mineur* (artigos 227-25 a 227-27 do Código Penal francês), *agression sexuelle* (artigos 222-27 a 222-31) e *viol* (artigos 222-23 a 222-26), respectivamente, “atentado sexual contra menor”, “agressão sexual” e estupro. O primeiro estabelece três anos de encarceramento se o atentado não for violento e não ocorrer sob ameaça, além de 45 mil euros de multa, caso o crime seja cometido por um ascendente ou pelos responsáveis pela criança, havendo abuso de autoridade. As agressões sexuais, além do



estupro, são punidas com cinco anos de prisão e multa de 75 mil euros, segundo o mesmo artigo. Além disso, quando o atentado sexual contra menor é cometido por um maior, o crime é passível de punição com sete anos de reclusão e cem mil euros de multa. Já o estupro, caracterizado pela penetração sexual de qualquer natureza, cometido sob violência ou ameaça, é punido com quinze anos de prisão. Quando acompanhado de tortura ou atos de barbárie, a sentença é a prisão perpétua do estuprador. O estupro incestuoso, caracterizado pela atividade sexual não consentida entre parentes próximos, também está previsto pela lei francesa (artigos 222-31-1 e 222-31-2).

Além disso, a produção, difusão e divulgação de imagens pornográficas de menores de dezoito anos são ilegais na França, segundo o artigo penal 227-23 do Código Penal de 2007. A pena para difusão dessas imagens é de cinco anos de prisão e multa de 75 mil euros. A punição é aumentada para sete anos e multa de cem mil euros, quando a distribuição é feita para um público não determinado, como em redes de comunicação eletrônicas.

É também importante ressaltar que, segundo a lei francesa, considera-se que a idade da maioridade sexual seja de quinze anos. Abaixo dessa idade, a infração é considerada automática. Acima de quinze e abaixo de dezoito anos, é o juiz quem decide se o menor é capaz de dar ou não seu consentimento. Ademais, a idade legal para casamento passou a ser, em 2006, de dezoito anos para meninos e meninas. Antes, as meninas podiam se casar com apenas quinze anos.

Já no Brasil, a idade legal de consentimento para a relação sexual é de catorze anos. O crime de pedofilia é enquadrado juridicamente no crime de estupro de vulnerável, com pena de oito a quinze anos de reclusão, como estabelecido pela Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009, para qualquer pessoa que pratique atos libidinosos com menores de catorze anos, ou com indivíduos que não podem oferecer resistência ao ato, seja por uma enfermidade mental ou qualquer outro motivo. A pena também é aumentada para dez a vinte anos, caso haja lesão corporal grave, ou para doze a trinta anos, se o crime resulta na morte da vítima.

Ademais, a lei considera crime obrigar ou induzir alguém menor de catorze anos a presenciar uma conjunção carnal ou qualquer outro ato libidinoso a fim de satisfazer a si próprio, com pena de quatro a dez anos de reclusão; o favorecimento da prostituição e a exploração sexual também são passíveis de punição, com reclusão de quatro a dez anos. A pena ainda pode ser aumentada caso o crime resulte em gravidez ou na propagação de doenças sexualmente transmissíveis à vítima.

O casamento infantil, por sua vez, era permitido no Brasil em caso de gravidez até a votação da PL 7119/17, que modificou, no dia 5 de junho de 2018, a Lei nº 10.406, de 2002.

Com a nova deliberação, passa a ser proibido o casamento de pessoas que ainda não tenham idade apropriada. No entanto, o Código Civil ainda autoriza o casamento de pessoas de dezesseis ou dezessete anos, mediante aprovação dos pais. Ressaltamos, também, que o incesto não é considerado crime no Brasil, caso não ocorra entre um adulto e uma criança.

Outra lei que protege os direitos da criança e do adolescente é a Lei nº 11.829, de 25 de novembro de 2008, que altera o Estatuto da Criança e do Adolescente a fim de aprimorar o combate à pornografia infantil. A lei estabelece de dois a seis anos de prisão e multa para quem apresentar, produzir, vender, fornecer, divulgar ou publicar, inclusive em ambientes virtuais, fotografias ou imagens com pornografia ou cenas de sexo envolvendo crianças e adolescentes. Além disso, o Ministério Público mantém uma parceria com a ONG Safernet, que recebe denúncias de crimes contra os direitos humanos na Internet. Em 2007, também foi lançada uma campanha para coibir a prática de crimes contra menores de idade, por meio do canal de denúncias anônimas “Disque 100”.

No entanto, apesar de todos esses aparatos legais e canais de denúncia, os crimes contra menores de idade ainda são muito expressivos no Brasil, como apresentado no subcapítulo 1.4. Em muitos dos casos, a justiça falha em executar a lei, deixando de punir os responsáveis por violar, agredir e abusar dessas crianças, como aponta uma reportagem veiculada pelo jornal *Extra*, de autoria de Ana Clara Veloso e Elisa Clavery: 63% das ações por estupro de vulnerável não tiveram condenação ou punição em 2015.

Em relação às meninas, a questão agrava-se pela misoginia envolvendo os casos, assim como acontece nas denúncias de estupro de mulheres adultas. A reportagem apresentada confirma essa informação, expondo relatos de vítimas que foram constrangidas na delegacia e até mesmo na audiência para julgamento do caso. Esses dados revelam que a taxa baixíssima de punição e a falta de preparação dos funcionários responsáveis pelo atendimento às vítimas desencorajam as denúncias.

Por conseguinte, com a intenção de incentivar a discussão sobre esse assunto e de conscientizar a população sobre os abusos cometidos contra meninas menores de idade, realizamos a tradução comentada de *On tue les petites filles*. Nessa obra, Sebbar trata de todos os aspectos da violência que discutimos, a fim de dar voz a tantas meninas frequentemente abusadas e silenciadas, muitas vezes pela própria família.

Para dar continuidade à reflexão sobre as bases teóricas que constituem nosso trabalho, discutiremos, no segundo capítulo, questões concernentes à tradução feminista e à tradução comentada, pois essas teorias, direta ou indiretamente, norteiam e fundamentam nossa prática. Além disso, com o objetivo de explicar nossa tradução e de mostrar as

estratégias que utilizamos para realizá-la, apresentaremos algumas de nossas notas e comentários divididos em cinco grupos, que sumarizam os tipos de notas encontrados no trabalho.

## CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO E MULHERES

Neste capítulo, discutiremos algumas questões relacionadas à tradução propriamente dita. Consideramos essa etapa de fundamental importância para nosso trabalho, não porque a teoria imponha um modo de fazer tradução, mas porque a reflexão teórica norteia os princípios da prática que adotamos, às vezes de maneira consciente, às vezes inconsciente. Dessa forma apresentaremos um panorama da tradução feminista e seus desdobramentos para os Estudos da Tradução; em um segundo momento, teceremos uma reflexão sobre tradução comentada e sobre notas de tradução para, em seguida, esboçar alguns comentários acerca da nossa própria tradução e das notas que elaboramos. Esperamos, com este processo, esclarecer de forma mais precisa os objetivos deste trabalho, articulando-os com os resultados obtidos, que serão apresentados no terceiro capítulo desta dissertação.

### 2.1 Tradução e feminismos: a ideologia na escrita

Primeiramente, partimos da discussão de questões mais gerais em relação à tradução, para, em seguida, abordarmos o gênero tradução comentada. Assim, esboçamos algumas reflexões do filósofo e teórico francês Antoine Berman, que procura definir a prática do tradutor ou da tradutora e os princípios que a norteiam. Em sua obra *Pour une critique des traductions* (1995), o autor considera que todo tradutor é um sujeito atravessado por um discurso histórico, social, literário e ideológico; dessa forma, sua “percepção” e “concepção” sobre tradução não são inteiramente subjetivas e arbitrárias.

Berman designa, então, três conceitos que influenciam o tradutor ou a tradutora e sua prática, de modo que a tradução em si é o reflexo dessas questões. O primeiro conceito é o da “posição tradutória”, que representa a relação entre a maneira com que a tarefa de tradução é percebida pelo tradutor ou pela tradutora e a maneira com que ele ou ela internalizou o discurso normativo sobre o traduzir. O segundo conceito, denominado “projeto de tradução”, é determinado pela posição tradutória e pelas exigências do texto original, definindo a “maneira de traduzir” do tradutor ou da tradutora. Por fim, o terceiro conceito, “horizonte do tradutor”, é caracterizado pelo conjunto dos parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que determinam as sensações, ações e pensamentos do sujeito.

Dessa forma, pode-se afirmar que, para Berman, o que define e orienta o modo com que um tradutor ou uma tradutora realiza seu trabalho é a sua concepção e sua percepção

sobre tradução, considerando os aspectos históricos, sociais, literários e ideológicos que o(a) atravessam como sujeito. Para o autor, é possível observar esses elementos por meio do estudo do próprio texto traduzido, além de prefácios, posfácios, até mesmo artigos e entrevistas em que o tradutor ou a tradutora deixa transparecer sua posição, projeto e horizonte tradutórios.

Considerando, então, as proposições de Berman sobre tradução, é possível elencar vários aspectos que influenciam a prática do tradutor ou da tradutora, seja de forma consciente ou não. Dessa forma, levando em conta os aspectos sociais relacionados à realidade da mulher no século XX, surgiu o que se convencionou chamar de tradução “feminista”: uma forma de tradução que visava atender a seus próprios objetivos, seguindo um projeto alinhado às pautas do movimento feminista.

Essa proposta de tradução surgiu com o propósito de seguir as tendências da segunda onda dos feminismos (Cf. subcapítulo 1.3 desta dissertação), na qual houve uma intersecção entre os Estudos da Tradução e a teoria feminista, resultando no nascimento da escola de tradução feminista canadense. Como Olga Castro ressalta em “(Re)examinando horizontes nos estudos feministas da tradução: em direção a uma terceira onda?” (2017), a proposta canadense, apesar de ter sido duramente criticada e sofrido algumas redefinições, ainda é considerada como um paradigma da tradução feminista.

A autora explica que, assim como em outras disciplinas, a perspectiva dos feminismos questiona o caráter supostamente neutro e objetivo das teorias de tradução, revelando que, na verdade, a prática atendia a critérios patriarcais. Ao mesmo tempo, os Estudos da Tradução passavam por uma revisão teórica cujo objetivo era adaptar-se às novas concepções filosóficas que surgiam no século XX. Assim, o enfoque dos estudos passou a ser o processo tradutório, não seu produto; passou-se a questionar a ideia de fidelidade ao autor e/ou ao texto original, a qual anteriormente era considerada o elemento mais importante de uma tradução. Os novos estudos propunham um modelo orientado para uma compreensão cultural do texto, além de também questionar o papel supostamente neutro e objetivo do sujeito tradutor. Assim, os profissionais de tradução passaram a reivindicar uma posição ativa, que consistia em ler e interpretar um texto, levando em consideração as múltiplas textualidades que o atravessavam. O objetivo desses estudos era, então, enfatizar que não se traduzia apenas palavras, mas significados; a fidelidade, desse modo, somente existia em relação à interpretação que cada tradutor ou tradutora realiza a partir de sua leitura do original.

Segundo a perspectiva dos feminismos, os Estudos da Tradução utilizaram a tradução feminista para consolidar suas propostas, incluindo a teoria de que é impossível falar de

imparcialidade na tradução, conforme afirma Castro (2017). Dessa forma, a corrente de tradução feminista constatou que, em busca de uma ideologia neutra em tradução, o tradutor ou a tradutora, conseqüentemente, adere a uma ideologia dominante, i.e. patriarcal (Cf. CASTRO, 2017, p. 221). Os tradutores e tradutoras, assim, cumprem o objetivo da “dominação simbólica”<sup>18</sup>, tornando-se veículos de transmissão e legitimação desse discurso dominante.

A autora, então, explica o surgimento da corrente de tradução feminista no Canadá, que propunha aliar “uma teoria praticante e uma prática teorizante a partir do examinar de questões culturais e ideológicas” (CASTRO, 2017, p. 222). Alguns nomes importantes para essa corrente foram os de Barbara Godard, Marlene Wildeman, Susanne de Lotbinière-Harwood, Luise von Flotow e Howard Scott. Seguindo o propósito de questionar a carga patriarcal carregada pela linguagem a partir da incorporação da ideologia feminista à tradução, foram traduzidos para a língua inglesa vários textos literários de autoras francófonas do Quebec, caracterizados principalmente pela denúncia às convenções misóginas e patriarcais da linguagem (no francês, por exemplo, o sexo das e dos referentes é constantemente explicitado pelo gênero gramatical, enquanto que no inglês há uma grande quantidade de elementos neutros e epicenos). Castro aponta que, “a partir desses textos, as tradutoras canadenses concebem a tradução como a continuação do processo de criação e circulação de significados dentro de uma rede contingente de discursos” (CASTRO, 2017, p. 222).

Além disso, essas mulheres ainda tinham uma visão diferenciada em relação ao conceito de fidelidade ao texto original. Sherry Simon, em “Taking gendered positions in translation theory” (1996), chama a atenção para a problemática da (in)fidelidade na tradução, trazendo à baila a questão do modo segundo o qual as teorias tradicionais retratam a prática tradutória como personagens femininas. A tradução e as mulheres, historicamente, seriam, segundo a autora, menos importantes; dessa forma, o texto traduzido seria inferior ao texto original, assim como as mulheres o seriam em relação aos homens. Simon considera que o original é sempre visto como um homem forte e generativo, enquanto a tradução seria o oposto, uma mulher fraca e degenerativa. O vocabulário comumente utilizado para referir-se à tradução, segundo a estudiosa, situa-se no campo do sexismo, com imagens de dominância e inferioridade, fidelidade e libertinagem. A autora ressalta que, em uma tradução feminista, é

---

<sup>18</sup> Ver, no subcapítulo 1.3.3 desta dissertação, a discussão proposta por Pierre Bourdieu (1998/2016) sobre tal conceito.

impossível não discutir a problemática da fidelidade, cuja atenção não se volta nem ao autor, nem ao leitor, mas ao projeto de escrita, do qual autor e tradutor participam.

Lori Chamberlain, em seu ensaio “Gênero e a metafórica da tradução” (1988/1998), também enfatiza a questão da tradução feminista. A autora utiliza desde o conceito de “belas infiéis”, cunhado no século XVII, até afirmações do teórico George Steiner (1975), para estabelecer um paralelo entre as relações entre homens e mulheres no patriarcado ocidental e a questão da infidelidade na tradução – historicamente exercida sobretudo por mulheres e frequentemente comparada à traição feminina no casamento – e os papéis exercidos pelo autor e o tradutor.

Castro (2017) também aponta que as estratégias (*supplementing, prefacing, footnoting* e *hijacking*) utilizadas a fim de reivindicar a visibilidade das tradutoras, substituindo o “tradutor invisível”, foram posteriormente descritas por Luise von Flotow em “Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories” (1991). Dessa forma, as tradutoras feministas canadenses entendiam a tradução como uma forma de reescrever a feminilidade, transformando-a em uma atividade política, cujo objetivo era fazer a língua falar para mulheres.

Castro cita, então, algumas críticas direcionadas a essas estratégias, como as de Rosemary Arrojo, expostas em artigos como “Fidelity and The Gendered Translation” (1994) e “Feminist, “Orgasmic” Theories of Translation and Their Contradictions” (1995), e afirma que essas teorias feministas são utópicas ao sugerirem uma forma de escrita com alternativas radicais de desconstrução da linguagem binária (masculino x feminino). Ao propor uma tradução que transcenda os limites entre masculino e feminino, coloca-se o “feminino” como um novo paradigma; esse novo modelo torna-se parâmetro para identificar o que é não violento e positivo.

Para Arrojo (1995), é essencial reconhecer que a tradução é uma atividade política, de interesses e objetivos próprios, sem a qual os textos não sobreviveriam em outras culturas; no entanto, o pensamento contemporâneo não pode ignorar que nossos próprios movimentos e teorias são determinados por circunstâncias que, basicamente, são “parciais” e “violentas”<sup>19</sup>, já que sempre tencionam substituir ou complementar outros movimentos e teorias. Assim, a pesquisadora considera que a melhor forma para enfrentar nossa própria alteridade (da qual nem sempre gostamos, ou reconhecemos em nós mesmos) não seria a sua rejeição, ou a

---

<sup>19</sup> Como Kanavillil Rajagopalan explica em “Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade” (2010), os tradutores e tradutoras acabam transmitindo e legitimando esse discurso dominante, perpetuando-o – conscientemente ou não.

esperança de que ela só exista naquilo a que, explicitamente, nos opomos, mas o reconhecimento e o enfrentamento de sua presença em nosso próprio território. (Cf. ARROJO, 1995, p. 74)

Castro (2017) também acredita que, ao declarar que a tradução feminista deveria fazer a língua falar para as mulheres, essas tradutoras acabavam relacionando-a a uma noção de mulheres como um grupo estável e universal, ao passo que apaga suas diferenças e peculiaridades individuais. Contestando essa universalidade das primeiras teorias de tradução feminista, e com a intenção de valorizar a pluralidade e a diversidade das mulheres e de suas experiências, surgem outras teorias que procuram abarcar todas essas questões, explorando diversas formas de traduzir, considerando novas perspectivas que acompanham a terceira onda feminista. Contudo, é necessário ressaltar que a autora reconhece as contribuições significativas das propostas canadenses para os ET, na medida em que abriram espaço para novas discussões sobre o ato ideológico de traduzir.

Como exemplo dessas novas teorias, a estudiosa cita o trabalho de Sara Mills, intitulado “Third Wave Feminist Linguistics and the Analysis of Sexism” (2003), no qual a autora discorre sobre a linguística feminista da terceira onda, que difere das análises feministas anteriores por se voltar para uma análise pontual e específica de cada enunciado, considerando também o contexto de sua produção. Dessa forma, a proposta de Mills evita as generalizações que podem resultar de uma análise isolada e, ainda, considera como homens e mulheres se relacionam também a outras variáveis, como idade, raça, classe, etc.

Segundo Castro (2017), aplicar a teoria de Mills à tradução pode levar a uma nova abordagem, mais contextualizada. Esse tipo de análise justifica-se pela diferenciação sofrida por algumas palavras ou até mesmo construções sintáticas de acordo com o enunciador (por exemplo, uma mulher negra provavelmente usará construções diferentes das de uma mulher branca que, por sua vez, também não se expressará da mesma forma que um homem branco). Essa representação pode ter consequências diretas para a tradução, dadas as diferenças culturais e linguísticas e de classe envolvidas no processo.

Outra perspectiva interessante é apresentada por Françoise Massardier-Kenney, em “Towards a Redefinition of Feminist Translation Practice” (1997). Para a autora, a categoria “feminina” é muito ampla e complexa e, portanto, para trazer visibilidade às mulheres e ao universo feminino, as tradutoras feministas devem compreender que as estratégias que utilizam são adaptações de outras preexistentes, não suas próprias invenções. Por esse motivo, a estudiosa propõe estratégias que podem ser adaptadas às ambições feministas: a primeira, centrada na autora, e a segunda, centrada na tradutora. Essas estratégias podem ser relevantes



para a agenda feminista porque evidenciam a importância das mulheres, seja como autoras ou tradutoras, fugindo ao estereótipo da autoria tradicionalmente masculina.

Consideramos que as estratégias citadas por Massardier-Kenney são muito pertinentes no contexto desta pesquisa. Uma dessas estratégias, a “recuperação”, faz parte de uma perspectiva centrada na autora e consiste em expandir e remodelar o cânone predominantemente masculino. Dessa forma, segundo Massardier-Kenney, seria possível dar visibilidade a autoras que não foram devidamente reconhecidas em sua época. A pesquisadora exemplifica tal pensamento citando escritoras como Madame de Staël e George Sand, que apenas postumamente começaram a ter suas obras devidamente publicadas e traduzidas de maneira mais ampla, além de passarem a ser mais valorizadas como autoras.

Outra técnica relevante seria o “comentário”. Em uma visão centrada na autora, esse processo envolveria um metadiscorso acompanhando a tradução, a fim de explicitar a importância da autoria feminina no texto traduzido. Dessa forma, as tradutoras podem, com a adição de um prefácio ou prólogo, discutir as questões que envolvem a obra e sua autora, além de tornar o trabalho de tradução mais visível ao leitor ou à leitora. Esse tipo de tradução faz com que o sujeito que lê o texto traduzido perceba a autoridade do tradutor ou da tradutora sobre o texto e sua responsabilidade em transmitir certos significados e ideias. O metadiscorso, segundo Massardier-Kenney, possibilita contestar o imediatismo e a familiaridade que a tradução proporciona, levando em conta suas diferenças para com o original.

Massardier-Kenney também ressalta o conceito de “resistência”, discutido por Lawrence Venuti (1992, 1995), que propõe tornar visível o trabalho de tradução por meios linguísticos, provocando um estranhamento no texto traduzido. Para a pesquisadora, essa noção pode ser aplicada a todos os textos “originais” modernos ou pós-modernos que procurem contestar as convenções literárias e linguísticas vigentes, e tal lógica pode ser estendida à tradução feminista. No entanto, como a estudiosa aponta, essa estratégia funciona melhor para textos de determinadas escritoras, como Monique Wittig, cuja escrita desafia as convenções patriarcais da língua. Do mesmo modo, essa noção também é aplicada pelas tradutoras canadenses, que buscam desconstruir a linguagem que entendem como misógina.

Massardier-Kenney, então, apresenta uma adaptação do conceito de resistência para textos que não utilizam inovações estilísticas para discutir o gênero. Para a estudiosa, quando o texto original não favorece esse tipo de abordagem, as ideias expostas por Kwame Anthony Appiah em “Thick Translation” (1993) podem ser úteis. O autor refere-se a uma forma de tradução que procura, por meio de anotações, situar o texto em um rico contexto linguístico e

cultural, expondo as diferenças entre as pessoas, seja em relação ao momento atual, contemporâneo, ou não. Dessa forma, Appiah cria, segundo Massardier-Kenney, um projeto pedagógico que tornaria possível transmitir respeito pelas pessoas de outros tempos e culturas.

A autora também afirma que o conceito de *thick translation* pode ser utilizado na tradução feminista ao apontar a importância da representação feminina nos termos de produções literárias. As traduções que seguem a proposta de Appiah, segundo Massardier-Kenney, seriam acadêmicas e não tratariam o texto como um objeto a ser comprado e consumido, mas sim como algo a ser concebido como um acontecimento político, histórico, linguístico e generificado. A autora considera que entender as motivações de outras pessoas e outros tempos é tarefa de todos os tradutores e tradutoras; essa tarefa pode ser alcançada por meio de anotações e, também, por meio do discurso da meta-tradução, capaz de reafirmar para quem lê a autoridade do tradutor ou da tradutora sobre o texto traduzido (Cf, MASSARDIER-KENNEY, 1997, p. 61).

Essas estratégias centradas na autora objetivam, segundo a pesquisadora, tornar o texto original acessível, proporcionando um maior entendimento sobre o contexto cultural sua produção. Massardier-Kenney considera, no entanto, que essas estratégias devem ser utilizadas em consonância com outras, centradas na tradutora.

A primeira delas, o comentário, citado anteriormente, apresenta aqui um propósito diferente: descrever os fatores que afetam a atividade tradutória, bem como as dificuldades do trabalho. Dessa forma, a tradutora feminista pode esclarecer os motivos de suas escolhas e discutir o modo como afetam a tradução. Essa forma de atuação, embora possa ser vista como enfraquecedora por alguns, também pode ser considerada uma maneira de valorização, pois, segundo a estudiosa, é uma forma de incluir o questionamento feminista de categorias universais no projeto de tradução.

Outra estratégia centrada na tradutora e sugerida por Massardier-Kenney é a utilização de textos paralelos, ou seja, textos na língua de chegada que se caracterizam por uma situação de produção “parecida” com a do texto de origem, ou que pertencem ao mesmo gênero do texto de origem. Apesar de muito empregados na tradução técnica, a autora afirma que a tradução literária também pode ser beneficiada com uso dos textos paralelos, pois os textos literários também podem ser classificados de acordo com gênero, período ou estilo, além de terem características específicas que podem ser reproduzidas tanto no texto de origem, quanto no de chegada.

Por fim, a autora conclui que a abordagem feminista leva-nos a reconsiderar o objeto da tradução não como um texto para servir ou dominar, mas como um acontecimento cultural para apresentar e representar as questões de gênero. Esse processo envolve uma noção complexa do feminino e mostra a necessidade de analisar as diversas formas pelas quais o gênero está conectado ou desconectado do texto. Para Massardier-Kenney, a tradução feminista traz ganhos à atividade tradutória, pois expõe aspectos anteriormente negligenciados ou suprimidos. Além disso, pode revolucionar a literatura, dando visibilidade a autoras antes inacessíveis. A estudiosa ainda ressalta que a tradução feminista é de extrema importância, pois mostra que essa atividade pode ser uma forma muito relevante de produção cultural, na qual são trabalhados conceitos-chave dos estudos culturais, como autoria, autoridade e identidade.

Além das ideias apresentadas, também levamos em consideração, para a realização deste trabalho, as proposições de Carolyn Shread, expostas em “Metamorphosis or Metramorphosis? Towards a Feminist Ethics of Difference in Translation” (2007), sobre a tradução metramórfica, em que expõe a possibilidade de uma tradução com fins políticos e ideológicos.

A autora explica o referido conceito opondo-o às traduções metamórfica (como na metáfora, a tradução ocorrendo por “comparação” entre significados) e metonímica (a tradução como substituição de uma parte do significado pelo todo, como na metonímia). Trata-se, para Shread, de pensar a tradução não como uma “metamorfose” ou “metonímia” do texto original, mas de um ponto de vista “metramórfico”. Dessa forma:

[...] as traduções não apagam suas origens por meio de correspondências equivalentes ou perdas inevitáveis; ao contrário, prolongam-nas graças às trocas em que as origens permanecem no cerne das traduções. [...] Enquanto alternativa à equivalência como objetivo e à fidelidade como ética da tradução, o paradigma matrixial reflete a dependência do texto fonte, assim como a pluralidade de vários textos antes mesmo da tradução. Uma prática de tradução metramórfica expande o texto a ser traduzido, disseminando-o através de uma percepção da diferença menos polarizada e mais ligada às suas partes constituintes, estabelecendo, assim, a base de uma nova ética feminista.<sup>20</sup> (SHREAD, 2009, p. 3, tradução nossa.)

---

<sup>20</sup> [...] les traductions n’effacent pas leurs origines dans des correspondances équivalentes ou par des pertes inévitables ; au contraire, elles les prolongent grâce aux échanges où les origines demeurent au sein des traductions. [...]. En tant qu’alternative à l’équivalence comme but, et à la fidélité comme éthique de la traduction, le paradigme matrixiel reflète la dépendance du texte source, ainsi que la pluralité de nombreux textes même avant la traduction. Une pratique de traduction métramorphique amplifie le texte à traduire, en le médiatisant à travers une perception de la différence moins polarisée et davantage reliée aux parties composantes, établissant ainsi la base d’une nouvelle éthique féministe.

Dessa forma, a tradução metramórfica ofereceria uma forma de “transformação” menos genérica, pois não buscaria apagar o texto original, mas expandir as opções de tradução com analogias e similaridades. A autora afirma que uma abordagem metramórfica é mais adequada a tradutores que veem sua tarefa como uma intervenção em situações linguísticas e culturais assimétricas.

Ao aplicar essa noção em uma tradução feminista, a autora mostra, em “La traduction métramorphique : entendre le kreyòl dans la traduction anglaise des Rapaces de Marie Vieux-Chauvet” (2009), que a escolha da obra a ser traduzida é muito importante para esse tipo de tradução. Dessa forma, é possível enaltecer escritas femininas, pouco valorizadas na literatura, explorar elementos históricos e culturais relevantes apresentando uma outra visão sobre determinando assunto. Além disso, Shread também considera que os recursos estilísticos também podem ser úteis, ao mostrarem para o leitor ou a leitora outros aspectos da linguagem.

Em “On Becoming in Translation: Articulating Feminisms in The Translation of Marie Vieux-Chauvet’s Les Rapaces” (2011), Shread faz uma reflexão sobre a tradução feminista e afirma que o feminismo constitui uma influência formativa no processo tradutório, isto é, exerce um papel de atividade criativa no texto traduzido: uma tradução feminista não segue um caminho demarcado, pois há várias formas de comunicar sua “intenção”. A autora ainda considera que, para que esse tipo de tradução seja efetivo, é preciso mais do que intervenções lexicais e sintáticas: para a pesquisadora, assumir que essas transformações são as únicas possíveis para uma tradução feminista é aceitar uma visão categorizada e vendável de estilo, o que marginalizaria e limitaria o ativismo, restringindo suas possibilidades criativas. Assim, a autora busca imaginar outras formas pelas quais o ativismo feminista pode agir na tradução, produzindo modificações linguísticas e formais, levando a pensar em outras concepções da própria tradução. Dessa forma, sua proposta de tradução metramórfica sugere um processo transformativo menos totalizante e objetivo que busca expandir fronteiras. Para a estudiosa, a tradução, além de manifestar-se nas superfícies textuais, atua por meio do processo criativo da “metramorfose” na identidade do tradutor e do leitor:

[...] o processo de tradução muda o tradutor, então, ao passo que três anos atrás eu poderia não estar bem preparada para empreender essa tradução, já que não tinha os termos de identidade para uma pronta identificação com a autora e o assunto desse texto, o engajamento que a tradução exigiu até agora, e continua a exigir, esculpiu um espaço no qual posso falar. Voltando à minha questão inicial, “sob que direito eu inicio essa tradução?”, sugiro que seja precisamente a disposição de se engajar e aderir a novas narrativas,

pelo menos parcialmente, a responsável por dar ao tradutor o direito de traduzir.<sup>21</sup> (SHREAD, 2011, p. 296, tradução nossa.)

Acreditamos, portanto, que as propostas de Massardier-Kenney (1997) e a noção de tradução metamórfica de Shread (2007, 2009, 2011) aplicam-se ao nosso trabalho, dada a temática da obra, que envolve o mundo feminino e suas dificuldades, bem como seu objetivo de tornar visíveis as violências de que são vítimas as mulheres, incentivando, de modo particular, a discussão sobre a violência contra meninas menores de idade. Por se tratar de um ensaio, cujo estilo não permite intervenções estilísticas profundas no texto, como aquelas descritas por Flotow (1991) e utilizadas por muitas das tradutoras canadenses, pretendemos expor, baseando-nos nas ideias e estratégias de tradução expostas acima, questões culturais, históricas, políticas e, principalmente, de gênero por meio das notas do(a) tradutor(a). Considerando que os conceitos que discutimos expandem a atuação da tradutora sobre o texto, acreditamos que nossa pesquisa possa servir de base para outras com o mesmo propósito, ampliando, assim, as possibilidades e o alcance de trabalhos semelhantes ao nosso.

Com nossa tradução comentada, buscamos expor algumas reflexões sobre o tema abordado. Dessa forma, discutiremos a importância das notas do tradutor e dos elementos paratextuais, além de apresentar algumas questões sobre o gênero tradução comentada em contexto acadêmico. Esperamos expor, desse modo, as reflexões que realizamos ao longo de nosso trabalho, evidenciando a relação entre nossas considerações e os objetivos desta pesquisa.

## 2.2 Traduzir: uma história comentada

No artigo “Texto e paratexto: traducción e paratraducción” (2005), Xoán M. G. Vilariño expõe a ideia de “paratradução”, a qual, auxiliada por elementos paratextuais, seria uma forma de traduzir ideologicamente, pois tais subsídios prolongam o texto e facilitam sua recepção pelo público.

Para fundamentar sua teoria, Vilariño baseia-se na obra *Paratextos editoriais* (1987/2009), de Gérard Genette, em que o autor apresenta o que chama de “paratextos”,

---

<sup>21</sup> [...] *the process of translation changes the translator, so that while I may not have been well equipped to undertake this translation three years ago, since I did not have the identity terms for a ready identification with the author and subject matter of this text, the engagement that the translation has demanded so far, and that it continues to demand, have carved out a space in which I am able to speak. By turning around my initial question of “by what right do I embark on this translation?” I suggest that it may be precisely the willingness to engage in and adhere to new narratives that is at least partly responsible for giving a translator the right to translate.*

elementos que acompanham qualquer obra escrita: título, subtítulo, epílogo, prólogo, notas, dedicatórias, vocabulário, aspectos gráficos, etc. Esses acompanhamentos do texto, portanto, podem ser verbais ou não verbais, como desenhos e ilustrações.

Vilariño (2005) ainda afirma que os paratextos constituem um lugar privilegiado na dimensão pragmática da obra, pois o prólogo, a dedicatória, ou o título, por exemplo, são elementos que, na tradução literária, atuam como os primeiros detentores da ideologia do texto. A maior parte dos elementos paratextuais, segundo o autor, são verbais e estão além do texto. No entanto, os elementos não verbais também são úteis, uma vez que guiam e auxiliam a leitura.

O autor, ainda com base nos conceitos de Genette (1987/2009), apresenta uma divisão entre “peritexto” e “epitexto” para classificar os tipos de elementos que aparecem em uma obra, segundo o lugar em que são incluídos: título, subtítulo, prólogo, epílogo, notas, dedicatórias e aspectos não verbais, como a tipografia, fazem parte do peritexto; já mensagens exteriores à obra, mas que se situam ao redor do texto, como anúncios em revistas ou jornais, entrevistas, críticas, correspondência privada, conferências, são classificadas como epitexto.

Levando em conta a grande gama de paratextos disponíveis, o autor afirma, então, que sua análise pode levar à confirmação de um viés ideológico determinado, além de mostrar como esse ato é recebido tanto na sociedade em que se origina o texto, bem como nas sociedades que recebem a tradução. Para o autor, existe, em determinadas comunidades, uma “ideologia dominante” compartilhada pela maior parte dos indivíduos, sendo composta por um conjunto de crenças e valores que contemplam os interesses da classe dominante. O conceito de ideologia, aqui, transcende o nível da consciência, pois atua como uma força inconsciente com a qual a sociedade vive sem percebê-la.

Vilariño afirma que essa ideologia dominante e inconsciente atua nas sociedades também por meio da tradução, direcionando as decisões e estratégias tomadas pelos profissionais da área. No entanto, o autor explana que existe uma ideologia consciente, ativada pela manipulação consciente do texto, com o objetivo de servir a uma ideologia predeterminada. Dessa forma, seria possível levar em conta, ao traduzir, uma perspectiva ou ponto de vista específico, considerando-se os aspectos subjetivos e particulares de cada sujeito.

Assim sendo, o autor pensa a tradução como um espaço em que se realiza uma gestão dos discursos, ou em que se almeja controlá-los. A cultura dominante influencia a expansão de um discurso hegemônico, contemplando-o nas escolhas e estratégias de tradução. Como consequência imediata, as culturas mais indefesas anulam-se perante o caráter expansivo das

potências culturais. Dessa forma, a responsabilidade do tradutor ou da tradutora reside sobre a carga ideológica que transmite, já que o texto traduzido pode ser um mediador dessas ideias, sejam estas parte de uma ideologia dominante ou, ao contrário, questionadora, buscando contestar e instigar discussões sobre os paradigmas tradicionais.

Também enfatizando a temática dos elementos paratextuais, mas voltando-se especificamente para a questão das notas de tradução, Pascale Sardin, em seu ensaio “De la note du traducteur comme commentaire: entre texte, paratexte et pretexte” (2007), discute a polêmica em torno das notas de tradução, pois estas, segundo a autora, revelam que a tradução é um jogo de escrituras com regras não estabelecidas, sempre negociáveis e polêmicas. A tradução, para Sardin, evoca o comentário crítico e algumas tomadas de posição, quase sempre acompanhados de um texto no qual o tradutor ou a tradutora explica (ou se explica), pois, em razão do exercício de interpretação – o qual ocorre em nível microestrutural e do qual as notas de tradução, inquestionavelmente, fazem parte –, o texto traduzido, como um produto finito, é alvo, em nível macroestrutural, de um julgamento de valor, denominado “bom” ou “mau”, “fiel” ou “infiel”.

A nota do tradutor, no entanto, é condenada porque rompe com a unidade do texto, descentralizando-o, manifestando a crise de equivalência na tradução. A nota, segundo a autora, aponta para um hiato, um jogo diferenciador que afeta todo o texto traduzido. É o lugar onde surge a voz do tradutor ou da tradutora, traindo a natureza dialógica do traduzir e o conflito de autoridade que ali é imposto. Segundo Sardin, a nota também dá visibilidade para o agente por trás da tradução, mostrando que é impossível apagá-lo, pois esse agente imprime, no texto, sua subjetividade e seus pressupostos sobre o contexto sociocultural no qual se desenvolveu como sujeito. Ela mostra, inevitavelmente, que a fronteira que separa tradução e comentário é fluida e instável, pois o comentário está sempre na tangente do texto.

A nota de tradução, para Sardin, é capaz de abrir um espaço textual e/ou paratextual, cujos limites ainda são fluidos e precisam ser explorados, mas no qual a tentativa de suprimir a presença do tradutor ou da tradutora torna-se tão difícil, que surge um comentário de tipo enciclopédico, prático, ou especulativo. Com a nota, fica evidente para o leitor a concorrência entre os discursos tradutório e hermenêutico, os quais apontam para o debate entre a teoria e as ambições do comentário em tradução.

Sardin elenca os tipos de notas que podemos encontrar em uma tradução. A autora afirma, primeiramente, que o tipo de nota mais comum e melhor aceita pelos leitores é a exegética, que pode ser definida como um esclarecimento breve e necessário para a compreensão de um texto, trazendo um sentido imediato. A nota exegética elucida questões

culturais ou sociais, preenchendo uma lacuna com informações que, muitas vezes, o texto original não fornece ao leitor de uma cultura diferente daquela para a qual foi escrito; sua referência, portanto, está fora do texto. Dessa forma, de acordo com Sardin, o tradutor fornece ao leitor os recursos para uma compreensão “rápida” do texto, produzindo mais conhecimento do que sentido. A autora ainda ressalta a função pedagógica desse tipo de nota, que pode situar o leitor no ambiente e na cultura do texto traduzido. Como exemplo, a estudiosa cita a tradução do clássico *Mrs. Dalloway* para o francês, feita por Marie-Claire Pasquier, que vem acompanhada de noventa notas explicativas que ambientam o leitor francês no contexto da história e ainda incitam sua curiosidade sobre a história britânica, a geografia londrina, entre outros elementos que podem tornar a leitura uma experiência totalmente diferente.

Entretanto, segundo Sardin, há uma linha tênue que separa a nota exegética da interpretação. A primeira deve ser, supostamente, clara e objetiva, enquanto a segunda é permeada pela subjetividade. De acordo com a autora, a nota exegética atinge seu grau máximo de objetividade quando empregada de forma convencional, mas, ainda assim, pode inclinar-se, em diversos graus, à subjetividade. Na tentativa de evitar qualquer tipo de interpretação própria, o tradutor pode tornar as notas frustrantes para quem as lê, pois acabam tornando-se insuficientes e incompletas para os leitores. A autora exemplifica essa forma de utilização das notas com o romance *O Diário de Bridget Jones*, no qual um dos protagonistas leva o nome de Marc Darcy e apresenta-se fazendo referência a dois célebres personagens da literatura clássica inglesa, Mr. Darcy, de *Orgulho e Preconceito*, e Heathcliff, de *O Morro dos Ventos Uivantes*. Uma nota que indique a simples alusão aos clássicos, para Sardin, não explica a ironia presente na semelhança entre o personagem moderno e seus modelos históricos. Portanto, segundo a pesquisadora, a exegese pode e deve ser interpretativa, de modo que seja também significativa.

A autora também aborda uma outra função das notas que denomina *meta*, que lida com o “intraduzível” e torna visíveis os problemas que encontramos na tradução. A nota *meta* rompe com a unidade do texto: onde começa o “intraduzível”, surge o comentário, que contorna a intraduzibilidade. Esse tipo de nota leva o leitor a se perguntar sobre a prática da tradução e oferece uma visão da “arte da imperfeição”. Sardin (2007) também afirma que a nota abre uma passagem para a própria matéria do texto, a própria linguagem. O que poderia ser silenciado passa a ser dito, porque a tradução prepara o caminho para uma reflexão teórica, tornando-a possível.

Para Sardin, subjetiva ou objetiva, a nota do tradutor é sempre um traço de seu “percurso hermenêutico”, de suas reflexões, leituras e interpretações para chegar ao resultado



final. Também mostra que a tradução não se limita ao modo operatório de reconstituição do sentido. Assim, a nota do tradutor se situa entre texto e paratexto, pois sua natureza nunca é totalmente definida; ela sempre apontará para o caráter imperfeito e incompleto da tradução.

Por fim, a autora reflete sobre as possibilidades proporcionadas pela nota do tradutor:

Com a N.T., a tradução experimenta limites e experimenta seus limites. A nota desfaz a unidade do texto e, dessa forma, chama a atenção para o impensável da tradução, seu caráter imperfeito e sempre por fazer. Em sua função exegética, confirma o parentesco das abordagens argumentativas e tradutórias que remetem à hermenêutica. A tradução, em sua busca pelo sentido e equivalência formal, torna *possível* a análise literária e o comentário crítico, ela é sua voz real. Em sua função “meta-”, a nota evoca comentários tradutológicos, linguísticos e literários e prova que a tradução, enquanto discurso em segundo grau, torna *possível* e *desejável* a reflexão teórica. A nota, nesse sentido, é um belo paradigma de possibilidades. É um convite a uma viagem (por sua função exegética) e uma transcendência (por sua função “meta-”). É para a questão das possibilidades que a nota proporciona que devemos voltar nossa atenção, mais do que para a questão sempre debatida acerca de sua necessidade, pois é ela quem faz a beleza do gesto tradutório.<sup>22</sup> (SARDIN, 2007, p. 8-9, grifos da autora)

Outro estudo que promove discussões interessantes em torno do tema é o artigo “Ana Cristina Cesar, tradutora de Katherine Mansfield” (2009), de Adriana de Freitas Gomes e Maria Clara C. de Oliveira. O trabalho traz algumas considerações sobre a tradução comentada do conto literário “Bliss”, publicado por Mansfield em 1920. É importante ressaltar que a apresentação dessa tradução por Ana Cristina (AC) foi um requisito para a obtenção do título de Mestre pela Universidade de Essex, na Inglaterra.

As autoras, primeiramente, destacam a trajetória semelhante dessas duas mulheres alvo de sua pesquisa. Embora separadas por um espaço de tempo, ambas tiveram carreiras motivadas pelo movimento feminista e buscavam mudar a posição de desigualdade imposta sobre as mulheres na sociedade.

Gomes e Oliveira apontam, então, as estratégias utilizadas por AC para efetuar seu projeto de tradução. As autoras expõem, fazendo referência ao ensaio *Pensamentos sublimes*

---

<sup>22</sup> Avec la N. D. T. la traduction fait l'expérience des limites et fait l'expérience de ses limites. La note défait l'unité du texte et, ce faisant, alerte sur l'impensé de la traduction, son caractère imparfait et toujours à refaire. Dans sa fonction exégétique, elle confirme la parenté des démarches commentatives et traductives qui ressortissent toutes deux à l'herméneutique. La traduction, dans sa quête de sens et d'équivalence formelle, rend possible l'analyse littéraire et le commentaire critique, elle en est la voie royale. Dans sa fonction « méta- », la note appelle les commentaires traductologiques, linguistiques et littéraires et prouve que la traduction, en tant que discours au deuxième degré, rend possible et souhaitable la réflexion théorique. La note, en ce sens, est bien le paradigme des possibles. Elle est une invitation au voyage (par sa fonction exégétique) et au dépassement (par sa fonction « méta- »). Plus que la question de sa nécessité toujours débattue, c'est celle des possibles qu'elle ouvre qui doit retenir notre attention, car c'est celle-là qui fait la beauté du geste traductif. (SARDIN, 2007, p. 8-9, grifos da autora)

*sobre o ato de traduzir*, escrito pela estudiosa em 1980, os propósitos que nortearam AC na realização de seu projeto, ou seja, sua motivação em “educar o leitor, transmitir cultura e tornar acessível o que não era” (CESAR, 1999 apud GOMES; OLIVEIRA, 2009, p. 49). Nesse ponto, há uma tentação recorrente, por vezes um recurso inevitável, de “explicar o original mais do que ele se explicou, acrescentar vínculos que antes estavam silenciados, em suma, inflacionar o texto original” (CESAR, 1999 apud GOMES; OLIVEIRA, 2009, p. 49). Para cumprir seu objetivo, a tradutora valeu-se de recursos como prefácio, notas de rodapé, constrações no corpo do texto de diversos tipos. Essas estratégias ratificam, segundo as autoras, as alegações de AC sobre sua postura inovadora em relação à tradução.

As autoras ainda acrescentam que, embora tenha utilizado alguns recursos adotados pelas tradutoras feministas canadenses, como o prefácio e as notas de rodapé, a tradução de *Bliss* não se encaixa na crítica de Arrojo (1995) sobre as teorias “orgásmicas” de tradução, pois já aplica uma técnica diferente, com forte viés político que se reflete na linguagem, porém de forma mais autoral em relação a sua própria tradução. A preocupação de AC consistia, principalmente, em esclarecer aos leitores dados da cultura em que se inseria o texto original, seja traduzindo nomes cuja conotação importava para a trama, seja explicando o sentido de palavras culturais, como *nanny* (babá) e *pear tree* (pereira).

Além disso, Gomes e Oliveira também mostram que AC tomou uma posição de tradutora ativa ao escolher traduzir um texto de temática polêmica naquela época. O homoerotismo, retratado na obra, levou a tradutora a ser reconhecida pelas intervenções na rede de significados do texto original, assim como as tradutoras pós-modernas. Cabe aqui destacar, no que diz respeito ao nosso projeto de tradução, o intuito de compartilhar com o leitor e a leitora as referências culturais, históricas e outras questões relativas à dominação masculina presentes no ensaio de Sebbar.

Em relação à utilização desse tipo de trabalho como objeto de pesquisa, Adriana Zavaglia, Carla M. C. Renard e Christiane Janczur, em “A tradução comentada em contexto acadêmico” (2015), expõem um panorama geral do tema e discutem seus possíveis desdobramentos, considerando o surgimento recente do gênero textual tradução comentada. As pesquisadoras se interrogam, inicialmente, sobre as questões fundamentais que envolvem esse gênero textual, por exemplo, qual seria sua natureza, forma e função, ou se haveria ou não um consenso entre os profissionais da área para defini-lo, incitando uma reflexão com o objetivo de ampliar a discussão sobre o assunto e, por fim, formular algumas hipóteses.

A diversidade observada em dissertações e teses de doutorado, nas quais figura a tradução comentada, leva as autoras a indagarem se a própria configuração textual de cada

dissertação ou tese seria um comentário da tradução, enquanto esta poderia ser vista, ela mesma, como um comentário do original: cada pesquisa e nota do “estudante-tradutor” influencia a tradução, da mesma forma que a tradução influencia o resultado final do texto. Dessa forma, as duas situações seriam tão híbridas que poderiam, talvez, justificar a própria designação da tradução comentada como gênero textual. As autoras consideram essas questões ainda sem resposta; afirmam, porém, que os textos acadêmicos do gênero configuram-se de forma a justificar e a complementar a própria tradução. Concluem seu trabalho afirmando que ainda há muito a ser estudado nesse campo e, portanto, elaboram as seguintes hipóteses, que podem, em alguma medida, nortear e apoiar pesquisas na área: por um lado, os comentários nesse gênero textual poderiam ser classificados como contextuais (envolvendo informações sobre o autor e a obra traduzida), tradutórios (com apontamentos do “estudante-tradutor” sobre o texto traduzido) e críticos (relativos à fundamentação teórica do trabalho); por outro, a natureza da tradução comentada acadêmica seria diferente se comparada a outros meios, como o das revistas ou o do mercado editorial, pois, nesse caso, sua forma seria definida pelos objetivos da pesquisa, assim como pela sua finalidade (Cf. ZAVAGLIA et al., 2015, p. 348-350).

Outra questão importante que subjaz às discussões sobre tradução, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, diz respeito à ética que a envolve, bem como à problemática da fidelidade e da visibilidade do tradutor. A noção de fidelidade, segundo um viés tradicionalista, pressupõe a possibilidade de estabelecer na tradução uma “equivalência” entre as línguas de partida e de chegada; ainda, de acordo com tal visão, a tradução deveria permitir ao leitor perceber as nuances do texto original sem, no entanto, notar que se trata de um texto traduzido. Muitas vezes, a abordagem tradicionalista ainda exige que o tradutor ou a tradutora distancie-se do texto, na ilusão de tornar o trabalho de tradução imparcial. Sabemos, no entanto, que esse objetivo é inatingível, pois quando traduzimos, conscientemente ou não, imprimimos nossas opiniões e ideologias na tradução. Nesta pesquisa, portanto, buscamos assumir essa impossibilidade de neutralidade e, dessa forma, utilizar a tradução como ferramenta aliada à luta feminista.

Considerando, então, as ideias de Vilariño sobre ideologia e tradução, bem como as reflexões acerca da tradução feminista de Castro (2017), Massardier-Kenney (1997) e Shread (2007, 2009, 2011), acreditamos que a tradução comentada é uma atividade pertinente tanto para o desenvolvimento e discussão das pautas do movimento feminista, quanto para o estudo sobre o próprio ato ideológico de traduzir. Assim sendo, consideramos que uma tradução

comentada, auxiliada pelos elementos paratextuais, cumpre esses dois propósitos, tal como explicitado pelos autores e autoras cujas ideias buscamos expor neste trabalho.

Durante a tradução de *On tue les petites filles*, deparamo-nos com várias situações que poderiam passar despercebidas, caso tivéssemos optado por uma abordagem convencional do ato tradutório, ignorando a sua visada ética. No entanto, o teor do nosso trabalho e o nosso projeto de tradução permitiram-nos um olhar mais aprofundado sobre aspectos de gênero, bem como sobre elementos culturais, políticos e históricos que consideramos importantes para uma melhor compreensão da realidade das meninas violentadas cujas histórias são contadas no ensaio. Apresentaremos, no subcapítulo a seguir, algumas discussões sobre a tradução que realizamos e os comentários que elaboramos.

### **2.3 As notas e os comentários no ensaio *Matamos as meninas***

Primeiramente, é importante sumarizar que, como expusemos nas seções anteriores deste trabalho, consideramos a tradução como uma interpretação do texto original, pois o sentido é sempre construído pelo sujeito que traduz ou lê. Consequentemente, o tradutor ou a tradutora atua como um sujeito ativo nesse trabalho de tradução, que nunca é imparcial. Com esta pesquisa, assumimos esse teor ideológico da língua e da tradução a fim de cumprir nosso objetivo de expor um olhar atento sobre a violência que muitas mulheres e meninas sofrem diariamente.

Em uma apresentação prévia de nossa tradução, procuramos esboçar alguns comentários sobre a elaboração das notas que propusemos neste trabalho. Para tanto, optamos por classificá-las em cinco grupos, segundo a principal função que exercem no texto: a) notas culturais; b) notas históricas; c) notas sobre gênero; d) notas metalinguísticas e e) notas terminológicas.

Ressaltamos, todavia, que essa categorização é intercambiável, pois as características dessas notas misturam-se entre si, de forma que, em alguns momentos, a fronteira entre elas torna-se quase imperceptível. A classificação aqui apresentada é apenas um modo que escolhemos para exemplificar as situações com que nos deparamos na tradução do ensaio e as estratégias que tomamos para contorná-las, considerando nossa própria interpretação do texto de Sebban. Reconhecemos, no entanto, que um tradutor ou uma tradutora poderia recorrer a outras notas, classificá-las de outras maneiras, fazer uso de outros recursos linguístico-discursivos para lidar com essas questões. Assim, o que apresentamos a seguir é apenas um

recorte de nosso percurso, o qual é somente um dentre muitos possíveis para traduzir esse ensaio.

### 2.3.1 Notas culturais

Considerando que os relatos apresentados no ensaio ocorrem na França, local onde também foi escrita a obra, há algumas questões que são familiares ao leitor francês, mas que causariam dúvidas a um público-leitor que não conhecesse a cultura francesa. Por esse motivo, as notas culturais são responsáveis, em grande parte, por esclarecer ao leitor ou à leitora elementos próprios da cultura local exposta no texto original, de forma a facilitar o processo de “reconhecimento” de uma realidade que, até então, poderia ser desconhecida.

Aqui, enquadram-se notas que apresentam cidades e lugares familiares ao público francês, personalidades famosas, livros conhecidos na França, órgãos, sistemas e aparatos burocráticos do Estado francês, entre outros elementos que podem dar a quem lê uma percepção melhor sobre o que é discutido no relato. Com o objetivo de exemplificar esse tipo de nota, apresentaremos, nos quadros a seguir, o trecho original em francês, nossa tradução e a nota que elaboramos:

Quadro 1 – Nota cultural

Original	<i>Mais une lettre est à lire comme une lettre : une chose écrite à un moment précis du temps et de l'histoire de celle qui l'écrit ; une chose écrite dans une certaine tension pour quelqu'un qui la lira, et ici, Menie Grégoire, à qui ces femmes parlent en confidence, d'un grand secret toujours gardé et qu'elles ne veulent plus taire. (SEBBAR, 1978, p. 176)</i>
Tradução	Mas uma carta é para ser lida como uma carta: uma coisa escrita em um momento preciso do tempo e da história daquela que a escreve; uma coisa escrita com certa tensão para alguém que a lerá, e aqui, Menie Grégoire*, a quem essas mulheres falam em sigilo, num grande segredo sempre guardado, que elas não querem mais calar.
Nota	*Jornalista e escritora francesa. Nos anos 1970, apresentou programas de rádio que tratavam principalmente de temas como psicanálise e sexualidade.

Quadro 2 – Nota cultural

Original	<i>Témoignage de ce procès qui se déroulait à Paris aux assises, en mai 1977, dont Libération avait été un des rares journaux à rendre compte. (SEBBAR, 1978, p. 178)</i>
Tradução	Prova disso é o processo que se desenrolaria nos tribunais de Paris, em maio de 1977, noticiado apenas por <i>Libération*</i> , um dos raros jornais a reportar o caso.
Nota	<i>*Libération</i> é um jornal de opinião diário, publicado pela primeira vez em 1973, na França. Teve como primeiro editor o filósofo e escritor Jean-Paul Sartre e, inicialmente, tinha um posicionamento de extrema-esquerda. Após a morte de Sartre, mudou o teor de suas publicações para uma linha socialdemocrata. Ainda hoje, é considerado um dos jornais franceses mais progressistas.

Quadro 3 – Nota cultural

Original	<i>L'enfant est placé par décision judiciaire. Un deuxième garçon naît à l'A.S.E. - la mère prétend que c'est un petit infirme. (SEBBAR, 1978, p. 203)</i>
Tradução	A criança é internada por decisão judicial. Um segundo menino nasce no Serviço Social à Infância* — a mãe alega que é um pequeno deficiente.
Nota	<i>*Aide sociale à l'enfance (ASE)</i> é uma política pública francesa que promove ações de prevenção e suporte para famílias em dificuldades psicossociais, além de cuidados para crianças que, por razões diversas, não podem morar com suas famílias. É semelhante ao Conselho Tutelar brasileiro.

Quadro 4 – Nota cultural

Original	<i>Elle a jamais dit oui, ni non. Et voilà. Elle continue. Moi je le dis quelquefois que, à la première tuile quand je sors de prison, je lève ma jupe, je baisse ma culotte et allez... Ma sœur m'a dit souvent de faire comme elle. C'est facile pour l'argent. Mais je l'ai vue, à Barbès... (SEBBAR, 1978, p. 238)</i>
Tradução	Ela nunca disse que sim, nem que não. E pronto. Ela continua. Eu digo pra ela às vezes que, no primeiro aperto, quando eu sair da prisão, eu levanto minha saia, abaixo a calcinha e pronto... Minha irmã me disse várias vezes pra fazer que nem ela. Dá dinheiro. Mas eu vi o que ela passava em Barbès*.
Nota	<i>*Barbès</i> é uma avenida parisiense, próxima da estação de metrô Barbès-Rochechouart, na qual é comum a prostituição de mulheres africanas.

### 2.3.2 Notas históricas

Esse tipo de nota, por sua vez, trata de explicar acontecimentos, eventos e situações históricas que poderiam suscitar dúvidas. Geralmente, essas explicações giram em torno da

história francesa, como sua participação nas Guerras Mundiais ou a colonização do continente africano, mas há também outras notas que remetem a questões de história geral. Apresentaremos alguns exemplos dessas notas a seguir.

Quadro 5 – Nota histórica

Original	<i>Bon travailleur. Honnête, régulier. Un peu de Résistance pendant la dernière guerre. Syndicaliste et philatéliste.</i> (SEBBAR, 1978, p. 179)
Tradução	Bom trabalhador. Honesto, assíduo. Um pouco de Resistência* durante a última guerra. Sindicalista e filatelista.
Nota	*Movimento clandestino que, durante a Segunda Guerra Mundial, atuou contra o Eixo e seus colaboradores no território francês desde o armistício, em 1940, até a Libertação da França, em 1944.

Quadro 6 – Nota histórica

Original	<i>Elle a été consignée dans sa chambre puis expédiée chez sa grand-mère avec ordre de la surveiller, disait le père : il avait vu sa fille « passer d'un garçon à l'autre », « et aller avec le premier venu » ... C'est Barbe-Bleue qui enferme ses femmes saignées à mort dans le cabinet noir...</i> (SEBBAR, 1978, p. 217)
Tradução	Ela foi trancada em seu quarto, depois mandada para a casa da avó, com a ordem de ser vigiada, dizia o pai: ele tinha visto a filha “passar de um menino pro outro”, “e ir com o primeiro que chegasse”... É o Barba Azul que tranca suas mulheres sangrando até a morte na sala escura*.
Nota	*Nome dado na França ao escritório onde oficiais estatais liam cartas de pessoas consideradas suspeitas, antes de encaminhá-las ao verdadeiro destino. A técnica era frequentemente utilizada por Luís XIII e Luís XIV, mas somente no reinado de Luís XVI foi designado um quarto apenas para esse uso. Tratava-se de um método muito utilizado por líderes revolucionários e, até mesmo, por Napoleão Bonaparte.

Quadro 7 – Nota histórica

Original	<i>Vers 1 heure du matin, ils se rendent tous au domicile de l'Algérien auquel le père avait proposé de coucher avec sa fille (le jeune homme ignorait la filiation). Il avait accepté mais avait obtenu que le prix de 50 F fût ramené à 30 F [...].</i> (SEBBAR, 1978, p. 261)
Tradução	Por volta de 1 hora da manhã, eles se encontram no domicílio do argelino, a quem o pai tinha proposto de dormir com sua filha (o jovem não sabia da filiação). Tinha aceitado, mas tinha conseguido que o preço de 50 francos* baixasse para 30 francos [...].
Nota	*Moeda oficial da França de 1795 até 2002, quando foi substituída pelo euro.

### 2.3.3 Notas metalinguísticas

Esse tipo de nota caracteriza-se, principalmente, pela discussão em torno de questões linguísticas e de tradução propriamente dita. Procuramos, aqui, justificar nossas escolhas e as estratégias utilizadas para resolver as situações com as quais nos deparamos. Com essas notas, é possível expor a complexidade da tradução para quem a lê, enfatizando que o processo tradutório não é mecânico, pois exige reflexão e criatividade, evidenciando a intervenção do tradutor ou da tradutora nas escolhas de tradução e, conseqüentemente, no texto traduzido.

Quadro 8 – Nota metalinguística

Original	<i>Les grands-parents mettent la maison en viager. La mère part à la ville avec son mari. Un garçon naît, que la grand-mère élève.</i> (SEBBAR, 1978, p. 187)
Tradução	Os avós colocam a casa à venda*. A mãe vai para a cidade com o marido. Um menino nasce, é criado pela avó.
Nota	*No original, “ <i>les grands-parents mettent la maison en viager</i> ” (p. 187). A expressão <i>mettre en viager</i> significa colocar um imóvel à venda, de forma que o pagamento seja feito mensalmente, até a morte do vendedor.

Quadro 9 – Nota metalinguística

Original	<i>Avec les garçons, c'est très dur, j'arrive pas. Je me crispe, je me ferme, je crie, je pleure ou alors, comme je sens rien, je pourrais aussi bien lire le journal en même temps. C'est pas comme ma mère, chaque fois que je l'ai retrouvée, c'est dans un hôtel meublé, avec un Algérien.</i> (SEBBAR, 1978, p. 237)
Tradução	Com os meninos, é muito difícil, eu não consigo. Eu fico tensa, me fecho, grito, choro, ou então, como eu não sinto nada, eu poderia muito bem ler um jornal ao mesmo tempo. Não é como a minha mãe, toda vez que eu encontrava ela, era em uma pensão*, com um argelino.
Nota	* <i>Hôtel meublé</i> é um tipo de estabelecimento que oferece serviços hoteleiros, como lençóis, telefone, mas que serve de residência principal ao seus moradores. Também é muito utilizado para esse tipo de encontro amoroso.



Quadro 10 – Nota metalinguística

Original	« <i>Mon beau-père achète des livres dégoûtants du genre S.O.S. ou S.A.S. avec sur la couverture une femme nue tenant un couteau. Mais il n'y a pas d'images dedans. Ces livres parlent de violences et de coucheries. Ils se trouvent sur l'étagère du bas. Il y a deux mois, j'ai vu sur la table de nuit de la chambre un livre intitulé Jouir. Il était questions de "chatte" ; sur la couverture, il y avait deux filles nues.</i> » (SEBBAR, 1978, p. 250)
Tradução	— Meu padrasto compra uns livros nojentos do gênero SOS ou SAS com uma mulher pelada segurando uma faca na capa. Mas ele não tem figuras dentro. Esses livros falam de violência e de trepadas. Eles estão na prateleira de baixo. Faz dois meses, eu vi, em cima do criado-mudo do quarto, um livro com o nome Gozar*. Era sobre “boceta”; na capa, tinha duas meninas peladas.
Nota	* <i>Jouir</i> , em francês. Optamos pela tradução livre do título, pois não encontramos informações sobre a publicação original.

Quadro 11 – Nota metalinguística

Original	<i>Fille unique d'un père ouvrier d'entretien, d'une mère sténo.</i> (SEBBAR, 1978, p. 255)
Tradução	Filha única de um pai faz-tudo*, de uma mãe estenógrafa.
Nota	* <i>Ouvrier d'entretien</i> é um profissional capaz de fazer vários tipos de serviços, como manutenção e reparos na rede elétrica, pintura, marcenaria, etc.

Quadro 12 – Nota metalinguística

Original	<i>Ce qui arrive aussi, c'est qu'elles attendent toujours l'amour fou, éternel, merveilleux et qu'elles se retrouvent enceintes parce qu'elles sont contre « ce bout de ferraille qu'on met dans le ventre » ou contre « l'amour sous cellophane »</i> (SEBBAR, 1978, p. 256)
Tradução	O que acontece também é que elas esperam sempre por um amor louco, eterno, maravilhoso e ficam grávidas porque são contra “esse pedaço de arame que se coloca na barriga” ou contra o “sexo encapado”*...
Nota	* <i>L'amour sous cellophane</i> é uma expressão francesa utilizada para referir-se ao sexo com preservativo.

### 2.3.4 Notas sobre gênero

Também criamos algumas notas que buscam discutir questões de gênero, como conotações pejorativas, predileção de um termo em detrimento de outro, etc. O objetivo de refletir sobre tal tema é o que diferencia essas notas das notas metalinguísticas, expostas no tópico anterior. Consideramos que as notas sobre gênero são importantes no contexto deste

trabalho, pois ao trazerem a marca da carga patriarcal presente na língua, podem suscitar uma discussão sobre a dominação masculina.

Quadro 13 – Nota sobre gênero

Original	<i>Mais le chef féodal, le patriarche a besoin pour son commandement journalier, d'une auxiliaire permanente, fidèle, inexorable : la violence. Violence ordinaire, quotidienne dans le secret des chambres. Pas de récit sans violence, menaces, terreur... Il est le chef et pourtant... le corps de sa fille lui appartient comme lui appartient de droit le corps de sa femme, mère de ses enfants, mère de sa fille. Il a déplacé son regard sur sa fille ou la fille de sa femme.</i> (SEBBAR, 1978, p. 172)
Tradução	Mas o chefe feudal, o patriarca, para seu comando diário, precisa de uma auxiliar permanente, fiel, inexorável: a violência. Violência comum, cotidiana, no segredo dos quartos. Não há relatos sem violência, ameaças, terror... Ele é o chefe, mas... o corpo da filha lhe pertence, como lhe pertence de direito o corpo de sua mulher, mãe de seus filhos, mãe da sua filha. Ele pôs os olhos sobre a filha ou a filha de sua mulher*.
Nota	*Inicialmente, pensamos em traduzir <i>femme</i> por “esposa” ao invés de “mulher”, na tentativa de atenuar o binarismo presente na língua, criticado pelo estabelecimento do gênero masculino como “neutro” e/ou “universal”. No entanto, acreditamos que Sebbar tenha utilizado essa palavra propositalmente e, portanto, decidimos manter “mulher” também na tradução.

Quadro 14 – Nota sobre gênero

Original	« <i>Je suis un bourreau d'enfants. On va m'arrêter, me torturer, je finirai sur cette croix ...</i> » (SEBBAR, 1978, p. 186)
Tradução	— Eu sou uma carrasca* de crianças. Vão me prender, torturar, eu vou terminar nessa cruz...
Nota	* <i>Bourreau</i> , em francês, significa “carrasco” ou uma “pessoa cruel que maltrata outras pessoas”. No entanto, é uma palavra que não existe no gênero feminino, e a mesma forma é utilizada tanto para designar homens, quanto mulheres.

Quadro 15 – Nota sobre gênero

Original	<i>Elle s'est mise avec un type qui avait un cirque. Il avait une femme et une fille. Il est resté avec ma mère. Ma mère voulait nous avoir avec elle. Elle nous a sortis de pension. Moi je suis restée plus longtemps que les autres là-dedans, je sais pas pourquoi. On a appris des numéros de cirque. Moi j'étais pas allée à l'école. Enfin pas beaucoup. J'ai appris à lire j'avais 9 ans. Moi c'était le cheval. Ecuyère. Je faisais des tours, j'aimais bien ça.</i> (SEBBAR, 1978, p. 198)
Tradução	Ela se envolveu com um cara que tinha um circo. Ele tinha uma mulher e uma filha. Ele ficou com a minha mãe. Minha mãe queria ter a gente com ela. Ela tirou a gente da pensão. Eu fiquei lá mais tempo do que os outros, não sei por quê. A gente aprendeu números de circo. Eu não tinha ido na escola. Não muito. Eu aprendi a ler aos 9 anos. Pra mim, era o cavalo. Cavaleira*. Eu dava umas voltas, gostava muito disso.
Nota	*Existem duas formas em português para designar a mulher que anda a cavalo: “cavaleira” e “amazona”. No entanto, a segunda forma era utilizada antigamente para designar a mulher que montava a cavalo, com as duas pernas do lado esquerdo, trajando uma saia longa. Esse termo é derivado da vestimenta utilizada por essas mulheres nas montarias. Atualmente, “cavaleira” é a forma mais corrente para designar uma mulher que monta a cavalo, participa de provas de hipismo, etc., enquanto “amazona” vem adquirindo um sentido mais figurado.

Quadro 16 – Nota sobre gênero

Original	<i>Il m'appelait Marie-Garce*</i> (SEBBAR, 1978, p. 209)
Tradução	Ele me chamava de Maria-Rameira*
Nota	* <i>Garce</i> em francês é a uma forma pejorativa de se referir a uma mulher que tem uma vida sexual livre. Optamos por essa forma que tem uma conotação parecida em português.

Quadro 17 – Nota sobre gênero

Original	« <i>Tout ça, c'est à cause de la pilule. C'est une catastrophe. J'ai travaillé à Bretonneau. J'en ai vu passer. Toutes des petites vicieuses. [...]</i> » (SEBBAR, 1978, p. 259)
Tradução	— Tudo isso é por causa da pílula. É uma catástrofe. Eu trabalhei em Bretonneau. Vi muitas. Todas umas safadas*. [...].
Nota	*Acreditamos que a tradução de <i>petites vicieuses</i> como “safadinhas” daria uma conotação sexual indesejada à frase. Optamos por “meninas safadas”, alternativa que consideramos menos sexualizada, porém ainda pejorativa.

Quadro 18 – Nota sobre gênero

Original	<i>Un juge des enfants, une femme sensibilisée à ces problèmes d'adolescentes difficiles ou « en danger », suivant les termes juridiques, et confrontée à des situations complexes et délicates de filles qui fuguent, vivent en bandes, refusent de retourner chez leurs parents (qui en même temps voudraient ne pas les quitter et qui expriment une haine insoutenable de la mère ou du père), ce juge remarquait : [...] (SEBBAR, 1978, p. 276)</i>
Tradução	Uma juíza* de menores, uma mulher sensibilizada por esses problemas de adolescentes difíceis ou “em perigo”, de acordo com os termos jurídicos, e confrontada a situações complexas e delicadas de meninas que fogem, vivem em gangues, recusam-se a retornar para a casa dos pais (que não queriam ter de deixá-los e, ao mesmo tempo, exprimem um ódio insuportável da mãe ou do pai), essa juíza destacava: [...].
Nota	*A palavra <i>juge</i> , em francês, como em muitas outras que designam profissão, não tem uma forma feminina. É utilizado o gênero masculino tanto para homens, como para mulheres.

### 2.3.5 Notas terminológicas

Nesse grupo, encontram-se notas cujo objetivo principal é elucidar termos que não pertencem ao imaginário do grande público. São notas que esclarecem informações concernentes a outras áreas do conhecimento, como botânica ou medicina, acrescentando detalhes que podem auxiliar na compreensão do texto.

Quadro 19 – Nota terminológica

Original	<i>Elles n'ont pas à s'accuser pour ensuite expier suivant le dogme. Pourtant, lorsqu'elles racontent, et dans ce qu'elles racontent, dans le choix, les oublis, les manques ... quelque part, elles expient. Elles parlent de honte, de père monstrueux, d'horreur, de haine. A cause du tabou transgressé ? Vivre l'inceste et plus seulement le fantasmer ... ça doit bouleverser. (SEBBAR, 1978, p. 176)</i>
Tradução	Elas não têm que se culpar para, em seguida, expiar os pecados segundo o dogma. No entanto, enquanto contam, e no que contam, na escolha, nos esquecimentos, nas lacunas... em algum momento elas expiam. Falam de vergonha, de pai monstruoso, de horror, de ódio. Por causa do tabu transgredido? Viver o incesto e não somente fantasiá-lo*... isso deve ser devastador.
Nota	<i>Phantasie</i> , termo utilizado por Sigmund Freud, designa a vida imaginária criada pelo sujeito e a maneira como este representa, para si mesmo, sua própria história. A palavra em alemão engloba dois sentidos diferentes: um conceito e uma atividade, diferenciando consciente e inconsciente. Na primeira

	<p>tradução para o francês, foi cunhado o termo <i>fantasme</i> para a tradução da palavra alemã; <i>fantaisie</i> também passou a ser utilizado posteriormente, mas não havia diferença entre os dois termos franceses. No entanto, entre os pós-kleinianos, os termos <i>fantasy</i> e <i>phantasy</i> tornaram-se mais populares para diferenciar um registro consciente e inconsciente, respectivamente. No Brasil, tanto “fantasma” quanto “fantasia” são utilizados pelos profissionais da área para fazer referência a esse mesmo termo. (Cf. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Dicionário de psicanálise. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998).</p>
--	---

Quadro 20 – Nota terminológica

Original	<p><i>Au bout de treize mois, elle est admise dans un hôpital psychiatrique. Elle n'aura pas de casier judiciaire. Elle signe la levée d'écrou : « J'allais aller chez les fous... » Une ambulance la conduit au pavillon les Bleuets. (SEBBAR, 1978, p. 192)</i></p>
Tradução	<p>Ao fim de treze meses, ela foi admitida em um hospital psiquiátrico. Ela não terá um registro criminal. Ela assina a liberação da prisão: — Eu ia ficar com os loucos... Uma ambulância a conduziu à ala das Centáureas*.</p>
Nota	<p>*Flor nativa da Europa e Ásia, cujo nome científico é <i>Centaurea cyanus</i>. Pode apresentar-se nas cores azul, branca, rosa, vermelha ou roxa. Seu ciclo de vida é anual, ou seja, só floresce em uma estação do ano. No Brasil, também é chamada de “escovinha” e “marianinha”.</p>

Quadro 21 – Nota terminológica

Original	<p><i>La petite Fabienne, suivie de 1969 à 1973, est admise à l'hôpital pour dénutrition grave à 10 mois. Elle porte des ecchymoses, des griffures au visage, des brûlures au ventre. (SEBBAR, 1978, p. 206).</i></p>
Tradução	<p>A pequena Fabienne, em tratamento sob acompanhamento de 1969 a 1973, foi aceita no hospital por desnutrição grave aos 10 meses. Ela tem equimoses*, arranhões no rosto, queimaduras na barriga.</p>
Nota	<p>*“Equimose” é o nome dado a uma pequena infiltração de sangue no tecido celular, causada geralmente por uma contusão. Difere-se do hematoma pela menor quantidade de vasos sanguíneos que se rompem em decorrência da lesão.</p>

**CAPÍTULO 3 – MATAMOS AS MENINAS: UMA TRADUÇÃO  
COMENTADA**

Leïla Sebbar

**Matamos as Meninas**

*Um estudo sobre os maus tratos, abusos,  
assassinatos, incestos, estupros contra  
meninas menores de 15 anos, de 1967 a 1977,  
na França*

Tradução

Marina Donato Scardoelli

## **Preâmbulo**

... *É o amor da mamãe que eu preciso...*<sup>23</sup>

Essa obstinação de procurar, olhar — em textos, relatos, processos, testemunhos, cartas, entrevistas — o corpo violentado de meninas. Violentado de todos os lados, todos os buracos. Escutar todos os especialistas institucionais (justiça, polícia, medicina, assistência social) sobre as violências cometidas contra meninas. Eles viram, com seus próprios olhos, as marcas, feridas, fraturas... seus corpos mortos. Os cadáveres tímidos, cabeça esmagada, corpo exangue. Esqueleto. Putrefação. É a profissão deles.

Eu nunca vi uma menina agredida, assassinada, estuprada. Eu nunca apanhei, nunca fui estuprada. Eu podia, se quisesse, ter visto no necrotério o trabalho de autópsia no corpo de uma menina maltratada. A realidade física da morte, da violência, eu nunca quis tê-la sob meus olhos, nem vê-la com os olhos ou com as mãos (um corpo pode sempre ser tocado). Eu não pude. Eu teria desmaiado para não ver. Então por que ouvi-la, escutá-la, lê-la, vê-la também na realidade minuciosa da exposição dos fatos? Por que essa necessidade de saber como isso acontece exatamente, o que acontece e em qual ordem?... Eu assistia à cena se a leitura fosse precisa, detalhada, se escutasse a história contada, relatada. Quando as mulheres ou adolescentes falavam, eu não fazia perguntas: o relato vinha sozinho, ritmado pela voz, com o corpo quase rígido. Sem aparelho técnico como garantia da memória, eu mesma era o gravador, talvez para perder o traço físico daquela que falava, porque os corpos constituem um obstáculo?

A cena de violência repetida, dita, lida, descrita centenas de vezes, e apesar dessa reincidência, dessa acumulação obsessiva, da certeza de cada vez saber mais, de compreender mais a cada processo, carta, relato..., o que eu procurava precisamente quando tudo era apenas uma questão de dor, de morte — agressões em um corpo de criança, de menina. Eu exibo documentos, discursos, relatos. Sadismo, voyeurismo, masoquismo, exibicionismo também. Será que eu não era todas essas meninas obrigadas, mutiladas, forçadas ao silêncio... já órfãs de seus corpos? E o prazer, a emoção de ver, olhar, escutar, saber tudo isso sem a culpabilidade do ato assassino sobre um corpo real. Eu podia, sem riscos — já que o ato era puramente intelectual —, dissecar, conhecer sempre mais, examinar de todos os ângulos o corpo da menina. Corpo para destruir, destruído. A perversão do investigador, seu poder. A

---

<sup>23</sup> No original: “... *C’est l’amour de maman que j’ai besoin...*”. Notamos, em francês a falta do pronome relativo *dont*, que atenderia a regência da colocação *avoir besoin de*. Podemos interpretar esse “erro” como a fala de uma criança, que ainda não conhece todas as regras da gramática normativa e não as utiliza corretamente. Em português, optamos por uma estratégia de tradução que não atendesse à regência do verbo “precisar”, de forma que essa estranheza também fosse perceptível para o leitor ou a leitora brasileiros.



técnica do policial no interrogatório... a tenacidade do confessor na sombra do confessor, onde ele tende suavemente a falar tudo. A escuta silenciosa e tensa do psicanalista que induz a contar mais. A menina admiradora de segredinhos e que os sussurra na orelha, porque as confidências se fazem a dois... A comadre que fofoca no pé da porta, espia, sabe tudo e espalha, cria um rumor sobre as histórias que não podem ser contadas assim... Eu estive nessas posições. Na posição de quem busca saber a verdade, mas uma verdade particular, aquela que está atrelada ao segredo. O segredo do corpo e do sexo. Nós dizemos: guardar um segredo; os policiais dizem: arrancar uma confissão... ele acabou dizendo que... ele reconheceu... Ou então: “Eu consegui fazer ele dizer... Ele finalmente deixou escapar...”

Acabar com o segredo. Para qual verdade? Podemos ler os fatos, ouvi-los, verificá-los. Quais sinais eu leria, e qual seria sua realidade, seu sentido. O que me diriam esses fatos nunca ditos, ouvidos; sempre escondidos, em segredo, e que vinham à tona de uma só vez? Esses fatos relatados nas *crônicas policiais*<sup>24</sup>, que devem contar o incrível, o inacreditável, o escandaloso do cotidiano, da vida cotidiana. Questionar a crônica policial, interrogá-la para que diga, enfim, o que guardava em segredo... seria a verdade? Na paixão da crônica, tive que reconhecer, ao mesmo tempo, que a fascinação por sangue, merda, sexo, morte, dor, sofrimento de uma menina, essa necessidade imperativa de interpretar o sinal e levá-lo às últimas consequências, de mudar a crônica para dar-lhe sentido, tirá-la de sua seção, fazê-la sair dessas linhas sensacionalistas, sem nada perder da força, da violência, da emoção que a trazem para a “primeira página”, porque o que fascina também é que isso existe... isso aconteceu assim... Uma mãe maltrata e mata sua filha, um pai estupra e sodomiza a sua ou as suas filhas, meninos torturam juntos uma adolescente, homens solitários agredem meninas para estuprá-las ou matá-las... Menores que se prostituem ou que pornografizam. Tudo isso é verdade. É uma realidade comum. Eu queria fazer, ao mesmo tempo, uma radiografia da crônica policial — como fato de violência, ela não é tão arcaica e marginal quanto poderíamos imaginar — e colocá-la em relação com outros fatos reais, que eram apenas fatos reais da vida cotidiana. Essa conexão, essa associação, essa montagem dos fatos: crônicas, fatos da vida cotidiana, fatos da história, que permitiria uma leitura diferente da violência contra meninas. Fazer uma espécie de arqueologia dessa violência. O olhar direcionado para o caso o examina, o esmiúça. O problema provocado evoca na memória um outro caso, uma voz que poderia ecoar, um relato idêntico que poderia ter sido uma continuação ou o início de

---

<sup>24</sup> No jornalismo, *fait divers* são notícias curiosas, inusitadas e incomuns, caracterizadas por chamar a atenção dos leitores por sua excentricidade. São semelhantes às crônicas policiais, que apresentam notícias ou fatos baseados no cotidiano.

uma história criada em torno, a partir da crônica policial, e movendo-a, recolocando-a em uma História. Uma pré-história: a infância das mulheres, a história da menina como História das Mulheres.

Essa história, violenta como uma paixão, que liga uma mãe à sua filha, uma órfã à sua assistente social<sup>25</sup>, de mãe a filha. Esses socos dados no corpo de uma menina, porque é um corpo feminino e acariciá-lo seria correr o risco do amor... Então a mãe bate na filha, tocada apenas pela mão que a agride. Ela a mantém longe de seu corpo. Menina em exílio do corpo materno, da fala da mãe. Com os socos, a mãe quer provocar uma declaração de amor que ela não ouve, ouvir o segredo que lhe dá medo como esse corpo que não lhe pertence, que ela não reconhece: o seu, o da sua mãe, o corpo de sua filha. E para saber que ele existe, porque ela precisa de provas — essa menina não sabia se ela a desejava —, ela deixa marcas profundas, indeléveis. Ela intervém no corpo da filha para deformá-lo, destruí-lo, estragá-lo — não lembrará mais um corpo de menina com um sexo de mulher. Ou então, ela doa a filha ao amante e é ele quem a faz desaparecer, porque ela para de olhar. Ou ainda, ela deixa o homem que vive em sua casa sequestrar o corpo da filha para o próprio prazer. Privada do corpo materno — do amor da mamãe — ela deixa o corpo para o pai, padrasto, namorado da mãe, o sexo também, na boca, na bunda. Eles chamam isso de iniciação. Iniciação sexual. Amorosa? Nunca é questão de amor nessas histórias, mas das violências pelas quais o pai prepara sua filha — porque os rituais sexuais do incesto e os da prostituição no quarto, no segredo das cortinas, da sombra, do silêncio, são similares — para rentabilizar o corpo que ela não conhece, exceto os pontos sexuais: os mesmos, pelos mesmos gestos, nos mesmos lugares. Ela saberá aproveitar essas lições objetivas<sup>26</sup> porque ela está, de toda forma, morta em seu próprio corpo e ela pode usá-lo como seu pai usou, mas por muito dinheiro, não apenas por um bombom ou uns trocados. O corpo é dela, afastado por tanto tempo... Sua sexualidade... ela nunca soube que poderia ter uma sexualidade que não fosse inteiramente voltada para a de um homem: seu pai, padrasto ou um homem estranho em casa. Porque quando os meninos, em grupo, estupram uma menina, eles têm uma representação: a putinha para passar de um ao outro, para chupar, sodomizar ou deflorar com as pernas abertas em posição pornográfica. Eles encontram, assim, todas as figuras da pornografia em que a mulher consente: ela suporta torturas sexuais para o prazer dos homens. O prazer de um homem solitário e desconhecido é

---

<sup>25</sup> *Nourrice* é uma pessoa que cuida de uma ou mais crianças por um período limitado de tempo. Nesse caso, são assistentes sociais que acolhem crianças que não podem viver com a própria família, seja por escolha dos pais ou da justiça.

<sup>26</sup> Método de ensino popular no século XIX, que consiste em utilizar um objetivo físico como ajuda visual para explicação de uma ideia abstrata.

incitado também por um corpo de uma menina qualquer tirada da rua, da casa da mãe por violência ou sedução. Mas raramente por uma história de amor, o que quer que digam os pedófilos que escolhem meninas por sua doçura, para iniciá-las nas práticas sexuais que são as deles, e que eles impõem a elas sem lhes dar o tempo, o desejo de viver seu corpo; de conhecê-lo; de provar cada gesto, espaço, efeito; de escolher a expressão de uma sexualidade que se viveria pela autonomia, descoberta, aventura.

Essa violência sobre o corpo das meninas, mesmo que ela só seja exercida marginalmente, é muito mais comum do que imaginamos. Violência familiar, doméstica, patriarcal, arcaica, apesar do estado de desenvolvimento das sociedades industriais e da libertação dos costumes (liberdade sexual...). O corpo da menina marcado, desgraçado precocemente pela mãe como objeto sem valor, só serve para o lixo, a podridão, a solidão, a rua (como seu próprio corpo); esse corpo sexualizado cedo demais pelo pai proprietário do corpo de suas mulheres, seguindo os rituais prostitucionais; forçado pelos meninos como objeto pornográfico: esse corpo não é mais seu. Esse corpo não é mais um corpo. E se talvez ele lembrar que existe — carne, osso, sangue —, a menina que se tornou mulher impede-o de ter prazer. Ela dirá que é frígida, que escolheu a castidade ou a libertinagem. Ela se prostituirá. Ela será uma mãe agressora e infeliz em seu corpo, porque ela não escolheu esse corpo, com a sua história, nem o de sua filha.

Assim, a sexualidade feminina se basearia, como vimos, pela mudança da crônica policial, sobre a violência real e simbólica que é feita no corpo das meninas. Em casa, violência doméstica, secreta, silenciosa perpetuada de mãe para filhas e de pai para filhas; fora, de homens desconhecidos para a menina. Violência que produz na menina, depois na mulher, uma ausência do seu corpo, do seu desejo, da sexualidade, da vida em si, do amor. As mulheres que se pronunciaram, falavam de sua história como se fosse destino. Elas não existiam. Elas estavam sem origens e sem raízes. Exiladas nas margens. Seus corpos não existiam, elas não pensavam mais que podiam agradar, que elas, talvez, pudessem ter agrado. Elas não entendiam nem sua história, nem sua sexualidade, nem sua vida. Dominadas, dependentes. Elas tinham todas, como as meninas reais em um documento jurídico, policial ou médico, sido violentadas em sua infância. A representação que elas tinham da sexualidade feminina se separava em dois papéis fundamentais: a mãe que reproduz a vida em sua barriga e perde seu corpo, sexo e desejo; a puta que veste o corpo para expô-lo e vendê-lo — mulher privada, mulher pública — cada uma no esquecimento de seu corpo e de seu prazer.

Foi o Movimento das Mulheres que disse: as mulheres existem. Dito de outra forma. As meninas também. Que as meninas, as mulheres, suas mães, saibam que seus corpos lhes pertencem, que esse corpo é delas, que elas têm uma sexualidade, delas. Que elas não sejam manipuladas, dependentes, usadas. Que elas existam na insubordinação, na desobediência doméstica, civil, política... e as meninas não serão mais um corpo, um sexo para a violência, nem as mulheres. E as mulheres não serão mais violentas contra si mesmas, nem contra suas filhas.

## **O segredo dos quartos**

*Incesto*

## Ele achava que eu era a mulher dele

A mãe morreu. Ou foi embora. Ou está lá, em casa, mas não existe. Não a escutamos, não a vemos, e ela não vê nada. E se por acaso fala com ela, ela mal escuta. Além disso, elas nunca conversaram muito uma com a outra. Algumas palavras necessárias do dia a dia e pronto. A menina se assusta. Menstruação. Sexualidade, fazer um filho, é isso? A mãe não lhe disse nada. Ela não perguntou nada. Entendeu, como todas as meninas, as coisas ditas sobre... nos cochichos, nos risos abafados e em clima de segredo, nos olhares velados... Ela nunca entendeu muito bem. Nunca perguntou. Ficou lá, num canto da sua cabeça, da sua memória. Quando descobriu, pensou: “Olha... eu não sabia que... eu não achava que... eu não tinha entendido de verdade...” Quando ela conta, diz: “Quando aconteceu...” Como os pais abusadores referem-se ao acidente para falar da morte de uma criança<sup>27</sup>.

A filha quase não fala com a mãe. Afirma que é por conta da punição que sofreria, porque apanharia, porque é a mãe dela, uma mulher, e ela, a filha que virou mulher e mãe, por sua vez, pelo pai, o amante, o padrasto na cama da mãe... Ela não pode dizê-lo. Não pode dizer à mãe, se ela fala disso, que morre no leito conjugal, na maternidade e que é ela, a filha que acabou, ou ainda não, de se tornar púbere, a filha que saiu dela, ainda uma menina para a mãe, que deita no quarto da mãe, em seu lugar, pela vontade do homem que mora na mesma casa, que dorme na mesma cama... Então, se a filha fala, a mãe responde: mentira, sedução, provocação, vício. Culpa da filha: “Ela disse que era minha culpa.” Ou, então, cega e surda, ela se submete (e a filha também) à autoridade do homem, pai e marido: “Ele é o chefe, é ele quem comanda.”

Mas o chefe feudal, o patriarca, para seu comando diário, precisa de uma auxiliar permanente, fiel, inexorável: a violência. Violência comum, cotidiana, no segredo dos quartos. Não há relatos sem violência, ameaças, terror... Ele é o chefe, mas... o corpo da filha lhe pertence, como lhe pertence de direito o corpo de sua mulher, mãe de seus filhos, mãe da sua filha. Ele pôs os olhos sobre a filha ou a filha de sua mulher<sup>28</sup>. Essa menina, fruto de uma

<sup>27</sup> A palavra *enfant* em francês pode ser utilizada em diversas situações que nem sempre demarcam o gênero do referente. Pode-se dizer *une enfant* para uma menina, *un enfant* para um menino ou para uma criança sem gênero definido, ou *des enfants* no plural, forma utilizada tanto para o masculino quanto para o feminino. Essa forma no plural pode designar um grupo apenas de meninos ou de meninas ou ainda um grupo misto. Também quer dizer, em algumas situações, “filho(s)” ou “filha(s)”. Optamos, então, por usar “criança”, ao invés de menino ou menina, filho ou filha, para traduzir *un enfant*. Seguiremos a mesma estratégia para traduzir todas as ocorrências semelhantes.

<sup>28</sup> Em francês, a palavra *femme* pode significar mulher ou esposa, de acordo com o contexto em que é empregada. Como em português encontramos uma situação semelhante, pensamos, inicialmente em traduzir *femme* por “esposa” ao invés de “mulher”, na tentativa de atenuar o binarismo presente na língua, criticado pelo

aventura que ele legitimou, reconheceu, a quem deu o sobrenome, como um direito de existência. Deu-lhe a vida ou o sobrenome: ela vive, existe primeiramente para ele, também de corpo, inteirinha. E se o corpo resiste, ele a violentará, para impor seus direitos, porque pensa que é um direito que teve desde o nascimento, porque nasceu homem. Mesmo não ignorando que a lei, sob a qual exerce essa autoridade reconhecida pela mãe, o obriga a se esconder, correndo o risco de penas graves: se o pai recusa a interação, guardando a filha só para si, a sociedade corre um perigo, e é assim que ela previne esse perigo. O pai sabe, aquele que impõe à filha o silêncio mais absoluto. Ela é sua propriedade silente, como sua mulher: não fala nada, senão você vai pra prisão... “Se você falar, eu te mato... Se disser qualquer coisa, você vai presa e eu também...”<sup>29</sup> A filha se cala. Se ainda quiser ficar na casa da mãe. No dia em que passa a viver porque olhou à sua volta, além das janelas e das paredes dos quartos, foge, grita, vai prestar queixa e começa a falar. Para a polícia. Porque a mãe não quis escutá-la, porque um homem a amordaçou para que fosse sua mulher.

*Meu pai descobriu que eu tinha ficado mocinha*

Ela tem 12 anos quando a mãe sai do domicílio conjugal. Ela deixa a filha, um menino de 9, 10 anos, e o marido, o pai de seus filhos. Eles brigavam. Ela foi embora. A filha tem 18 anos em 1975, quando escreve para contar:

— Tive que cozinhar, fazer faxina, consertar roupas, fazer compras... Tudo que uma mulher deve fazer. Mas, além disso, meu irmão, com dois anos a menos que eu, sofria muito, e eu tentei criar ele e substituir um pouco a minha mãe, mesmo sofrendo também. Depois, meu pai descobriu que eu tinha ficado mocinha e me estuprou, me batendo até que eu não tivesse mais forças pra me defender. Não pude falar disso pra ninguém porque ele dizia que se eu falasse, mataria meu irmão, então eu vivia angustiada. Depois, ele se acostumou e toda vez que estava sozinho e sem mulher, voltava pra mim. Ele colocava o travesseiro em cima da minha cabeça pra que eu não gritasse e, pra que eu não mordesse, me amarrava na cama... Ele me fazia passar por poucas e boas, já que eu só tinha 13 anos... Quando contei pra minha mãe (eu tinha 16 anos), ela não me ajudou e disse que era minha culpa: fisicamente, parecia que eu

---

estabelecimento do gênero masculino como “neutro” e/ou “universal”. No entanto, acreditamos que Sebban tenha utilizado essa palavra propositalmente e, portanto, decidimos manter “mulher” também na tradução.

<sup>29</sup> A instituição à qual ele faz referência é a *Maison de correction*, que, a partir de 2002, foi substituída pelo *Centre éducatif fermé (CEF)*. Era responsável por acolher menores com problemas de disciplina e praticantes de pequenos delitos. Optamos por omitir o nome da instituição, utilizando uma forma mais corrente para esse tipo de construção.

era muito sensual e ataçava os homens, e várias vezes tentaram me agarrar à força. Aos 17 anos, eu tive depressão. Não podia mais suportar os homens...<sup>30</sup>

Ela tem relações com mulheres. Mas a homossexualidade lhe dá medo: tem prazer, mas tem vergonha. Encontra um garoto. Ele a escuta. Ela o vê todos os dias. Dormem juntos na mesma cama, mas, como ela diz, “ele não toca seu corpo”.

Numa noite, eles transam.

Depois, em todas as outras noites.

— Eu não senti nada. Fiquei imóvel, sem morder... Eu não tinha aversão ao contato do corpo dele. Me sentia bem, mas só isso, e como eu via que ele se esforçava, fiz cara de prazer. Ele acreditou...

Eles querem se casar. O pai exige ver o futuro marido da filha. Ele é contra o casamento:

— Ele disse que eu era dele...

Eles vão juntos ver o pai.

O pai tenta matar o noivo.

A filha pega uma faca para matar o pai.

O noivo luta contra o pai e o mata.

Ele é preso em Fleury-Mérogis<sup>31</sup>.

Ela vai visitá-lo três vezes por semana. Espera por ele. Casam-se na prisão. Ele tenta se suicidar: durante a greve dos correios, ficou três dias sem cartas dela.

Ela mora na casa da avó.

Não tem amigas.

Não vê nem a mãe, nem o irmão.

Ela espera por ele.

Na cozinha, na faxina, na manutenção da casa, na cama, ela substituiu a mãe, mas não teve crianças. Cuidou do irmãozinho como uma mãe, como essa jovem mulher de 28 anos que, depois da morte da mãe, criou seus irmãos e suas irmãs — ela era a segunda de doze irmãos. Seu pai, que a perseguia desde os 8 anos, como ela escreve (em 1975), dorme com ela logo que faz 13 anos:

---

<sup>30</sup> Procuramos manter um registro informal da língua, assim como no original. Para todas as ocorrências semelhantes, seguimos a mesma estratégia.

<sup>31</sup> A Prisão de Fleury-Mérogis está situada na região parisiense, na França. É o maior centro penitenciário da Europa.



— Como meu pai fazia filhos na minha mãe todos os anos, quando não podia mais ter relações sexuais com ela, me procurava. Além disso, eu detesto meu pai e o pior é que eu vejo ele sempre porque ninguém nunca soube dessa coisa que eu guardei pra mim até o mês passado... Ele me dizia: “Não conta nada, senão você vai pra prisão”, o medo me paralisava. Sem educação sexual, não sabia por que ele fazia isso comigo... Soube com 16 anos como se faziam os bebês, porque trabalhava em uma fábrica, as outras meninas falavam, e foi assim que aprendi. Eu fiquei na casa do meu pai pra substituir minha mãe e ainda tinha meus irmãos e minhas irmãs pra cuidar, o mais novo tinha só 5 anos... Quando ia no baile, conhecia garotos mas nunca paquerava eles mais do que uma noite porque tinha medo que eles me pedissem pra ser deles.

Ela se casou. Teve quatro filhos. Não diz nada sobre a relação com seu marido, suas crianças. Mas uma carta é para ser lida como uma carta: uma coisa escrita em um momento preciso do tempo e da história daquela que a escreve; uma coisa escrita com certa tensão para alguém que a lerá, e aqui, Menie Grégoire<sup>32</sup>, a quem essas mulheres falam em sigilo, num grande segredo sempre guardado, que elas não querem mais calar. Elas contam, então, em algumas páginas, os anos de infortúnio, inquietação, violência. Elas não falam do prazer. Dizem o que jamais puderam dizer anteriormente em meio ao desespero. Se tiveram prazer? Não ousariam dizer? Elas não escrevem como se confessassem, ainda que façam uma confidência a Menie Grégoire. Elas não têm que se culpar para, em seguida, expiar os pecados segundo o dogma. No entanto, enquanto contam, e no que contam, na escolha, nos esquecimentos, nas lacunas... em algum momento elas expiam. Falam de vergonha, de pai monstruoso, de horror, de ódio. Por causa do tabu transgredido? Viver o incesto e não somente fantasiá-lo<sup>33</sup>... isso deve ser devastador. Viver na violência, na intimidação, no silêncio, na vergonha, no ódio. Resta pouco espaço para o amor e para a ternura. É assim que as cartas dessas mulheres, sempre sozinhas com seu segredo, são cartas de violência que precisam ser lidas como tal, e pelo que dizem na ingenuidade, na espontaneidade, na falta de jeito, mesmo se não dizem tudo. Jamais escreverão tudo, e o que seria esse tudo? Essas cartas

<sup>32</sup> Jornalista e escritora francesa. Nos anos 1970, apresentou programas de rádio que tratavam principalmente de temas como psicanálise e sexualidade.

<sup>33</sup> *Phantasie*, termo utilizado por Sigmund Freud, designa a vida imaginária criada pelo sujeito e a maneira como este representa, para si mesmo, sua própria história. A palavra em alemão engloba dois sentidos diferentes: um conceito e uma atividade, diferenciando consciente e inconsciente. Na primeira tradução para o francês, foi cunhado o termo *fantasme* para a tradução da palavra alemã; *fantaisie* também passou a ser utilizado posteriormente, mas não havia diferença entre os dois termos franceses. No entanto, entre os pós-kleinianos, os termos *fantasy* e *phantasy* tornaram-se mais populares para diferenciar um registro consciente e inconsciente, respectivamente. No Brasil, tanto “fantasma” quanto “fantasia” são utilizados pelos profissionais da área para fazer referência a esse mesmo termo. (Cf. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998).

dizem o que os processos silenciam. Um processo conta um fato, e da menina não sabemos quase nada por meio dessa série de respostas ao interrogatório preciso, policial e judiciário, para estabelecer a verdade. Mas nessa história particular de um pai ou de um padrasto que toma a filha ou a filha de sua mulher como mulher, o que conta o processo policial e judiciário não é suficiente. Mas cada processo conta a brutalidade, as ameaças de homens acusados de violência, de estupro, de atentado ao pudor... O tirano familiar colérico, violento, que aterroriza seu clã para ser obedecido e confinar sua filha ou suas filhas no espaço habitual do estupro: o quarto maternal, conjugal. Por anos, no começo, mantém uma relação sexual com a filha mais velha — filha natural de sua esposa, legitimada ou não pelo casamento ou ato de reconhecimento (da paternidade) —, depois sucessivamente com cada uma das filhas, e muitas vezes a família vai aumentando, com mais filhas.

Quando a filha mais velha foge porque acaba de dar à luz a uma criança do pai ou do padrasto, quando ela presta queixa ou é interpelada, é nesse momento da investigação que a polícia descobre que as outras filhas também... Talvez por dez anos, o homem na casa exerce esse direito de posse<sup>34</sup> sobre sua linhagem feminina. Os peritos judiciais sabem e notam a invariabilidade de um processo de atentado ao pudor com ou sem violência ao outro, desse estado patriarcal, de abuso de poder do pai sobre as filhas — todas as filhas dormem com o pai. Desde a mais velha até a mais nova. Com a mais velha, ele tem relações completas. De preferência, carícias com as mais novas, entre 5 e 8 anos. Os juízes estimam que a filha se submete por medo, e que a violência é maior do lado dos pais legítimos que dos concubinos<sup>35</sup>: “às vezes, a violência é ao mesmo tempo moral e física”. De acordo com os juízes, a mãe tolera mais as relações entre o concubino e a própria filha do que entre pai e filha. Isso explicaria por que, na maioria das histórias lidas ou ouvidas, as filhas tiveram não apenas uma, mas várias crianças do padrasto, mais frequentemente que do pai. Porque mesmo que o tabu do incesto seja forte, quando se trata do pai natural ou do padrasto (pai legal, ou amante da mãe por vários anos), as crianças do padrasto, apesar do segredo que a mãe e o marido procuram sempre guardar, são mais toleradas pela mãe e pela filha. A filha vive a relação sexual com o pai ou o padrasto como incestuosa e culpada. Com medo, terror, segredo,

---

<sup>34</sup> Em Francês, *droit de seigneur* remete a uma cultura em que os senhores feudais tinham “direito” de tirar a virgindade das camponesas antes de seu casamento. No contexto brasileiro, a expressão “direito do senhor”, remete à escravidão e ao “direito” de posse que tinham sobre as mulheres escravizadas, em todos os sentidos. Optamos traduzir a expressão por “direito de posse” na tentativa de evitar que essa relação com a escravidão fosse estabelecida em português.

<sup>35</sup> Concubino(a) é uma pessoa que mantém relações sexuais fixas com outra pessoa, sem ligação matrimonial. Nos dicionários Caldas Aulete e Houaiss, há apenas o registro da variante feminina do termo, “concubina”, ainda com uma acepção referente à prostituição. Apenas o dicionário Aurélio mostra o termo em ambos os gêneros gramaticais, sem mencionar prostituição.

silêncio. A cumplicidade que pode se estabelecer em relação às crianças, por exemplo, é uma cumplicidade artificial que não a impedirá, no momento de uma fuga, de denunciar o pai de seus filhos... Como acontece com tanta frequência. Prova disso é o processo que se desenrolaria nos tribunais de Paris, em maio de 1977, noticiado apenas por *Libération*<sup>36</sup>, um dos raros jornais a reportar o caso.

*Vi um menino passar a mão na sua bunda: bati nela*

Maio de 1977. Tribunal Penal de Paris. Perguntamos ao guarda:

— Do que se trata?

Ele responde:

— Atentado ao pudor contra menor por ascendente.

Ele sabe de cor a fórmula jurídica. Ele esqueceu: “Menor de 18 anos”.

O juiz expõe os fatos. O homem está em pé, é possível vê-lo de longe por trás do portão, apumado, pronto para o tribunal: terno escuro, limpo, correto. Tez cinza, cabelos alisados. 50 anos. Marceneiro.

Bom trabalhador. Honesto, assíduo. Um pouco de Resistência<sup>37</sup> durante a última guerra. Sindicalista e filatelista.

Bom cidadão. Bom marido. Bom pai?

No canto direito, diante do advogado da parte civil, é possível observar um busto de costas, atarracado, de cabelos presos com um grampo. Um penteado de menina ou moça de periferia, comportada e séria. Dessas meninas que vão ao baile (ela nunca ou raramente ia ao baile: sempre muito vigiada, cerceada por seu padrasto), e numa noite, apenas numa noite, a vida delas é devastada, vulgarizada, vira crônica policial, na imprensa sensacionalista.

Ela está sentada. Com um casaco azul marinho de jersey. 30 anos. Triste. Ela escuta? Seu nome é Liliane.

O juiz fala, lê os relatórios de entrevistas.

O juiz expõe os fatos.

Ela conhece os fatos. Mas não declarou os mesmos fatos que seu padrasto. A verdade dele não é a dela. O juiz lê a realidade da entrevista, é ali que busca a verdade.

<sup>36</sup> *Libération* é um jornal de opinião diário, publicado pela primeira vez em 1973, na França. Teve como primeiro editor o filósofo e escritor Jean-Paul Sartre e, inicialmente, tinha um posicionamento de extrema-esquerda. Após a morte de Sartre, mudou o teor de suas publicações para uma linha socialdemocrata. Ainda hoje, é considerado um dos jornais franceses mais progressistas.

<sup>37</sup> Movimento clandestino que, durante a Segunda Guerra Mundial, atuou contra o Eixo e seus colaboradores no território francês desde o armistício, em 1940, até a Libertação da França, em 1944.

Ela falou sobre seu dia a dia. Nas declarações à polícia. Sobre sua vida com esse homem, sobre a mãe. A mãe vive com um homem que a reconheceu, ela, filha natural de sua mãe. Ele é seu pai legal. Ele não desposou sua mãe. Não queria. Não pôde explicar por que ao juiz:

— Por que o senhor não propôs o casamento à senhorita?

— Bom, Meritíssimo, quero dizer...

Ela é filha dele em nome da lei. O juiz diz:

— Sua filha...

Ele responde:

— É a reação normal de um pai, Meritíssimo...

Ele a criou como um pai.

É para si que guardou a virgindade dela. Vigiou-a dia e noite, seguiu, esperou, rastreou, confinou. Para que ela não fugisse. Para que os meninos não passassem a mão na sua bunda, como disse ao juiz:

— Me perdoe a expressão, Meritíssimo, eu vi um menino que passava a mão na bunda dela... não tem outro jeito de falar... enquanto um outro beijava ela na boca, contra a parede, então bati nela. É uma reação normal, Meritíssimo, quando um pai vê a filha...

Ele vai buscá-la no colégio, na Cooperativa onde ela trabalha... Ela não conhece ninguém. Não vê ninguém. Amigas do colégio, do trabalho... Algumas vizinhas já a viram com meninos da idade dela. Mas, dizem elas, não sabemos de nenhum namorado fixo. É uma menina séria. Mora com os pais. Sai pouco. Ele a controla constantemente. Ele sabe o que ela faz. Ela volta todas as noites para casa, ele está sempre lá, presente. A mãe também.

O juiz expõe os fatos.

O depoimento da filha. Do pai. Das testemunhas: família, vizinhos. Médicos, psiquiatras... Especialistas em análise de sangue, de esperma, especialista em psicologia, especialistas da verdade.

Eles dizem:

— Ela é idiota. Sem vergonha.

As declarações do pai foram registradas por escrito, o juiz as lê. Lê também as da filha.

Eles dizem:

— Retardada mental. Insolente.

Ela fugiu. Três vezes saiu do domicílio familiar. Escapou. Para ir aonde?

— Inconsequente. Irresponsável — eles repetem, incansáveis. Quem acredita neles? O juiz lê uma a uma as partes do dossiê.

Ele permaneceu de pé, as mãos cruzadas atrás das costas.

Ela fica sentada.

Ele responde às perguntas do juiz. Diz o que já está escrito. O juiz não desconfia de nada.

Ela não fala. O juiz não se dirige a ela. Ela escuta?

Foi depois da terceira fuga que a polícia... E a investigação começou minuciosa, precisa, meticulosa, obsessiva. Pela verdade.

Todos aqueles, aquelas que a viram, olharam para ela, se aproximaram dela, a ouviram, empregaram, examinaram... que falaram com ela...

Aquela que a criou, sua mãe.

Aquele que a educou, seu pai.

Eles ouvem a exposição dos fatos.

Ela não pode dizer nada. Não tem o direito.

Ele responde quando o juiz o interroga.

Ele escondeu, sutilmente, o sotaque de Toulouse<sup>38</sup>. Ao qual se misturam a entonação, a sintaxe da periferia parisiense.

Ela, não a ouvimos. Ela nunca falou. Sabemos o que ela disse à polícia, aos especialistas que servem à justiça — nada é esquecido. Tudo foi anotado, levado em consideração. Quem já a escutou com essa atenção, essa preocupação de não perder nada do que dizia? Quem escreveu cada palavra como se fosse num livro? Ela releu e assinou — foi tudo o que disse. Escreveram tudo. É a verdade. Ela podia ver, ler o que tinha dito exatamente.

Essas três crianças, quem as fez?

Ela teve três crianças. O primeiro está empregado. Ela cria as duas últimas na casa de seus pais.

Ela ficou grávida.

Ela deu à luz.

Em segredo. Dizia-se: “É uma priminha...” Eles contavam histórias, o pai e a mãe. E ela?

---

<sup>38</sup> Cidade situada no sul da França, às margens do rio Garona. O sotaque dos nativos dessa região francesa é muito característico, principalmente por conta da sua relação com a língua occitana, utilizada antes do francês pelos falantes sulinos. Pela grande diferença na pronúncia de algumas palavras, muitas pessoas dessa região sofrem preconceito e são ridicularizadas em outras regiões francesas.

Ela sabia que eram suas crianças. Dela. O pai?

— O senhor sabe, Meritíssimo, zelar pela reputação de uma filha... não é fácil... as más línguas... as fofocas... Filhos sem pai. Mãe solteira...

Ele a acompanhou até Genebra para o aborto. Duas vezes. Na primeira, não deu certo. Na segunda, funcionou.

— Foi o senhor e não a mãe, repito — diz o juiz —, que a conduziu a Genebra. O senhor pagou um quarto para duas pessoas. Um quarto com duas camas. Com sua filha de 18 anos?

— Exatamente, Meritíssimo. Era uma questão de dinheiro, o senhor sabe...

Ela teria quatro crianças.

Do mesmo pai?

Eles dizem que ela andava com garotos.

Ela disse — no relato escrito — que ela só conheceu um homem, o pai de suas crianças. Ele conta, o pai — o juiz lê os textos do processo — que sua mãe e ele a procuraram em todo lugar, ela não voltava para casa, não ia mais ao colégio. Perguntaram aos vizinhos, às amigas, aos colegas de classe, ninguém sabia. Eles estavam apreensivos. Era sua primeira fuga. Ela nunca tinha saído assim, sem voltar. Chovia. Quando voltou, dois, três dias mais tarde, suas roupas não estavam molhadas — é o pai que destaca, de pé, com as mãos nas costas, repete:

— As roupas dela estavam secas, ela não tinha dormido na rua. — Ela havia encontrado uma outra casa. No banheiro, despiu-se. — Quando a mãe entrou, notou algumas manchas na calcinha dela. Perguntou pra Liliane o que era, ela respondeu que tinha sido estuprada.

Foi o que o pai que disse.

Então, o juiz:

— E o senhor não prestou queixa? Sua filha diz que foi estuprada e o senhor não faz nada?

O pai:

— Não pensamos, Meritíssimo. A mãe dela e eu ficamos arrasados de verdade; o senhor precisa entender.

Uma criança nasceu, nove meses mais tarde. (Ela acaba de fazer 16 anos.) Depois, mais duas.

Ela trabalhou.

A Cooperativa a despediu. Sem reclamações no trabalho. Nem atrasos. Nem faltas. Com marcas no corpo, em partes que os clientes poderiam ver. O chefe de seção tinha notado machucados, várias vezes. “Para os clientes, tinha um efeito ruim.”, foi o que disse em seu depoimento. Era preciso demiti-la.

Ele batia nela, o pai.

Ela era preguiçosa. Não queria voltar para casa. Era mal-educada com a mãe. Ela a corrigia de tempos em tempos. Ele era o responsável por sua educação. Então... é o pai quem responde às questões do juiz.

— Um dia — lê o juiz —, foi sua filha que contou, o senhor entrou no quarto dela, ela estava deitada, o senhor quis obrigá-la a ter relações com o senhor. Ela recusou, o senhor a agrediu, ela se debateu, o senhor tirou um revólver, ela gritou, o senhor saiu... Como isso aconteceu, exatamente, pode dizer?

— Claro, Meritíssimo, eu lembro muito bem. Fui até o quarto dela pra pedir que ela acordasse. Ela não queria ajudar a mãe, fiquei com raiva e fiz um gesto brusco. O abajur caiu, eu tinha um copo de vidro na mão, ela achou que fosse um revólver, mas era um pedaço do abajur. Depois, eu saí pra ir pro trabalho. Foi isso o que aconteceu, Meritíssimo.

Liliane presta queixa contra seu pai. Em julho de 1969. O caso é julgado em 1977. Ele é condenado por atentado ao pudor contra uma menor de 18 anos por ascendente, a dois anos de prisão, dos quais 14 meses foram suspensos. Ficou preso de agosto de 1969 a julho de 1970.

Após o caso, ela saiu de casa para morar em outro lugar com suas duas crianças. Num pequeno apartamento. Fazia bico. Uma vida solitária, vergonhosa, difícil. A mãe não a ajudou. Implicitamente cúmplice do padrasto. Liliane teve que, logo que se tornou maior, se apresentar à justiça para escapar, após tantos anos de abusos, maus-tratos, estupros... Tentativas de suicídio, fugas sucessivas, nada pôde colocar um fim a esse estupro familiar que durava e frutificava (Liliane teve três crianças).

As cartas nos informam, melhor que os processos, o desenrolar da história. Uma mulher de 65 anos escreve em 1976 que “esse grande segredo envenenou sua vida, toda sua vida”: “Eu praticamente nunca conheci a felicidade. Quanto ao prazer físico, isso sempre, ou quase sempre, foi angustiante. Eu tinha 11 anos quando meu próprio pai abusou de mim... Eu morava sozinha com ele (minha mãe morreu quando eu tinha 2 anos)...”

Aos 15 anos, ficou grávida. Aborto.

16 anos, segunda gravidez. Aborto.

17 anos. Terceira gravidez. Uma criança nasce e vive até os 14 meses. Como morreu?...

“Ele achava que eu era a mulher dele... Eu não podia ver nenhum menino. Eu não reagia. Por quê? Não sei... Isso durou mais ou menos dez anos.

“Ele morreu. Foi o dia mais bonito da minha vida.

“Nunca fui feliz... eu fingia ter prazer sexual pra dar prazer pro meu marido.”

O marido morre. Ela tem uma pequena loja para criar a filha. A filha se casa com um homem que bebe, e ela o abandona. Divorcia-se e vai morar com a mãe: “Nós duas estamos bem (sem homem) em casa...”

Protegidas dos homens pelos muros de uma loja, mãe e filha vivem juntas, unidas e cúmplices, duplamente fortes contra a agressão. A mãe, aquela que escreveu a carta, ousou escrever: “Ele morreu. Foi o melhor dia da minha vida...” Jacqueline, que conta sua longa história com o padrasto, não esperou a morte do marido da mãe. Ela o matou. Após oito anos de vida em comum.

*Duas palavras me passaram pela cabeça: matar ele*

Jacqueline tem 32 anos. Paletó, calça de tergal. Ela é grande e magra. Fala muito.

Treze meses de detenção. Nove meses de hospital psiquiátrico. Ela mora em um vilarejo com suas duas últimas crianças e o pai delas.

Numa noite, ela foge e deixa as crianças no orfanato:

— As crianças berravam. Eu, fria como uma morta...

Na volta, está à beira de um ataque de nervos e as crianças estão insuportáveis:

— Fiquei com medo por meu mais velho. Achei que ele fosse ficar louco. Ele tinha crises absurdas que duravam quase o dia todo. Quando terminava uma, começava outra... Quando o pai chegava, ele se acalmava. Ele não gostava de mim.

Ela não cuida mais da casa nem das crianças. Ao marido, diz:

—Eu sou uma carrasca<sup>39</sup> de crianças. Vão me prender, torturar, eu vou terminar nessa cruz...

O marido é um velho detento:

---

<sup>39</sup> *Bourreau*, em francês, significa “carrasco” ou uma “pessoa cruel que maltrata outras pessoas”. No entanto, é uma palavra que não existe no gênero feminino na língua francesa, e a mesma forma é utilizada tanto para designar homens, quanto mulheres.



— Eu sabia que ele não era um santo. Mas eu era o quê? Confiei nele. Tentamos ter uma vida com nossas duas vidas mutiladas. No começo, era tudo lindo... Depois de seis meses...

As crianças foram confiadas ao padrasto. Vivem num hotel. Ela está grávida de três meses. A fuga durou um mês e meio.

— Eu sentia que alguma coisa não estava dando certo... Essa vida em mim... tirava minhas forças... Quando eu contei pra ele, ele quis rasgar minha barriga. Ele não estava completamente errado. Eu estava pagando por essa fuga. Eu sabia que eu morreria quando nascesse. Meu marido me mataria se eu tivesse essa criança. Essa vida em mim... Eu queria ela morta. Não comia. Emagrecia. Se queria uma criança anormal? deformada?...

Numa noite de Natal, ela perde sangue. No hospital, cirurgia:

— O que iam tirar da minha barriga?... Acordei. Não tinha berço nenhum do meu lado. “O que vocês acharam na minha barriga?”

— Nada. Pedaçõs de placenta. A senhora não perdeu nada em casa?

— Não.

Ela diz que, desde que nasceu, estava destinada ao escândalo. Aos 18 anos, a mãe, filha de pequenos comerciantes, mora com os pais. Ela tem uma filha. Sem ter se casado. A filha é Jacqueline.

— Eu nasci pela Assistência Social<sup>40</sup>.

A mãe não a abandona.

— Eu me arrependi... Se tivesse procurado a Assistência Social, nada disso teria acontecido... Mas estava escrito... Quando eu era pequena, eu dizia: eu nunca vou ser uma grande pessoa como as outras.

Com o avô, ela vai fazer as compras para o café da manhã, na carroça. Eles trazem café, água com gás, vinho. Nessa cafeteria, ela é meio que a filhinha de todo mundo. Sua mãe trabalha lá. Faz para ela vestidos, casacos, blusas... Até a chegada do noivo da mãe, é feliz. Ela tem 6 anos quando a mãe lhe apresenta o futuro marido:

— Ele era bom, educado, elegante... isso qualquer um devia ser.

Fazem uma grande recepção. Ela vê esse senhor que deverá chamar de pai.

— Minha mãe amou ele. Ele adora esportes. Bebe. Faz de tudo. De noite, ele chega bêbado. Faz a maior cena. Eu gritava: “Vou chamar a polícia.” Pra proteger minha mãe, a

---

<sup>40</sup> *Assistance publique* é um sistema francês que oferece ajuda do Estado aos cidadãos.

gente empurrava a mesa grande de carvalho (ela tinha rodinhas, esculpida) pra todos os lados da sala.

Os avós colocam a casa à venda<sup>41</sup>. A mãe vai para a cidade com o marido. Um menino nasce, é criado pela avó.

Jacqueline tem 12 anos. O avô morre.

Ela vai morar com a mãe, que teve sete meninos.

Ela tem 14 anos e vive trancada em um apartamento pequeno, ela, a vagabunda — ela sempre morou na roça como uma menina selvagem, conhecia cada riacho, cada campo, arbusto, caminho. E o calvário no fim da estrada de terra...

O padrasto é raivoso, ciumento — boêmio. Com ela, ele mostra “uma gentileza indecente e terrível”. Ele é um déspota.

— Tudo o que tinha de melhor era pra ele. Ele adorava estar bem vestido, principalmente nos fins de semana, quando ele saía. Ele ia pro baile como se fosse solteiro. Voltava bêbado. Batia na minha mãe e culpava ela pelo passado dela.

Ele a vigia. Até sua avó quando vai ao trabalho.

— Ele tinha um jeito indecente comigo, um jeito indecente de me beijar — não como um padrasto — um jeito de me atrair até ele. Eu nem sabia mais como me comportar. Se saía, era com ele... Se tentava recusar, ele pegava minha mãe. Eu amava minha mãe. Ele era um tirano. Eu não conhecia ninguém. Nem conversava com ninguém. Nem minha mãe. Se eu fosse embora, seria pior pra mamãe. Ele queria me fazer acreditar que queria meu bem. Ele me agarrava, me virava de costas na cama quando minha mãe não estava olhando.

Um dia, ela leva um soco que a deixa desfigurada por uma semana. Era destinado à mãe dela. Ela sonha em ser como as meninas da sua idade. Iria embora com o primeiro que aparecesse. Ela engasga.

— Eu sentia que, de uma maneira ou de outra, eu teria que passar pelas patas dele.

Ela tem 17 anos. Ela só sai com ele, sempre. Deve agir como se fosse sua mulher, dar-lhe o braço como se fossem um casal. Em segredo, lê *Intimité*:

— Era a única coisa que me alegrava.

Com ela, ele age como um noivo. Gentil. Atencioso. Cuidadoso. A mãe percebe. Fecha os olhos. Ela deveria ter me avisado. Ela não me disse nada e eu não podia falar mais nada.

---

<sup>41</sup>No original, “*les grands-parents mettent la maison en viager*” (SEBBAR, 1978, p. 187). A expressão *mettre en viager* significa colocar um imóvel à venda, de forma que o pagamento seja feito mensalmente, até a morte do vendedor.

A mãe vai para o hospital. Dez dias.

— Ela foi sem me dizer nada. O que deveria acontecer aconteceu — minha vida era insuportável, eu não seria nunca uma mulher como as outras. Eu estava começando a morrer.

A mãe volta.

O padrasto trata Jacqueline como sua coisa, empurra-a para dentro do banheiro para beijá-la. A mãe os surpreende. Não diz nada. Ela dorme sozinha. Sobe ao primeiro andar com as crianças:

— Eu tinha que continuar dando o que ele queria no quarto da minha mãe.

O padrasto a ameaça, se ela contar à mãe. A mãe teima para que ela fale. Ela diz que vai embora. Ele toma uma atitude:

— Nós vamos embora, sua filha e eu.

Raiva da mãe:

— Numa manhã, ela jogou todas as minhas roupas em pleno quintal, na frente de todo mundo, e também a mala do meu padrasto. Eu tinha sido expulsa com ele.

O padrasto arruma a garagem. Coloca um colchão. Vida em conjunto. A mãe aciona a assistente social. Mas a filha tinha acabado de ficar maior. Ele faz parecer um amor casto. Tornam-se nômades por alguns meses. De casa em casa. Nas periferias.

— Ao meio dia, a gente comia nos parques... Eu nem ousava olhar pra ninguém. Eu devia ter me jogado debaixo de um trem, como minha mãe tinha me dito. Depois de tudo o que ela tinha feito por mim... era uma vergonha...

Ela morou com ele por seis meses. Ciumento. Violento. Ele bate nela. A primeira criança, ela não a queria:

— Como ele apareceu, tinha que ficar com ele...

Feliz, apesar de tudo:

— Eu tinha alguém pra mim... ele dizia que não era dele.

Ele bate nela regularmente.

Segunda criança.

Tentativa de suicídio com gás.

Terceira criança. Uma menina. Sala dos prematuros, incubadora:

— Era por causa de uma incompatibilidade no sangue... Era uma linda bonequinha, de olhos verdes.

Ela não viu a mãe de novo. Uma vez, elas se cruzaram, a mãe a tratou como lixo.

Quarta criança.

Ela não tem mais forças. Descuida das crianças. O bebê não quer comer. Chora o tempo todo.

— Eu tinha medo por ele, pela vida dele. Eu pegava minhas crianças, colocava elas do meu lado. Abri o gás. Queria ir embora com elas.

Ela lê as crônicas policiais no jornal. Na região, uma série de crimes. Seu padrasto tinha dito à assistente social das crianças que ele a mataria numa dessas quatro manhãs...

— Eu começava a andar no sol. Minhas narinas apertavam quando ele falava comigo. Duas palavras me passaram pela cabeça: matar ele; eu não queria que ele sofresse. Nem queria ver o sangue. Eu pensei em estrangular ele com uma das gravatas dele. A poltrona reclinável que servia de cama pra uma das crianças tinha uma barra pra regular a altura do encosto. Uma barra de madeira bem grossa. As crianças iriam pro orfanato. Elas seriam bem cuidadas. Eu iria pra prisão, mas estaria aliviada. Andei todas as noites em volta da cama enquanto ele dormia. E depois, naquele domingo... Ele chegou no meio da noite. Bêbado. Ameaçador. Exigente. Eu deixei ele dormir. Levantei a barra pra cima dele. Não conseguia. O bebê começou a gemer. A barra caiu.

“Várias vezes.

“Ele se virou, colocou as mãos na cabeça. Tinha acabado.

“Eu disse pra vizinha: ‘Chama a polícia. Acabei de matar meu marido.’ A polícia chegou.

“Deixei minhas crianças com a antiga assistente social. Voltei com os policiais, peguei as crianças e coloquei elas no orfanato. Abandonei elas. Elas não choraram. Eu também não.”

Custódia. Palácio da Justiça.<sup>42</sup> Casa de detenção.<sup>43</sup> Barulho de chaves. Cela.

Ela trabalha ensacando peixes. Depois, na lavanderia da prisão dos “homens”. Lavar, passar, remendar. Elas são quatro inseparáveis: uma menor fugitiva pega no tráfico de drogas; uma mãe agressora; uma emissora de cheques sem fundos; e ela. Uma delas lê cartas para ela, em troca de sacos de peixe:

— Ela me dizia que eu teria um grande amor na prisão...

Primeira carta da mãe.

— Eu ia rever minha mãe!

<sup>42</sup> O *Palais de Justice* está localizado em Paris e ocupa quase 200.000 m<sup>2</sup>.

<sup>43</sup> A *Maison d'arrêt* é um local onde os(as) prisioneiros(as) aguardam julgamento. Lá também são mantidas as pessoas condenadas a penas curtas, de menos de dois anos, além de pessoas que esperam vagas em outros presídios.

A cada semana ela vinha ver a filha. Suas crianças estavam com uma família no campo. A assistente social mandou flores do jardim junto com as cartas.

Foi no camburão que transporta os detentos homens e mulheres para visitas médicas que tudo começou. Um detento passa-lhe um bilhete que ela esconde no sapato. No banheiro, ela lê: “Eu te desejo boa sorte... Um amigo que pensa em você.”

— Alguém pensava em mim!

Na semana seguinte, uma carta. Ele cumpre uma pena de vinte e oito meses. Deve sair logo. Ela nunca o viu. Somente o mensageiro. Ele estará no próximo grupo.

No camburão, ela repara em um homem grande, impressionante, que “lembra John Wayne mais jovem”, ele fala abertamente com os policiais.

O mensageiro disse:

— É o grandão, ali em frente.

— Era ele... eu estava encantada.

Ele se senta perto dela. Eles conversam. As cartas, ela as esconde nos macacões. Alinhava-as por dentro das costuras.

— Nós contamos as nossas vidas um pro outro... eu quase escrevi um diário íntimo...

Promessas. Projetos... Se os pequenos anúncios especiais do sábado tivessem existido... Lemos, rapidamente, o mesmo pedido... Quatro, cinco anúncios de prisioneiros por página, no jornal *Libération*. E a cada vez, o prisioneiro acrescenta: aceito crianças. Um exemplo: “Tenho 36 anos. Não recebo correspondência e queria muito conhecer um pouco da felicidade e do sol nas próximas cartas. Aceito qualquer correspondente, moça ou mulher jovem mesmo com crianças, com a esperança de refazer um lar feliz.”

Ele ainda disse que os filhos dela também seriam dele, que eles dois criariam um lar feliz, partindo do zero... Que ele esperaria...

Depois de treze meses, ela foi admitida em um hospital psiquiátrico. Ela não terá um registro criminal. Ela assina a liberação da prisão:

— Eu ia ficar com os loucos...

Uma ambulância a conduziu à ala das Centáureas<sup>44</sup>. A mãe a visita. Ela está numa relação com um homem mais novo. A filha também conta dos seus amores.

---

<sup>44</sup> Flor nativa da Europa e Ásia, cujo nome científico é *Centaurea cyanus*. Pode apresentar-se nas cores azul, branca, rosa, vermelha ou roxa. Seu ciclo de vida é anual, ou seja, só floresce em uma estação do ano. No Brasil, também é chamada de “escovinha” e “marianinha”.

Num domingo, recebe a visita do detento encontrado na prisão. Ele está livre. A mãe mensageira traz novidades à ala. Depois, mais cartas. Ela descobre, enfim, que ele está no hospital por causa de um acidente.

— Eu ficava mais preocupada com ele do que com as minhas crianças. Quando penso nisso, teria sido melhor se tivesse entrado num convento.

Suas crianças, ela nunca mais as tinha visto:

— Eles estavam preocupados em me mostrar minhas crianças.

Eles chegaram numa manhã.

— Eu corri como uma louca... fui procurar brinquedos... Lembro que meu mais velho pulou em mim. Eu caí de joelhos. Como pra pedir perdão pra ele. Ele sempre me amou... Eles me disseram que ele tinha ficado chocado mesmo assim. Ele tinha 5 anos. Ele estava dormindo quando chegou. Mas precisou acordar e entendeu. Ele estava lá... Ria pra mim. Tinha me perdoado. Mas estava com um olhar triste. Os três últimos me reconheciam. Minhas crianças sempre foram minhas... Eu estava aliviada.

Seu namorado anda de muletas. Vem visitá-la. Depois, vem o silêncio. No hospital psiquiátrico, colocaram-na numa ala fechada. Ela não aguenta mais:

— Se mexem comigo, eu desabo. Não tenho quase nada pra me sustentar. Eu sento numa poltrona e não me mexo mais. Estava engordando. Comia de tudo, não importava o quê. Beliscava a comida dos outros. Fazia estoques.

Depois de nove meses, ela vai do hospital para uma casa de recuperação:

— Eu tinha que refazer minha identidade.

Sem novidades do namorado.

Ela se inscreve em um curso de corte e costura.

No dia das mães, recebe um cartão postal. Descobre que ele está na prisão por quatro meses. Ela tira dinheiro da poupança. Envia para ele o dinheiro.

Num sábado à tarde, seu namorado liberto volta. Ele mudou. Ainda anda de muletas. Tem o rosto marcado. Com amigos, ele festejou sua saída. Está bêbado.

Por oito anos ela morou com ele — seis meses de felicidade, sete anos e meio de inferno.

Ela tem dois meninos — “a cara do pai”. Ele bate nela.

Ela o deixa.

1977. Passou na “SOS Mulher/Alternativa”<sup>45</sup> para se informar, procurar ajuda também. Suas crianças são enviadas para lá. Ela encontrou trabalho e um namorado com quem entrou numa relação. Ela tinha na mão uma sacola de compras:

— Preciso entrar. Pra fazer a janta. Quando não está pronto, ele fica bravo. Bom. Já vou...

*Ele comprava sangue e colocava nas toalhinhas*<sup>46</sup>

As crianças nascidas dessas relações de incesto nem sempre sobrevivem. Frequentemente, morrem na barriga da mãe. Educadoras de uma casa de acolhimento materno<sup>47</sup> contam que uma jovem de 20 anos chegou grávida de seis meses. Tinha sido levada para uma instituição aos 13 anos. A mãe incapacitada morava com o padrasto, e esse padrasto, a filha detestava. Ela fugiu. Por causa da gravidez, ela refugiou-se numa casa de acolhimento materno. Durante uma visita, a ginecologista diz que a criança está morta. Ela precisava muito ir, dizia, a um casamento no interior. No sábado e domingo. Ela precisava estar lá. Durante dois dias, ela bebe, dança, diverte-se. Na volta, vai ao hospital onde o parto é induzido. Ela volta à casa de acolhimento materno, livre da criança morta. Diz que tudo correu bem e que ela mesma está em ótima forma. Durante alguns dias, ela fica com as mulheres que fazem o pré-natal. Ela as apavora. Não para de dizer:

— Cuidado! Escutem bem a barriga de vocês. O bebê pode estar morto. Escutem de novo. Vocês têm certeza que o coração está batendo. Vocês têm que observar o tempo todo. Senão a criança morre e a gente nem sabe. Se não fizerem isso, vocês vão ficar com um bebê morto aí dentro...

As jovens enlouqueceram. Ela lhes dava medo.

Aborto induzido. Abortos sucessivos. Crianças natimortas. É muito frequente quando a criança expelida é do pai legítimo, ela é empurrada para fora da barriga da mãe — criança, morta ou para morrer. Como uma menina tão nova pode tolerar, desamparada, sozinha..., uma criança do incesto, da violência, do não desejo? Como viver com a testemunha permanente de uma violência imposta ao corpo e que produziu, contra sua vontade, um corpo novo para

<sup>45</sup> A SOS Femme/Alternative é uma associação de acolhimento para mulheres vítimas de violência, oferecendo alojamento para elas e suas crianças.

<sup>46</sup> As “toalhinhas” foram muito utilizadas por mulheres para absorver a menstruação nos séculos XIX e XX. Eram faixas de tecido dobradas em três partes, que podiam ser lavadas e reutilizadas.

<sup>47</sup> *Maison maternelle* é uma casa de acolhimento para jovens mulheres grávidas ou com crianças em situação de vulnerabilidade social. Essas mulheres, frequentemente, enfrentam problemas de violência na família ou com o companheiro.

viver, amar, tocar?... É assim que essas crianças, se não são afastadas no nascimento, abandonadas, se de certa forma resistiram à morte, essas crianças viverão no ritmo das angústias maternas, depressões, crises, fugas, mudanças e mais mudanças que irão sofrer porque a mãe luta também contra a própria infância de menina maltratada pela mãe, estuprada pelo pai — a mãe cúmplice: é o chefe, é ele quem manda... Até que aos 22 anos ela se salva ao escapar da tortura parental.

— Diariamente, minha infância está lá... e eu não consigo criar minhas crianças.

Ela não as suporta. Quer confiá-las a uma organização, mas não conhece nenhuma. Essas crianças não são do pai dela. Ela é casada. Tem duas crianças.

— Estou destruindo minhas crianças devagarinho...

Ela as deixará. Como A. M..., essa adolescente cuja amiga conta a história numa carta a Menie Grégoire, deixará sua filha.

A. M..., órfã de pai há 2 anos, foi deixada para adoção pela mãe até os 5 anos. A mãe se casa de novo e recupera a filha. As carícias do padrasto começam quando ela tem 7 anos. Ele a obriga a masturbá-lo. De 7 a 14 anos, ele não para de impor a ela relações sexuais em segredo. A mãe não sabe de nada. Aos 14 anos, ela fica grávida.

O padrasto comprava sangue e colocava nas toalhinhas para que a mãe não suspeitasse de nada.

Por suas faltas, foi convocada com a mãe ao colégio. Foi expulsa. A mãe descobre que ela está grávida. Mãe e padrasto tentam em vão fazê-la abortar.

Ela dá à luz a uma menina.

O padrasto continua dormindo com ela.

Ela presta queixa. Ele é preso.

A mãe enxota a filha e sua menina.

Tentativa de suicídio. Hospital.

A amiga a revê. Ela dorme com todos os meninos que aparecem. Ela quer dar a filha para adoção.

— É mirradinha e triste — ressalta a amiga; como essa menina nascida de um incesto, sobre a qual uma vizinha dizia:

— Essa pequena tinha alguma coisa que não era normal... Ela nunca ria, estava triste, tinha alguma coisa que não ia bem... como se ela não fosse amada.

Retrato da menina da infelicidade, tal qual se faz sob o olhar e discurso populares sobre tudo que não é conforme: as crianças diferentes, não como as outras, são necessariamente infelizes... Ditados populares normativos, mas que dizem também, de alguma



forma, a verdade. A verdade de uma criança cuja mãe não a quer, simplesmente. Ela diz que ama, apesar de tudo, mas seus gestos, seu corpo dizem o contrário. A história de Jacqueline com suas crianças (as quatro crianças do padrasto dela) é, em relação a isso, exemplar. Ela as queria consigo, felizes... é impossível. Ela recusa as crianças, apesar dela e de cada um de seus gestos — até o gesto final, assassino, definitivo —, repele-as, para longe de si, sempre mais longe até o encarceramento e a separação, ela na prisão, e elas no orfanato, depois com uma assistente social no campo... Para ela, como para muitas das mães divididas, o único sinal de reconhecimento é que as crianças ainda dizem mamãe. A carga afetiva, passional, dessa palavra para mulheres que se separaram de suas crianças, é tanta que mães bateram, maltrataram, espancaram mortalmente uma criança porque esta não podia pronunciar mamãe.

— Ele me chamava de senhora... Não aguentei... — dizia uma jovem detida por ter quase matado a criança que não a chamava de mamãe: ela ficou dos 6 meses aos 3 anos com a assistente social.

Pierrette conta sua história. Ela está na prisão por roubo. Ela fala e, pouco a pouco, descobre-se a razão de sua revolta. Ela é acusada, aprisionada por roubo, e ainda seu itinerário assemelha-se estranhamente ao das outras mulheres: menina de orfanato. Família numerosa. Partida do pai. Padrasto violento. Fugas. Gravidez. Aborto. Abrigos. Fugas. Partida da mãe. Relação com o padrasto. Ela substitui a mãe. Nascimento de uma menina. Ela parte para longe com a filha. Ela é presa por roubo por causa dos irmãos...

*Aos 13 anos, eu entendi mais ou menos que ele se aproveitava de mim*

Pierrette é grande e loira. Diz:

— Aqui a gente engorda.

Ela cruza seu casaco sobre os seios e a barriga. Tem a pele muito branca. Olhos estreitos e afiados. Vai fazer 20 anos. (Dezembro de 1977).

Não sei por onde começar. Minha vida é toda uma história. Meus pais se separaram quando o último — a gente era seis — morreu. Não sei como ele morreu. Meu pai estava sempre aqui ou ali, revendia caixotes, caixas, caixetas nos mercados. Minha mãe avisou ele sobre meu irmão. Ele não veio. Nunca mais vimos ele em casa. Minha mãe colocou a gente numa pensão. Comprou um caminhão pra fazer o mesmo trabalho, mas sozinha. Minha mãe era corajosa, trabalhadora.

Ela se envolveu com um cara que tinha um circo. Ele tinha uma mulher e uma filha. Ele ficou com a minha mãe. Minha mãe queria ter a gente com ela. Ela tirou a gente da pensão. Eu fiquei lá mais tempo do que os outros, não sei por quê. A gente aprendeu números de circo. Eu não tinha ido na escola. Não muito. Eu aprendi a ler aos 9 anos. Pra mim, era o cavalo. Cavaleira<sup>48</sup>. Eu dava umas voltas, gostava muito disso. Meu padrasto tinha leões — minha mãe é domadora agora. Um dia, eu estava sozinha com a minha avó. Eu precisava vigiar os leões. Eu limpei as jaulas, não aguentava mais nada disso. Os leões brigavam. Eu precisava separar eles com um garfo de jardinagem. Eu pouco ligava que eles se matassem. Eu não suportava mais fazer isso. Nem fui lá ver. Um leão tinha rasgado a cauda do outro. Era uma catástrofe pro circo. Não podíamos ganhar mais com ele. Sacrificamos ele, o outro também. Nem sei o que ele tinha. Quando meu padrasto viu isso, ele me trancou por vários dias numa espécie de quarto que ficava em na parte de cima do acampamento. Pra me punir. Minha mãe concordava. Minha mãe também era brava. A gente tinha que obedecer. Ela nunca estava lá. Ela saía, assim, com um, com outro. Eles discutiam o tempo todo. Eu fugia. Em Paris, eu tinha encontrado um menino legal — eu devia ter 14, 15 anos. A gente se encontrava sempre, mas eu não podia ficar com ele por muito tempo. Eu também saía. Como minha mãe. Eu tinha uma amiga. Ela era da Assistência Social. Eu fui com ela pra todo lugar. A gente andava pelas ruas sem nada. A gente se virava. Não tivemos nenhuma história com caras nas caronas. Nunca fomos estupradas nem nada. Às vezes, a gente encontrava uns amigos. A gente não ficava muito com eles. Quando eu voltava, ia ver meu namorado. Ele me dizia: “Você ainda está metida com ela?” A gente era só amiga, eu e ela. Quando a gente dormia na mesma cama, a gente não fazia nada. Com ele, eu não tomava a pílula. Quando eu descobri que estava grávida, contei pra minha mãe. Ela quis tirar, eu não, ele também não. Esqueci como, fui parar numa clínica depois de um aborto espontâneo. Duas vezes eu fugi de um abrigo onde eu estava trancada. Em um tipo de quarto que me colocaram sozinha, isolada. Eu não podia ficar lá dentro. Eu disse a mim mesma: você vai ver... minha velha. Eu tirei a massa dos vidros. Pulei o muro, estava na estrada. Uns

---

<sup>48</sup> Existem duas formas em português para designar a mulher que anda a cavalo: “cavaleira” e “amazona”. No entanto, a segunda forma era utilizada antigamente para designar a mulher que montava a cavalo, com as duas pernas do lado esquerdo, trajando uma saia longa. Esse termo é derivado da vestimenta utilizada por essas mulheres nas montarias. Atualmente, “cavaleira” é a forma mais corrente para designar uma mulher que monta a cavalo, participa de provas de hipismo, etc., enquanto “amazona” vem adquirindo um sentido mais figurado.

policiais me pararam. Eu disse que ia ver meu pai. Eu dei o endereço. Eu fiz uma voz de menina perdida. Eles acreditaram. Eu reencontrei meu namorado. Eu falei pra ele da criança. Eu fui embora com a minha amiga. Nós fomos pegadas pelos policiais não sei mais por quê. Na delegacia, ela quebrou tudo, tudo. Em pedaços. Ela foi pra um hospital psiquiátrico. Eu não queria deixar ela. Eu fui colocada com as crianças deficientes. Foi terrível. Ela era maior. Eu fugi. Eu voltei pra casa da minha mãe. Eu ia pra casa do meu pai de vez em quando. Pra pegar dinheiro. Minha mãe e meu padrasto, não era possível esse circo. Eu queria morrer.

Um dia, eu estava sozinha. Eu estava de saco cheio: não gostava de ninguém, não queria fazer nada. Eu quis me matar. Eu pensei nos leões. Eles poderiam me despedaçar em alguns minutos. Eu deitei perto da jaula. Mas eu disse a mim mesma que eles me arranhariam inteira, principalmente no rosto. Eu tive medo que eles me desfigurassem. Mesmo que eu estivesse morta. Uma espécie de vaidade, sabe? Eu sabia que meu padrasto tinha uma carabina. Eu atirei uma bala na minha barriga. Foi minha avó quem me encontrou. Eu não estava morta.

Meu namorado estava sempre lá. Ele queria morar comigo. E eu não conseguia deixar de sair. Na última vez, ele me disse: “Se você for, acabou.” Eu saí com a minha amiga, sempre ela. — Quando eu penso no que ela me fez depois, pela minha filha e tudo... Quando eu sair daqui, sei onde encontrar ela... Nem sei o que eu vou fazer, mas eu tenho certeza que de uma maneira ou de outra... enfim. Quando eu voltei, meu namorado estava noivo. Ele ia se casar, a menina estava grávida.

Na casa da minha mãe, era... Bom. Eu fiquei desesperada, não esperava mais nada. Eles brigaram, minha mãe foi embora. Eu fiquei sozinha com meu padrasto e meus irmãos e minhas irmãs. Eu não podia abandonar eles. Eu substituí um pouco a minha mãe. Numa noite... Eu lembro de uma vez em que disse pra minha mãe — mas ela não acreditou, sempre disse que eu mentia — que meu padrasto me tocava assim pra brincar. Um pouco em todo lugar. Isso durou por muito tempo. Eu não entendia muito bem o que ele fazia, deixava ele fazer. Com 13 anos, eu entendi mais ou menos que ele se aproveitava de mim, isso começou a me enojar. Foi aí que eu falei pra minha mãe, mas ela não acreditou. Ela sempre me deixou sozinha nos momentos ruins. Ao mesmo tempo, é verdade que ela fez de tudo por nós... Então, numa noite, meu padrasto veio me ver — eu estava com meus irmãos no meu trailer — ele mandou meus irmãos saírem e disse que queria falar comigo. Nós

conversamos por muito tempo. Ele disse que era apaixonado por mim desde sempre, que nunca amou minha mãe, que se eu quisesse — eu tinha 16, 17 anos — ele me levaria, nós iríamos pra Espanha ou outro lugar com a caravana e o circo. Nós iríamos os dois pra longe. Ele se casaria comigo. Nós seríamos felizes. Eu não falava nada. Ele me disse isso várias vezes, dizia que me amava. Paixão. Amor irracional. Eu não dizia que amava ele. Eu não amava. Finalmente, eu dormi com ele. Eu me deixei levar. A gente fazia isso às escondidas. Minha mãe voltou. Ele queria colocar ela pra fora, não queria mais ver ela. Eu disse que se ele não ficasse com a minha mãe, eu iria embora. Minha mãe descobriu. Ela fazia como se não fosse verdade. Eu não podia tomar a pílula por causa da minha barriga, da bala, da operação, tudo. Isso estragou tudo. Eu fazia isso... Não sei... Eu nunca gostei muito, eu nunca foquei muito nas relações — eu sempre fui uma menina muito séria e quando eu fugia não era pra transar —, eu não pensava que podia ter uma criança. Acontece que eu tive. Eu queria acabar com aquilo, eu fiz de tudo. Minha mãe não quis. Eu continuei.

É minha filha.

Quando eu tive ela, desfiz de tudo. Eu fui embora com ela. Nós estávamos as duas sozinhas. Por dois anos, eu trabalhei que nem louca, por ela. Eu não queria mais. Eu tinha deixado ela numa assistente social — eu era garçõete. Eu conhecia a assistente social. Eu sabia que minha filha estaria bem com ela, estava feliz. Eu morava sozinha. Eu não conseguia encontrar um cara. Eu saía com eles, saía muito, fazia com que acreditassem, prometia isso, aquilo, eles me diziam que queriam casar comigo, que cuidariam da minha filha, eles traziam presentes para ela... Eu mandava eles de volta, não queria. Nem os presentes, nem o dinheiro, nem as promessas. Isso continuou assim por dois anos. Até o dia em que minha mãe veio me buscar. Pra que eu voltasse. Eu voltei. Meu padrasto não estava lá. Minha mãe foi embora quase em seguida. E eu fiquei sozinha com minha filha e toda a família — irmãos e irmãs — pra cuidar. Meus irmãos faziam besteira. Minha amiga se meteu com o meu irmão, aquele que está aqui perto, na prisão de Fleury. Ela dizia que queria se casar com ele. Eles queriam qualquer coisa, de qualquer jeito. Eles foram pegos. E eu estava lá por causa dos dois. Caiu tudo nas minhas costas. Minha amiga disse que cuidaria da minha filha. Minha mãe não quis ficar com ela. Eu descobri que minha amiga fugiu. Ela deixou a pequena com uns amigos. Um casal. Eles não escreveram. Eu acho que ela está bem com eles.

Quando eu sair, eu nem sei o que eu vou fazer. Eu estou revoltada com tudo, com todo mundo. Parece que eu vou explodir...

Minha filha, sei lá.

*Ele me deu um soco... Eu nunca superei*

Christine também se separa dos corpos das crianças que ela teve com o amante de sua mãe. Separação violenta, radical, já que ela está na prisão, e, além disso, deixou morrer um menino de 3 anos, enterrado secretamente por seu marido e ela. Assim que ela faz 10 anos, sua mãe a obriga a ficar em casa para cozinhar, limpar... Não vai muito à escola. Aos 13 anos, toma conhecimento do amante da mãe que logo será o amante da irmã. Ele é gentil com ela, protetor. Ele vai buscá-la na escola, faz promessas. Ele a escuta. Ela acredita. Precisa acreditar que alguém a ama. Tendo começado a trabalhar aos 14 anos, foge com o amante da mãe e da irmã. Está grávida. De volta à casa da mãe, é colocada no Bom Pastor<sup>49</sup>. Transferida de uma casa de acolhimento materno, ela dá à luz ao primeiro filho, Christophe. Passa num teste de costureira, depois volta para a casa de sua mãe e casa com o amante, que conhece o filho. Refugiados num centro, são expulsos. A criança é internada por decisão judicial. Um segundo menino nasce com o Serviço Social Infantil<sup>50</sup> — a mãe alega que é um pequeno deficiente. Ela nunca procurou vê-lo, disse à educadora da prisão. Aos 3 anos, Christophe é retirado da assistente social pela mãe sob ordem do pai:

— A gente fugia, ia pra todo canto, num *trailer*, nós vivíamos de cheques sem fundos do meu marido...

Ele sequestra Christine. Ela é colocada numa armadilha. Ainda quando estavam casados (ela tinha 17 anos), o amante tinha preparado para ela uma casa com cadeado e fechadura para trancá-la. Ele é reincidente. Faz promessas como os prisioneiros às detentas, promessas epistolares, todas muito parecidas. Pode-se ainda ler essa carta de um detento de Coutances<sup>51</sup> a uma detenta encontrada no serviço geral: “Tem uma coisa que eu quero que você saiba, meu docinho, as crianças vão ficar com a gente. Eu quero que elas fiquem em

<sup>49</sup> A Congregação Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor é uma organização religiosa católica, atualmente presente em todo o mundo, fundada no século XIX pela Santa Maria Eufrásia Pelletier. É dividida em dois grupos: o primeiro, denominado “Irmãs Contemplativas do Bom Pastor” vive em clausura conventual e dedica-se principalmente à oração; o segundo, “Irmãs Apostólicas do Bom Pastor”, atende mulheres e crianças vítimas de maus-tratos e pobreza, trabalhando para reintegrá-las à sociedade.

<sup>50</sup> *Aide sociale à l'enfance (ASE)* é uma política pública francesa que promove ações de prevenção e suporte para famílias em dificuldades psicossociais, além de cuidados para crianças que, por razões diversas, não podem morar com suas famílias. É semelhante ao Conselho Tutelar brasileiro.

<sup>51</sup> Coutances está situada no departamento da Mancha, na Normandia, ao noroeste da França.

casa, no quarto, com a mãe deles. Quero que elas sejam felizes. E eu sei, meu docinho, que você vai ser feliz com todo mundo perto de você. Nem é mais questão de te ver trabalhar que nem louca. Você vai ter muitas coisas pra fazer em casa, com as crianças e seu marido. Eu quero poder, minha querida, curtir você o máximo possível. Agora, dona de casa...”

Eles sempre falam de um futuro construído sobre novas bases, de raio de sol, de felicidade familiar com a criança ou as crianças da mulher desconhecidas para ele, mas já reconhecidas e amadas desde a cela da prisão...

Acabou de sair, sequestrou de novo Christine nessa casa onde até as janelas ficam trancadas. Ele bate nela e a ameaça de morte. No trailer, ele continua a bater nela. Ele se recusa a chamar um médico para Christophe, que adoece:

— Assim, ele sabia me atingir. Uma vez, eu desobedeci ele e ele me deu, com muita força, um soco no estômago que me deixou no chão por uma meia hora. Eu entendi. Nunca mais superei. A criança morreu por falta de tratamento. Nós mesmos enterramos ele num cemitério.

Ela foi presa.

Grávida, dá à luz a um terceiro menino, em 1972. Ela o mantém na prisão, até os 18 meses. Condenada a quinze anos de prisão. Separação mais uma vez e por vários anos dessa terceira criança nascida de um pai brutal, violento, que se apropria do corpo das mulheres — mães, filhas, irmãs — porque, simplesmente, ele é um homem. Christine não o matou como Jacqueline fez com seu padrasto. Ela matou de verdade uma de suas crianças, e simbolicamente os dois outros. Ela morreu para suas crianças, pela violência, pelo estupro incestuoso. A irmã de Christine teve um caso com aquele homem. Depois, casa-se e tem crianças que ela abandona para morar com um homem que sai da prisão. O cartão que ela envia à irmã é de tal neutralidade — como os cartões que são enviados aos prisioneiros por via oficial — que ao lê-lo, essa mesma banalidade abala. É um gatinho que mia. “Minha querida irmã. Esse cartão é para dar boas notícias. Espero que esteja tudo bem com você e que não tenha acontecido nada grave, porque a mamãe recebeu sua carta ontem e te enviou a autorização que você pediu... Hoje é domingo e o tempo está nublado. Chove, é sempre assim. Sua irmã que te ama e te quer bem.”

Mais dez anos de cárcere.

Suas crianças, em dez anos?

Na prisão ela tem um caso com uma mulher. Elas dizem que vão esperar, se precisar, toda a vida.

É lendo essas histórias, precisamente, que o olhar se aguça sobre outras histórias contadas no momento do drama. O prontuário médico da pequena Fabienne não revelaria nada que um prontuário de hospital pudesse dizer se a leitura fosse linear e o olhar, médico, simplesmente. É verdade que o prontuário não se reduz a um simples relato do fato médico. O prontuário fornece informações sobre a história da mãe de Fabienne, a mãe dela, a vida da mãe com os homens que conhece... A pequena Fabienne, em tratamento sob acompanhamento de 1969 a 1973, foi aceita no hospital por desnutrição grave aos 10 meses. Ela tem equimoses<sup>52</sup>, arranhões no rosto, queimaduras na barriga. A mãe mora com um rapaz que não é o pai da pequena Fabienne, com quem ela teve uma pequena relação de passagem. Ela tem cerca de 18 anos. Ela mesma é filha de mãe solteira. O pai não a reconheceu. Ela não o conheceu. A mãe se casa. Aos 5 anos, é enviada para uma assistente social. Ela foge. É enviada para uma casa por questões de saúde e depois, dos 7 aos 12 anos, para um internato. Quando ela volta para a casa da mãe, está casada novamente. O prontuário faz uma alusão rápida e discreta a uma tentativa de estupro do padrasto contra a filha de sua mulher. A filha trabalha numa fábrica aos 15 anos.

Empregada doméstica aos 16 anos, depois assistente social, ela deixa a vaga, grávida. O amante a teria abandonado ao descobrir a gravidez. Ela não ousa contar para a mãe, que descobre por uma vizinha. A mãe tentou fazê-la abortar sem sucesso. É numa casa de acolhimento materno que dá à luz Fabienne. Diz que queria um menino. A pequena nasce por cesárea: desde o nascimento, ela marcou o ventre materno. A ferida da mãe, a ferida no ventre, é uma menina que a provoca. A mãe impede a filha de amamentar a criança. Ela obedece. Assim como obedece quando ela aluga uma quitinete para controlá-la melhor e obrigá-la a enviar sua filha para a assistente social.

Ela trabalha de novo numa fábrica.

Encontra um rapaz que não trabalha.

Ela mora com ele. Briga violenta de mãe-filha:

— Eu te odeio, nunca te amei — diz a filha à mãe...

---

<sup>52</sup> “Equimose” é o nome dado a uma pequena infiltração de sangue no tecido celular, causada geralmente por uma contusão. Difere-se do hematoma pela menor quantidade de vasos sanguíneos que se rompem em decorrência da lesão.

A filha maltratará a própria filha, a pequena Fabienne, e será ela mesma agredida pelo amante. É a avó materna de Fabienne que denuncia a filha ao Conselho Tutelar<sup>53</sup>. Ela quer a prisão de sua filha, a supressão dos direitos maternos e a guarda da menina.

Depois do hospital, Fabienne é enviada para o berçário<sup>54</sup>. Depois para uma assistente social. A mãe, que cometeu várias tentativas de suicídio por todos esses anos, visita-a com certa regularidade. Ela deixou o amante. Trabalha. Casou-se, e o marido reconheceu Fabienne como filha natural. A relação da mãe com a filha é difícil — “Você vai ver, vão te colocar num internato se você não se comportar... Sou eu que mando.” — Sobretudo quando a estadia na casa da mãe dura mais do que o normal. Por outro lado, com a segunda filha, legítima, a mãe parece feliz, calma. Mais gentil do que com Fabienne.

Uma história tão longa, contada em detalhes, para dizer, sem grande risco de erro, que, por um lado, a mãe de Fabienne teve a filha mais provavelmente com o padrasto do que com um homem de relacionamento casual, mesmo que o segredo esteja guardado lá no fundo com a cumplicidade da filha, apesar da preocupação destrutiva da avó. E que, por outro lado, são numerosos os elementos próprios dessa história, a qual pudemos ler em outros relatos, que permitem pensar que o padrasto terá com Fabienne, de volta à casa da mãe, por sedução, cumplicidade, provocação da filha contra a mãe, talvez, uma relação incestuosa (lembramos da história de Antoinette, dentre outras também). Observamos um efeito de espelho trágico e fascinante. Uma história em que tudo se liga numa imagem especular Mãe-Filha, e o olhar permanece preso no tempo da repetição, um tempo imóvel e mortal.

Meninas mortas em seus corpos, mulheres mortas no prazer, na maternidade, porque um homem, pai ou padrasto, na mesma casa por tanto tempo, fez crescer essa fantasia da filha gerar uma criança dele — é o que diz a psicanálise — o pai... E a fantasia dele? O corpo da menina cresce sob o olhar atento do homem que deseja a filha; deseja sua virgindade, seus pelos que acabaram de nascer, seus seios desabrochando enquanto ela se torna mulher, e ela se torna mulher e mãe sem conhecer o próprio desejo, porque é a violência masculina, paterna, que fala, e é ele que penetra primeiro o ventre virgem. A mãe estava com esse homem ou com outro na origem de sua vida, porque foi dela que ela nasceu; o homem será, originalmente, amante e pai. O primeiro amante. O primeiro pai das crianças de sua filha. Será que ela queria viver essa realidade? E vivê-la na violência? E se outras a vivem no estado de

---

<sup>53</sup>Os termos *Brigade de mineurs* ou *Brigade de protection des mineurs* designam uma divisão da polícia responsável por investigar as infrações contra menores de idade, bem como por preservar e proteger a infância e a adolescência.

<sup>54</sup>*Pouponnière* é um espaço que recebe crianças até três anos que, por algum motivo, não podem ficar com a família, nem em um ambiente familiar monitorado. Difere-se de uma creche por funcionar dia e noite, e também nos finais de semana.



fantasia em sua própria mente, ela a viveu no próprio ventre, pela penetração, gravidez, aborto e parto. Não seria toda menina, de alguma forma, objeto desse desejo do pai — esquecida do seu próprio desejo — de tocar, atingir, e quase sempre à força, porque a violência faz par com o desejo, um corpo que toca por sua juventude e doçura, porque repete o corpo da mãe, sua mulher, que, um dia, ele talvez tenha amado.

## **Ele me chamava de Maria-Rameira<sup>55</sup>**

O homem na casa nem sempre engravida as mulheres e meninas de sua família. Quando a filha não substitui a mãe, a mulher desse homem, por ser quase sua mulher e mãe, por sua vez, ela está lá presente para ele, para excitar seu olhar, mexer com seu corpo, fazê-lo tremer, ele vibra em torno dela, sobre ela, suas mãos, seu pênis na clandestinidade do quarto e da noite. É ele que vai, no escuro, lá onde ela dorme, no quarto dela e na cama dela. A cama da mãe, ele a deserta e deixa sua mulher talvez adormecida, e se ela acorda, não vê que ele não está mais em seu lugar perto dela, que os lençóis mal estão amarrotados? Ela não sabe que ele se levantou suavemente, sem luz, Tateando sem barulho para que ela não acordasse, para que ela não fizesse perguntas? Talvez ela também fique em silêncio porque sabe que, no fundo, se ele não engravida sua filha, ele pode levá-la embora. Ela é dele. E se ele não é o pai, já disse: “No fundo, eu não sou o pai dela”, mesmo se ele declara em seguida ao perito que fez de tudo por ela — que nem era sua filha — por sua instrução, educação, e ressalta “Mesmo que ela me chamasse de pai...” A autorização tácita da mãe, sua cumplicidade silenciosa a fazem crer que se trata quase de um presente. Se a mãe se abrigou no silêncio — salvo na hipótese em que ela não quer mais esse homem na casa, e agora ele fará de tudo para persegui-la porque ela não tolera mais sua presença perto dela e não porque ele dormiu com a sua filha — é que ela sentia seu corpo envelhecer, corpo usado, gasto, culpado de não ser mais mulher o suficiente para o marido. Na filha — a filha se parece com ela, mais nova, vigorosa, flexível —, ela vive o desejo daquele que a deixa, durante a noite, para ir até a cama do quarto ao lado, e ela sabe bem aonde ele vai e o que vai fazer, mesmo se a filha não ousa lhe dizer nada porque ela não a escutará, porque não quer entender a recusa, a ansiedade, a confusão. Quando fica sozinha à noite, na cama, a filha deveria agradecer por este lugar. Não é somente por medo do escândalo e das perseguições judiciais que ela fica em silêncio na casa. Talvez até quando ela não está presente para olhar, assistir ao espetáculo da filha com seu marido, seu amante, ou para brincar ela mesma com essa cena doméstica (o que acontece com mais frequência do que se pensa) ela permanece acordada para surpreender, escutar, saber através da parede o que se passa do outro lado, e se ele repete o mesmo jogo erótico que fazia com ela, quando ela ainda era um corpo em desejo, um corpo desejável. O silêncio é precioso para a mãe, para manter na casa o homem e suas filhas. Sair da casa da mãe... Porque mesmo que seja o homem que trabalha pelo dinheiro do aluguel, do sustento, da criação das

---

<sup>55</sup> *Garce* em francês é a uma forma pejorativa de se referir a uma mulher que tem uma vida sexual livre. Optamos por essa forma que tem uma conotação parecida em português.

crianças, é a casa da mãe. Para sair de lá, é preciso um tempo tão longo que mesmo as filhas fugitivas retornam. Sair da casa da mãe arranca-lhes as raízes. E a mãe agarra a cama da filha como lugar de união do homem e da filha. Eles estão lá com ela. Eles não irão embora, ou a partida será uma ruptura tão radical, que a filha vai querer se matar, verdadeira ou figurativamente, e o pai afastado brutalmente de suas mulheres será entregue à justiça, ao encarceramento ou à errância.

*...Todas as meninas faziam isso com o pai*

“Segundo as declarações da jovem Raymonde, desde o ano de 1975, seu pai vinha deitar com ela em sua cama enquanto a sua mãe estava dormindo e continuava a se masturbar diante dela, obrigava-a, sob ameaça, a lhe acariciar o pênis. Ele chegava igualmente a fazê-la chupar seu pênis [...]. O acusado reconheceu os fatos relatados [...]. Ele afirma jamais ter feito ameaças e nunca ter tentado manter relações sexuais completas com a criança [...]. Convém ressaltar que ele se declarava culpado de fatos similares contra três de suas sobrinhas, atualmente maiores de idade.” Se o caso não tivesse “vazado”, a convivência clânica teria atuado tão fortemente, que as primas nunca teriam falado. É assim que o olhar do pai-tio se estende sobre um domínio, sempre familiar, mas maior que aquele da única irmandade: a filha de sua mulher, depois suas filhas, até a última e, nas férias, as primas de suas filhas. Elas cochicham, contam em grande segredo, dizem à mais velha, sem saber que ela também se calou com relação a essa história, até o dia em que isso é dito: sob queixa da mãe ou da filha, ou de um parente.

O que o requisitório definitivo não relata, porque deve condensar o caso, é a declaração completa da filha durante a audição. Desde que ela fez 10 anos — ela tem 16 no momento do inquérito —, seu pai lhe impõe, à noite, um ritual erótico que a enoja:

— Eu não conseguia mais suportar essas relações... eu não queria mais ver meu pai, ele me dá nojo e medo... Ele vinha de noite, no meu quarto, enquanto minha mãe dormia. Ele acariciava o pênis na minha frente até que saísse um líquido branco [...]. Ele me obrigava a tocar o pênis dele... Ele tocava nos meus seios e no pênis. Ele dizia que isso era normal, que todas as meninas faziam isso com o pai. Ele também enfiava o dedo na minha vagina. Ele continuava a se masturbar na minha frente e me mandava masturbar ele também. Eu sempre recusei, exceto duas ou três vezes sob ameaça. Quando eu disse que não queria mais, aos 13 anos, ele me disse: “Se você contar pra sua mãe, eu te mato.” Eu sempre tive medo dele.

Ela explica, claramente, após uma pergunta do inspetor de polícia, que ainda é virgem e que nunca teve relações sexuais com um menino. Porque ela teve que, para a precisão do inquérito, se submeter ao exame ginecológico obrigatório, praticado pelo médico legista (e talvez várias vezes, seguindo as necessidades do inquérito judicial). O que se mede nesse exame do hímen da menina? Queremos saber se o pai foi o primeiro? Se houve ou não penetração por coito vaginal ou simplesmente penetração digital? Para a menina, é um estupro a mais. Para o pai, uma justificativa — ela não era mais virgem — sua filha aberta por outro que não ele mesmo, a inocente. Para o juiz, se a filha é virgem, é uma menina séria, senão é uma safada. Ouve-se dizer:

— Ela gostava dos meninos, saía com um, depois com outro, era fútil, era uma menina fácil...

Com frequência, logo depois de uma fuga, a adolescente encontra-se nessa situação com meninos que ela encontra por aqui ou por ali. Raymonde resiste ao exame médico. Ela se fecha, sua vagina impede o dedo científico e jurídico no seu avanço contra essa parede imaginária. Todavia, sua mãe faz um certificado assinado pelo médico da família que aponta:

- um hímen provavelmente ausente, mas sem sinais de ruptura;
- o toque ao dedo mostra uma permeabilidade do orifício vaginal;
- sem sinais de violência na região perianal.

Um médico legista fala das centenas de meninas que examinou:

— Elas tinham — disse — sido usadas pelo pai e era possível constatar o esgotamento das paredes vaginais. Numa menina, o hímen é uma membrana muito fina, não expansível. Ele quebra e a parede vaginal exterior também. É muito doloroso, mas a cicatrização ocorre sem problemas.

O médico contava também que tinha encontrado em três irmãs o mesmo hímen:

— Por penetração digital, o pai as tinha dilatado progressivamente, seguindo o mesmo método...

### *Acordei com o pênis dele na mão*

O exame médico de Raymonde é impossível. Portanto, o médico legista não pode concluí-lo. Dominique, uma adolescente de 13 anos, que fala de sua angústia numa visita ginecológica, diz:

— Eu, em frente ao gineco, nem me incomodaria de ficar pelada. Mas tenho medo de ele me bolinar, se ele me olhar por lá, se me tocar e tudo... isso me lembraria meu pai...

E M...:

— Enfiam um negócio na sua vagina pra ver lá dentro... pra analisar. Eu não gostava muito. Machuca. Eu tenho uma amiga, ela pediu que o gineco fosse uma mulher, porque ela falava que tinha medo dos homens.

As fantasias das meninas sobre o “gineco”, sua resistência, seus medos... tudo isso Raymonde viveu de verdade, como Dominique, porque o olhar do pai paira sobre elas, ele as elegeu, preferiu. Esses sinais que as privilegiavam sexualmente, talvez as tenham encorajado de alguma forma e até certo momento... até que elas compreenderam que essa eleição erótica pode, para elas, produzir aflição, desespero, e isso no momento da adolescência e da brutal consciência de viver sob pressão, quando a violência não está presente a todo momento. Além disso, se houvesse gritos, seriam sufocados, e a menina, de início surpresa e depois resignada, será que ela pensaria em gritar? Na audição das primas, as três irmãs, acariciadas pelo tio quando eram pequenas, aos 10, 11 anos, o silêncio cúmplice diz muito, talvez apavorado — elas não dizem — e talvez por toda uma noite. A mais velha:

— Durante as férias na minha avó materna, eu dormia com meu tio porque não tinha lugar na casa da minha avó. Ele me obrigava a dormir na mesma cama, a masturbar ele, todas as noites. Ele me acariciava, mas eu não tive relações sexuais com ele. Eu contei pra minha mãe e pra minha avó, não fui mais na casa do meu tio.

A mais nova:

— Numa noite, eu dividia um quarto com meu primo e com a minha priminha. Meu tio entrou no quarto e colocou o pênis dele na minha mão. Ele me obrigou a masturbar ele segurando minha mão...

A última:

— Foi num acampamento. De noite, uma hora eu acordei com o pênis dele na mão. Ele se masturbava segurando minha mão no pênis dele...

Fantasias de meninas? Talvez, se o processo da polícia não desse a versão do pai-tio. É frequente que os pais neguem ou voltem atrás em suas declarações, é frequente também que, sob pressões diversas, a menina mesma faça uma outra declaração, dê outra versão dos fatos.

O perito ressalta:

— A menina é duas vezes vítima: na primeira vez, do pai ou do padrasto, e depois da mãe, que faz pressão pra que o caso seja abandonado ou que a filha retire a queixa...

O pai de Raymonde reconhece os fatos. Reconhece ter obrigado a filhas e as sobrinhas a masturbá-lo. Todavia, acrescenta:

— Não era sempre eu que ia dormir com a minha filha. Algumas vezes, ela que vinha e eu aproveitava esse momento. Eu acariciava os seios dela, as coxas, a vagina [...]. Não sei dizer as causas desse comportamento com a minha filha e as minhas sobrinhas. Tudo que posso dizer é que tive prazer.

E do lado das meninas, o prazer? Elas nunca falam disso. Talvez no divã? Mas lá também se guardam segredos. Silêncio. Silêncio. Segredo profissional... Talvez o prazer do segredo... Sabe-se que as meninas são apaixonadas por segredos, cochichos no escuro, próximos e cúmplices, cantos escondidos, ocultos ao olhar, de uma clandestinidade que faz a aventura... o rapto, o sequestro à noite, o assalto ofensivo: a detenção na casa, no quarto... sonhos de meninas, intrépidos na cabeça delas, ou em segredo e ninguém sabe, exceto uma amiga, a irmã de convivência na transgressão do proibido — transgressão mais imaginária e fofoqueira que real. Mas a menina, sozinha com um homem, e esse homem é seu pai, ou como seu pai, mesmo se o olhar do pai é gratificante, será que ela pode suportar o peso de seu corpo, de seu pênis? Não se trata mais do escuro para fingir, mas, de fato, da noite, para que a mãe, as irmãs não vejam nada; não mais cochichos: somente o silêncio absoluto, sob risco de punição; não mais emoção no imaginário, mas o coração batendo de medo por ser descoberta, sob o olhar da mãe (a filha surpreendida pela mãe é a culpada, não o pai), um horror — quando isso vai acabar — por causa da ameaça: “Se você contar, eu te mato”, e talvez socos se ela recusar, socos se ela sair com meninos da sua idade e se o pai não for mais tolerado na cama da filha, que sabe que outros homens existem e se, sem a vigilância permanente, com ciúmes do pai, talvez ouse um beijo, como conta uma menina de 16 anos numa carta secreta (escrita em 1977), anônima, onde ela fala desse segredo que deveria guardar tão bem, pois ela não pode mais se aproximar de um menino. Ela fala também dela, menina, perdida na cama do pai — a mãe ausente assiste à televisão na casa de sua mãe: “Um dia, meu pai me mostrou como ele transava com a mulher dele. Ele tentou me penetrar, mas me machucava, ele parou. Ele me fez pegar o pênis dele (seu passarinho, como ele me dizia) e me fez ir de cima pra baixo. Senti um líquido quente cair em mim. (Agora eu sei o que é.) Ele me passou água de colônia depois de me fazer jurar não dizer nada, seria um segredo entre ele e eu...”

É um segredo que, talvez, seduza a menina até o dia em que ela compreende que manter o segredo é pertencer de corpo ao pai: de corpo — mãos, boca, seios, ventre e vagina — e que se esse corpo se move, como aquele da menina que resiste à mãe mijando e cagando em todo lugar, se ele quer ultrapassar a barreira do corpo paterno, os muros da casa materna, ele será sequestrado. A adolescente conta, na mesma carta, que o pai batia nela e batia também no menino com quem ela saía e ficava sentada em uma mureta, perto de um parque

de diversões. Ela foi trancada em seu quarto, depois mandada para a casa da avó, com a ordem de ser vigiada, dizia o pai: ele tinha visto a filha “passar de um menino pro outro”, “e ir com o primeiro que chegasse”... É o Barba Azul<sup>56</sup> que tranca suas mulheres sangrando até a morte na sala escura<sup>57</sup>.

O pai de Dominique a vigia também. Quando ela fala de seu pai — fala dele num grupo com meninas de sua classe, fora do colégio — sua voz se solidifica, ela gagueja, talvez até pareça que ela perde a voz, uma voz branca e seca.

### *A palmada com a bunda de fora*

Junho de 1977. Cinco estudantes. Entre doze e catorze anos. Elas falam de si, de seus corpos... Delas em casa. Nudez. Pudor...

Dominique. — Eu me tranco sempre no banheiro pro meu pai não me ver.

Meu tio fez com meus irmãos. Meu irmão quando era pequeno, ia dormir na casa do meu tio e ele fazia a mesma coisa, foi meu irmão que me contou. A gente se conta tudo, eu e meu irmão. Minha avó me disse que meu pai não fez só comigo, fez também com a minha prima. Um dia, tinha uma reunião de família. Não tinha mais lugar e meu pai teve que dormir com a minha prima... Ele fez a mesma coisa com ela. Se minha mãe sabe? A gente contou. Mas ela não gosta de falar disso... Isso não faz bem pra ela. Quando a gente quis contar, a gente começou e minha mãe mudou de assunto logo depois. Isso me incomoda. Eu tenho medo de machucar ela. Mesmo se não der certo entre eles...

Nós não podíamos fazer nada. A porta nem fechava a chave. Eu dormia com a minha irmãzinha. A gente não podia mais dormir. A gente tinha medo. A gente ficava, tipo, encurraladas. A gente se cobria. Eu com meus livros pra ele não tocar a gente. Eu nem posso mais dormir sozinha. Eu durmo numa cama pequena, não ligo de ficar espremida, quase no chão, não tem o que fazer, não posso dormir sozinha.

<sup>56</sup> Personagem principal do conto “La Barbe-Bleue”, de Charles Perrault, publicado em 1697. Conta a história de um nobre violento, cujas seis últimas esposas haviam desaparecido misteriosamente. Ao entregar as chaves da casa à sétima esposa, antes de fazer uma longa viagem, proíbe-a de entrar em determinada sala. Curiosa, ela procura o quarto e encontra-o coberto de sangue, com os cadáveres das outras mulheres pendurados na parede.

<sup>57</sup> Nome dado na França ao escritório onde oficiais estatais liam cartas de pessoas consideradas suspeitas, antes de encaminhá-las ao verdadeiro destino. A técnica era frequentemente utilizada por Luís XIII e Luís XIV, mas somente no reinado de Luís XVI foi designado um quarto apenas para esse uso. Tratava-se de um método muito utilizado por líderes revolucionários e, até mesmo, por Napoleão Bonaparte.

Talvez eu vá viajar sozinha com meu pai nas férias. Minha mãe talvez me force, mesmo sabendo por que eu não tenho vontade.

Ele fez com a minha irmãzinha também. Eu falei pra minha irmã mais velha... o que ele fazia pra gente, ela me disse: “Ele é um nojento, um tarado, tudo de ruim. Na próxima vez, você grita, chama a mamãe.” Ele deve saber muito bem o que está fazendo. Ele faz isso há muito tempo. Quando fazia com a minha prima, não sei nem se eu era nascida. Eu... eu tinha 5, 6 anos... Quando eu era pequenininha, eu chorava. Só chorava. Eu via um gigante na minha frente. Não podia fazer nada. Eu chorava, só isso. Eu não contei pra minha mãe. Não sabia o que falar pra ela... Quando eu fiz 11 anos... eu reagi... me debatia, acordava minha irmãzinha e depois a gente dormia mais. Minha irmãzinha, quando meu pai fazia com ela, ela fazia xixi na cama... ela tinha medo. Quando a gente assiste um filme na televisão e tem um pouco de sexo nele, eu nem assisto o filme... não sei... isso me deixa de um jeito... me dá uma coisa. Quando meu pai está lá... eu tenho medo... acho que eu tenho medo de ele fazer a mesma coisa comigo... Eu não posso. Não posso... eu prefiro ir pro meu quarto. Me trancar.

Eu faria qualquer coisa. Iria embora sem meu pai... sumiria... eu fugiria. É por isso que eu sempre fico quieta com o meu pai... Eu acho que, de qualquer jeito, é uma vergonha um pai atacar suas filhas assim. Ele não fez só com a gente. Fez com uma amiga da minha irmãzinha. Falamos pra ela não contar...

M... — Eu tenho uma amiga assim, ela estava com o pai no fim de semana, o pai tentou com ela, ela tinha 7, 8 anos, ela ficou com muito medo, ela chamou a irmã mais velha, o pai parou. Depois não sei. Ela nunca me falou mais nada.

A... — As crianças não têm a força do pai. Elas não podem fazer nada contra isso. Não dá pra reagir contra o pai porque ele é o pai também. Se meu pai me fizesse isso... eu me machucaria ou iria embora de casa.

Dominique. — Não consigo suportar meu pai. Eu já saí com negros. Se eu contasse pro meu pai, levaria dois tapas na cara.



Setembro de 1977

Dominique. — Enfim saí de férias com o meu pai. Mas eu não via muito ele. Então, tudo bem... eu tinha escrito um diário pra mim... falava de toda a minha família nele. Não era muito bonito o que eu tinha escrito sobre o meu pai, sobre as coisas que ele me fazia quando era pequena... Eu tinha contado... me sentia melhor assim. Ninguém sabia que esse diário existia. Faz um ou dois anos, eu não gostava de ninguém. Eu era muito rebelde, acreditava que ninguém gostava de mim. Que eu era a rejeitada da família. Eu tinha escrito sobre isso: no meu livro... e tudo o que eu pensava do meu pai, que ele era racista, tarado, tudo... e sobre a minha mãe, eu tinha escrito que ela preferia os outros, tudo isso... No fim, eu tinha escrito uma dúzia de páginas... eu falava: “Eu cresci, acho que mudei, eu me enganei sobre certas pessoas da minha família, exceto sobre meu pai.”

Nas férias, eu tinha deixado meu diário em um negócio de couro debaixo de um estrado no meu quarto. Não tinha escondido. Mesmo que eu não gostasse do meu pai, eu não pensava que ele ia mexer. Minha mãe chegou. Ela me disse: “Seu pai achou o seu livro.” Quando ela me disse isso, nossa! comecei a chorar. Eu disse: “O quê? Tem certeza...” Minha mãe contou que meu pai disse: “Eu tenho uma coisa pra você ver. Sua filha escreveu um livro.” Ela estava toda contente. Ele começa a ler pra ela. Minha mãe não sabia o que dizer. Eu disse pra minha mãe: “Que medo, que medo... ele vai me bater...” Ele nunca me bateu. Ele me batia, e eu com o bumbum de fora. Isso sempre... isso sempre que tem uma bunda pra ver... Eu voltei. Meu pai me disse: “Agora, santinha do pau oco... Fala as coisas na cara em vez de escrever num livro.” Eu não respondia nada. Tinha medo. Uma hora, ele disse: “Vem cá, vou te bater.”

Na minha idade, uma palmada com o bumbum de fora! Na minha idade, 14 anos! Então minha mãe disse: “Mas isso não dá, né? Você não vai fazer isso com ela. Tem os vizinhos aqui do lado. Eles ouvem tudo. Isso não é só da nossa conta.” Meu pai respondeu: “Então você vai ficar do lado dela?” Minha mãe disse que sim. “E você acredita no que ela escreveu no livro? — Sim, eu acredito.” Então ele bateu a porta e saiu. Em Paris, eles dormiam em quartos separados, iam se divorciar... eu fui obrigada a dormir na cama com a minha irmã... a vida é menos difícil. É que ele bateu na minha mãe. Minha mãe, quando meu pai disse que ia mostrar o livro pros irmãos dela, ela puxou o livro e rasgou ele em dois. Meu pai

deu dois tapas nela. À noite, a gente comeu. Eu cantava enquanto arrumava a cozinha. Não lembro mais a música. Então meu pai me chama de cobrinha. “É melhor rir dessa história...” Eu não respondi. Minha mãe, minha irmãzinha e eu fomos dormir na minha irmã mais velha.

Em Paris, teve uma outra história. Minha mãe disse: “Na próxima vez que ele falar alguma coisa pra você, vai ser o divórcio.” Mas é caro. Meu pai brigou com a minha mãe dizendo que esperava desculpas. Ele pode esperar. Eu não sou culpada de nada. Meu pai não gosta de comer do meu lado agora. Ele troca de lugar. Eu queria que ele fosse embora. Ele desconta em mim. Não nas minhas irmãs. Ele não manda nelas. Um golpe veio de repente. Meu pai disse: “As crianças, a escola, tudo isso, não é da minha conta.” Minha mãe disse que ele não podia. Ele tem que cuidar da gente porque não somos maiores. Mas se ele não quiser, eu vou reclamar. Não na delegacia, ah não! nossa! olha, a polícia aparecendo em casa, que vergonha!

Ele disse: “Quando sua filha tiver 18 anos, eu vou colocar ela pra fora.” Minha mãe respondeu que se as crianças fossem embora, ela iria junto.

A palmada com o bumbum de fora parece uma prática corrente entre os pais incestuosos. Eles adoram ver a bunda da filha, nua. E bater nela. Se o gesto parasse na flagelação das nádegas da menina... várias meninas recebem tapas nas nádegas... Pode-se pensar que a palmada dá prazer, muitos já disseram e ainda se diz nos artigos de revistas pornográficas: “chicotes e couro”... Uma adolescente de 15 anos presta queixa contra seu pai em março de 1977: “Ela explica que no mesmo dia, enquanto estava em casa, na companhia de um namorado, seu pai chegou, mandou embora o namorado e levou-a para o quarto, fechando a porta s chave. Ele começou a dar-lhe socos nos rins, tirou sua calça e sua calcinha e introduziu-lhe um dedo na vagina [...]. O acusado negou ter executado as violências sexuais das quais a filha o acusa. Ele reconheceu, entretanto, que levou a filha ao quarto, a fim de lhe dar uma correção com as nádegas nuas, para puni-la por sua inassiduidade na escola; ele reconheceu que retirou a calça e a calcinha dela antes de dar-lhe uma palmada...”

Dominique não vai denunciar o pai.

Talvez um dia ela o mate.

*O orifício anal é flexível...*

Além disso, o segredo também é garantido pela violência. Já que, mesmo se a mãe descobre, deve se calar sob pena de morte. “A esposa de M... declarava ter sido testemunha de duas recaídas do comportamento incestuoso de seu marido, particularmente no dia 11/01/1975, quando ela o tinha surpreendido enquanto sodomizava sua filha na cozinha. Como a vítima, ela declarava não ter ousado denunciar esses fatos, por medo dos socos que seu marido tinha o hábito de distribuir entre todos da família [...]. Ele obrigava a filha (desde os 11 anos) a manter relações sexuais vaginais, sodomizava-a e forçava-a a felação”. Outra queixa relata fatos similares: um pai força a sodomia, penetração vaginal e felação a duas de suas filhas, Patrícia, de 11 anos, e sua irmã de 10 anos, durante quatro ou cinco anos. “Ele exigia que sua esposa fosse dormir no quarto do filho e ele mesmo dividia a cama com uma de suas filhas, cerca de duas vezes por semana. Após um tempo, pela primeira vez, a esposa... teria invadido o quarto da filha. A menina e seu marido estavam deitados. Ela o tinha repreendido... dizendo-lhe para não estuprar Patrícia, ao que ele respondeu que fumaria um cigarro... Quinze minutos mais tarde, Patrícia tinha se juntado à mãe e lhe contou que, depois que ela saiu, seu pai a tinha sodomizado [...]. Ele tinha ameaçado matá-la se ela contasse os fatos à mãe [...]. A irmã mais nova acrescentou que o pai a tinha forçado às mesmas relações, que às vezes ele se mostrava violento quando ela tentava afastá-lo; um dia, ele tinha torcido seu pé, em uma outra vez, ele tinha rasgado seu pijama. Ele a tinha ameaçado de morte se ela denunciasse à sua mãe.”

A mãe presta queixa.

O pai reconhece os fatos sempre “defendendo-se de toda prática de sodomia, assegurando que ele nunca tinha obrigado a mais nova de suas filhas a chupar seu pênis. Ele afirmava que ela não era virgem quando a pegou na primeira vez...”

Um médico legista constata que a sodomia das filhas pelo pai é bem frequente (assim ele evita engravidar a filha). A penetração é dolorosa no começo, mas “o orifício anal é flexível e pode suportar uma dilatação de 2 a 3 centímetros. As rupturas cutâneas ou das mucosas não são constantes e a cicatrização ocorre sem problemas. Em crianças muito novas, as rupturas da parede reto-vaginal podem acontecer, mas são raras”. Além disso, a preparação necessária para essa forma de penetração não deve ser feita com frequência, já que a rapidez do ato é uma constante nas relações clandestinas, noturnas, ocorridas durante o sono da mãe... O pai pode, é verdade, trancar-se com a filha na ausência da mãe e aproveitar assim uma hora de exercício sexual. Sophie, 17 anos, casada aos 16 porque estava grávida, apresenta um

atestado médico no momento do interrogatório do pai, porque ela prestou queixa. No atestado constava: “Uma aproximação do orifício anal e do orifício vulvar pela dilatação do ânus; um estado de abertura do orifício anal, podendo explicar a incontinência anal, periódica, devido a uma cicatriz de dilaceração do ânus [...]. Os especialistas assistentes confirmavam essas constatações, e concluíam que a dilaceração do ânus e a aproximação entre os dois orifícios resultavam de coitos anais repetidos, e que a data indicada pela acusação não poderia ser colocada em dúvida, em razão da importância das lesões [...]. O pai reconhecia ter tido relações sexuais com a filha quando ela tinha 15 anos, acrescentando, por um lado, que era sua mulher que o tinha obrigado; por outro, que a filha tinha consentido e cobrava dinheiro.”

Dos 8 aos 17 anos, Sophie diz que sofreu relações sexuais forçadas pelo pai. Além de tudo, seu casamento precoce não impede que o pai passe cada manhã de domingo, na ausência do marido, para exigir sob ameaça uma relação sexual: “Eu vou te matar, seu marido e seus filhos também.” Ele, o pai, bate na sua mulher e exhibe-se com um fuzil, com o qual ameaça a filha se ela falar. “Na primeira vez, os fatos se passaram em casa na ausência da mãe. Ela estava toda nua, seu pai fez com que ela acariciasse seu pênis enquanto ele também a acariciava, depois ele introduzia o pênis em seu ânus. Ele fazia isso toda semana, até os 12 anos. Aos 12 anos, o pai mudou de técnica, ele a deflorou [...]. Além disso, ele acariciava a vagina dela e às vezes obrigava-a a chupar seu pênis [...]. Uma vez, ela tinha um pouco de sangue no ânus, sua mãe perceberia, e o pai afirmou que eles tinham caído de bicicleta e que ela se machucou no pedal [...]. A mãe, interrogada, declara ter percebido que o marido passava a mão nas nádegas de Sophie. Ela não tinha o direito de dizer nada. Ela duvida que o marido tenha relações sexuais com a filha; ela os surpreendeu uma vez, o marido com a calça abaixada, com o pênis ereto, e sua filha sentada em cima dele, mas ela nunca lhe disse nada [...]. A irmã de Sophie tem 7 anos. Interrogada em 1974, na época da investigação, ela declara que seu pai tinha colocado um dedo nela, na parte de trás. Ele fez isso várias vezes. Isso lhe teria feito mal, ela teria dito que tinha vontade de fazer cocô e ia ao banheiro [...]. A irmã mais nova teria dito, após a prisão do pai, que ele a tinha obrigado a chupar o ‘pipi’ e que ele tinha se masturbado na frente dela. Somente depois ele teria colocado os dedos em seu ânus.”

Sophie esclarece que seu pai lhe dava presentes facilmente, mas que ela tinha medo dele, porque ele teria batido nela como batia em sua mãe, se ela não lhe obedecesse.

“Eu lhe dou meu endereço da Posta Restante<sup>58</sup>, porque em casa é meu marido que recebe o correio.” É uma mulher que escreve (em 1970). A mãe aterrorizada, resignada, que sabe sem querer, que sabe sem saber... Uma mulher que busca a felicidade com um homem e é um fracasso: miséria afetiva, violência... Magoada porque não a olha mais como mulher — “Eu não era mais mulher pra ele” — porque ele não fala com ela, não a acaricia mais... Ele não a ama. Ele não a ama mais. Ela está sozinha. Ela tem filhas. E ela não quer perder esse homem, mesmo sabendo... Sabendo, mas mesmo assim. E se ela não está com medo, acaba não dizendo nada.

Essa mulher tem 52 anos. Abandonada pelo marido com três filhas, ela se casa novamente com um homem solteiro, três anos mais novo:

— Ele me pediu em casamento apesar das minhas três crianças... No começo, tudo era lindo, ele era gentil, afetuoso com minhas crianças e eu (minhas filhas tinham 8, 6 e 4 anos). Depois de algum tempo...

Ela teve três crianças dele, ele tem amantes. Ela está infeliz. Um dia, acontece um desastre. Denunciado por um parente para quem uma das meninas foi reclamar, o marido é preso por atentado ao pudor sobre menor de 15 anos. Cinco anos. Ela descobre — ela sabia? — que ele estuprou sucessivamente a primeira, depois a segunda de suas filhas. Ela não o abandona. Contra a opinião da família e apesar das consequências desses estupros sobre suas filhas, quando ele sai da prisão, ele volta para a casa dela, pede perdão, promete felicidade:

— Tudo estava acabado... e ele tinha me prometido que nós seríamos felizes...

Suas duas filhas são levadas para uma instituição, a mais velha está casada. Ele fica furioso. Ele conhece uma jovem casada, mãe de duas crianças (meninas?). Ele abandona a casa de sua mulher (não há mais meninas para assediar e estuprar), ele tem atitudes violentas. Depressão nervosa. Ela vai para um hospital psiquiátrico. Ao fim de quatro meses, ela volta para casa. Foi um inferno. Como deixá-lo? Ela não trabalha. Ela tem 52 anos. Suas crianças são casadas. Ela é infeliz.

Ela morreu infeliz.

O tempo para o amor, a ternura, a emoção? Questão que se coloca quando alguém é tentado a pensar que se a filha não diz nada, é porque, durante todos esses anos, as carências paternas despertaram, iniciaram o prazer sexual. Mas, mesmo se fosse questão de prazer, é um prazer imposto sob ameaça verbal e, às vezes, socos: um prazer recebido depois das

---

<sup>58</sup> Serviço que permite receber cartas e encomendas em agências dos Correios. Pouco conhecido, é indicado para pessoas que não podem esperar pela encomenda em casa ou que moram em locais de difícil acesso, onde não passam carteiros. Também é útil para quem deseja manter seu endereço verdadeiro em sigilo, já que não será informado ao remetente.

feridas pelo uso da força; em um tempo cronometrado, com o medo de ser surpreendido; no escuro, rápido; no dia e com a ansiedade do quarto trancado... É preciso fazer rápido e ir direto aos pontos do corpo que o pai privilegia para ele: um pouco os seios se o tempo permitir (a ausência da mãe, o quarto trancado), masturbação cronometrada; e depois penetração anal se possível, porque evita a interrupção, o esperma por todo lado ou o fato de ter que limpar logo... Como em uma casa de prostituição... Como com uma puta: mesmo ódio, mesma pobreza de espaço, privação do tempo, vergonha e desprezo misturados... Silêncio e solidão. Mas lá no quarto, o objeto de desejo não é uma mulher ainda, nem uma estrangeira. Ela tem sobrenome: o mesmo de seu pai. Ela tem um corpo que lembra o da mulher de seu pai, sua mãe. Ela está na casa da mãe, mas seu quarto não é dela, nem sua cama, nem seu corpo sobre a cama quando o pai quer possuí-la.

### *O lenço dele na minha calcinha*

1976. Ela tem 23 anos. Casada. Acabou de ter um menino. Quando transa com seu marido, sente-se mal ou não sente nada. Ela é fria e não consegue demonstrar com gestos, palavras seu amor por ele. Ela diz que o ama. Ele é doce, gentil. Quando ela lhe contou sobre seu pai à noite, na cama, no escuro (seu pai dormia com ela à noite, na sua cama, no escuro), ele chorou. Eles foram juntos ver um psicólogo. Depois, ela voltou sozinha:

— A gente falou sem mudar nada na minha cabeça. Eu não acreditava de verdade que falar com ele me ajudaria e deixei pra lá... Agora tenho vontade de ser feliz sexualmente com meu marido e queria muito conhecer o prazer com ele (conheço um pouco o prazer clitoriano, pela masturbação com o pênis dele).

Quando seu pai acariciava sua vagina, ela tinha menos de 12 anos. Ela não se defendia — “talvez até gostasse”, é quando ela começa a se questionar sobre os gestos paternos que ela busca fugir das mãos do pai que a apalpa em todo lugar, não importa onde, desde que estejam sozinhos por um momento. A mãe faz hora extra em uma mansão. Ela volta tarde da noite.

— Eu dormia na sala de jantar em um sofá e meus irmãos em uma outra cama na frente da minha. Meu pai vinha durante a noite e fazia de novo... Eu chegava a pensar besteira, até em suicídio, pra não ser mais objeto dele... Ficar lá fora... fazer alguma coisa no jardim pra não parar nas mãos dele... Um dia, ele me fez ficar de quatro e colocar as mãos pra frente, na cama. Eu lembro dessa dor e do sangue que correu. Ele me fez colocar o lenço dele na minha calcinha pra ela não manchar e minha mãe não ver. Na manhã seguinte, ele veio me acordar na cama, pra pegar o lenço manchado antes de ir pro trabalho. Algum tempo depois,

eu tive minha menstruação (minha mãe nunca tinha me falado disso). Quando vi todo aquele sangue, eu lavei e sequei minha calcinha, enquanto minha mãe estava trabalhando, porque eu achava que isso não era normal e pensava que era por causa do que o meu pai tinha feito [...]. Mais tarde, eu fiquei com um ódio terrível dele. Ao ponto de querer até sua morte. Em 1972, eu comecei a trabalhar e a ir no baile. Mas eu nunca tinha gostado de verdade dos meninos. Eu era muito tímida e os meninos não me notavam. Eu me desanimava dizendo pra minha mãe que eu nunca conseguiria me casar.

Em outubro do mesmo ano, ela encontra seu futuro marido... Outras jovens escreveram para contar essa confusão de menina, mulher mais tarde: “Eu não entendo o abandono de uma mãe que deixa as próprias crianças com um lobo.”

Sua mãe se vê sozinha com três filhas, das quais duas são gêmeas. O padrasto se muda para a casa da mãe. Elas têm cerca de 12 anos. Carícias. Assédio de três meninas até o casamento precoce para escapar das mãos bobas.

— No começo, minha vagina se fechava automaticamente na penetração do meu marido... Eu sempre sinto o prazer um pouco mais longe...

Uma outra mulher fala que “essa coisa a aterrorizou no começo e depois lhe provocou repulsa”:

— Ele nunca abusou de mim, mas o que ele fazia era pior... Ele destruíra em mim toda possibilidade de me tornar uma mulher de verdade — porque desde essa época, o sexo masculino só me dá nojo.

Seu pai só a deixa ir ao baile com a condição de que ela “fique quieta”. Ele lhe dá dinheiro para que ela aceite. Ela encontra um menino, casa-se aos 18 anos. Quando ela escreve, em 1976, tem 25 anos. Ela teve dois meninos:

— Meu casamento é um fracasso total... nada entre nós...

Interrogada pelo marido sobre sua relutância, ela lhe conta. É uma catástrofe. Ele se afasta.

— Eu tentei de tudo pra aproximar ele de mim... nada deu certo... Eu pensei no divórcio, mas, por causa dessa história, eu tenho receio. Se minha mãe soubesse... Eu estou desesperada.

*Eu não queria mais que tocassem em mim*

É longa a lista dessas jovens mulheres que vivem — dizem elas, e por que não acreditar, por que ler outra coisa além do que elas escreveram sobre si mesmas? — na angústia da frigidez. Que não suportam mais seus corpos na mão de um homem:

— Eu não queria mais que tocassem em mim... Se ele me toca — ela escreve sobre o pai —, eu seria capaz de matar ele. Ele não vai mais tocar em mim. Eu prefiro morrer.

Seu pai lhe dá tudo o que ela quer. Ele só quer tocá-la:

— Ele não tirava minha “virtude”, ele insistia nessa palavra.

Ele fecha as portas a chave. Ele a vigia. Ela consegue, porém, paquerar um garoto. Ela dorme com ele por volta dos 18 anos (ela o conheceu aos 14):

— Mas eu não gostava daquilo de jeito nenhum, pelo contrário... Eu ainda dei prazer pra ele, dizendo a mim mesma que isso iria mudar, mas eu estava com mais nojo ainda do que da primeira vez.

Ela fica doente. Depressão. Hemorragia. Exames ginecológicos — “que conseguiram me dar nojo do meu corpo”. Ela revê o namorado. Eles transam:

— Depois dessa última vez, eu entendi que aquilo não era mais possível. Eu tinha que ir no banheiro direto pra vomitar, de tanto que aquilo me fazia mal... Ele achou que eu estava com frio, porque eu estava arrepiada... Eu me dei conta depois que, por mais de um ano, quando um homem me dava a mão, eu tinha a mesma coisa...

Ela termina com ele. Está grávida. Ele se casa com outra. Ela esconde a gravidez até o sexto mês. O parto é difícil. O pai tenta dormir com ela porque ela não é mais virgem. Ela vai embora com o filho. Por dois anos, ela trabalha para criar o filho.

— Eu amo meu filho, mas me arrependo que seja um menino, porque ele é muito afetuoso, vem sempre dormir comigo na minha cama, mas eu colocava ele de volta na dele, porque eu tinha muito medo que ele imaginasse...

Ela desconfia de seu próprio menino. Se um dia ela comesse a maltratá-lo por ser uma criança do sexo masculino... Quantas mães maltratam gravemente suas filhas justamente porque são meninas? Ela não suporta mais que um homem se aproxime dela. Ela tentou paquerar de novo: isso provoca-lhe repulsa. Ela pensa nos micróbios: ela não pode. No fim da carta, ela se pergunta se suas irmãs, ela tem muitas, não têm também... Pode-se responder que sim... Como frequentemente, parece que ela se resigna ao celibato, à castidade, ela se reprime — corpo não permitido ao prazer — expiando, assim, essa relação vergonhosa que ela teve com o pai, punindo seu corpo de ter cedido ao prazer do pai — ao seu? — privando-se do



prazer com qualquer homem. A frigidez das mulheres casadas parece para o marido uma delinquência conjugal. Um marido telefonava a M<sup>é</sup>nie Grégoire para lhe contar das recusas sucessivas de sua mulher. Ela havia sido estuprada aos 15 anos:

— A gente mora junto desde 68 [a chamada data de junho de 1977]. De verdade, a gente nunca... Eu tenho 28 anos, ela 31. Ontem tudo desabou. Eu quis forçar ela... Eu bati nela... Ela diz que eu não sou carinhoso com ela. Uma vez eu fui embora com uma mulher. Deu certo. Ela ficou sabendo. Um dia, ela quis se suicidar, eu voltei... Nesse momento, ela não estava tomando a pílula. Pra me impedir de me aproximar.

Essas mulheres vivem sua frigidez — o que elas chamam, seguindo os sexólogos radiofônicos, de frigidez — na culpa. Além disso, os sexólogos contribuem para isso porque só falam do prazer pelo orgasmo. Esse imperialismo do orgasmo agrava ainda mais a angústia dessas mulheres que se entregam à busca enlouquecida, ansiosa por esse orgasmo miraculoso — orgasmo vaginal — que elas não conhecem. Elas dificilmente ousam falar de prazer clitoriano, ou de um prazer de segunda zona. “Ser uma mulher de verdade”, como escreveu uma delas, é por ela ter conhecido o orgasmo vaginal. Senão... patologiza-se, psiquiatriza-se. É preciso curar. Se não morre, será que pode reviver? Se ao menos a culpa nesse ponto diminuísse. Mas os sexólogos não fazem uso da cura. Causam mais desgaste. Morte ao seu corpo. Morte ao prazer. Normatizar dessa forma o prazer é fazê-la morrer uma segunda vez. É um longo trabalho para uma mulher, estuprada quando menina, e pelo pai... de se reconhecer um corpo com sexo, um ventre, e de saber que ele não é dividido entre sexo e o resto, como o desejo de seu pai, seu primeiro homem, a separou. Corpo dividido. E privilegiar a vagina na relação amorosa ou privilegiar o clitóris ou o ânus... é esquecer que esses pontos, separados pelo prazer e, em seguida, pelo desejo, são do corpo. De todo o corpo. Para alcançar melhor suas filhas e sua mulher, diretamente, um pai as proíbe de usar calcinha e ele mesmo rasgou o fundo de suas meias-calças para “fazer carícias”. Além disso, ele as tinha marcado com tatuagens práticas em vários lugares: seios, vagina, coxas, com ajuda de agulhas e tinta da China. Nem é preciso explicitar que ele bate regularmente na mulher e nas crianças (ele tem seis), que sua mulher foi hospitalizada por depressão nervosa e que uma das meninas tentou se suicidar com barbitúricos.<sup>59</sup> Quando a filha não se automutila (suicídio, frigidez, castidade, aborto, depressão nervosa...), se ela preservou a vida, e se a ameaça não é só verbal, como

---

<sup>59</sup> Barbitúricos foram utilizados por muito tempo como auxiliares do tratamento da insônia, por serem um sonífero muito eficaz. No entanto, existe uma pequena margem entre a dose terapêutica e a tóxica, o que fez com que seu uso sofresse um declínio por motivos como mortes por ingestão acidental, uso em homicídios e suicídios.

para Yvette e Jacqueline (para Mirelle-Barbara, que conta seu ódio em *A compartilhada*<sup>60</sup>), ela procura o pai mais tarde, para matá-lo. A história de Yvette é intensa, violenta, cruel. Ela a conta com lucidez, cinismo...

*Ele me disse “filhinha”...*

Janeiro de 1978. Yvette tem 20 anos. Cabelos crespos. Olhos claros, rosto redondo e branco. Ela nasceu na Ilha da Reunião<sup>61</sup>.

Eu dei quatro facadas no meu querido pai. E ele nem está morto. Os estúpidos encontram uma solução pra tudo. Eu preciso aprender a ser piranha, nojenta. Senão, te esmagam. Eu entendi que é assim que se pode tomar rumo na vida. Eu não iria pra prisão. Minha mãe, cada vez que me chamava pra ajudar, eu ia. Enquanto ela... A gente nunca vai se entender. Por dez anos, fiquei num centro do Serviço Social. Passei cinco anos em uma família de agricultores do centro da França. Eu era da Ilha da Reunião. Tinha 10 anos. Foram eles que me educaram. Minha mãe não me ensinou nada. Quando eu estava na Reunião, a gente morava em uma casa grande com empregadas. Mas minha mãe não cuidava da gente.

Ela era preta de verdade — a gente chamava ela de preta — era a preta do meu pai também. Ela era bonita e ele tinha casado com ela por isso. Os ancestrais dela eram africanos. Meu pai era o Sinhô, o Branco. A gente fazia mesura pra ele. Ele tinha todos os direitos e sobre todo mundo. Ele batia na minha mãe e na gente, suas crianças: nos negros, enfim, aqueles que não eram brancos como ele e que eram chamados de “crianças da minha mãe”. Em mim, ele batia menos que nos outros, eu era “filha do meu pai”, porque eu saí branca que nem ele. Ele sempre mandava minha mãe e as crianças negras dela — eram dele também — passar a noite fora, desse jeito, porque ele não estava feliz com não sei o quê. Minha irmã mais velha — a filha da minha mãe — era a filha de um reunionense do país. Meu pai não era o pai dela. Ela servia um pouco de empregada na casa. Minha mãe batia nela com a vassoura. Ela me contou, quando a gente se viu de novo mais tarde no orfanato, que meu pai tinha estuprado ela por muitos anos, quando ela era menina. Ela tinha

---

<sup>60</sup>Tradução livre do título *La partagée* publicado em 1977 por Barbara Chistine de Coninck. Traz o testemunho de Barbara, líder do movimento de prostitutas de Lyon, na França.

<sup>61</sup> Colônia da França, localizada no Oceano Índico, próxima de Madagascar. É a ilha mais próspera da região.

falado pra minha mãe que ele tinha brigado com ela, porque ela dizia que contava lorota para se tornar interessante. Um dia, minha mãe surpreendeu meu pai na cozinha: ele estava tirando a roupa da minha irmã. Ela fez um pequeno escândalo. Foi tudo abafado e tudo continuou. Agora minha irmã se prostitui. Ela diz que, de toda forma, está fodida. Então, pra ela dá no mesmo. Eu não tinha contado pra ninguém. Quando eu tinha 8, 9 anos, meu pai me obrigava a masturbar ele, primeiro com a mão — eu estava meio dormindo — e depois eu precisei engolir aquilo. Enfim... ele enfiava o pênis na minha boca. Meu pai precisava de todas as mulheres, até das filhas dele. Os brancos eram assim. Ele é bretão<sup>62</sup>. Quando a gente veio pra França com a minha mãe, ela colocou a gente no orfanato, os cinco. Meu pai não queria ouvir falar da gente. Pra minha mãe, criar cinco crianças não era possível. Ela começou a estudar enfermagem de novo e eu, como os outros, estava nessa família do interior. Eu aprendi a andar — com sapatos, sentar à mesa. Eu ia sempre na escola. Eles me deram uma educação católica. Era uma espécie de reeducação, então.

Quando eu vi minha mãe de novo... minha mãe agora é enfermeira em um hospital psiquiátrico: acho que, apesar disso, ela está um pouco doida. O que ela me conta é inacreditável... eu acho... Ela me diz com muita naturalidade que chega a pegar táxi e levar o motorista pra casa pra ela dormir com ele. Ela paga a corrida e faz ele subir. Depois dos táxis, foram os argelinos. Eu tenho uma irmãzinha de 3 anos que é metade argelina, ela foi pro orfanato e é melhor se minha mãe não for ver ela. Vai destruir ela. Acho que ela devia ficar com a assistente social como se ela fosse sua verdadeira mãe, e que minha mãe deixasse ela quieta. Eu não consigo entender isso — a vida da minha mãe.

Com os garotos, é muito difícil, eu não consigo. Eu fico tensa, me fecho, grito, choro, ou então, como eu não sinto nada, eu poderia muito bem ler um jornal ao mesmo tempo. Não é como a minha mãe, toda vez que eu encontrava ela, era em uma pensão<sup>63</sup>, com um argelino. Na primeira vez, eu procurei ela em todo lugar. Quando cheguei nessa pensão do lado da Place d'Italie<sup>64</sup>, eu não pensei que veria ela nesse quarto miserável com esse cara que fechava a braguilha. Minha mãe me

---

<sup>62</sup> Pessoa originária da Bretanha, região francesa.

<sup>63</sup> *Hôtel meublé* é um tipo de estabelecimento que oferece serviços hoteleiros, como lençóis, telefone, mas que serve de residência principal ao seus moradores. Também é muito utilizado para esse tipo de encontro amoroso.

<sup>64</sup> Praça pública em Paris, localizada no 13º distrito.

disse pra voltar pra família adotiva, que seria melhor assim. Fui embora chorando. Errei o metrô, três vezes. Não consegui ficar com eles. Fui embora.

Quando minha mãe me escrevia, ela dizia sempre que eu não era carinhosa, que eu não sentia falta dela, que, no fundo, eu não precisava dela. Mas... Em Paris, fui eu que cuidei dela, doente no hospital. Eu fui uma espécie de irmãzinha dos pobres, camponesa inocente que chega em Paris... Eu queria que minha mãe sarasse, que meu pai voltasse, que minha irmã saísse da rua, que meu irmão não fumasse mais baseado — como ele dizia — que os outros nos reencontrassem no fim da adoção. Eu queria isso, a família reunida. Que merda! Eu me matei, fiquei esgotada por uma coisa impossível... Meu pai não trabalhava. Ele morava com uma coitada enorme, quase impotente. Ele bebia. Minha mãe vivia a vida dela, eu não existia mais pra ela. Minha irmã... Um dia, eu fui na casa dela, o cafetão dela estava lá, um reunionense que batia nela, e dessa vez, eu vi ele passar um ferro quente nas costas dela, porque ela queria ir embora. Era um tipo de tortura... Ela tinha aprendido uma profissão — telexista<sup>65</sup> — mas enquanto ela estava em formação, ela não fazia mais programa. Ele quebrou os dedos dela. Eu vi ela com curativos um dia, eu entendi. Ela teve duas crianças que minha mãe obrigou a colocar no orfanato. Eu disse pra minha irmã:

— A gente trabalha pra você, você não faz mais programa, a gente divide um apartamento e cria as crianças...

Ela nunca disse que sim, nem que não. E pronto. Ela continua. Eu digo pra ela às vezes que, no primeiro aperto, quando eu sair da prisão, eu levanto minha saia, abaixo a calcinha e pronto... Minha irmã me disse várias vezes pra fazer que nem ela. Dá dinheiro. Mas eu vi o que ela passava em Barbès<sup>66</sup>. Eu não gosto dos negros... eu não conseguiria. Ela me propôs ser recepcionista de um hotel. Quando vi o hotel, entendi. Eu tinha que cuidar do caixa com a cafetina, até parece! Eu pulei fora... Disse tchau!

Eu tinha um diploma do Ensino Médio<sup>67</sup>, me matriculei na faculdade. Em filosofia. E depois aconteceu... mais uma vez eu procurei minha mãe. Por que eu procurava ela? Porque era a mamãe — sim, porque era a mamãe... Ela me disse:

<sup>65</sup> Pessoa responsável por operar um telex, aparelho que permite transmitir mensagens telegráficas.

<sup>66</sup> Barbès é um bairro parisiense, próxima da estação de metrô Barbès-Rochecouart, na qual é comum a prostituição de mulheres africanas.

<sup>67</sup> O certificado mencionado indica a conclusão do Ensino Secundário francês. No vigente sistema educacional brasileiro, corresponde à segunda metade do Ensino Fundamental (a partir do sexto ano) e ao Ensino Médio.

“Me deixa em paz”, quando vi ela de novo com o mesmo argelino, na mesma pensão... Eu não sei o que me deu. Eu estava decidida, determinada. Eu entrei em uma loja de ferragens. Pedi um canivete. Me perguntaram: “Pra quê?”, Pra cortar, né! O ferreiro me mostrou vários modelos. Eu escolhi o Opinel gigante, o maior. Na casa do meu pai, eu mandei a mulher deixar a gente, que eu tinha uma conta pra acertar. Eu estava trabalhando nessa época, eu me vestia bem — pro escritório — me maquiava um pouco, não estava mal. Minha mãe tinha me dito, quando me viu de novo, que eu lembrava uma agricultora — sempre serei um pouco — e que eu precisava ser mais mulher. Que eu me cuidasse mais... Se eu quisesse agradecer, resumindo. Só depois que eu vim pra prisão que eu comecei a me arrumar um pouco. É estranho...

Eu vi meu pai. Ele me disse:

— Você se arranjou, está trabalhando? Tem dinheiro?

Eu disse:

— Sim. Eu ganho dinheiro.

Ele tinha bebido um pouco, eu acho. Ele estava delirando. Ele dizia:

— Eu não sei se eu tinha vontade ou não, se eu gostava disso ou não, não sei...

Eu não suportava ouvir ele. Tirei o canivete e enfiei. Quatro vezes. Eu queria enfiar no coração. Eu errei. Ele ainda estava vivo. Ele me disse “filhinha”, era assim que ele me chamava quando eu era pequena. Eu saí. Eu tinha certeza que tinha matado ele. Ele jorrava sangue. Eu empurrei uma mulher em um táxi. Eu disse:

— A gente vai pra polícia.

Antes, eu tinha datilografado uma carta que dizia o que eu tinha feito em algumas linhas. Ela começou a rir. E depois, ela me perguntou:

— Por que na polícia?

— Porque eu acabei de matar meu pai...

A coitada... Ela não sabia se eu estava brincando. Eu repeti:

— Sim, eu matei meu pai com quatro facadas.

O motorista estava inquieto. Ele deixou a gente na primeira delegacia. Lá, eu disse pro inspetor por que estava ali. Ele não acreditou. Só quando ele foi notificado da tentativa de assassinato naquele endereço... que ele acreditou. Eu tinha que fazer um depoimento. Eu dizia que minha carta era suficiente. Eu não queria falar. Até quando o policial disse:

— Essa deve ser mais uma história de estupro...

Eu peguei um cinzeiro e joguei nele... foi aí que eu comecei a falar. Contei tudo. Minha mãe veio, quando ela me viu, ela chorava, ela me disse:

— Minha coitadinha, você nunca mais vai poder trabalhar num escritório — foi o que ela me disse. Foi o pior de tudo. Ela não tinha mais nada pra me falar. Não. Sério...

Agora, eu estou aqui.

Esperando. Não sei quanto tempo vou pegar.

Estou na prisão.

Eu converso com as meninas aqui. Vou aprendendo as coisas. Muitas são do Serviço Social. Eu falo disso com elas. Eu notei também que a maioria, principalmente entre 19, 20 anos e 30, 35 anos, elas se prostituem mais ou menos, ou se prostituíram. Elas me contam. Da prostituição ocasional, com frequência. E quase sempre quando eram menores. Minha irmã começou cedo... Mas com ela não é ocasional.

## **Ela corre, é difícil de controlar**

Automutilação. Atentado mortal ao próprio corpo ou tentativa de assassinato do pai, do padrasto, amante da mãe... As meninas também fogem. A fuga é uma forma de desobediência civil. A fuga é insubmissa. Ela foge sem autorização da mãe ou do pai. Ela deserta a casa, de uma vez só, assim — em um impulso — sem avisar ninguém, sem dizer por que, como se não tivesse mais que dar satisfações, como se não fosse menor e submissa à autoridade parental. Ela não espera ser colocada para fora, à força. Ela vai embora. Ela mesma se retira, sai da casa onde estava trancafiada, sob vigilância, com portas e janelas fechadas como em um bordel. Além do quarto onde o pai dorme com ela, tranca-a com chave para usar seu corpo inerte, passivo, cedido sob ameaça, para práticas sexuais ritualísticas das quais ela não participa — ela faz o que lhe dizem, como obedece à mãe em casa — é um quarto de bordel. Tudo se desenvolve por um tempo, em um espaço, com gestos, regras da prostituição. Ela faz o que ele quer. Ela está lá, sobre a cama para o prazer dele. É ele quem conhece o desenrolar da operação. Ele inicia os ritos amorosos de certa forma: ritos da prostituição em que o esquecimento de seu próprio corpo, da mulher, é a regra fundamental. A prostituição é, assim, uma forma de automutilação. É nessa mutilação — corpo mercantilizado da puta — que o pai inicia a filha no quarto secreto, no escritório escuro da disciplina sexual do incesto. Em troca de um corpo que se doa, frio, passivo, rígido, como morto — corpo de boneca, boneca de *sex shop* — a filha recebe do pai um presente de agradecimento ou dinheiro. Ela se vende ao pai por um pequeno benefício, por um pouco mais de mesada. O pai a iniciou muito cedo e com eficácia — é um bom pedagogo — comercializa seu corpo. É assim, como já apontamos, que as fugitivas praticam sem saber e com muita naturalidade uma “prostituição ocasional”, quase sempre transitória, e que as conduz, às vezes, a uma “prostituição habitual”. Mas a fuga não é fácil. A escapada, seguida do retorno à casa, é quase obrigatória, antes da última fuga que marca uma ruptura radical e definitiva: tomada de liberdade mais violenta que um sinal de revolta. As fugitivas andarilhas e rebeldes têm, por trás delas, a história de fugas sucessivas, uma lista variável de escapadelas, castigos domésticos (ou em instituição e adoção), tentativas de evasão... Fugitivas indóceis.

A primeira fuga. A filha suportou por muito tempo uma relação incestuosa. O limite de tolerância é atingido. Ela queria sair. Ver outros garotos além dos irmãos. Ela não tem o direito de encontrar amigos — ela não tem amigos. Ela vive permanentemente em uma vizinhança de alta vigilância.

*Do outro lado da rua, era como se fosse um campo*

Em uma noite, ela sai. Como se fosse às compras no supermercado<sup>68</sup> ao lado, sem bolsa de mão nem bagagem. Sem dinheiro. Ela não sabe muito bem o que fazer. Ela verá. Em uma tarde de dezembro de 1976, Josiane, 16 anos, encontra um namorado em uma cafeteria. Eles papeiam. Ele acaba de perder o emprego. Seus pais o colocaram para fora. Ela fica com ele. Eles passam a noite juntos. Eles assistiram à televisão na casa de um amigo. Eles se deitaram. Eles se acariciam e se beijam:

— Eu toquei a Josiane inteira e senti “um molhado”, pensei que as coisas iam bem, quando ela me disse que ela estava menstruada, eu não insisti, isso me fazia broxar... a gente dormiu.

Josiane interrogada confirma essa versão. O namorado também. No dia seguinte, ela volta para casa. Ela fugiu. É culpada. Para se desculpar, ela conta ao pai e à mulher do pai o relato de um estupro coletivo que tinha sofrido. Seus pais a obrigaram a denunciar. Ela denuncia. Ela dá uma versão coerente e muito precisa do estupro.

— Do outro lado da rua, era como se fosse um campo...

No lugar, no quarto de COHAB<sup>69</sup>... a cama da tortura — uma grande cama de casal. Eles são três, eles a levaram em um carro. Sequestrada em um quarto, eles a despiram à força. Ela é mantida por dois deles enquanto o terceiro tenta penetrá-la. Queimam sua mão esquerda com um cigarro, duas vezes. Com um objeto cortante, fizeram-lhe cortes nos dois antebraços. Deram-lhe socos. Dois garotos a penetraram com os dedos. Ela está menstruada, ela sangra. Isso dura três horas.

— Quando eles viram que não tinha nada pra fazer, me disseram: “Coloca a roupa”, eles foram pra um outro quarto e um me disse: “Não vale a pena fazer um mar de sangue”. Eu não entendia nada. Eles me colocaram no carro. Eles me disseram que eu não servia pra nada. Me deixaram na beira do Marne<sup>70</sup>. Eu voltei a pé pra casa.

Ela dá uma descrição dos garotos que não é vaga, nem confusa:

— Os três eram do tipo norte-africano ou português, pele escura, os três de cabelo castanho, médio, mais ou menos enrolado. Todos com mais de 1,75 m. Entre 25 e 40 anos.

<sup>68</sup> A autora faz referência à rede francesa de supermercados *Monoprix*, que combina venda de alimentos com roupas, utensílios domésticos, presentes, etc.

<sup>69</sup> *Habitation à loyer modéré (HLM)* é um espaço administrado por uma organização de habitações populares com aluguel a preço acessível. Pode ser público ou privado e geralmente tem financiamento público.

<sup>70</sup> Afluente do rio Sena, que banha Paris.



Por causa do sotaque, acho que eram árabes. Um usava um colar enrolado, o outro uma camisa com estampa de folhas coloridas, o terceiro uma camisa preta.

Ela acrescenta:

— Não sei se consigo reconhecer meus agressores. Tudo aconteceu no escuro e eu não vi eles direito.

O cenário é perfeito. Ela conta como se tivesse sido estuprada e a descrição dos estupradores repete os estereótipos racistas que remetem aos norte-africanos que são suspeitos de estupro. Lembra o processo por atentado ao pudor, em que o padrasto dizia que a filha Liliane tinha sido estuprada por norte-africanos quando fugiu. Quando ela voltou, sua mãe tinha visto sangue em sua calcinha. Era o padrasto que dormia com a filha havia dez anos.

Foi o pai de Josiane que fez examinar a filha e que devolveu o atestado médico que constata:

- traços de queimaduras de cigarro na mão esquerda na quantidade de dois;
- numerosos arranhões no antebraço;
- contusões múltiplas no corpo, nos dois seios;
- contusões e arranhões da vulva significativos nos grandes lábios e pequenos lábios sem feridas nem rupturas.

Foi o pai que também deixou na delegacia uma calcinha e um sutiã lavados desde os acontecimentos. O pai fala de um vestido rasgado que não teria sido encontrado.

Três dias depois da primeira deposição, Josiane volta à delegacia com uma amiga. Ela declara que o que disse sobre o estupro é falso. Que ela não conhecia os indivíduos dos quais tinha falado. Ela adiciona que não tinha a intenção de prestar queixa, que ela só o fez sob a pressão de seus pais, que ela, além disso, tem a intenção de deixá-los, assim que for maior. Ela narra, nesse momento, a noite da fuga com seu namorado. Ela assina a nova deposição.

O pai de Josiane só compareceu às convocações em fevereiro de 1977: dois meses após os acontecimentos.

A investigação da polícia conclui uma fuga disfarçada como estupro:

— A acusadora tinha denunciado, pressionada pelo pai, e feito declarações mentirosas para cobrir sua ausência noturna do domicílio paterno.

É uma conclusão possível. Mas lendo mais atentamente a audição do pai, toma-se conhecimento de elementos importantes que faltavam até então, e que esclareciam singularmente a história de Josiane. O pai enfim se apresenta. Ele declara:

— O comportamento da minha filha não me surpreende, porque ela é muito tímida e mentirosa... Ela é distante e não é comunicativa.

Descobre-se que Josiane foi colocada no Serviço Social Infantil por sua mãe, a que tinha sido abandonada pelo pai. É por uma carta da mãe que o pai toma conhecimento da adoção da filha. Ele está casado e sua mulher queria a guarda de Josiane. Ele aceita. Ela tem 8 anos quando vai viver com seu pai:

— Nós sempre criamos ela direito, sem rigor exagerado, mas no que me diz respeito, eu sempre fui firme pra ela não inventar nada e trabalhar direito.

Ouvem-se à distância e quase ao mesmo tempo, em janeiro de 1977, as falas de uma mãe que testemunha por seu namorado, contra a filha Thérèse, que denunciou o padrasto. Desde os 11 anos, ele a obriga a ter relações sexuais e o que diz a menina, que se recusa a voltar para casa, não deixa dúvidas sobre a manipulação sexual da qual ela é objeto. A mãe afirma, pois:

— Minha filha tem tudo o que precisa em casa. Tem um quarto próprio e não tem nenhum problema no plano material. Meu namorado faz de tudo pra criar ela direito. Ele considera ela como sua própria filha, e ela considera ele como seu pai. Além disso, ela chama ele de pai...

Sua filha é individualista. Não gosta que mandem nela. Ela conta mentiras, não tem muita vontade de trabalhar em casa. O namorado:

— A gente faz o que pode pra que ela seja feliz em casa... Ela ainda me chama de pai... Quase não sai, só pras compras... Pela idade, está fora de questão sair à noite... Eu fiz de tudo por ela. Sempre considerei ela minha filha...

O pai de Josiane ainda destaca em sua declaração:

— Ela já tentou se suicidar duas vezes: a primeira, aos 14 anos cortando as veias e a segunda, aos 16, tomando comprimidos...

Ele pensa, então, em culpar a filha patologizando-a; ou essas reações, em um clima familiar que apresenta todos os sinais de família incestuosa, são aqueles que se encontram de maneira permanente nos casos de incesto lidos, ou reportados por juízes, educadoras, assistentes sociais... O pai ainda acrescenta:

— É possível que ela tenha se machucado de propósito.

É verdade que a automutilação existe, mas as contusões e arranhões da vulva, as contusões nos seios... Teria ela dado em si mesma socos no peito, como Tarzan na selva quando dava seu grito de floresta?

Todos os argumentos que o pai de Josiane aponta contra sua filha podem se voltar contra ele. Ele a culpa muito e com demasiada obstinação, ele a psiquiatriza muito bem... Um juiz de menores contava que uma mãe, cúmplice de um pai incestuoso — ele tinha dormido com as três filhas, a segunda tinha fugido e era a mais velha que tinha denunciado, a terceira dormia com o pai por dinheiro — dizia, de suas filhas que acusavam o pai, que elas eram loucas e mentirosas, depravadas também. O pai batia nelas porque elas “saíam com todos os garotos”. A segunda se recusava a voltar para a casa dos pais. A mais velha tinha saído de casa. Era ela que a mãe chamava de louca:

— Não dá pra acreditar nela, ela conta mentiras...

Desde os acontecimentos, Josiane não saiu da casa dos pais. Ela não quer mais ir à escola. Ela só sai para ir trabalhar: ela aprende a profissão de secretária no fórum. Ela quer passar em um exame de investigadora de polícia. Ela procura, assim, dedicar-se a meios de descobrir a verdade nos casos de atentado contra menores de 15 anos. Ela quer poder dizer um dia o que ela realmente passou com a sua história. Dizer a verdade. Essa escolha é sintomática. Talvez, descubramos que foi o pai que manipulou a filha desenvolvendo um cenário que funcionou, para esconder um incesto. “Um atentado ao pudor com violência...” Porque nós não conhecemos sempre o autor dos maus-tratos no fim da investigação. Se nossa leitura do processo está certa, o pai estaria na origem dos maus-tratos. As meninas, agredidas, maltratadas, estupradas dentro da família, não denunciam facilmente o pai.

*Para dar prazer a ele, ela também dorme com os outros*

“Mamãe e J... vivem me batendo, eu estou ficando cansada. Mamãe vive me dizendo ‘Mal posso esperar pra você ir embora...’”, escreve Thérèse. A mãe bate nela com a coleira do cachorro, o padrasto também. Em casa, ela é a “empregada”. É ela que foge para fazer a denúncia, sozinha. É raro encarar a polícia, os juízes, os interrogatórios e exames sucessivos, a pressão da mãe, do pai ou padrasto, uma vergonha que a menina sente nesses casos: dormir com o pai ou padrasto. Vergonha que o público dirige à própria menina, mesmo se ela não é culpada. Culpa: ter traído o pai, a mãe, a família... Thérèse tem 14 anos, fraca e frágil, terá que viver tudo isso, com a força e a energia de um adulto. Que a sua história, a seguir, seja problemática, dolorosa... Onde ela se encontra da fuga para o abrigo, do abrigo para a fuga, da fuga para a calçada avaliada, examinada pelos proxenetes, caminhantes incansáveis ao lado dos abrigos e das casas de acolhimento materno...

Educadoras contam, já dissemos, que os homens, frequentemente norte-africanos, vagam em torno das casas de acolhimento materno para propor às mulheres, que encontram e reconhecem por sua pobreza, um endereço, um quarto, uma saída. No verão, as jovens sentam-se nos bancos da avenida. Elas esperam. Os homens param, vêm conversar com elas. Eles fazem promessas. Se a mulher está grávida, ou é menor de idade, isso não os impede. Eles não falam da gravidez, nem da criança que vai nascer. É a mulher que os interessa. Seu corpo. Pleno ou não. É um corpo para produzir e transar. Elas estão sozinhas. Elas escutam. Elas os acham gentis. Elas os seguem e o que se segue... Elas saem do abrigo e não as vemos mais. Elas deixarão a criança para adoção: a maior parte das crianças recolhidas temporariamente são crianças de mulheres, de adolescentes, que viveram elas próprias em abrigos, alojamentos, centros maternos. Aquelas que saem no sábado-domingo e que encontram seu namorado para aventuras, ou um novo namorado, voltam brutalizadas, violentadas sexualmente.

— Os órgãos genitais são danificados, inflamados a cada saída de fim de semana — é o que notam sempre as parteiras que acompanham a gravidez das jovens mulheres.

Além disso, muitas têm um namorado norte-africano que mora com amigos, primos, irmãos... A jovem dorme com o namorado e, para dar prazer a ele, ela também dorme com os outros que estão lá. Ela não vive isso de forma alguma como um estupro. Ela só responde a uma demanda, a uma necessidade do namorado e dos homens que estão lá. Ela se sente útil. Ela não se pergunta sobre o próprio prazer, seu corpo e sua função sexual... Ela vê nessas relações — talvez calorosas — provas de apego, de preferência, de amor... — Mesmo se, na maior parte do tempo, o namorado a abandona assim que um problema material surge, quando a mulher não está mais no abrigo e encontra-se sem trabalho nem domicílio, com um recém-nascido... A prostituição parece frequentemente uma solução financeira provisória e, pouco a pouco, habitual.

*Ele joga um líquido branco em um lenço*

Ela não fala, ela não se move. É ele quem faz os movimentos sobre ela. Ela é como uma criancinha que tem medo. Como uma puta passiva e muda que trabalha sob a demanda do cliente, sempre a mesma e seguindo os mesmos ritos. O padrasto dá presentes a Thérèse.

— Meu padrasto compra uns livros nojentos do gênero SOS ou SAS<sup>71</sup> com uma mulher pelada segurando uma faca na capa. Mas ele não tem figuras dentro. Esses livros falam de violência e de trepadas<sup>72</sup>. Eles estão na prateleira de baixo. Faz dois meses, eu vi, em cima do criado-mudo do quarto, um livro com o nome *Gozar*<sup>73</sup>. Era sobre “boceta”; na capa, tinha duas meninas peladas.

Era um padrasto moderno e liberal: ele não esconde as revistas pornográficas que lê. Curiosamente, percebe-se — falaremos a seguir — que essas revistas pornográficas estão justamente lá onde se desenvolve a cena incestuosa. Será que o pai ou o padrasto experimenta, será que apresenta posições, gestos, objetos... que farão da menina uma amante treinada, uma prostituta experiente e talvez especialista nesse ou naquele setor técnico das perversões que a pornografia passa em revista?

Ao longo de sua audição, Thérèse emprega com grande naturalidade a palavra “boceta” que ela leu nesses livros instruídos de seu padrasto. É tão pouco corrente que uma menina publicamente pronuncie essa palavra que é registrada no relato de polícia:

— Meu padrasto me leva pro quarto dele antes da mamãe voltar do trabalho. Ele manda meu irmão e minha irmã brincar no quarto deles. Ele tranca a porta do quarto com o trinco. Ele me manda deitar na cama, tira minha roupa inteira, levanta a calça, tira o pipi e coloca na minha boceta [...]. É difícil e me machuca. Ele mexe na minha boceta, depois joga um líquido branco em um lenço. Ele nunca me fez fazer mais nada. Ele fazia isso comigo várias vezes por semana... Por dois meses eu me recusei, então ele me bateu pra me obrigar a fazer isso com ele [...]. Ele não me diz nada quando tem relações comigo. Mas a cada vez que ele pega o lenço, seja do bolso ou das coisas dentro do armário, e depois de ter mexido em mim, ele sai de uma vez e seca o pênis com esse lenço [...]. Ele nunca pega mais nada. Depois, ele coloca o lenço direto na máquina de lavar, como a minha mãe faz com a roupa suja.

Ela tem o dever de se prostituir para ele, mas não tem o direito de sair:

— Minha mãe e meu padrasto não me deixam sair nunca e me vigiam o tempo todo quando eu vou fazer compras.

Ela foge.

C... foge. N... foge.

---

<sup>71</sup> Coleções literárias que incluíam publicações do gênero erótico.

<sup>72</sup> *Coucherie* é um termo informal pejorativo em francês que designa as relações sexuais. Optamos por traduzi-lo como “pouca vergonha” por trazer o mesmo nível de registro linguístico, apesar de ser um pouco mais amplo.

<sup>73</sup> *Jouir*, em francês. Optamos pela tradução livre do título, pois não encontramos informações sobre a publicação original.

C... não quer mais voltar para a casa do pai. Ela foge duas vezes. Interpelada durante a segunda fuga, ela acusa o pai de “atos indecentes”, “a realidade das acusações feitas pela menor não pode ser verificada.” Por outro lado, o processo destaca: “A jovem C... é tida como alguém que tem um caráter difícil, como ladra, fugitiva, mitomaníaca e muito interessada por problemas sexuais...”

N... apresenta-se na delegacia. Ela pede as informações necessárias para sair do domicílio familiar. Ao longo da audição, ela acusa o pai de violências e de “atentado ao pudor contra sua pessoa”. O acusado reconhece os fatos. O relatório destaca: “A jovem N... parece particularmente atraída pelos garotos. Ela fugiu do domicílio familiar.”

A lista é longa.

### *No verão, eu tiro férias em Cannes*

Os pais anunciam a fuga das filhas. Elas saíram de casa há vários dias. Os pais dizem que “não conseguem mais segurar elas”. Elas querem sair, eles dizem não. Os pais incestuosos, principalmente. Alguém viu a menina. Elas se juntam a um amigo que as abriga ou vagam pelas ruas dos centros urbanos. Os homens mexem com elas, alguns as recebem. A polícia interpela-as e encaminha-as ao Conselho Tutelar. Elas não falam logo.

— De duas a três mil meninas chegam assim — diz um perito ao Conselho —; 90% dentre elas não são mais virgens e é frequente que elas não tenham nem 15 anos.

Quantas são defloradas pelo pai ou padrasto? É impossível dar um número. Nem todas dizem.

— Frequentemente nas ruas, elas se deixam seduzir por gangues, por homens que gostam de meninas bem novas, elas têm 12, 13 anos. Elas consentem na maior parte do tempo.

Esses casos raramente “saem”. Eles praticamente nunca chegam à justiça. Ouve-se falar desse caso de um empresário que buscava meninas menores fugitivas. Ele as abrigava em seu apartamento ou em suas quitinetes. Ele cuidava delas. Em contrapartida, elas deveriam se entregar a cenas eróticas de todo tipo. Ele não dormia com elas. Ele apreciava as cenas de lesbianismo, por exemplo, uma dentre elas tinha que se masturbar com um crucifixo... Muitas se encontram praticando uma espécie de prostituição “ocasional”.

— Uma menina de 17 anos — conta um juiz de menores — não parava de fugir. Ela não se entendia com o padrasto, como muitas das adolescentes que recusam, mais ou menos

aos 15 anos, as relações sexuais impostas até então. A menina frequentava bares à noite. A mãe era garçomete em um bar, “garçomete em ascensão”.

É o serviço de prevenção que avisa o juiz sobre a fugitiva. A mãe conta que a filha se droga, mora com os antilhanos e africanos...

— A mãe pedia a emancipação da filha, levada por um proxeneta do qual ela era cúmplice.

A filha faz duas tentativas de suicídio.

Ela é hospitalizada três vezes.

Ela foge de novo. Ela é abordada por policiais na Floresta de Fontainebleau<sup>74</sup>. Ela ia a Marselha com um namorado. Em julho de 1977, ela foi interpelada em um hotel sórdido em Issy-les-Moulineaux<sup>75</sup>. Ela volta para a casa da mãe. Em setembro de 1977, a mãe não sabe onde está a filha. Ela dirá, talvez, como uma outra menina menor que se prostituía desde os 15 anos, em uma quitinete, depois de ter feito programa em Marselha:

— No verão, eu tiro férias em Cannes.

Aos 17 anos, ela se prostituía por telefone. Ela tinha ido a Paris para fazer “prostituição de classe”. Ela estava instalada em um abrigo em Lyon. A medida educativa tinha falhado...

A... sai aos 16 anos do domicílio familiar. Em Paris, ela mora com amigos, depois é abrigada por um argelino, com o qual mora por vários dias. Ela trabalha em várias cafeterias. Ela é procurada. Ela é menor. Ele a protege. Ela divide a cama e o quarto com ele. Ela o acusa de ter batido nela “para obrigá-la a ter relações completas toda noite. Ele teria igualmente proposto que se prostituísse por conta própria e teria, em várias ocasiões, roubado o seu dinheiro”. Ele era acusado de “violências, roubo, tentativa de proxenetismo”, em janeiro de 1977.

Seria possível citar algumas descrições de jovens mulheres que se prostituem, que foram vítimas de violências na infância e que, em uma ou em várias fugas, foram fichadas (entre 1970 e 1977):

F..., 20 anos.

Filha única de um pai faz-tudo<sup>76</sup>, de uma mãe estenógrafa.

<sup>74</sup> Floresta localizada a cerca de 60 km a sudeste de Paris, com uma área de 280 km<sup>2</sup>. Em seu interior, está situada a cidade de Fontainebleau, uma grande atração turística.

<sup>75</sup> Comuna localizada a sudoeste de Paris, que faz fronteira com a capital francesa.

<sup>76</sup> *Ouvrier d'entretien* é um profissional capaz de fazer vários tipos de serviços, como manutenção e reparos na rede elétrica, pintura, marcenaria, etc.

Fuga aos 15 anos. O pai bate nela.  
Em dois anos, ela foge vinte e duas vezes.  
Tentativa de suicídio com barbitúricos.  
Colocada em orfanato por ordem judicial.  
Fuga.  
Mora com norte-africanos.  
Prostitui-se para um argelino.  
Teve uma criança, criada por seus pais.

J..., 30 anos.  
Nascida da ligação pai: operário — mãe: sem profissão.  
Filha única.  
Ela é vítima de atentado ao pudor da parte do pai.  
Desde os 17 anos, ela se prostitui.  
Ela tem cinco crianças, das quais três foram deixadas no Serviço Social.

C..., 29 anos.  
A mais velha de uma família com quatro crianças.  
A mãe recebe seus amantes em casa.  
O pai tentou abusar dela aos 12 anos.  
Ela foi deixada no Serviço Social.  
Depois, em um Bom Pastor.  
Ela frequenta gangues de adolescentes.  
Prostituição aos 17 anos.  
Ela tem uma criança.  
O cafetão está preso. Ele tem duas mulheres que trabalham para ele. As crianças são criadas pela família.

J..., 35 anos.  
Criada pela mãe e pelo padrasto.  
Infância infeliz.  
Mora com um homem que se torna seu cafetão após o casamento.  
Três crianças sob os cuidados de uma assistente social.



Uma menina de 10 anos que é vítima em 1971 de atentado ao pudor da parte do amante da mãe.

As meninas que fogem do domicílio familiar para romper a relação incestuosa não se encontram todas fazendo programa por aliciamento ou em quarto de hotel ao lado da Gare de l'Est<sup>77</sup>... Às vezes, elas encontram garotos que não são nem cafetões, nem babacas e que moram com elas sem tirar proveito. O que acontece também é que elas esperam sempre por um amor louco, eterno, maravilhoso e ficam grávidas porque são contra “esse pedaço de arame que se coloca na barriga”<sup>78</sup> ou contra o “sexo encapado”<sup>79</sup>... O garoto não tem nada contra o aborto, a menina se recusa, ela quer a criança... conhecemos o restante. Casamento precoce. Crianças rejeitadas, ou deixadas em orfanato, maltratadas. Filha abandonada, mãe solteira afastada da família, sozinha... E os cafetões sabem, conhecem essas mulheres no sofrimento, vigiam-nas. Eles as protegem no começo, depois cobram muito caro por esse serviço. As mães também podem ser mães proxenetas.

#### *O quarto nº 5*

A filha da Sra. B. R..., Salima, encaminhada pela DASS<sup>80</sup> a um abrigo, foge várias vezes. A educadora insiste na relação de caráter sexual dessas fugas. Salima encontra vários meninos por vez. Ela mantém relações sexuais com eles. Grávida, deve se casar. Ela casa com um homem muito mais velho. Ela tem uma menina.

A Sra. B. R. tinha sido uma menina maltratada. Seu pai era violento:

— Eu vi tantas vezes meu pai bater na minha mãe, que eu decidi que os franceses não valiam nada e que eu pegaria um argelino.

Ela foi deixada aos cuidados da Assistência Social. Depois, trabalhou como faxineira em um hospital. Ela se casa com um argelino. Três crianças nascem desse casamento. O marido é violento. Ele bate nela. Ela foge com um amante. Seus filhos vão para adoção. Ela se prostituía, diz o processo judicial. Ela é presa em 1973, por “cumplicidade de atentado ao pudor sem violência contra menor de 15 anos por ascendente”. Salima, 13 anos, acusa o pai

<sup>77</sup> Uma das seis principais estações ferroviárias parisienses.

<sup>78</sup> Trata-se, provavelmente, de uma referência ao DIU (dispositivo intrauterino) de cobre, um pequeno objeto em formato de T inserido no útero que atua como contraceptivo.

<sup>79</sup> *L'amour sous cellophane* é uma expressão francesa utilizada para referir-se ao sexo com preservativo.

<sup>80</sup> A *Direction Départementale de l'Action Sanitaire et Sociale (DASS)* é um antigo órgão do Estado francês responsável por intervir em situações de políticas sanitárias, sociais e médico-sociais. Foi substituído em 2010 pelo Serviço Social Infantil (*Aide sociale à l'enfance – ASE*).

de tê-la estuprado com a cumplicidade ativa da mãe, que conhece os fatos. “Ela dizia que, uma noite, enquanto os pais estavam deitados, eles a tinham atraído para a cama deles, onde seu pai consumava com ela o ato sexual completo com a cumplicidade da mãe, que lhe segurava os braços. Ela afirma que a cena se repetia várias vezes em datas diferentes.”

O irmão também teve relações sexuais completas com ela em várias ocasiões. Seu primo “não tinha consumado o ato sexual completo, limitando-se a alguns movimentos sem poder penetrá-la.” Todos os homens da família sentiram-se autorizados a forçá-la. E foi a mãe que facilitou o estupro incestuoso...

Uma mãe tinha entregado ao amante argelino e ao irmão do amante sua filha de 11 anos, Odile. A mãe trabalha com um hoteleiro argelino. Ela tem problemas com dinheiro. Desde os 14 anos ela trabalha; ela começou em uma fábrica de bonecas. Ela deixa a família, seus dez irmãos e irmãs, por um casamento precoce. Seu marido bebe, é violento. As rupturas entre os dois são frequentes. Ela tem amantes. Na prisão, ela diz que nunca foi feliz na vida. Ela é, então, abrigada e empregada nesse hotel gerenciado por um argelino, seu amante. Ela cozinha e limpa para o hoteleiro. Ela dorme com ele e dá a ele sua filha: ela poderá adiar o momento de pagar os aluguéis que deve. Uma noite, Odile, sua filha, dorme no quarto nº 5, desocupado, no décimo andar. É um favor que a mãe parece pedir ao hoteleiro, que concorda. “Uma noite, a menina foi ao quarto nº 5 e trancou-se a chave. O hoteleiro bateu à porta, mas Odile recusou-se a ouvi-lo. Ele desceu para procurar a Sra. B... e os dois foram até a porta do quarto nº 5. A Sra. B. bateu, dizendo: ‘É a mamãe, abre’. A menininha abriu, o hoteleiro entrou e a Sra. B. foi embora.” Odile tira a camisa à noite. Ele se deita nu, sobre ela. Eles transam, mas por precaução ele ejacula entre as coxas dela. Eles dormem. “A Sra. B... terminou por dizer que tinha incitado a filha a dormir com o hoteleiro [...]. Odile afirmou que a mãe a tinha obrigado, ameaçando-a de mandá-la para a prisão.”

Odile e seus irmãos são deixados aos cuidados do Serviço Social.

A mãe foi condenada a cinco anos de prisão.

Como a mãe de Salima.

As mães cúmplices prostituem a filha para o marido, ou o amante. Esse caso é claro nesse ponto, se os outros aparentemente não são. O pai, o amante utilizam a filha como uma puta, pagam-na em dinheiro ou com presentes, e a mãe se comporta como uma cafetina. Também existem os pais proxenetas. Que defloram a filha e usam-na para que traga dinheiro. Se o pai não a mantém para si mesmo, ela deve servir-lhe ainda, e seu corpo pertence a ele, ao pai, o primeiro amante, primeiro cafetão.

*Nos banheiros públicos*

“Elas têm isso na pele, na cabeça. Elas correm, elas fogem.” A mãe diz:

— É uma safada, não tem o que fazer.

E os processos destacam, cuidadosamente, cada vez que a menina se interessa por meninos, eufemismo para dizer que ela é da vida<sup>81</sup>, que dorme com qualquer um... Em uma manhã de março, em 1978, uma velha senhora acompanha uma menor grávida em um centro materno. A mãe trabalhava na restauração, ela não podia ausentar-se. Além disso, seu apartamento era muito pequeno para receber a filha com sua criança. A velha senhora indignava-se:

— Tudo isso é por causa da pílula. É uma catástrofe. Eu trabalhei em Bretonneau<sup>82</sup>. Vi muitas. Todas umas safadas<sup>83</sup>. Essa pílula... eu não vou ver isso. Vou morrer antes. Mas os médicos dizem. Todas as mulheres vão ter câncer de útero. Aliás, as cancerosas são tratadas com um ingrediente que encontramos na pílula... Minha filha, isso lhe teria acontecido. Eu criei três crianças sozinha. Eu era viúva por causa da guerra. Eu nunca casei de novo. Nem por isso me faltou comida, posso dizer. Um estranho não pode amar as crianças que não fez. Não é possível. Então ele faz outras, se já não tem, e isso cria histórias...

Um perito contava que um pai que dormia com a filha, depois de muito tempo, tirava fotos de suas “brincadeiras”. Ele ameaçava a filha de revelar tudo à mãe, se ela não lhe desse dinheiro. A filha, então, se prostituía. Era por safadeza? Para se submeter a esse ponto... era preciso que ela estivesse em uma solidão, uma miséria, um desespero absolutos para suportar o pai, as sessões pornográficas e a prostituição. As mesmas questões para Suzanne: essa fraqueza mórbida que serve aos desejos dos pais, essa inércia que atrai os maus-tratos, a violência sexual e a utilização do corpo da filha como se ela não existisse. A história de Suzanne é, a esse respeito, exemplar e aterrorizante.

Aos 4 anos, ela é colocada em uma ONG de assistência infantil<sup>84</sup> do Ródano<sup>85</sup>. Seu pai está preso. Foi condenado em 1965 por atentado ao pudor contra a filha mais velha,

<sup>81</sup> A expressão *coucher à droite e à gauche*, em francês, é utilizada para falar de alguém que tem vários parceiros sexuais.

<sup>82</sup> *Bretonneau* era um hospital público de Paris que levava o nome do médico Pierre Bretonneau. Encerrou as atividades no fim dos anos 1980, para dar origem ao hospital Robert-Debré. No prédio antigo, instalou-se uma feira artística informal de 1990 a 1995. A partir de 2001, reabre as portas com um novo centro de odontologia.

<sup>83</sup> Acreditamos que a tradução de *petites vicieuses* por “safadinhas” daria uma conotação sexual indesejada à frase. Optamos por “meninas safadas”, alternativa que consideramos menos sexualizada, porém ainda pejorativa.

<sup>84</sup> A *Association de la sauvegarde de l'enfance* é uma instituição que procura dar proteção às crianças e adolescentes, fornecendo-lhes ajuda, suporte e formação, principalmente por meio de ações educativas, prevenção, intervenção psicossocial, escolar, médico-social e terapêutica.

proxenetismo... O pai de seu pai, tanoeiro, tinha sido condenado por atentado ao pudor contra meninas, dentre as quais as próprias filhas. Ele perpetuava, então, a tradição familiar e Suzanne vai sentir o peso real dessa tradição. Em 1972, ela tem 14 anos. Ela é monitora assistente em um abrigo de crianças pequenas. A pedido de seus pais, ela volta ao domicílio familiar. O pai e a mãe contam “que a jovem só faz o que dá na telha, que ela não tinha boas maneiras e nem educação, e que o pai tinha que repreendê-la seriamente por causa das saias muito curtas.” Lembramos de Blandine, que volta após dez anos à casa da mãe e as discussões que se seguiram... As mesmas. As mesmas acusações: ela é preguiçosa, ela não obedece e, além disso, ela tem tudo pra fazer programa. Era o discurso da mãe e da assistente social: Blandine não era mais uma menina, não se podia mais segurá-la, ela buscava agradar aos homens, era uma puta... O discurso do pai de Suzanne é: “de qualquer jeito, já é uma rameira, melhor aproveitar ao máximo.” Ele justifica assim — porque sua filha usa saias muito curtas — os estupro sucessivos que ele lhe impõe e os programas que ele a obriga a fazer por dinheiro.

Em uma tarde de julho de 1972, o pai leva Suzanne e seu irmão mais novo em um passeio de carro. Em Lyon, eles assistem a um desfile de balizas<sup>86</sup>, depois o pai visita uns amigos e, por volta da meia noite, param em um bar onde o pai, generoso, convida um argelino para beber na mesa. “Os dois homens ofereciam-se bebidas; ao longo da conversa, o pai dá ao jovem argelino olhadas e sinais na direção da menina que o acompanhava, começando, assim, a fazer o interlocutor interessar-se.” Eles saem juntos do bar e vão para outro, onde o pai propõe que filha trabalhe como garçomete. Por volta de 1 hora da manhã, eles se encontram no domicílio do argelino, a quem o pai tinha proposto de dormir com sua filha (o jovem não sabia da filiação). Tinha aceitado, mas tinha conseguido que o preço de 50 francos<sup>87</sup> baixasse para 30 francos [...]. Chegando ao domicílio do cliente, Suzanne manifestava resistência. Finalmente, ela aceita subir ao quarto acompanhada do pai e do menino. Esses dois últimos ficaram perto da janela, a escuridão pairava no cômodo. Uma vez a jovem despida, o jovem argelino dava-lhe dinheiro e tentava penetrá-la. Ele não conseguia, em razão da atitude passiva de sua parceira e de sua tremedeira.”

Eles vão embora de manhã. Deixam Lyon.

---

<sup>85</sup> Departamento francês, cuja capital é a cidade de Lyon. Abriga quase 500 mil habitantes, segundo dados de 2015.

<sup>86</sup> *Majorettes* são mulheres que performam movimentos de dança e ginástica, acompanhadas de manobras com um bastão. São geralmente associadas a desfiles de bandas. No entanto, diferem das balizas pela ausência de caráter esportivo. Optamos por traduzir o termo como “balizas” pela falta dessa diferenciação no Brasil.

<sup>87</sup> Moeda oficial da França de 1795 até 2002, quando foi substituída pelo euro.

O pai para o carro em uma pequena estrada, depois de ter deixado a rodovia. O irmãozinho dormia atrás.

Ele pede à filha para transar. Ela recusa.

Dois tapas.

Ele a deita no banco reclinável, arranca a calcinha dela, deita-se sobre ela e a penetra.

Ela era virgem.

Ela sangra abundantemente.

Volta para casa. Silêncio. O pai propõe de novo um passeio de carro a Suzanne com o irmãozinho e a irmãzinha, dessa vez. Ela aceita. Em uma cidade próxima, eles param na praça da *Libération* ou praça do *Promenoir*. “O pai fazia a filha descer e mandava-lhe atrair clientes, dando-lhes sorrisos: tinha que pedir 50 francos ou mais aos homens que lhe propunham sexo. Ela foi abordada por um homem de uns sessenta anos que, depois de tê-la convidado para tomar um café, conduzia-a para os banheiros da praça onde eles tentavam ter relações, mas em vão, dada a posição em pé. O homem pagava 50 francos a Suzanne, que entregava o dinheiro imediatamente ao pai [...]. No dia seguinte, por volta de 14 ou 15 horas, nas mesmas circunstâncias, ela encontrava o mesmo cliente e, dessa vez, eles iam a um hotel em frente à praça da *Libération*. A recepcionista reconhece Suzanne, a cliente da tarde: ela ainda confirma a descrição do quarto nº 11 e os preços pagos por sua ocupação. O homem dava 20 francos à dona do hotel, e dava à menina a quantia de 40 francos. As relações tinham sido completas [...]. Quatro ou cinco vezes, nos dias que se seguiram, o pai levava a filha à cidade e, sempre próximo, incitava-a a atrair os homens e a ter relações com eles nos banheiros públicos. Suzanne entregava, a cada vez, o valor integral dos programas ao pai.” Ela quer parar. O pai fala que precisa do dinheiro. Ela resiste. Ele a ameaça de morte.

A cada viagem de volta, o pai para o carro e dorme com a filha.

O processo continua: “No correr do mês de setembro de 1972, ele culpava a filha por não ganhar dinheiro suficiente.” Eles vão a Paris, onde são abrigados por um tio. O pai a encontra toda noite na cama dela e impõe-lhe relações no carro “durante os passeios noturnos, nos lugares isolados da periferia parisiense”. Ela se prostitui por algum tempo sob a vigilância do pai, depois eles voltam para casa.

Em novembro de 1972, Suzanne foge quatro vezes de casa. Ela é enviada para um centro de observação pelo juiz de menores.

O pai negou todos os fatos denunciados pela filha: “Ele afirmou que a filha consentia, que se ela se prostituía era por sua própria iniciativa. Ele contestou o fato de ter compartilhado os produtos de sua prostituição. Ele negou ter cometido atos incestuosos.” A mãe de Suzanne

“afirma ignorar as ações do marido a respeito da filha [...]. Ela sustenta a tese do acusado e qualifica a filha como safada”.

No mês de junho de 1973, Suzanne foge do centro para onde tinha sido enviada. Ela se relaciona sucessivamente com um francês e um argelino. Abordada na rua, caindo de bêbada, ela é enviada novamente para um centro, de onde foge. “Ela vive em um meio de prostitutas, nas mãos dos cafetões.”

No mês de junho de 1974, ela tentava colocar fim aos seus dias, tomando diversos comprimidos.

Em julho de 1974, ela é hospitalizada por causa de um aborto espontâneo.

Suzanne viverá, assim, uma série de mortes mal sucedidas: suicídios falhos, abortos espontâneos, recusa de voltar ao mundo viva. A prostituição já é uma morte para o seu próprio corpo. Um corpo que poderia ter sido esquecido no meio da merda e do lixo, nos banheiros públicos de uma praça que se chamava libertação. Foi lá onde morreu, em seu corpo, sobre o banco reclinável do Peugeot paterno.

Em fevereiro de 1976, o pai de Suzanne é condenado pelo tribunal do Ródano a 12 anos de reclusão criminal por “estupro, atentado ao pudor, proxenetismo”.

Suzanne talvez esteja morta.

Não se sabe se ela estava presente no dia do processo.

Não se sabe nada.

## A lição objetiva

Frequentemente, os pais incestuosos falam de iniciação, de educação sexual. Consideram sua relação com a filha, de alguma forma, como uma iniciação à sexualidade. A qual sexualidade? À sexualidade dos homens. Às necessidades sexuais masculinas, ao prazer masculino. Eles não se importam muito com a sexualidade feminina. Pensam que isso não existe ou, ainda, nem pensam que isso poderia existir. Iniciação também à prostituição e, paradoxalmente, à castidade, à frigidez. A mulher não tem sexualidade. Ela existe de corpo e de sexo para satisfazer a sexualidade masculina — é o que a menina aprende das relações com o pai, padrasto ou amante da mãe. Ela aprende que uma mulher — sua mãe também, já que serve de mulher ao homem presente — é para ser manipulada como objeto sexual. Ela aprenderá o que é preciso fazer e o que é o melhor para dar prazer aos homens, primeiro ao homem que a ensina sua sexualidade, em casa.

É assim que, frequentemente, as festas sexuais se fazem em vários, muitas vezes em família. O pai convida a filha para olhar como é preciso começar antes de fazer ela mesma. Para ajudá-la, ele mostra revistas pornográficas para as posições, gestos... Assim, ela saberá melhor, aprenderá mais rápido. O próprio ato serve de lição concreta, depois a menina, para saber mais, participa da cena sexual em que a mãe está presente, o irmão, se houver um irmão, a amiguinha da filha, se não houver irmão nem irmã.

*Quer que eu te mostre como ejacula...*

Pai, padrasto, amante da mãe, todos reclamam esse papel professoral em que atuam, raramente sem violência. As meninas serão putas experientes. Livres de todos os tabus...

— Ele me dizia que, se eu não me masturbasse com uma banana, era porque eu não era uma menina [ela tem 15 anos] livre, anormal [...]. Ele vinha no meu quarto, ele pegava o livro sujo (ele comprava livros muito sujos pra mim, me dava endereços pra eu ir ler eles em Pigalle<sup>88</sup>), ele deitava na minha cama com calça de pijama, me dizia pra eu me aproximar, lia o livro e tocava o próprio pênis... Se eu não fizesse o que ele me dizia, ele me batia e me castigava. Um dia, eu contei pra minha mãe, ela não acreditou. Então, pra que ela não me tratasse como mentirosa, eu gravei. Meu pai dizia: “Quer que eu te mostre como ejacula, quer ver meu esperma...”

---

<sup>88</sup> Bairro parisiense, famoso por situar-se em uma região onde se concentram *sex shops*, teatros e shows para adultos.

A carta data de 1974.

É assim, em nome da libertação sexual, do “desenvolvimento pelo sexo”, a “saúde pelo sexo”... que as revistas pornográficas intitulam:

- Viva a vida sexual sem complicações...
- Libere seus fantasmas.
- Libere sua sexualidade adormecida pelos problemas quotidianos.
- Libere sua imaginação.
- A felicidade pela pornografia.

Nos catálogos de pornografia, as revistas, fotonovelas para “amantes de frutos verdes”, estão geralmente esgotadas. Podemos ler textos publicitários: “*Vadias de 13 anos* — Primeira fotonovela colorida de ninfetas<sup>89</sup>. Elas são novas demais, mas as bocetas com pelos que acabaram de nascer acendem seu fogo... Sempre no calor, os pequenos seios crescentes incham, os deliciosos cuzinhos inteiramente rosas palpitam, os mini-clitóris apontam, as vulvas encharcam a calcinha, os rabos magros aproximam-se do desejo que os ataca. O que essas vadias de 13 anos precisam é de paus grandes e duros, de línguas curiosas e de jatos de gozo quente. Não perca o espetáculo de Adrien enrabando dolorosamente a seco sua priminha, arregaçada em sua carne brutalmente deflorada e maculada pela intromissão da enorme pica.” No hit-pornô, o catálogo assinala uma fotonovela toda colorida: “*Uma cruel história de incesto e de incitação à orgia*”. Ele baixou sua calcinha e desabotoou sua saia. Que idade ela poderia ter? 12 anos, talvez? Ele beijou com paixão o pequeno ventre branco. Ah! como era bom. Ele colou seus lábios sobre as nádegas. O agradável sexo era dos mais tentadores. Suas mãos percorreram todo o corpo com nervosismo. “Eu quero te ouvir gritar!” Ele pegou o chicote e tratou de bater na pequena... *Ele deprava a filha para criar uma vadia*. Na França, as revistas pornográficas que exibem crianças são proibidas. Os trustes da pornografia importam, então, para as vendas por correspondência, livros, filmes, revistas em que meninas e adolescentes participam de cenas pornográficas. É assim que se pode ler propagandas meio clandestinas na França sobre as “ninfetas em calor” na série Lolita: “Produções dinamarquesas que ousam depravar meninas com fins pornográficos [...]. Propor novidades aos amantes de frutos verdes, colocando em ação as encantadoras ninfas. Carícias, movimentos corporais lascivos, masturbações bem consumadas, primeira penetração de

---

<sup>89</sup> Em francês, a palavra *adolescentes* varia em gênero, contrariamente à palavra em português, que é invariável. Na tradução, utilizamos “ninfetas” para demarcar o gênero feminino e manter o tom pornográfico do gênero textual apresentado.



objetos, de pintos na boceta lisa, primeiras limpezas da vulva, macia e rosa, brotinho ingênuo, jovens corpos de crianças sujas de esperma, tudo o que remete à descoberta do amor, do sexo...”

Perto da cama, pôsteres: Piu Piu, Mickey, Spiff<sup>90</sup> ... e revistas pornô.

— Antes de transar, meu pai me mostrava revistas em que tinha pessoas dormindo juntas. Ele me mostrava e me dizia que era pra eu ver como começar.

A mãe confirma:

—Várias vezes, eu vi minha filha Francine lendo revistas de caráter pornográfico que meu marido deixava jogadas.

### *Olha como o argelino fode a sua mãe*

Francine tem 12 anos. A mãe saiu do “domicílio conjugal por causa dos maus tratos infligidos pelo marido. Ela se preocupa de ter deixado a filha sozinha com o pai. A investigação efetuada deveria confirmar as suspeitas da mãe.” O pai e a filha reconhecem os fatos. A relação dura há um ano, desde 1976. Em 1964, o pai e a mãe tinham sido privados de seus direitos, e Francine, deixada com a assistente social até 1974, quando os pais pediram sua guarda. É então que começa uma iniciação sexual particular da filha por seu pai. A mãe diz:

— Todo dia, meu marido elogiava minha filha. Ele falava que ela era bonita. Ele perguntava se ela tinha peitos. Se tinha pelos na virilha. Ela aceitava esses comentários cheios de atenção... Ela estava lisonjeada. Ela levava isso como uma brincadeira [...]. Uma noite, meu marido voltou do trabalho. Ele me atacou. Queria me dar socos. Eu me escondi no quarto. Meu marido não tinha me seguido, chamou minha filha: “Vem ver como a gente transa.” Francine ficou perto da porta. Ela olhava. Ele tirou a roupa. Me forçou a tirar a roupa e me disse: “Eu vou te enrabar”. Ele já estava em ereção. Ele me empurrou e eu caí de costas na cama. Esse lixo se jogou em cima de mim como um animal e me disse: “Vou mijar em você”. Minha filha assistia essa coisa horrível sem reagir [...]. O mijo escorria pelas minhas coxas e espalhava no lençol. Eu tentava me debater. Ele continuava o vai-e-vem até terminar. Ele me mandou chupar ele. Eu recusei — chorando, chamando... não sei quem. Ele estava sempre duro. Ele chamou a Francine pra que ela visse mais de perto. Eu comecei a chupar ele... Eu chorava. Ele me olhava choramingar. Depois, me disse: “Eu vou te enrabar.” Eu

---

<sup>90</sup> Spiff é o cachorro protagonista das histórias em quadrinhos criadas em 1948, por José Cabrero Carnal. Também foi transformado em um desenho animado *Spiff e Hércules*, exibido no Brasil pela Rede Globo.

estava com medo. Aceitei. Fiquei de quatro na cama. Eu masturbei ele antes, porque o pau dele não estava mais duro. Ele enfiou o pênis sujo inteiro no meu rabo, eu comecei a chorar de novo. Eu levantei, fui me lavar: ele se vestiu e pediu que eu fizesse comida. Francine voltou pra sala de jantar com o pai. Sentamos os três na mesa. Não conversamos. A televisão estava ligada [...]. Um outro dia, ele quis ver se a filha ainda era virgem. Ele pediu pra ela levantar o vestido e baixar a calcinha e enfiou um dedo na vagina dela: “Viu, sua filha não é mais virgem. Quem fez isso com ela?”

Na audiência, o pai disse:

— Eu nunca teria tido relações sexuais com minha filha se não soubesse que ela não era mais virgem...

O pai se permite dormir com a filha porque ela não é mais virgem. Ela perdeu a virgindade com o amante da mãe, um argelino. O marido bateu nela quando soube da ligação com um norte-africano:

— Nesse dia ainda, eu esmurrei minha mulher.

Por essa razão, ele diz que teria chamado a filha:

— Eu disse pra ela: “Olha como o argelino fode a sua mãe.”

Racismo. Violência. Sexualidade. Humilhação. Exibicionismo. Tudo isso misturado. Francine aprendeu muito em pouco tempo. Além disso, a lição continua em sua cama, já que o pai, com a mulher adormecida depois da provação exemplar, dorme com ela na mesma noite:

— Eu cheguei a penetrar ela, tirei a tempo e gozei nas cobertas.

A menina, por sua vez, conta que dorme regularmente com o pai depois da saída da mãe:

— Duas vezes, ele me mandou olhar enquanto ele transava com a minha mãe. Isso me incomodava, principalmente porque minha mãe não queria e se debatia [...]. Me incomoda um pouco dizer que deixei meu cachorro me lambar, um cão chamado Titus. Na primeira vez, aconteceu naturalmente. Estava calor, eu estava deitada pelada na minha cama. Titus chegou e começou a lambar minha vagina sem que eu tivesse mostrado pra ele. Isso aconteceu várias vezes. Fui surpreendida pelo meu pai, que me disse pra não fazer de novo. Uma outra vez, pela minha mãe. Ela me repreendeu. Titus quer fazer isso com todas que ele vê...

O pai, a mãe e o amante da mãe confirmam o episódio de Titus. O amante diz:

— Essa menina foi mal criada e mal educada. Eu mal conhecia ela quando me convidou pro quarto dela. Na primeira vez que eu fui, vi o cachorro entre as coxas grossas abertas de Francine, o animal lambia a vagina dela... Eu safi...

Podemos ler nas colunas pornográficas: “As belas e as feras: esse pornô realista e alucinante aborda a pior das depravações, a mais obscena perversão: a zoofilia. Ela vai te arrasar<sup>91</sup> e te sacudir intensamente. Nunca tínhamos ousado ir tão longe, na França, com o erotismo. No momento, é uma realidade e uma pena para os bons costumes. Por 75 francos: *Possuídas pelas feras*: meninas, castas de aparência, se divertem com Dick e Fucks, dois esplêndidos cães de guarda com vigorosas investidas. Excitados pelos gritos agudos das pirralhas, os cachorros remexem as jovens vaginas com energia. É bastante insuportável, os clitoris são lambidos, degustados, as línguas meladas visitam as vulvas encharcadas, e essa libertação lasciva traz a lubrificação das meninas misturada com o esperma espesso do cachorro. Um romance de texto sublime relata a aventura animal desses cachorros excitados nessas bocetinhas. Uma revista de brinde para toda compra superior a 100 francos.”

A mãe pede para levarem a filha. “Ela é difícil, resistente, insuportável.”

Francine quer voltar para a assistente social.

Um padraсто também falava ao perito de educação sexual, de libertação... Ele tinha, primeiro, penetrado a filha de sua mulher — legitimada pelo casamento. Sob seus olhos, cada noite. Várias vezes, desde os 11 anos, ele tinha imposto a ela felação e sodomia. Depois, ele pediu a sua mulher, que lia revistas pornográficas, para entregar-se a carícias com a filha. A esposa, em uma noite de 1975, respondia ao pedido do marido deitando-se na cama com a filha. Na presença do marido que se masturbava, mãe e filha acariciavam os próprios corpos, dando beijos na boca e nas partes sexuais. Os fatos repetiram-se várias vezes.” O pai força o filho de 13 anos, para ver se é homem, a dormir com a irmã. Ele o masturba. Sem ereção. Ele chama a sua mulher. Ele o masturba de novo, mas não chega a penetrar a mãe. O pai o expulsa brutalmente do quarto. Em várias ocasiões, ele forçou o filho a ter relações com a mãe e a irmã. Eles reconhecem os fatos. Mas a mulher diz só ter cedido por medo de apanhar do marido. Um outro processo relata que o amante da mãe tinha trazido a filha de 12 anos para o leito materno. Ele transa com a mulher, depois com a filha. Ele sodomiza a mãe e, a cada vez, as outras crianças olhavam a cena. O amante traz o filho de 10 anos, masturba-o e incita-o a se exhibir. Ele dá presentes às duas crianças, para que se calem. A mãe não declarou que tinha medo de apanhar. Ela teria até mesmo revelado que tinha prazer com essas cenas.

As duas filhas foram colocadas em um Bom Pastor.

---

<sup>91</sup> *Prendre aux tripes* é uma expressão francesa que significa “agitar”, “perturbar”, “transtornar”.

*Para que elas conheçam tudo do amor*

A mãe de Colette é favorável à liberdade sexual:

— Eu expliquei pra minha filha as coisas da vida sexual. Ela se interessa pelos meninos e adora paquerar... Eu informei minha filha sobre isso no plano sexual...

Colette tem uma relação sexual com o amante da mãe. Ela diz que é uma experiência. Ele não a forçou. Quando ela conta à mãe, esta a trata como vadia. Depois, não diz nada. Ela destaca na audição:

— Minha mãe é completamente favorável à liberdade sexual dos adolescentes. Ela concorda que eu tenha relações sexuais se eu quiser.

Mas o que aconteceu em certo sábado à noite, na casa da mãe, provocou um mal estar que Colette reconhece quando conta a cena: o amante, Colette e uma amiga (ambas têm 13 anos e meio) estão na cama de Colette. Estão nus. O amante acaricia as duas meninas. A mãe chega, entrando por sua vez na cama:

— Minha amiga chupou a vagina da minha mãe e minha mãe fez a mesma coisa com ela. Naquela época, eu transava com o namorado da minha mãe. Minha mãe não me chupou, nem me acariciou. Por outro lado, eu acariciei a vagina da minha mãe com os dedos, porque o namorado dela pediu. Na verdade, eu não tinha vontade de fazer isso [...]. Eu fui obrigada a fazer essas coisas com a minha mãe, mas eu não gostava disso.

O namorado, interrogado, fala de “exercício prático”. Ele quis mostrar a Colette e a sua amiga o que se pode fazer com vários do mesmo sexo e de sexos diferentes:

— Não era pra gozar, mas pra fazer elas verem, pra elas conhecerem tudo do amor.

As inspetoras de polícia dizem:

— Os que foram versados na psicologia podem se defender, porque têm conhecimento em educação... então falam de educação sexual e tudo. Nem todos podem se defender assim. Os que são de um meio simples não pensam nisso.

Colette nasceu na prisão. A mãe a reconheceu. A menina foi para o orfanato por causa das estadias regulares da mãe em Fresnes<sup>92</sup>. Ela ficou por dez anos com os pais adotivos. A mãe pediu a guarda da filha: pensionária em uma instituição, ela a vê aos sábados e domingos. A mãe mantém há cinco anos uma relação com o amante. Colette se entende bem com ele.

Depois do caso, a mãe é presa novamente. A filha é colocada em um abrigo. Ela foge para viver com uns amigos. A fuga dá errado: ela é obrigada a chamar a polícia por causa dos

---

<sup>92</sup> Segunda maior prisão francesa, localizada na cidade de Fresnes, ao sul de Paris. Compreende uma grande ala masculina, com 1200 celas masculinas, uma ala feminina menor e um hospital penitenciário.

amigos. Ouvida pelo juiz, ela queria voltar para a pensão e passar os fins de semana com os pais adotivos. Colette, algum tempo depois, desapareceu de novo. Os pais adotivos não têm novidades. Um despacho dá sua descrição. Ela é procurada.

A lição objetiva terminou mal. Ela se desenvolveu sem violência. Parece, apesar de tudo, que Colette tenha obedecido a uma espécie de pressão moral: ou era livre e podia transar até com a própria mãe, ou não e ela era ainda uma menina, ainda na infância sob o olhar do homem, o amante da mãe. O terrorismo da libertação sexual a qualquer custo, em toda ocasião, lembra muito uma nova forma de alienação, de manipulação. Ela queria ser grande. Precisava provar, ela provou: não recuou, respondeu à pergunta do professor de educação sexual, como uma boa aluna bem treinada. Ela foi até zelosa. Por qual gratificação? Qual era seu desejo? Como uma menina, ela não quis quebrar a expectativa do adulto, no caso, o namorado da mãe, a quem ela procurava agradar, e sua mãe também. Para mostrar que tinha entendido bem as aulas de educação sexual dos pais, ela participou ativamente da prática deles.

Será que Colette vai repetir a história da mãe? Se a mãe da amiga não tivesse prestado queixa, e a polícia e a justiça não intervissem, será que ela teria consciência dessa situação e controle suficientes para assumir o que poucas meninas de 13 anos suportariam: deitar com a mãe, transgredir dois tabus de uma vez — homossexualidade e incesto? O incesto com o pai seria, nesse sentido, menos intolerável. Nem tudo é regulado, na prática, pela magia da libertação sexual. Colette, talvez, tivesse se tornado uma perfeita técnica, perita no amor, teria feito escola como especialista em técnicas sexuais... Esse futuro é interrompido. A mãe na prisão. Ela no abrigo. Porque ela é menor, o Conselho Tutelar já conhecia bem sua mãe: vivia em gangues, roubava, foi várias vezes condenada especialmente por roubo qualificado. Ela tinha sido levada, porque sua mãe, abandonada por aquele que a tinha engravidado, não saía de uma depressão permanente. Uma juíza<sup>93</sup> de menores, uma mulher sensibilizada por esses problemas de adolescentes difíceis ou “em perigo”, de acordo com os termos jurídicos, e confrontada a situações complexas e delicadas de meninas que fogem, vivem em gangues, recusam-se a retornar para a casa dos pais (que não queriam ter de deixá-los e, ao mesmo tempo, exprimem um ódio insuportável da mãe ou do pai), essa juíza destacava:

— A família é menos tolerante com as meninas atingidas, também, pelo movimento de libertação sexual. Para enfrentar essa situação, as meninas estão desarmadas, o pai e a mãe não falam sobre o assunto (ou então, é o excesso inverso como no caso de Colette)... Tabus

---

<sup>93</sup> A palavra *juge*, em francês, como em muitas outras que designam profissão, não tem uma forma feminina. É utilizado o gênero masculino tanto para homens, como para mulheres.

vieram à tona e ainda existem com muita força na família. As meninas são obrigadas a resolverem sozinhas os problemas que se apresentam a elas quando são confrontadas com essa dupla realidade. Nas famílias em que a filha tem uma relação com o pai, os tabus são ainda mais fortes, paradoxalmente. É uma das razões pelas quais, quando os casos são conhecidos pelo serviço, é um desastre. As meninas também, lá no fundo, são duas vezes vítimas, primeiro de uma educação que não dá conta da evolução da moral, em seguida de uma libertação sexual que não as libera de forma alguma, já que, nesse caso também, elas não têm escolha. Elas se encontram, contra sua vontade, no consumo sexual: elas são também, sem saber, objeto de consumo; transam como comem batatas fritas... Elas fazem isso assim, porque isso se faz, tomando por libertação, o que eu considero uma nova alienação. Talvez seja por essa razão que, frequentemente, elas se encontram na prostituição ocasional, sem se darem conta muito bem de que são usadas, ou vítimas de um estupro coletivo por uma espécie de passividade: transar a todo custo, com qualquer um, senão não são livres... Mas elas também procuram alguma coisa, são um pouco perdidas, buscam não sabem o quê. Elas são muito sozinhas...

Lembro da carta de uma menina de 12, 13 anos que dizia: “... Mas é o amor da mamãe que eu preciso...”

Solidão da filha. Silêncio. Gestos obrigados. Clandestinidade. O quarto trancado, a sombra, o segredo. O corpo está separado da mãe, separado do amor. A mãe é cúmplice do homem: pela paz doméstica, sua paz sexual, ela dá a filha em sacrifício; ou então, a mãe está do lado da filha — “Minha mãe, felizmente, me ama” — e a resolução da crise é possível. Mas o corpo da filha é sempre pego por um efeito de sexo. Sexualizado, ele não é pego para o amor ou por amor. A demanda sexual, sua atualização não vêm da filha. As fantasias da menina que quer seduzir o pai ou o homem que vive na casa da mãe, o homem as desvirtua, faz com que se desviem para uma realização que é uma violência, porque a menina não tem mais a mesma disposição de suas fantasias. Não tem mais o direito sobre suas próprias fantasias. Não tem mais direito sobre seu corpo. Sexualizar a menina como se fosse uma mulher, separando-a violentamente do corpo materno por um rapto é privá-la de um corpo, de seu corpo de menina, específico, autônomo. A sexualização precoce da menina, imposta por um homem, um adulto em um ritual particular à transgressão incestuosa: mudez do corpo e da boca, proibição, vergonha, quarto trancado e escuro sempre com uma cama, as violências, a ameaça e depois os mesmos gestos. O prazer do homem pego com pressa, sem variações, prazer roubado do corpo da menina — rígido, tenso, que se deixa trabalhar pelas mãos, a

boca, o sexo do homem. É um ritual ditado a um corpo em sua infância, a uma menina criada em uma ternura quente — real ou imaginária — imprecisa, confusa com uma emoção que é, talvez, erótica, mas que não se exprime em gestos sobre o sexo. Porque mesmo se não houver violência física: socos no corpo, confinamento, silenciamento, sadismo, a violência está presente, permanente nessa prática incestuosa do homem: desvirtuar a filha do amor da mãe, por sua conta: e nesse gesto da mãe cafetina de entregar a filha a seu homem por sua própria conta.

Assim, essa sexualização precoce da menina, corpo deportado, desviado de si mesmo — ele não existe mais como um corpo de menina com sua busca, sua expressão eróticas, sexuais próprias — tirada muito cedo do corpo materno, manipulado por um homem da casa para seu prazer, utilizado em seu próprio benefício... essa sexualização particular que vive a menina produz sobre seu corpo, sobre ela mesma, efeitos que só se medem quando se percebem similitudes perturbadoras no ritual do incesto e no da prostituição. A posição do incesto no ato, onde se encontra forçada a menina, gerou sobre seu corpo e, contra a sua vontade, obsessões, necessidades, ritualizações de sua sexualidade inteiramente determinada e orientada para a do homem. A sexualidade dela? Onde ela pode existir? Em qual margem preservada do desastre? Onde está seu corpo? Ela sabe que tem um corpo se ele não pede nada para si mesmo? Ela — menina, mulher muito cedo — não pode colocar-se essas questões. Seu corpo está fechado, desde a infância, tornou-se frígido, privado de prazer. Casto ou depravado, um corpo para a prostituição — um objeto mercantil produtivo, eficaz, um corpo mudo no escuro entre quatro paredes, onde se repetem os ritos sexuais do incesto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização da tradução de *On tue les petites filles*, percorremos um longo caminho em busca de ampliar nossos conhecimentos sobre a autora, sua obra e a temática sobre a qual trata o ensaio que escolhemos traduzir. Além disso, para alcançar os objetivos esboçados no início deste trabalho, também refletimos sobre questões ligadas aos feminismos e à própria tradução comentada. O trajeto que escolhemos é apenas um dentre muitos que podem auxiliar na realização de um projeto como este. Ressaltamos, ainda, que nosso trabalho foi motivado por nossa inclinação pessoal e por nossa leitura e interpretação do texto de Sebbbar, que resultaram nas estratégias, notas e comentários utilizados como ferramentas em nossa tarefa de tradução.

Refletindo sobre questões concernentes à tradução feminista e à tradução comentada, definimos nosso projeto de tradução, cujo objetivo foi expor, por meio das notas do(a) tradutor(a), questões linguísticas, culturais, históricas, políticas e de gênero. Por esse motivo, acreditamos que foi possível olhar de forma mais profunda e assertiva para alguns aspectos do texto que talvez passassem despercebidos em uma abordagem “tradicional” de tradução. Selecionamos elementos que consideramos importantes para uma melhor compreensão da realidade das meninas violentadas no ensaio, bem como uma imersão mais intensa no ambiente descrito e relatado.

Não por acaso, a epígrafe deste trabalho foi retirada do livro *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão* (2005). Nesse texto escrito em 1940, após a última de suas 23 prisões como inimiga política da ditadura Vargas, Pagu revela, em forma de uma longa carta destinada ao seu amado, o escritor Geraldo Ferraz, sua vida sexual iniciada precocemente, sua militância política, suas prisões, seus amores, seus acertos e erros. Retomamos, aqui, o trecho do livro que compõe nossa epígrafe:

Na nebulosa da infância, a sensitiva já procurava a bondade e a beleza. Mas a bondade e a beleza são conceitos do homem. E a menina não encontrava a bondade e a beleza por onde procurava. Talvez porque já caminhasse fora dos conceitos humanos. (GALVÃO, 2005, p. 52)

As reflexões corajosas e sinceras dessa autora em muito perpassam as considerações feitas por Sebbbar. Em exílio de seus corpos e dos corpos maternos, as meninas de *On tue les petites filles* não podem encontrar a bondade e a beleza que tanto procuram, porque estes são conceitos do homem e não fazem parte de sua realidade. Por muitas vezes, elas desafiaram os



limites humanos com a dor física e moral a que foram submetidas, com a obrigação de suportá-la e superá-la, mesmo tendo seu direito de escolha e a autonomia sobre seus próprios corpos suprimidos, sua sexualidade e seus limites negados e desrespeitados, forçando-as a um exílio de si mesmas.

Nossa motivação para realizar este trabalho consistiu em pensar como a vida dessas meninas seria, caso a bondade e beleza fossem conceitos também femininos e, assim, pudessem ter sido alcançados por elas; se tivessem tido o poder, a autonomia e a segurança para defender seus próprios corpos, sua própria sexualidade; se não negassem e não odiassem seus corpos, com suas histórias de mutilação, violência e descaso. Se todos esses elementos tivessem tido um outro arranjo, sua vida poderia ter sido mais justa e menos cruel. Como não podemos ignorar que essa ainda é a realidade de muitas meninas em nosso país e no mundo, é nosso papel, enquanto mulheres e tradutoras, ampliar a discussão em torno da violência contra a mulher e contra as meninas.

Considerando esses diversos aspectos de nossa pesquisa, procuramos, por meio das notas e das estratégias utilizadas ao traduzir o ensaio de Sebbar, fazer com que o leitor ou a leitora tivesse sensações semelhantes com as que tivemos ao ler o texto de Sebbar em francês pela primeira vez: uma mistura de tristeza, pesar, empatia e, principalmente, a vontade de dar voz a essas mulheres. Acreditamos que a identificação com as histórias aqui compartilhadas é importante para despertar nesse leitor e nessa leitora um sentimento de urgência: o de fazer algo para que essas situações sejam cada vez menos frequentes.

Por esse motivo, em nossa tradução, elaboramos as “notas sobre gênero”, que buscam evidenciar e esclarecer questões tão rotineiras, que nem sempre são notadas pela naturalidade com que se apresentam na sociedade. Além disso, elucidamos alguns pontos sobre a história e a cultura francesas, apresentando algumas das diferenças e semelhanças entre a França de outrora e o Brasil contemporâneo, levando em consideração que, mesmo após quatro décadas da publicação do ensaio, a familiaridade das histórias nele compartilhadas é alarmante, dado que ainda ocorrem muitos casos como esses em nosso país e em todo o mundo.

Nosso trabalho foi um ato politicamente engajado que não poderia ter sido realizado sem uma visada feminista sobre a tradução e sobre a própria sociedade em que vivemos. As teorias e ideias expostas nesta dissertação fundamentaram nossa pesquisa e foram decisivas para seu resultado, bem como permitiram desenvolver uma reflexão sobre nosso ofício e nosso papel social enquanto mulheres profissionais da tradução. Assim, a partir de nossa experiência, defendemos que toda tradução seja pautada por um processo reflexivo prévio,

numa tentativa de estabelecer um trabalho crítico sobre o próprio ato de traduzir e, assim, aliar teoria e prática.

Em relação à perspectiva de trabalhos futuros nesse campo de estudos, esperamos que nossa pesquisa possa incentivar outras traduções comentadas e feministas, pois acreditamos que esse gênero tradutório fornece diversos recursos pertinentes para se refletir sobre uma tradução com fins ideológicos e sobre as questões que envolvem o contexto de produção do texto original e também a conjuntura em que se elabora a tradução.

Também esperamos que, com este trabalho de tradução, os escritos de Leïla Sebbar se tornem mais conhecidos pelo público brasileiro, pois os temas abordados pela autora são muito significativos para o momento histórico e social em que nos encontramos. Dessa forma, gostaríamos de incentivar mais pesquisas sobre a autora, assim como a tradução de suas obras para o português brasileiro, num desejo de ver o mercado editorial acolher essas vozes tão desconhecidas e tão marginalizadas.

## REFERÊNCIAS

ACHOUR, Christiane Chautet. Leïla Sebbar, le féminisme à l'initiale d'une écriture et son devenir dans l'œuvre. **COLLOQUE SUR "LES FEMINISTES DE LA SECONDE VAGUE EN FRANCE"**. Universidade de Angers, 2010. Disponível em: [http://www.christianeachour.net/images/data/telechargements/articles/A\\_0227.pdf](http://www.christianeachour.net/images/data/telechargements/articles/A_0227.pdf). Acesso em: 5 fev. 2019.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. O ensaio como forma. *In: Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003. p. 15-45.

AGUIAR, Ione. **Qual é o seu feminismo?:** conheça as principais vertentes do movimento. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 15 jun. 2015 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/qual-e-o-seu-feminismo-conheca-as-principais-vertentes-do-movimento/>. Acesso em: 17 jan. 2019.

APPIAH, Kwame Anthony. Thick Translation. **Callaloo**, Baltimore, v. 16, n. 4, p. 808-819, 1993. DOI: 10.2307/2932211. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/2932211.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019.

ARROJO, Rosemary. Feminist, "Orgasmic" Theories of Translation and Their Contradictions. **TradTerm**, São Paulo, v. 2, p. 67-75, 1995.

ARROJO, Rosemary. Fidelity and The Gendered Translation. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, Québec, v. 2, n. 2, p. 147-163, 1994.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Éditions Gallimard, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** (1998). Tradução de Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm). Acesso em 6 fev. 2019.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.829, de 25 de novembro de 2008. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, para aprimorar o combate à produção, venda e distribuição de pornografia infantil, bem como criminalizar a aquisição e a posse de tal material e outras condutas relacionadas à pedofilia na internet. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 26, nov. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11829.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11829.htm). Acesso em: 5 fev. 2019.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei nº 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 ago. 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm). Acesso em: 5 fev. 2019.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas da tradução: em direção a uma terceira onda? Tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza. **Tradterm**, São Paulo, v. 29, p. 216-250, 2017.

CESAR, Ana Cristina. Pensamentos sublimes sobre o ato de tradução. *In: Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999. p. 233-240.

CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metafórica da tradução (1988). Tradução de Norma Viscardi. *In: OTTONI, Paulo. (org.). Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 33-53, 1998.

DEÂNGELI, Maria Angélica. Um lance de tradução: sobre a passagem das línguas em Assia Djebar. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 32-43, 2015. DOI: 10.17771/PUCRio.TradRev.25574. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25574/25574.PDF>. Acesso em 16 jan. 2019.

FLOTOW, Luise von. Feminist Translation: Context, Practices and Theories. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, Québec, v. 4, n. 2, p. 69-84, 1991.

FRANCE. Paragraphe 1: du viol: article 222-23 et 222-26. *In: FRANCE. Code pénal* [2018]. Paris: Legifrance, [2018]. Disponível em: [https://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do;jsessionid=C04414366553F02C68BA9A602807F3FD.tplgfr28s\\_3?idSectionTA=LEGISCTA000006181753&cidTexte=LEGITEXT000006070719&dateTexte=20190206](https://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do;jsessionid=C04414366553F02C68BA9A602807F3FD.tplgfr28s_3?idSectionTA=LEGISCTA000006181753&cidTexte=LEGITEXT000006070719&dateTexte=20190206). Acesso em: 6 fev. 2019.

FRANCE. Paragraphe 2: des autres agressions sexuelles: article 222-27. *In: FRANCE. Code pénal* [2018]. Paris: Legifrance, [2018]. Disponível em: [https://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do;jsessionid=C04414366553F02C68BA9A602807F3FD.tplgfr28s\\_3?idSectionTA=LEGISCTA000006181754&cidTexte=LEGITEXT000006070719&dateTexte=20190206](https://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do;jsessionid=C04414366553F02C68BA9A602807F3FD.tplgfr28s_3?idSectionTA=LEGISCTA000006181754&cidTexte=LEGITEXT000006070719&dateTexte=20190206). Acesso em 6 fev. 2019.

FRANCE. Paragraphe 3: de l'inceste: articles 222-31-1 et 222-31-2. *In: FRANCE. Code pénal* [2018]. Paris: Legifrance, [2018]. Disponível em: [https://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do;jsessionid=C04414366553F02C68BA9A602807F3FD.tplgfr28s\\_3?idSectionTA=LEGISCTA0000037289532&cidTexte=LEGITEXT000006070719&dateTexte=20190206](https://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do;jsessionid=C04414366553F02C68BA9A602807F3FD.tplgfr28s_3?idSectionTA=LEGISCTA0000037289532&cidTexte=LEGITEXT000006070719&dateTexte=20190206). Acesso em: 6 fev. 2019.

FRANCE. Section : de la mise en péril des mineurs: article 227-15 *In*: FRANCE. **Code pénal** [2018]. Paris: Legifrance, [2018]. Disponível em: [https://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do;jsessionid=C04414366553F02C68BA9A602807F3FD.tplgfr28s\\_3?idSectionTA=LEGISCTA000006165321&cidTexte=LEGITEXT000006070719&dateTexte=20190206](https://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do;jsessionid=C04414366553F02C68BA9A602807F3FD.tplgfr28s_3?idSectionTA=LEGISCTA000006165321&cidTexte=LEGITEXT000006070719&dateTexte=20190206). Acesso em 6 fev. 2019.

GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 52.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, Adriana de Freitas; OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. Ana Cristina Cesar, tradutora de Katherine Mansfield. **Ipotese**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 41-56, 2009.

KROLOKKE, Charlotte; SORENSON, Anne Scott. Three Waves of Feminism: From Suffragettes to Grrls. *In*: **Contemporary Gender Communication Theories & Analyses**: From Silence to Performance. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2006. p. 1-23. DOI: <http://dx.doi.org/10.4135/9781452233086.n1>. Disponível em: <http://sk.sagepub.com/books/gender-communication-theories-and-analyses/n1.xml>. Acesso em: 16 jan. 2019.

LIMA, Renata Mantovani; POLI, Leonardo Macedo; SÃO JOSÉ, Fernanda. A evolução histórica dos direitos da criança e do adolescente: da insignificância jurídica e social ao reconhecimento de direitos e garantias fundamentais. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, DF, v. 7, n. 2, p. 313-329, 2017. DOI: 10.5102/rbpp.v7i2.4796. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/RBPP/article/view/4796/pdf>. Acesso em: 4 fev. 2019.

MASSARDIER-KENNEY, Françoise. Towards a Redefinition of Feminist Translation Practice. **The Translator**, Manchester, v. 3, n. 1, p. 55-69, 1997. DOI: <10.1080/13556509.1997.10798988>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13556509.1997.10798988>. Acesso em: 21 fev. 2019.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

MILLS, Sara. Third Wave Feminist Linguistics and the Analysis of Sexism. **Discourse Analysis**, Berlin, v. 2, n. 1, 2003. Disponível em: <https://extra.shu.ac.uk/daol/articles/open/2003/001/mills2003001-paper.html>. Acesso em 2 jun. 2018.

MOTA, Kelli Rocha Silva. Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 108-127, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2017.139729>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/139729>. Acesso em 17 jan. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Dossiê: feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em 16 jan. 2019.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade. **Alfa**, São Paulo, v. 44, Especial (2000), p. 123-130, 2000. Número especial. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4284>. Acesso em 09 ago. 2019.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 19-54.

SARDIN, Pascale. De la note du traducteur comme commentaire: entre texte, paratexte et prétexte. **Palimpsestes**, Paris, v. 20, p. 1-12, 2007. Disponível em: <http://palimpsestes.revues.org/99>. Acesso em 3 mar. 2019.

SEBBAR, Leïla. **L'arabe comme un chant secret**. Paris: Bleu Autour, 2007.

SEBBAR, Leïla. **On tue les petites filles**: une enquête sur les mauvais traitements, sévices, meurtres, incestes, viols contre les filles mineures de moins de 15 ans, de 1967 à 1977 en France. Paris: Stock, 1978.

SHREAD, Carolyn. La traduction métramorphique : entendre le kreyòl dans la traduction anglaise des Rapaces de Marie Vieux-Chauvet. **Palimpsestes**, Paris, n. 22, p. 1-14, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/209>. Acesso em 3 mar. 2019.

SHREAD, Carolyn. Metamorphosis or Metramorphosis?: Towards a Feminist Ethics of Difference in Translation. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, Québec, v. 20, n. 2, 2007, p. 213-242.

SHREAD, Carolyn. On Becoming in Translation: Articulating Feminisms in The Translation of Marie Vieux-Chauvet's Les Rapaces. In: FLOTOW, Luise von. (ed.). **Translating Women**. Ottawa: University of Ottawa Press, 2011. p. 283-303.

SIMON, Sherry. Taking Gendered Positions in Translation Theory. In: **Gender in Translation: Cultural Identity and The Politics of Transmition**. London: Routledge, 1996. p. 1-38.

STEINER, George. **After Babel**. London: Oxford University Press, 1975.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. L'autre traduit ou la littérature française au Brésil. **Synergies Brésil**, Florianópolis, n. 7, p. 91-99, 2009.

VELOSO, Ana Clara; CLAVERY, Elisa. **Em ações por estupro de vulnerável, 63% não têm condenação ou punição**. **Extra**, Rio de Janeiro, 5 jun. 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/em-aco-es-por-estupro-de-vulneravel-63-nao-tem-condenacao-ou-punicao-19442286.html>. Acesso em: 5 fev. 2019.

VENUTI, Lawrence. **Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology.** London: Routhledge, 1992.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility.** London: Routhledge, 1995.

VILARIÑO, Xoán Manuel Garrido. Texto e paratexto: tradución e paratradución. **Viceversa**, Vigo, n. 9/10, p. 31-39, 2005.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla de Mojana di Cologna; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015.

**ANEXO A – “AVANT-PROPOS”**



## Avant-propos

*... C'est l'amour de maman que j'ai besoin...*

Cet acharnement à chercher, regarder — par textes, récits, dossiers, témoignages, lettres, entretiens — le corps meurtri des petites filles. Meurtri par tous les bouts, tous les trous. Ecouter les spécialistes institutionnels (justice, police, médecine, assistance sociale) des violences qui se font aux petites filles. Ils ont vu, eux, de leurs yeux, les marques, blessures, fractures... les corps morts. Les cadavres tuméfiés, tête éclatée, corps exsangue. Squelette. Pourriture. C'est leur métier.

Moi je n'ai jamais vu une petite fille battue, tuée, violée. Je n'ai jamais reçu de coups, je n'ai jamais été violée. Je pouvais, si je le voulais, voir à la morgue le travail d'autopsie sur le corps d'une petite fille maltraitée. La réalité physique de la mort, de la violence, je n'ai pas voulu l'avoir sous mes yeux, ni la regarder des yeux ni des mains (un corps ça peut toujours se toucher). Je n'ai pas pu. Je me serais évanouie, pour ne pas voir. Alors pourquoi l'entendre, l'écouter, la lire, la voir aussi, dans la réalité minutieuse de l'exposé des faits ? Pourquoi ce besoin de savoir comment ça se passe exactement, ce qui se passe et dans quel ordre ?... J'assistais à la scène si je la lisais précise, dans

le détail, si je l'écoutais racontée, rapportée. Quand des femmes ou des adolescentes parlaient, je ne posais pas de question : le récit arrivait tout seul, scandé par la voix, le corps presque figé. Sans appareil technique comme garantie de la mémoire, j'étais moi l'enregistreur, peut-être pour perdre la trace physique de celle qui parlait, parce que les corps font obstacle ?

La scène de violence répétée, dite, lue, décrite des centaines de fois, et malgré ce ressassement, cette accumulation obsessionnelle, la certitude d'apprendre plus chaque fois, de comprendre à chaque dossier, lettre, récit..., ce que je cherchais précisément là où il n'était question que de mal, de mort — violences sur un corps d'enfant, de petite fille. J'exhibe du document, de la parole, du récit. Sadisme, voyeurisme, masochisme, exhibitionnisme aussi. Est-ce que je n'étais pas, moi, toutes ces petites filles forcées, mutilées, rendues mutiques... orphelines déjà de leur corps ? Et le plaisir, l'émotion à voir, regarder, écouter, savoir tout ça sans la culpabilité du geste meurtrier sur un corps réel. Je pouvais sans risque — puisque le geste était purement intellectuel — décortiquer, connaître toujours plus, faire le tour de la question et du corps de la petite fille. Corps à détruire, détruit. La perversion de l'inquisiteur, son pouvoir... La technique du flic dans l'interrogatoire... la ténacité du confesseur dans l'ombre du confessionnal où il force doucement à tout dire... l'écoute muette et tendue du psychanalyste qui pousse à raconter encore... La petite fille friande de petits secrets et qui les chuchote à l'oreille parce que les confidences se font à deux... La comère qui bavarde sur le pas de la porte, épie, sait tout et répand, fabrique la rumeur sur des histoires qu'on ne peut pas raconter comme

ça... J'ai été dans ces positions. Dans la position de qui cherche à savoir la vérité, mais une vérité particulière, celle qui est attachée au secret. Secret du corps et du sexe. On dit : arracher un secret ; les flics disent : faire cracher, chiquer. On dit aussi : faire avouer... il a fini par dire que... il a reconnu... Ou bien : « J'ai réussi à lui faire dire... Il a pu enfin le sortir... »

Lever le secret. Pour quelle vérité ? Les faits on peut les lire, les entendre, les vérifier. Quels signes j'allais lire, et quelle serait leur réalité, leur sens. Qu'est-ce qu'ils allaient me dire ces faits-là jamais dits, entendus ; toujours cachés, secrets, et qui d'un coup venaient à la vérité ? Ces faits qu'on appelle faits divers où doit se dire l'inouï, l'incroyable, le scandaleux du quotidien, de la violence quotidienne. Questionner le fait divers, le mettre à la question pour qu'il dise enfin ce qu'il tenait secret... ce serait la vérité ?... Dans la passion du fait divers, j'avais à reconnaître en même temps que la fascination pour le sang, la merde, le sexe, la mort, le mal, la souffrance d'une petite fille, ce besoin impérieux de faire un travail sur le signe, de déplacer le fait divers pour lui donner du sens, le tirer de sa rubrique, le faire sortir de ses lignes à sensation, sans rien perdre de la force, de la violence, de l'émotion qui le font monter « à la une » parce que ce qui fascine aussi, c'est que ça existe... ça s'est passé comme ça... Qu'une mère maltraite et tue sa fille, qu'un père viole et sodomise sa ou ses filles, que des garçons torturent ensemble une adolescente, que des hommes solitaires agressent des petites filles pour les violer ou les tuer... Mineures qu'on prostitue et qu'on pornographie. Tout ça c'est vrai. C'est une réalité ordinaire. Je voulais faire à la fois une radiographie du fait divers —

inconnu se prend aussi sur le corps d'une petite fille de hasard enlevée à la rue, à la maison de sa mère par violence ou séduction. Mais rarement pour une histoire d'amour, quoi qu'en disent les pédophiles qui prennent les petites filles par la douceur, pour les initier à des pratiques sexuelles qui sont les leurs et qu'ils leur imposent sans leur laisser le temps, le désir de vivre leur corps ; de le connaître ; d'en éprouver chaque geste, espace, effet ; de choisir l'expression d'une sexualité qui se vivrait dans l'autonomie, la découverte, l'aventure.

Cette violence sur le corps des petites filles, même si elle ne s'exerce que marginalement, est beaucoup plus quotidienne qu'on ne croit. Violence familiale, domestique, patriarcale, archaïque, malgré le stade de développement des sociétés industrielles et la libéralisation des mœurs (libération sexuelle...). Le corps de la petite fille marqué, disgracié précocement par la mère comme objet sans valeur et bon pour l'ordure, la pourriture, la solitude ou le trottoir (comme son corps à elle) ; ce corps sexualisé si tôt par le père propriétaire du corps de ses femmes, suivant des rites prostitutionnels ; forcé par des garçons comme objet pornographique : ce corps-là n'est plus son corps. Ce corps-là n'en est plus un. Et s'il rappelle parfois qu'il existe — chair, os et sang — la petite fille devenue femme l'interdit de plaisir. Elle dira qu'elle est frigide, qu'elle choisit la chasteté ou la débauche. Elle sera prostituée. Elle sera une mère maltraitante et malheureuse dans son corps parce que ce corps-là avec son histoire elle ne l'a pas choisi, ni celui de sa fille.

Ainsi, la sexualité féminine se fonderait, on l'a vu par le déplacement du fait divers, sur la

violence réelle et symbolique qui est faite au corps des petites filles. Violence domestique, secrète, muette perpétuée de mère en filles et de père en filles dans la maison, et dehors d'homme inconnu en petite fille. Violence qui produit chez la petite fille, puis chez la femme, une absence à leur corps, au désir, à la sexualité, à la vie même, à l'amour. Les femmes qui ont parlé, parlaient de leur histoire comme d'un destin. Elles n'existaient pas. Elles étaient sans origine ni racine. Exilées dans les marges. Leur corps n'existait pas, elles ne pensaient plus qu'elles pouvaient plaire, qu'elles avaient pu peut-être. Elles ne maîtrisaient ni leur histoire, ni leur sexualité, ni leur vie. Dominées, assistées. Elles avaient toutes, comme les petites filles réelles sur papier juridique ou policier, ou médical, subi des violences dans l'enfance. La représentation qu'elles avaient de la sexualité féminine se séparait en deux rôles fondamentaux : la mère qui reproduit la vie dans son ventre et qui perd corps, sexe et désir ; la putain qui pare son corps pour l'exposer et le vendre — femme privée, femme publique — chacune dans l'oubli de son corps et du plaisir.

C'est le Mouvement des Femmes qui a dit : les femmes existent. Autrement. Les petites filles aussi. Que les petites filles, les femmes, leurs mères, sachent que leur corps leur appartient, que ce corps est à elles, qu'elles ont une sexualité, à elles. Qu'elles ne soient plus manipulées, assistées, agies. Qu'elles existent dans l'insubordination, la désobéissance domestique, civile, politique... et les petites filles ne seront plus un corps, un sexe pour la violence, ni les femmes. Et les femmes ne seront plus violentes contre elles-mêmes ni contre leurs filles.

**ANEXO B – “LE SECRET DES CHAMBRES”**

## **Le secret des chambres**

**L'inceste**

## **Il me considérait comme sa femme**

La mère est morte. Ou bien elle est partie. Ou bien elle est là, dans la maison, mais elle n'existe pas. On ne l'entend pas, on ne la voit pas et elle ne voit rien. Et si un jour sa fille lui parle, elle l'écoute à peine. D'ailleurs, elles n'ont jamais beaucoup parlé ensemble. Quelques mots du quotidien nécessaire et c'est tout. La fille s'étonne. Les règles. La sexualité, faire un enfant, c'est ça ? Sa mère ne lui a rien dit. Elle n'a rien demandé. Elle a entendu comme toutes les petites filles, des choses dites sur... dans les chuchotements et les rires étouffés et les airs de confiance, les regards entendus... Elle n'a jamais très bien compris. Elle n'a pas posé de questions. C'est resté là, dans un coin de sa tête, de sa mémoire. Quand elle a su, elle a pensé : « Tiens... je ne savais pas que... je ne pensais pas... j'avais pas vraiment compris... » Quand elle raconte, elle dit : « Quand c'est arrivé... » Comme les parents maltraitants parlent de l'accident pour dire la mort de l'enfant.

La fille n'en parle pas toujours à sa mère, à cause, dit-elle, de la peine qu'elle aurait parce qu'elle serait blessée, parce que c'est sa mère,

une femme, et elle, sa fille devenue femme et mère à son tour par le père, l'amant, le beau-père dans le lit de la mère... Elle ne peut pas le dire. Elle ne peut pas dire à sa mère, si elle lui parle de ça, qu'elle est morte au lit conjugal, à la maternité et que c'est elle, la fille à peine pubère ou pas encore, sa fille sortie d'elle, encore une petite fille pour sa mère, qui couche dans la chambre de sa mère, à sa place par la volonté de l'homme qui habite la même maison, qui dort dans le même lit... Alors, si la fille parle, la mère répond : mensonge, séduction, provocation, vice. Culpabilité de la fille : « Elle m'a dit que c'était de ma faute. » Ou alors, aveugle et sourde, elle se soumet et sa fille avec elle à l'autorité de l'homme, père et mari : « C'est le chef, c'est lui qui commande. »

Mais le chef féodal, le patriarche a besoin pour son commandement journalier, d'une auxiliaire permanente, fidèle, inexorable : la violence. Violence ordinaire, quotidienne dans le secret des chambres. Pas de récit sans violence, menaces, terreur... Il est le chef et pourtant... le corps de sa fille lui appartient comme lui appartient de droit le corps de sa femme, mère de ses enfants, mère de sa fille. Il a déplacé son regard sur sa fille ou la fille de sa femme. Cette petite fille d'aventure qu'il a légitimée, reconnue, à qui il a souvent donné son nom, comme un droit d'exister... Il lui a donné la vie ou le nom : elle vit, elle existe d'abord pour lui et aussi de corps, tout entière. Et si le corps résiste, il lui fera violence, pour imposer ses droits parce qu'il pense que c'est un droit qu'il aurait presque de naissance, parce qu'il est né homme. Même s'il n'ignore pas que la loi, au nom de laquelle il exerce cette autorité que lui reconnaît la mère, lui impose de se cacher sous peine de poursuites graves : si le père

refuse l'échange, gardant pour lui seul sa fille, la société court un danger et ce danger, c'est ainsi qu'elle le prévient. Le père le sait, qui impose à sa fille le silence le plus absolu. Elle est sa propriété mutique. Comme sa femme : ne dis rien, sinon tu iras en prison... « Si tu parles, je le tue... Si tu dis quoi que ce soit, tu iras en maison de correction et moi en prison... » La fille se tait. Si elle veut rester encore dans la maison de sa mère. Le jour où elle se met à vivre parce qu'elle a regardé autour d'elle, au-delà des fenêtres et des murs de la chambre, elle fait une fugue, elle crie, elle s'en va porter plainte et elle se met alors à parler. A des flics parce que sa mère n'a pas voulu l'entendre, parce qu'un homme l'a bâillonnée pour qu'elle soit sa femme.

#### *Mon père a trouvé que je devenais femme*

Elle a 12 ans quand sa mère quitte le domicile conjugal. Elle laisse sa fille, un petit garçon de 9, 10 ans, et son mari, le père de ses enfants. Ils se battaient. Elle est partie. La fille a 18 ans en 1975 lorsqu'elle écrit pour raconter \* : « Il a fallu que je me mette à la cuisine, au ménage et aux travaux de couture, de courses... Tout ce qu'une femme doit faire. Mais en plus, mon frère ayant deux ans de moins que moi souffrait beaucoup et j'ai essayé de l'élever et de remplacer un peu ma mère bien que je souffrais aussi. Puis mon père a trouvé que je devenais femme et m'a violée en me frappant jusqu'à ce que je n'aie plus de force pour me défendre. Je n'ai pu en parler à personne car il me disait



que si je parlais, il tuerait mon frère, alors je vivais dans l'angoisse, puis il a pris l'habitude et chaque fois qu'il était seul et sans fille, il venait à nouveau vers moi. Il me mettait l'oreiller sur la tête pour que je ne crie pas et, pour que je ne puisse bouger, il m'attachait sur le lit... Il m'en faisait voir de toutes les couleurs alors que je n'avais que 13 ans... Quand j'en ai parlé à ma mère (j'avais 16 ans) elle ne m'a pas aidée et m'a dit que c'était de ma faute : physiquement, il paraît que je fais très sensuelle et que j'attire les hommes, et plusieurs fois des hommes ont essayé de m'avoir de force. A 17 ans, j'ai fait une dépression. Je ne pouvais plus supporter les hommes... »

Elle a des relations avec des femmes. Mais l'homosexualité lui fait peur : elle a du plaisir mais elle a honte. Elle rencontre un garçon. Il l'écoute. Elle le voit tous les jours. Ils dorment ensemble dans le même lit mais, comme elle le dit, « il ne lui touche pas le corps ».

Un soir, ils font l'amour.

Puis tous les autres soirs. « Je n'ai rien ressenti. Je suis restée de glace, sans bouger... Je n'éprouvais pas de dégoût au contact de son corps. J'étais bien, mais sans plus, et comme je voyais qu'il souffrait, j'ai fait semblant d'avoir du plaisir. Il m'a crue... »

Ils veulent se marier. Le père exige de voir le futur mari de sa fille. Il est contre ce mariage : « Il m'a dit que je lui appartenais... »

Ils vont ensemble voir le père.

Le père essaie de tuer le fiancé.

La fille prend le couteau pour tuer son père.

Le fiancé se bat avec le père et le tue.

Il est incarcéré à Fleury-Mérogis.

Elle va le voir trois fois par semaine. Elle l'attend. Ils se marieront en prison. Il a tenté

de se suicider : pendant la grève des postes, il est resté trois jours sans lettre d'elle.

Elle vit chez sa grand-mère.

Elle n'a pas d'amie.

Elle ne voit ni sa mère ni son frère.

Elle l'attend.

A la cuisine, au ménage, à l'entretien de la maison, au lit, elle a remplacé la mère, mais elle n'a pas eu d'enfant. Elle s'est occupée de son petit frère comme une mère, comme cette jeune femme de 28 ans qui a élevé ses frères et sœurs — elle était la deuxième d'une fratrie de douze — après la mort de sa mère\*. Son père qui la poursuivait, comme elle l'écrit (en 1975), depuis l'âge de 8 ans, couche avec elle lorsqu'elle a 13 ans : « Comme mon père faisait des enfants à ma mère tous les ans, quand il ne pouvait plus avoir de rapports sexuels avec elle, il s'en prenait à moi. D'ailleurs, je déteste mon père et le pire c'est que je le vois toujours car personne n'a jamais été au courant de cette chose que j'ai gardée pour moi jusqu'au mois dernier... Il me disait : " Ne dis rien, sinon tu iras en prison ", la peur me paralysait. N'ayant pas eu d'éducation sexuelle, je ne savais pas pourquoi il me faisait ça... J'ai su à l'âge de 16 ans comment on avait des enfants, car travaillant en usine, les autres filles en parlaient et c'est ainsi que j'ai appris... Moi, je suis restée chez mon père pour remplacer ma mère et j'avais mes frères et sœurs à m'occuper dont le plus jeune n'avait que 5 ans... Quand je sortais au bal, je faisais connaissance avec des garçons mais jamais je ne flirtais plus d'une soirée avec eux car j'avais peur qu'ils me demandent que je leur appartienne. »

Elle s'est mariée. Elle a eu quatre enfants.

Elle ne dit rien de ses rapports avec son mari, ses enfants. Mais une lettre est à lire comme une lettre : une chose écrite à un moment précis du temps et de l'histoire de celle qui l'écrit ; une chose écrite dans une certaine tension pour quelqu'un qui la lira, et ici, Menie Grégoire, à qui ces femmes parlent en confidence, d'un grand secret toujours gardé et qu'elles ne veulent plus taire. Elles racontent donc sur quelques feuillets des années de trouble, de malaise, de violence. Elles ne parlent pas du plaisir. Elles disent ce qu'elles n'ont jamais pu dire du côté du malheur, plutôt. Si elles ont eu du plaisir ? Elles n'oseraient pas le dire ? Elles n'écrivent pas comme on se confesse, même si elles font à Menie Grégoire une confidence. Elles n'ont pas à s'accuser pour ensuite expier suivant le dogme. Pourtant, lorsqu'elles racontent, et dans ce qu'elles racontent, dans le choix, les oublis, les manques... quelque part, elles expient. Elles parlent de honte, de père monstrueux, d'horreur, de haine. A cause du tabou transgressé ? Vivre l'inceste et plus seulement le fantasmer... ça doit bouleverser. Le vivre dans la violence, la contrainte, le silence, la honte, la haine... Il reste peu de place pour l'amour et la tendresse. C'est ainsi que les lettres de ces femmes, toujours seules avec leur secret, sont des lettres de violence qu'il faut lire comme telles et pour ce qu'elles disent dans la naïveté, la spontanéité, la maladresse et même si elles ne disent pas tout. Elles n'écriront jamais tout et qu'est-ce qu'il serait ce tout ? Ces lettres disent ce que les dossiers taisent. Un dossier dit un fait, et de la fille on ne sait presque rien à travers cette série de réponses à l'interrogatoire précis, policier et judiciaire, pour établir la vérité. Or, dans cette histoire particulière d'un père ou

d'un beau-père qui prend sa fille ou la fille de sa femme pour femme, ce que dit le dossier de police et de justice ne suffit pas. Mais chaque dossier dit la brutalité, les menaces des hommes inculpés de violences, de viols, d'attentats à la pudeur... Le tyran familial coléreux, violent, qui terrorise son clan pour se faire obéir et enfermer sa fille ou ses filles dans l'espace habituel du viol : la chambre maternelle, conjugale. Des années durant, il entretient une relation sexuelle d'abord avec la fille aînée — fille naturelle de sa femme, légitimée ou non par le mariage ou l'acte de reconnaissance — puis successivement avec chacune des filles de la fratrie, et souvent la famille compte plusieurs filles.

C'est au moment de l'enquête, parce que la fille aînée qui vient d'accoucher d'un enfant du père ou du beau-père fait une fugue : elle porte plainte ou elle est interpellée, que la police découvre que les autres filles aussi... Pendant parfois dix ans, l'homme dans la maison exerce ce droit de cuissage sur sa lignée féminine. Les juges d'instruction le savent et remarquent la permanence, d'un dossier d'attentat à la pudeur avec ou sans violence à l'autre, de cet état patriarcal, d'abus de pouvoir du père sur ses filles — toutes les filles couchent avec le père. D'abord l'aînée et aussi la plus petite. Avec l'aînée il a des rapports complets. Plutôt des attouchements avec les plus jeunes de 5 à 8 ans environ. Les juges estiment que la fille se soumet par peur et que la violence est plus grande du côté des pères légitimes que des concubins : « la violence est à la fois morale et physique ». D'après les juges, la mère tolérerait mieux les relations entre le concubin et sa fille qu'entre père et fille. Ce qui expliquerait pourquoi dans la plupart des histoires lues ou entendues, les

filles ont pu avoir non seulement un mais plusieurs enfants du beau-père, plus souvent que du père. Car même si le tabou de l'inceste est aussi fort lorsqu'il s'agit du père naturel ou du beau-père (père légal, ou amant de la mère depuis plusieurs années), les enfants du beau-père, malgré le secret que la mère et son mari cherchent toujours à préserver, sont mieux tolérés par la mère et par la fille. La fille vit la relation sexuelle avec père ou beau-père comme incestueuse et coupable. Dans la crainte, la terreur, le secret, le silence. La complicité qui peut s'établir à propos des enfants, par exemple, est une complicité d'artifice qui ne l'empêchera pas lors d'une fugue de dénoncer le père de ses enfants... Comme cela arrive si souvent. Témoin ce procès qui se déroulait à Paris aux assises, en mai 1977, dont *Libération* avait été un des rares journaux à rendre compte.

*J'ai vu un garçon qui lui mettait la main au panier : je l'ai giflée*

Mai 1977. Cour d'assises de Paris. On demande au garde : « Quelle affaire ? » Il répond : « Attentat à la pudeur sur mineure par ascendant. » Il connaît par cœur la formule juridique. Il a oublié : « Mineure de moins de 18 ans. »

Le juge expose les faits. L'homme est debout, on le voit de loin derrière la barrière, droit dans son costume pour le tribunal — sombre, propre, correct. Le teint gris, les cheveux lissés. 50 ans. Menuisier.

Bon travailleur. Honnête, régulier. Un peu de

Résistance pendant la dernière guerre. Syndicaliste et philatéliste.

Bon citoyen. Bon mari. Bon père ?

On remarque dans le coin droit, devant l'avocat de la partie civile, un buste de dos, tassé, les cheveux sont retenus par une épingle plate. Une coiffure de petite fille ou de jeune fille de banlieue sage et sérieuse. De ces filles qui vont au bal (elle n'allait pas au bal ou rarement : trop surveillée, tenue par son beau-père), et un soir, juste un soir, leur vie se bouleverse, s'étale, fait divers, dans la presse à sensation.

Elle est assise. Dans un manteau bleu marine en jersey. 30 ans. Triste. Elle écoute ? Elle s'appelle Liliane.

Le juge parle, lit les rapports d'enquêtes.

Le juge expose les faits.

Elle les connaît les faits. Mais elle n'a pas déclaré les mêmes faits que son beau-père. Sa vérité n'est pas la sienne. Le juge, lui, lit la réalité de l'enquête, c'est là qu'il cherche la vérité.

Elle a dit la vie quotidienne. Dans ses déclarations à la police. Sa vie avec cet homme, sa mère. Sa mère vit avec un homme qui l'a recon nue, elle, fille naturelle de sa mère. Il est son père légal. Il n'a pas épousé sa mère. Il ne voulait pas. Il n'a pas su expliquer pourquoi au juge : « Pourquoi n'avez-vous pas proposé le mariage à mademoiselle... ? — Eh bien, monsieur le président, c'est-à-dire... » Elle est sa fille au nom de la loi. Le juge dit : « Votre fille... » Lui dit : « C'est la réaction normale d'un père, monsieur le président... »

Il l'a élevée comme un père.

C'est pour lui qu'il a gardé sa virginité. Il l'a surveillée jour et nuit, suivie, attendue, traquée, séquestrée. Pour qu'elle ne coure pas. Pour

que les garçons ne lui mettent pas la main au panier, comme il l'a dit au juge : « Excusez-moi l'expression, monsieur le président, j'ai vu un garçon qui lui mettait la main au panier... on ne peut pas dire autrement... pendant qu'un autre l'embrassait sur la bouche, contre un mur, alors là, je l'ai giflée, elle. C'est une réaction normale, monsieur le président, quand un père voit sa fille... » Il va la chercher au collège, au Coop où elle travaille... Elle ne connaît personne. Elle ne voit personne. Des copines du collège, du travail... Des voisines l'ont vue parfois avec des garçons de son âge. Mais, disent-elles, on ne lui connaît pas de petit ami régulier. C'est une fille sérieuse. Elle vit chez ses parents. Elle sort peu. Lui la contrôle régulièrement. Il sait ce qu'elle fait. Elle rentre tous les soirs à la maison, lui est toujours là, présent. Sa mère aussi.

Le juge expose les faits.

La déposition de la fille. Du père. Des témoins : famille, voisins. Des médecins, psychiatres... Experts en analyse du sang, du sperme, expert en « psy », spécialistes de la vérité.

Ils disent : « Elle est débile. Dévergondée. »

Les déclarations du père ont été consignées par écrit, le juge les lit. Il lit aussi celles de la fille.

Ils disent : « Débile mentale. Délurée. »

Elle a fait des fugues. Trois fois elle a quitté le domicile familial. Elle s'est échappée. Pour aller où ?

« Inconsciente. Irresponsable. » Ils répètent, inlassables. Qui les croit ? Le juge lit une à une les pièces du dossier.

Lui est resté debout, les mains croisées derrière le dos.

Elle est assise.

Il répond aux questions du juge. Il dit ce qui est écrit déjà. Le juge n'apprend rien.

Elle ne parle pas. Le juge ne s'adresse pas à elle. Elle écoute ?

C'est après la troisième fugue que la police... Et l'enquête a commencé minutieuse, précise, fouillée, obsessionnelle. Pour la vérité.

Tous ceux, celles qui l'ont vue, aperçue, approchée, entendue, employée, examinée... qui lui ont parlé...

Celle qui l'a élevée, sa mère.

Celui qui l'a éduquée, son père.

Ils écoutent l'exposé des faits.

Elle ne peut rien dire. Elle n'a pas le droit.

Lui répond quand le juge l'interroge.

Il a gardé, léger, l'accent de Toulouse. A quoi se mêlent l'intonation, la syntaxe de la banlieue parisienne.

Elle, on ne l'a pas entendue. Elle n'a jamais parlé. On sait ce qu'elle a dit à la police, aux experts qui servent la justice — rien n'est oublié. Tout a été noté, pris en considération. Qui l'a déjà écoutée avec cette attention, ce souci de ne rien perdre de ce qu'elle disait ? Qui a écrit comme pour un livre chaque parole ? Elle a relu et signé — c'est bien ce qu'elle a dit. Ils ont tout écrit. C'est la vérité. Elle pouvait voir, lire ce qu'elle avait dit. Exactement.

Ces trois enfants, qui les a faits ?

Elle a eu trois enfants. Le premier est placé. Elle élève les deux derniers chez ses parents.

Elle a été enceinte.

Elle a accouché.

Dans le secret. On disait : « C'est une petite cousine... » Ils racontaient des histoires, le père et la mère. Et elle ?

Elle savait que c'était ses enfants. A elle. Le père ?

« Vous savez, monsieur le président, garder la réputation de sa fille... c'est pas facile... les mauvaises langues... les ragots... Des enfants sans père. Une mère célibataire... »

C'est à Genève qu'il l'a accompagnée pour l'avortement. Deux fois. La première fois ça a été raté. La dernière, ça a marché.

« C'est vous et non sa mère, je le souligne, dit le juge, qui l'avez conduite à Genève. Vous avez pris une chambre pour deux personnes. Une chambre à deux lits. Avec votre fille qui avait 18 ans ? »

— C'est exact, monsieur le président. C'était une question d'argent, vous comprenez... »

Elle aurait eu quatre enfants.

Du même père ?

Ils disent qu'elle fréquentait des garçons.

Elle a dit — dans le rapport écrit — qu'elle n'a connu qu'un homme, le père de ses enfants.

Il raconte, le père — le juge lit les textes du dossier — que sa mère et lui l'ont cherchée partout, elle n'était pas revenue à la maison, elle n'était plus au collège. Ils ont demandé aux voisins, à ses amies, aux camarades de classe, personne ne savait. Ils étaient inquiets. C'était la première fugue. Elle n'était jamais partie comme ça, sans retour. Il pleuvait. Quand elle est revenue, deux, trois jours plus tard, ses vêtements n'étaient pas mouillés — c'est lui le père qui précise, debout les mains au dos il répète : « ses habits étaient secs, elle n'avait pas couché dehors ». Elle avait trouvé une autre maison. Dans la salle de bains elle s'est déshabillée. « Quand sa mère est entrée elle a remarqué des taches sur sa culotte. Elle lui a posé des questions, Liliane a répondu qu'elle avait été violée. » C'est le père qui parle.

Alors le juge : « Et vous n'avez pas porté

plainte ? votre fille vous dit qu'elle a été violée et vous ne faites rien ? »

Le père : « On n'y a pas pensé, monsieur le président. Sa mère et moi on était tellement bouleversés... il faut comprendre. »

Un enfant est né, neuf mois plus tard. (Elle a à peine 16 ans.) Puis deux autres.

Elle a travaillé.

Le Coop l'a licenciée. Pas de faute professionnelle. Ni retard. Ni absence. Des marques sur le corps, là où les clients pouvaient les voir. Le chef de service avait remarqué des traces, plusieurs fois. « Pour les clients ça faisait mauvais effet. » C'est ce qu'il a dit quand il a témoigné. Il fallait la licencier.

Il la battait, son père.

Elle était paresseuse. Elle ne voulait rien faire à la maison. Elle était désagréable avec sa mère. Il la corrigeait de temps en temps. Il était responsable de son éducation. Alors... c'est le père qui répond aux questions du juge.

« Un jour, lit le juge — c'est votre fille qui l'a raconté — vous êtes entré dans sa chambre, elle était couchée, vous avez voulu l'obliger à avoir des rapports avec vous. Elle a refusé, vous l'avez frappée, elle s'est débattue, vous avez sorti un revolver, elle a crié, vous êtes parti... Comment ça s'est passé, exactement, vous pouvez le dire ? »

— Voilà, monsieur le président, je me rappelle très bien. Je suis allé dans sa chambre pour lui dire de se lever. Elle ne voulait pas aider sa mère, je me suis mis en colère et j'ai fait un geste brusque. La lampe de chevet est tombée, j'avais un bout de verre dans la main, elle a cru que c'était un revolver mais c'était un morceau de la lampe. Après je suis sorti pour aller

à mon travail. Voilà ce qui s'est passé, monsieur le président. »

Liliane porte plainte contre son père. En juillet 1969. L'affaire est jugée en mai 1977. Lui est condamné à 2 ans de prison dont 14 mois avec sursis, pour attentat à la pudeur sur une mineure de 18 ans par ascendant. Il avait été incarcéré d'août 1969 à juillet 1970.

Après l'affaire, elle a quitté le domicile familial pour vivre ailleurs avec ses deux enfants. Un petit appartement. Un petit travail. Une vie solitaire, honteuse, difficile. Sa mère ne l'a pas aidée. Tacitement complice du beau-père. Liliane a dû, après combien d'années de sévices, mauvais traitements, viols..., s'en remettre à la justice pour échapper, alors qu'elle était majeure, à l'autorité paternelle. Tentatives de suicide, fugues successives, rien n'a pu mettre fin à ce viol familial qui durait et fructifiait (Liliane a eu trois enfants).

Les lettres nous apprennent, mieux que les dossiers, les suites de l'histoire. Une femme de 65 ans écrit \* en 1976 que « ce grand secret a empoisonné sa vie, toute sa vie ». « Je n'ai pratiquement jamais connu le bonheur. Quant au plaisir des sens, ça a toujours été une corvée ou presque. J'avais 11 ans quand mon propre père a abusé de moi... Je vivais seule avec lui (ma mère est morte j'avais 2 ans)... »

A 15 ans, elle est enceinte. Avortement.

16 ans, deuxième grossesse. Avortement.

17 ans. Troisième grossesse. Un enfant naît qui vit jusqu'à 14 mois. Comment est-il mort ?...

« Il me considérait comme sa femme. Je n'avais pas le droit de voir des garçons. Je ne

me rebiffais pas. Pourquoi ? Je ne sais pas... Cela dura dix ans.

« Il est mort. Ce fut le plus beau jour de ma vie.

« Je n'ai jamais été heureuse... le plaisir sexuel, je faisais semblant pour faire plaisir à mon mari. »

Son mari meurt. Elle tient un petit commerce pour élever sa fille. Sa fille se marie avec un homme qui boit et qu'elle quitte. Elle divorce et vit avec sa mère : « Toutes les deux, nous sommes bien (sans homme) à la maison... »

Protégées des hommes par les murs d'une boutique, la mère et la fille vivent ensemble, unies et complices, fortes à deux contre l'agression. La mère, celle qui écrit la lettre, a osé écrire : « Il est mort. Ce fut le plus beau jour de ma vie... » Jacqueline, qui raconte sa longue histoire avec son beau-père, n'a pas attendu la mort du mari de sa mère. Elle l'a tué. Après huit ans de vie commune.

*Deux mots m'ont sauté à la tête : le tuer*

Jacqueline a 32 ans. Blazer, pantalon de Tergal. Elle est grande et mince. Elle parle beaucoup.

Treize mois de détention. Neuf mois d'hôpital psychiatrique. Elle vit dans un village avec ses deux derniers fils et leur père.

Un soir, elle fait une fugue et dépose ses enfants à l'orphelinat : « Les enfants hurlaient. Moi, j'étais froide comme si j'étais morte... » Au retour, elle est à bout de nerfs et les enfants sont insupportables : « J'ai eu peur pour mon aîné. J'ai cru qu'il allait devenir fou. Il lui prenait

des crises incroyables qui lui dureraient presque la journée. Quand il en avait fini une, il en reprenait une autre... Quand son père arrivait, il se calmait. Il m'en voulait à moi. » Elle n'entretient plus la maison ni les enfants. A son mari elle dit : « Je suis un bourreau d'enfants. On va m'arrêter, me torturer, je finirai sur cette croix... »

Son mari est un ancien détenu : « Je savais que ce n'était pas un saint. Mais moi qui j'étais ? Je lui ai fait confiance. Nous avons essayé de faire une vie avec nos deux vies mutilées. Au début, c'était tout beau... Au bout de six mois... » Les enfants sont confiés aux beaux-parents. Eux vivent dans un hôtel. Elle est enceinte de trois mois. La fugue a duré un mois et demi. « Je sentais bien que quelque chose ne tournait pas rond... cette vie en moi... elle me prenait mes forces... Quand je lui en ai parlé, il a voulu m'ouvrir le ventre. Il avait pas tout à fait tort. Je payais cette fugue. Je savais que je mourrais quand il naîtrait. Mon mari me tue-rait si j'avais cet enfant. Cette vie en moi... je la voulais morte. Je mangeais pas. Je maigrissais. Si j'avais un enfant anormal ? déformé ?... »

Un soir de Noël elle perd son sang. A l'hôpital, intervention : « Qu'est-ce qu'on allait me sortir du ventre ?... Je me suis réveillée. Il n'y avait pas de petit lit à côté de moi. " Qu'est-ce que vous avez trouvé dans mon ventre ? — Rien. Des morceaux de placenta. Vous n'avez rien perdu chez vous ? — Non. " »

Elle dit que depuis qu'elle est née, elle est vouée au scandale. A 18 ans, sa mère, fille de petits commerçants, vit chez ses parents. Elle a une fille. Sans être mariée. La fille c'est Jacqueline. « J'étais née pour l'Assistance publique. » Sa mère ne l'abandonne pas. « J'ai regretté...

Si j'avais été à l'Assistance publique, tout ça ne me serait pas arrivé... Mais c'était écrit... Quand j'étais petite, je me disais : jamais je serai une grande personne comme les autres. » Avec son grand-père elle va en courses pour le café, dans la voiture à cheval. Ils rapportent du café, des eaux gazeuses, du vin. Dans ce café elle est un peu la petite fille de tout le monde. Sa mère travaille là. Elle lui coud des robes, manteaux, chemises... Jusqu'à l'arrivée du fiancé de sa mère, elle est heureuse. Elle a 6 ans quand sa mère présente son futur mari : « Il était bien, poli, élégant... ça devait être quelqu'un. » On sort le tapis persan... Elle voit ce monsieur qu'il faudra appeler papa. « Ma mère l'a aimé. Lui, il aime le sport. Il boit. Il fait tous les métiers. Le soir il revient ivre. Scènes. Je criais : " Je vais appeler les gendarmes. " On poussait la grosse table de chêne (elle était à roulettes, sculptée) dans tous les sens de la pièce pour protéger ma mère. »

Les grands-parents mettent la maison en viager. La mère part à la ville avec son mari. Un garçon naît, que la grand-mère élève.

Jacqueline a 12 ans. Son grand-père meurt.

Elle va habiter chez sa mère, qui a eu sept garçons.

Elle a 14 ans, et vit enfermée dans un petit appartement, elle, la vagabonde — elle a toujours vécu à la campagne comme une petite fille sauvage, elle connaît chaque ruisseau, chaque pré, buisson, chemin. Et le calvaire au bout de la route de terre...

Le beau-père est coléreux, jaloux — traîneur. Avec elle, il a « une sale gentillesse malsaine ». Il est tyrannique. « Tout ce qu'il y avait de mieux c'était pour lui. Il aimait être élégant, surtout en fin de semaine quand il sortait. Il allait au bal comme s'il était célibataire. Il rentrait ivre.

Il battait ma mère et lui reprochait son passé. » Elle, il la surveille. Jusque chez sa grand-mère quand elle va au travail. « Il avait de sales façons avec moi, de sales façons de m'embrasser — pas comme un beau-père — des façons de m'attirer vers lui. Je savais plus comment me tenir. Si je sortais, c'était avec lui... Si j'essayais de refuser, il s'en prenait à ma mère. J'aimais ma mère. Lui c'était un despote. Je connaissais personne. Je parlais à personne. Ni ma mère. Si je partais, ce serait pire pour maman. Il voulait me faire croire qu'il voulait mon bien. Il m'attrapait, me renversait sur le lit quand ma mère avait le dos tourné. » Elle reçoit un jour un coup de poing qui la défigure pendant une semaine. Il était destiné à sa mère. Elle rêve de ressembler aux filles de son âge. Elle serait partie avec le premier venu. Elle étouffe. « Je sentais que d'une manière ou d'une autre il faudrait que je passe par ses pattes. » Elle a 17 ans. Elle ne sort qu'avec lui, toujours. Elle doit faire comme si elle était sa femme, lui donner le bras comme s'ils étaient un couple. En cachette, elle lit *Intimité* : « C'était ma seule douceur. » Avec elle, il est comme un fiancé. Gentil. Attentif. Prévenant. Sa mère s'en est aperçue. Ferme les yeux. « Elle aurait dû me mettre en garde. C'est la seule chose que je lui reproche. Elle m'a rien dit et je pouvais rien dire non plus. »

La mère est à l'hôpital. Dix jours.

« Elle est partie sans rien me dire. Ce qui devait arriver arriva — ma vie était fichue, je ne serais jamais une femme comme les autres.

« Je venais de commencer à mourir. »

Retour de la mère.

Le beau-père traite Jacqueline comme sa chose, l'attire dans la salle de bains pour l'embrasser. La mère les surprend. Ne dit rien. Elle fait chambre

à part. Monte au premier avec les enfants : « Moi je devais continuer à m'exécuter dans la chambre de ma mère. » Le beau-père la menace si elle parle à sa mère. Sa mère la harcèle pour qu'elle parle. Elle dit qu'elle va partir. Il prend les devants : « Nous allons partir, ta fille et moi. » Colère de la mère : « Un matin, elle m'a balancé tous mes habits en pleine cour, devant tout le monde, et aussi la valise de mon beau-père. J'étais dehors avec lui. »

Le beau-père installe le garage. Descend un matelas. Vie commune. La mère alerte l'assistante sociale. Mais sa fille est juste majeure. Il fait croire à un amour chaste. Ils nomadisent tous les deux pendant quelques mois. De meublé en meublé. Dans les banlieues. « Le midi, on mangeait dans les petits jardins... j'osais plus regarder personne. J'aurais mieux fait de me foutre sous un train, comme ma mère me l'avait dit. Après tout ce qu'elle avait fait pour moi... c'était une honte... »

Elle a vécu six ans avec lui. Jaloux. Violent. Il la bat. Le premier enfant, elle ne l'a pas voulu : « Comme il se présentait, il fallait bien le prendre... » Contente malgré tout : « J'avais quelqu'un à moi... lui, il disait qu'il était pas de lui. »

Il la bat régulièrement.

Deuxième enfant.

Tentative de suicide au gaz.

Troisième enfant. Une petite fille. Service des prématurés, couveuse : « C'était à cause d'une incompatibilité de sang... C'était une jolie poupée aux yeux verts. »

Elle n'a pas revu sa mère. Une fois, elle l'a croisée, sa mère l'a traitée de sale ordure.

Quatrième enfant.

Elle est sans force. Néglige les enfants. Le



bébé refuse la nourriture. Pleure tout le temps. « J'avais peur pour lui, pour sa vie. Je prenais mes enfants, je les allongeais à côté de moi. J'ai ouvert le gaz. Je voulais partir avec eux. »

Elle lit les faits divers. Dans la région, série de crimes. Son beau-père aurait dit à la nourrice des enfants qu'il la tuerait un de ces quatre matins... « Je commençais à marcher au-dessus du sol. Mes narines se pinçaient quand il me parlait. Deux mots m'ont sauté à la tête : le tuer ; je voulais pas qu'il souffre. Je voulais pas voir le sang. J'ai pensé l'étrangler avec une de ses cravates. Le fauteuil dépliant qui servait de lit à un enfant avait une barre pour régler la hauteur du dossier. Une barre de bois très épaisse. Les enfants iraient à l'orphelinat. Ils seraient soignés. J'irais en prison mais je serais soulagée. J'ai tourné tous les soirs autour du lit quand il était endormi. Et puis ce dimanche... Il est rentré au milieu de la nuit. Ivre. Menaçant. Exigeant. Je l'ai laissé s'endormir. J'ai levé la barre au-dessus de lui. Je pouvais pas. Le bébé s'est mis à gémir. La barre s'est abattue.

« Plusieurs fois.

« Il s'est retourné, a porté ses mains à sa tête. C'était fini.

« J'ai dit à la voisine : " Appelez la police. Je viens de tuer mon mari." La police est arrivée.

« J'ai déposé mes enfants chez leur ancienne nourrice. Je suis revenue avec les policiers, j'ai repris les enfants et je les ai mis à l'orphelinat. Je les ai quittés. Ils n'ont pas pleuré. Moi non plus. »

Garde à vue. Palais de Justice. Maison d'arrêt. Bruits de clés. Cellule.

Elle travaille aux sacs à poisson. Puis à l'entre-

tien du linge de la détention « hommes ». Lavage, repassage, raccommodage. Elles sont quatre inséparables : une mineure fugueuse prise dans un trafic de stupéfiants ; une mère maltraitante ; une tireuse de chèques sans provision ; et elle. L'une d'elles lui tire les cartes contre des sacs à poisson : « Elle me voyait un grand amour dans la Maison... »

Première lettre de sa mère. « J'allais revoir ma mère ! » Chaque semaine elle vient voir sa fille. Ses enfants sont placés dans une famille à la campagne. La nourrice lui envoie des fleurs du jardin dans les lettres.

C'est dans le fourgon cellulaire qui transporte les détenus hommes et femmes pour des visites médicales que tout a commencé. Un détenu lui glisse un papier qu'elle cache dans sa chaussure. Aux toilettes, elle lit : « Je te souhaite bonne chance... Un ami qui pense à toi. »

« Quelqu'un pensait à moi ! »

La semaine suivante, une lettre. Il purge une peine de vingt-huit mois. Il doit sortir bientôt. Elle ne l'a jamais vu. Seulement le messenger. Il sera dans le prochain convoi.

Dans le fourgon, elle remarque un homme grand, impressionnant, qui « ressemble à John Wayne en plus jeune ». Il parle librement avec les policiers.

Le messenger lui dit : c'est le grand, là en face. « C'était lui... j'étais subjuguée. » Il s'assoit près d'elle. Ils parlent. Les lettres, elle les glisse dans les bleus. Les coud à l'intérieur des coutures. « Nous nous sommes raconté notre vie... j'ai presque écrit mon journal intime... » Promesses. Projets... Si les petites annonces spéciales du samedi avaient existé... On y lit, en bref, la même demande... Quatre, cinq annonces Taulards par page, dans le quotidien : *Libération*. Et

chaque fois le taulard ajoute : enfants acceptés. Un exemple : « J'ai 36 ans. Je n'ai pas de courrier et je voudrais bien connaître un peu de bonheur et de soleil dans les prochaines lettres. Accepte tous courriers jeune fille ou jeune femme même avec enfants, avec l'espoir de refaire un foyer heureux. » Lui aussi a dit que ses enfants seraient les siens, qu'ils fonderaient tous les deux, en repartant de zéro, un foyer heureux... Qu'il l'attendrait...

Au bout de treize mois, elle est admise dans un hôpital psychiatrique. Elle n'aura pas de casier judiciaire. Elle signe la levée d'écrou : « J'allais aller chez les fous... » Une ambulance la conduit au pavillon les Bleuets. Sa mère vient la voir. Elle s'est mise en ménage avec un homme plus jeune qu'elle. Sa fille lui raconte aussi ses amours.

Un dimanche, elle reçoit la visite du détenu rencontré en prison. Il est libéré. La mère messagère apporte les nouvelles au pavillon. Puis plus de lettres. Elle apprend enfin qu'il est à l'hôpital à la suite d'un accident. « Je me cassais plus la tête pour lui que pour mes enfants... Quand j'y pense, j'aurais mieux fait de rentrer au couvent. » Ses enfants, elle ne les a pas encore revus : « On regardait à me montrer mes enfants. » Ils arrivent un matin : « J'ai couru comme une folle... j'ai été chercher des jouets. Je me rappelle, mon aîné s'est précipité vers moi. Je suis tombée à genoux. Comme pour lui demander pardon. Il m'aimait toujours... On m'a fait comprendre qu'il avait été choqué quand même. Il avait 5 ans. Il dormait quand c'est arrivé. Mais il a bien fallu qu'il se réveille et il a compris. Il était là... Il me souriait. Il me pardonnait. Mais il avait le regard triste. Les trois derniers, ils me reconnais-

saient. Mes enfants m'appartiennent toujours... J'étais soulagée. »

Son ami marche avec des béquilles. Il vient la voir. Puis c'est le silence. A l'hôpital psychiatrique on la place dans un pavillon fermé. Elle ne tient plus debout : « Si on touche à mes nerfs, je tombe. Je n'ai qu'eux pour me soutenir. Je m'assois dans un fauteuil et je bouge plus. Je grossissais. Je mangeais tout, n'importe quoi. Je piquais dans les assiettes des autres. Je faisais des réserves. »

Après neuf mois, elle quitte l'hôpital pour un foyer de réadaptation : « Je devais me refaire une identité. »

Pas de nouvelles de l'ami.

Elle s'inscrit à l'école de bonneterie.

Le jour de la fête des mères, elle reçoit une carte postale. Elle apprend qu'il est en prison pour quatre mois. Elle retire l'argent de son livret de Caisse d'épargne. Elle lui renvoie l'argent.

Un samedi après-midi, son ami libéré revient. Il a changé. Il marche encore avec des béquilles. Il a le visage marqué. Avec des copains, il a arrosé sa sortie. Il est ivre.

Pendant huit ans elle vit avec lui — « six mois de bonheur, sept ans et demi d'enfer ».

Elle a deux garçons — « tout le portrait de leur père ». Il la bat.

Elle le quitte.

1977. A « S.O.S. Femmes/Alternative », elle est passée pour s'informer, chercher du secours aussi. Ses enfants sont placés. Elle a trouvé du travail et un ami avec qui elle s'est mise en ménage. Elle avait à la main un filet à provisions : « Il faut que je rentre. Pour préparer le dîner. Quand c'est pas prêt, le soir, il est pas content. Bon. J'y vais... »

*Il achetait du sang et le mettait sur les serviettes*

Les enfants nés de ces relations d'inceste ne vivent pas tous. Il arrive souvent qu'ils meurent dans le ventre de la mère. Des éducatrices de maison maternelle racontent qu'une jeune femme de 20 ans était arrivée enceinte de six mois. Elle avait été placée en institution à l'âge de 13 ans. Sa mère handicapée vivait avec son beau-père, et ce beau-père, la fille le détestait. Elle fuguait. A cause de sa grossesse elle s'était réfugiée en maison maternelle. Lors d'une visite, la gynécologue lui dit que l'enfant est mort. Elle devait aller absolument, disait-elle, à un mariage en province. Le samedi-dimanche. Elle tenait à y assister. Pendant deux jours elle boit, danse, s'amuse. Au retour, elle se rend à l'hôpital où l'accouchement est provoqué. Elle revient à la maison maternelle, délivrée de l'enfant mort. Elle dit que tout s'est très bien passé et qu'elle-même est en pleine forme. Pendant quelques jours elle reste avec des femmes en prénatal. Elle les panique. Elle ne cesse de dire : « Attention ! Ecoute bien ton ventre. Ton bébé est peut-être mort. Ecoute encore. Tu es sûre que son cœur bat normalement. Il faut surveiller tout le temps. Sinon l'enfant meurt et on ne le sait pas. Si ça se trouve, tu as un bébé mort à l'intérieur... » Les jeunes femmes s'étaient mises à la fuir. Elle leur faisait peur.

Fausse couche provoquée. Avortements successifs. Enfant mort-né. C'est très souvent lorsque l'enfant est du père légitime qu'il est évacué, poussé hors du ventre de la mère — enfant,

mort ou pour mourir. Comment tolérer pour une fille si jeune, démunie, seule..., un enfant de l'inceste, de la violence, du non-désir ? Comment vivre avec le témoin permanent d'une violence imposée au corps et qui a produit, malgré soi, un corps nouveau à faire exister, à aimer, toucher ?... C'est ainsi que ces enfants-là, s'ils ne sont pas éloignés à la naissance, abandonnés, s'ils ont d'une certaine manière résisté à la mort, ces enfants vivront au rythme des angoisses maternelles, des dépressions, des crises, des fugues, des placements et déplacements qu'ils auront à subir parce que la mère se bat elle aussi avec sa propre enfance. Une jeune femme écrivait \* en 1977 que chaque jour elle vivait avec son enfance de petite fille maltraitée par sa mère, violée par son père — la mère complice : c'est le chef, c'est lui qui commande... jusqu'à ce qu'à 22 ans elle se sauve pour échapper à la torture parentale. « Quotidiennement, mon enfance est là... et je ne peux pas élever mes enfants. » Elle ne les supporte pas. Elle veut les confier à un organisme mais n'en connaît pas. Ces enfants ne sont pas de son père. Elle s'est mariée. Elle a eu deux enfants. « Je grignote lentement mes enfants... j'ai les nerfs malades et ça ne se guérit pas... » Elle les placera. Comme A. M..., cette adolescente dont l'amie raconte l'histoire dans une lettre à Menie Grégoire, placera sa petite fille.

A. M..., orpheline de père à 2 ans, est placée par sa mère jusqu'à l'âge de 5 ans. La mère se remarie et reprend sa fille. Les attouchements du beau-père commencent lorsqu'elle a 7 ans. Il l'oblige à le masturber. De 7 à 14 ans il ne cesse de lui imposer des rapports sexuels dans le silence. La mère ne sait rien. A 14 ans elle est enceinte.

Le beau-père achetait du sang et le mettait sur les serviettes pour que la mère ne se doute de rien.

Convoquée avec sa mère au lycée pour absentéisme, elle est renvoyée. Sa mère apprend qu'elle est enceinte. Mère et beau-père essaient en vain de la faire avorter.

Elle accouche d'une petite fille.

Le beau-père continue à coucher avec elle.

Elle porte plainte. Il est incarcéré.

La mère chasse sa fille et sa petite-fille.

Tentative de suicide. Hôpital.

Son amie la revoit. Elle couche avec tous les garçons qui se présentent. Elle veut placer sa fille. « C'est une petite chétive et triste », remarque l'amie ; comme cette petite fille née d'un inceste — le père avait été incarcéré et la fille vivait chez sa mère avec sa fille — dont une voisine disait : « Elle avait quelque chose, cette petite, de pas normal... Elle souriait jamais, elle était triste, elle avait quelque chose qui clochait... comme si elle était pas aimée. » Portrait de la petite fille du malheur, tel qu'il se fabrique dans le regard et le discours populaires sur tout ce qui n'est pas conforme : les enfants pas comme les autres, différents, sont nécessairement malheureux... Dictons populaires normatifs mais qui disent aussi, quelque part, une vérité. La vérité d'un enfant dont la mère ne veut pas, simplement. Elle dit qu'elle l'aime, malgré tout, mais ses gestes, son corps disent le contraire. L'histoire de Jacqueline avec ses enfants (les quatre enfants du beau-père) est à cet égard exemplaire. Elle les voudrait avec elle, heureux... c'est impossible. Elle refuse malgré elle et chacun de ses gestes — jusqu'au geste final, meurtrier, définitif — repousse les enfants, loin d'elle, toujours plus loin jusqu'à

l'enfermement séparé, elle en prison, et eux à l'orphelinat puis chez une nourrice à la campagne... Pour elle, comme pour beaucoup de mères divisées, le seul signe de reconnaissance, c'est que les enfants disent encore maman. La charge affective, passionnelle de ce mot-là pour les femmes qui ont placé leurs enfants, est telle que des mères ont battu, maltraité, frappé mortellement un enfant parce qu'il ne pouvait prononcer maman. « Il m'appelait madame... J'ai pas supporté... », disait une jeune femme détenue pour avoir presque tué l'enfant qui ne l'appelait pas maman : il était resté de 6 mois à 3 ans en nourrice.

Pierrette raconte son histoire. Elle est en prison pour vol. Elle parle et peu à peu on découvre les raisons de sa révolte. Elle est prévenue, incarcérée pour vol, et pourtant son itinéraire ressemble étrangement à celui d'autres femmes : petite fille placée. Famille nombreuse. Départ du père. Beau-père violent. Fugues. Grossesse. Avortement. Foyers. Fugues. Départ de la mère. Liaison avec le beau-père. Elle remplace sa mère. Naissance d'une petite fille. Elle part loin avec sa fille. Elle revient. Elle est incarcérée pour vol à cause de ses frères...

*Vers 13 ans, j'ai un peu compris qu'il profitait de moi*

Pierrette est grande et blonde. Elle dit : « Ici on grossit. » Elle croise son manteau sur ses seins et son ventre. Elle a une peau très blanche. Des yeux fins et aigus. Elle va avoir 20 ans. (Décembre 1977.)

Je sais pas par où commencer. Ma vie, c'est tout une histoire. Mes parents se sont séparés quand le dernier — on était six — est mort. Je sais pas comment il est mort. Mon père était toujours ici ou là, il revendait les cageots, les caisses, les boîtes après les marchés. Ma mère l'a averti pour mon frère. Il est pas venu. On l'a plus jamais revu à la maison. Ma mère nous a placés dans une pension. Elle a acheté un camion pour faire le même travail que mon père, mais seule. Elle était courageuse, ma mère, travailleuse.

Elle s'est mise avec un type qui avait un cirque. Il avait une femme et une fille. Il est resté avec ma mère. Ma mère voulait nous avoir avec elle. Elle nous a sortis de pension. Moi je suis restée plus longtemps que les autres là-dedans, je sais pas pourquoi. On a appris des numéros de cirque. Moi j'étais pas allée à l'école. Enfin pas beaucoup. J'ai appris à lire j'avais 9 ans. Moi c'était le cheval. Ecuyère. Je faisais des tours, j'aimais bien ça. Mon beau-père avait des lions — ma mère est dompteuse, maintenant. Un jour, j'étais seule avec ma grand-mère. Il fallait surveiller les lions. Moi j'avais nettoyé les cages, tout ça, j'en avais marre. Les lions se disputaient. Il fallait les séparer avec une fourche. Je m'en foutais qu'ils se bouffent entre eux. J'en avais assez fait comme ça. Je suis pas allée voir. Un lion avait coupé la queue de l'autre. C'était une catastrophe pour le cirque. On pouvait plus rien gagner avec lui. On l'a abattu, l'autre aussi. Je sais pas ce qu'il avait. Quand mon beau-père a vu ça, il m'a enfermée plusieurs jours dans une espèce de pièce qui était en haut du camp. Pour me punir. Ma mère était d'accord. Ma mère aussi était dure.

On devait obéir. Souvent, elle était pas là. Elle partait, comme ça, avec l'un, avec l'autre. Ils s'engueulaient tout le temps. Moi je faisais des fugues. A Paris, j'avais rencontré un garçon gentil — je devais avoir 14, 15 ans. On se retrouvait souvent mais je pouvais pas rester avec lui longtemps. Moi aussi je partais. Comme ma mère. J'avais une copine. Elle était de l'Assistance. Je suis allée partout avec elle. On s'en allait toutes les deux sur les routes, sans rien. On se démerdait. On n'a jamais eu d'histoires avec des types en stop. On n'a jamais été violées ni rien. Quelquefois, on retrouvait des copains. On restait pas longtemps avec eux. Quand je revenais, j'allais voir mon petit ami. Il me disait : « Tu t'es encore tirée avec elle ? » On était seulement des copines, elle et moi. Quand on dormait dans le même lit, on faisait rien. Avec lui, je prenais pas la pilule. Quand je me suis trouvée enceinte, je l'ai dit à ma mère. Elle a voulu le faire passer, moi je voulais pas, lui non plus. J'ai oublié comment, je me suis retrouvée dans une clinique après une fausse couche. Deux fois j'ai fugué d'un foyer où j'avais été enfermée. Dans une sorte de pièce on m'a mise seule à l'isolement. Moi je pouvais pas rester là-dedans. Je me suis dit : tu vas voir... ma vieille. Je décollais le mastic autour des glaces. J'ai sauté le mur, je me suis retrouvée sur l'autoroute. Des flics m'ont arrêtée. J'ai dit que j'allais voir mon père. J'ai donné son adresse. J'ai pris une voix de petite fille perdue. Ils m'ont crue. J'ai retrouvé mon ami. Je lui ai dit pour le mino. Je suis partie avec ma copine. On s'est fait piquer par les flics je sais plus pourquoi. Dans le commissariat elle a tout cassé, tout, tout. En miettes. Elle

s'est retrouvée en hôpital psychiatrique. Moi je voulais pas la quitter. On m'a mise avec les minos débiles, c'était affreux. Elle, elle était majeure. Je me suis sauvée. Je suis retournée chez ma mère. J'allais chez mon père de temps en temps. Pour lui piquer du fric. Ma mère et mon beau-père, c'était un cirque pas possible. J'ai voulu mourir.

Un jour, j'étais seule. J'en avais ras le bol, j'aimais personne, je voulais rien faire. J'ai voulu me tuer. J'ai pensé aux lions. Ils pouvaient me déchiqueter en quelques minutes. Je me suis allongée près de la cage. Mais je me suis dit qu'ils me grifferaient partout, surtout le visage. J'ai eu peur qu'ils me défigurent. Même si j'étais morte. Une espèce de coquetterie, quoi. Je savais que mon beau-père avait une carabine. Je me suis tiré une balle dans le ventre. C'est ma grand-mère qui m'a trouvée. Je suis pas morte.

Mon ami était toujours là. Il voulait vivre avec moi. Et moi je pouvais pas m'empêcher de partir. La dernière fois, il m'a dit : « Si tu pars, c'est fini. » Je suis partie avec ma copine, toujours elle. — Quand je pense à ce qu'elle m'a fait depuis, pour ma fille et tout ça... Quand je sortirai d'ici, je sais où la trouver... Je sais pas ce que je ferai mais je suis sûre que d'une manière ou d'une autre... enfin. Quand je suis revenue, mon ami était fiancé. Il allait se marier, la fille était enceinte.

Chez ma mère, c'était... Bon. Je suis restée, j'étais désespérée, j'attendais plus rien. Ils se sont disputés, ma mère est partie. Je suis restée seule avec mon beau-père et mes frères et sœurs. Je pouvais pas les abandonner. J'ai un peu remplacé ma mère. Un soir... Je me rappelle une fois j'avais dit à ma mère — mais

elle m'avait pas crue, elle a toujours dit que je mentais — que mon beau-père me touchait comme ça pour jouer. Un peu partout. Ça durait depuis longtemps. Moi je comprenais pas bien ce qu'il faisait, je le laissais faire. Vers 13 ans j'ai un peu compris qu'il profitait de moi, ça a commencé à me dégoûter. C'est là que j'ai parlé à ma mère, mais elle me croyait pas. Elle m'a toujours laissée seule dans les moments durs. En même temps, c'est vrai qu'elle a tout fait pour nous... Donc un soir mon beau-père vient me voir — j'étais avec mes frères dans ma roulotte — il fait sortir mes frères et il dit qu'il veut me parler. On a parlé longtemps. Il m'a dit qu'il était amoureux de moi depuis toujours, qu'il avait jamais aimé ma mère, que si je voulais — j'avais 16, 17 ans — il m'emmènerait, on partirait en Espagne ou ailleurs avec le convoi et le chapiteau. On s'en irait tous les deux loin. Il se marierait avec moi. On serait heureux. Moi, je disais rien. Il m'a parlé comme ça plusieurs fois, il disait qu'il m'aimait. La passion. L'amour fou. Moi je lui disais pas que je l'aimais. Je l'aimais pas. Finalement, j'ai couché avec lui. Je me suis laissé faire. On faisait ça en cachette. Ma mère est revenue. Lui, il voulait la mettre dehors, il voulait plus la voir. Je lui ai dit que s'il restait pas avec ma mère, je partirais. Ma mère l'a su. Elle faisait comme si c'était pas vrai. La pilule je pouvais pas la prendre à cause de mon ventre, la balle, l'opération, tout ça. Ça avait tout détraqué. Je faisais ça... Je sais pas... J'ai jamais beaucoup aimé, je suis pas portée sur les rapports, moi — j'ai toujours été une fille sérieuse et quand j'étais en fugue c'était pas pour coucher — je pensais pas que je

pouvais avoir un mino. Toujours est-il que je l'ai eu. Je voulais le faire passer, celui-là. J'ai tout fait. Ma mère a pas voulu. Je l'ai gardé.

C'est ma fille.

Quand je l'ai eue, j'ai tout quitté. Je suis partie avec elle. On était seules toutes les deux. Pendant deux ans, j'ai travaillé comme une folle, pour elle. Je volais plus. Je l'avais placée chez une nourrice — j'étais serveuse. La nourrice je la connaissais. Je savais que ma fille serait bien avec elle, j'étais contente. Je vivais seule. J'arrivais pas à trouver un type. Je les voyais, j'en voyais beaucoup, je les faisais marcher, je leur promettais ceci, cela, ils me disaient qu'ils voulaient se marier avec moi, qu'ils prendraient ma fille, ils apportaient des cadeaux pour elle... Je les renvoyais avec, j'en voulais pas. Ni de leurs cadeaux, ni de leur fric, ni de leurs promesses. Ça a duré comme ça deux ans. Jusqu'au jour où ma mère est venue me chercher. Pour que je revienne. Je suis revenue. Mon beau-père était pas là. Ma mère est partie presque tout de suite. Et moi je me suis retrouvée seule avec ma fille et toute la famille — frères et sœurs — à m'occuper. Mes frères faisaient des conneries. Ma copine s'était mise avec mon frère, celui qui est à côté à Fleury. Elle disait qu'elle voulait se marier avec lui. Ils volaient n'importe quoi, n'importe comment. Ils se sont fait piquer. Et moi, je suis là à cause d'eux. J'ai tout pris sur moi. Ma copine a dit qu'elle s'occuperait de ma fille. Ma mère a pas voulu la prendre. J'ai appris que mon amie s'est tirée. Elle a laissé la petite à des copains. C'est un couple. Ils m'ont écrit. Je crois qu'elle est bien avec eux.

Quand je sortirai, je sais pas ce que je

ferai. Je suis en révolte contre tout, tout le monde. J'ai besoin d'exploser...

Ma fille, je sais pas.

*Il m'a donné un coup de poing... J'ai jamais recommencé*

Christine aussi se sépare de corps des enfants qu'elle a eus avec l'amant de sa mère. Séparation violente, radicale puisqu'elle est en prison, d'une part, et qu'elle a par ailleurs laissé mourir un petit garçon de 3 ans, enterré secrètement par son mari et elle. Lorsqu'elle a 10 ans, sa mère l'oblige à rester à la maison pour la cuisine, le ménage... L'école, elle n'y va pas beaucoup. A 13 ans, elle fait la connaissance de l'amant de sa mère qui sera ensuite l'amant de sa sœur. Il est gentil avec elle, protecteur. Il va la chercher à l'école, il fait des promesses. Elle l'écoute. Elle le croit. Elle a besoin de croire que quelqu'un l'aime. Mise au travail à 14 ans, elle fugue avec l'amant de sa mère et sa sœur. Elle est enceinte. De retour chez sa mère elle est placée au Bon Pasteur. Transférée dans une maison maternelle, elle accouche de son premier fils, Christophe. Elle passe un examen de confectionneuse puis retourne chez sa mère et épouse son amant qui reconnaît son fils. Hébergés dans un centre, ils sont expulsés. L'enfant est placé par décision judiciaire. Un deuxième garçon naît à l'A.S.E. — la mère prétend que c'est un petit infirme. Elle n'a jamais cherché à le voir, dit-elle à l'éducatrice de la prison. A 3 ans, Christophe est enlevé à la nourrice par sa mère sur l'ordre du père : « On fuyait, on allait dans tous les coins, on était en caravane, on vivait des chèques sans provision de mon mari... » Il

séquestre Christine. Elle est prise au piège. Déjà, lorsqu'ils s'étaient mariés (elle avait 17 ans), l'amant avait préparé pour elle une maison avec cadenas et serrure pour l'enfermer. Il est récidiviste. Il lui fait des promesses comme les prisonniers aux détenues, promesses épistolaires qui se ressemblent toutes. On peut encore lire cette lettre d'un détenu de Coutances à une détenue rencontrée au service général : « Il est une chose que je veux que tu saches, Doudoune chérie, les gosses seront avec nous. Je veux qu'ils soient dans leur maison, dans leur chambre, avec leur maman. Je veux qu'ils soient heureux. Et je sais, ma Doudoune chérie, que tu seras heureuse avec ton monde près de toi. Plus question de te voir travailler comme une brute. Tu auras assez à t'occuper de ton intérieur, les enfants et ton mari. Je veux pouvoir, ma chérie, profiter de toi le plus possible. Alors, la femme au foyer... » Ils parlent tous d'avenir construit sur des bases nouvelles, de rayon de soleil, de bonheur familial avec l'enfant ou les enfants de la femme inconnus de lui, mais déjà reconnus et aimés depuis la cellule carcérale...

A peine sorti, il séquestre à nouveau Christine dans cette maison où les fenêtres mêmes lui sont interdites. Il la bat et la menace de mort. Dans la caravane il continue à la battre. Il refuse d'appeler un médecin pour Christophe qui dépérit : « De cette façon, il savait m'atteindre. Une fois, je me suis rebiffée, il m'a donné de toutes ses forces un coup de poing dans l'estomac qui m'a plaquée à terre pendant une demi-heure. J'ai compris. J'ai jamais recommencé... l'enfant est mort faute de soins. Nous l'avons enterré nous-mêmes dans un cimetière. »

Elle est incarcérée.

Enceinte, elle accouche d'un troisième garçon,

en 1972. Elle le garde en prison, jusqu'à 18 mois. Condamnée à quinze ans de prison. Séparation une fois encore et pour plusieurs années de ce troisième enfant né d'un père brutal, violent et qui s'approprie le corps des femmes — mères, filles, sœurs — parce que, simplement, il est un homme. Christine ne l'a pas tué comme Jacqueline son beau-père. Elle a tué réellement l'un des enfants, et symboliquement les deux autres. Elle est morte à ces enfants de la violence, d'un viol incestueux. La sœur de Christine a eu une liaison avec cet homme-là. Puis elle se marie et fait des enfants qu'elle abandonne pour vivre avec un homme qui sort de prison. La carte qu'elle envoie à sa sœur est d'une telle neutralité — comme les cartes qui sont envoyées aux prisonniers par voie officielle — qu'à la lire, cette banalité même bouleverse. C'est un petit chat qui miaule. « Ma bien chère sœur. Cette petite carte pour te donner de mes nouvelles qui sont bonnes. J'espère pour toi que ça va et qu'il n'y a rien de grave d'arrivé car maman a reçu ta lettre hier et elle t'a envoyé le mandat que tu lui demandais... Aujourd'hui c'est dimanche et le temps est gris. Il pleut, c'est toujours pareil. Ta sœur qui t'aime et pense à toi. »

Encore dix ans d'incarcération.

Ses enfants, dans dix ans ?

En prison, elle a une liaison avec une femme. Elles se disent qu'elles s'attendront, s'il le faut, toute la vie.

C'est en lisant ces histoires-là, précisément, que le regard s'aiguise sur d'autres histoires racontées au moment d'un drame. Le dossier médical de la petite Fabienne ne révélerait rien que ne puisse dire un dossier d'hôpital si la lecture était linéaire et l'œil médical, simplement.



Il est vrai que le dossier ne se réduit pas à un simple compte rendu du fait médical. Le dossier livre des informations sur l'histoire de la mère de Fabienne, sa mère à elle, sa vie avec les hommes qu'elle connaît...\*\*. La petite Fabienne, suivie de 1969 à 1973, est admise à l'hôpital pour dénutrition grave à 10 mois. Elle porte des ecchymoses, des griffures au visage, des brûlures au ventre. Sa mère vit avec un jeune homme qui n'est pas le père de la petite Fabienne qu'elle a eue avec une liaison de passage. Elle a environ 18 ans. Elle est elle-même fille d'une mère célibataire. Le père ne l'a pas reconnue. Elle ne l'a pas connu. Sa mère se marie. A 5 ans, elle est placée chez une nourrice. Elle fugue. On la place en maison à caractère sanitaire puis, de 7 à 12 ans dans un internat. Lorsqu'elle revient chez sa mère, celle-ci s'est remariée. Le dossier fait une allusion rapide et discrète à une tentative de viol du beau-père sur la fille de sa femme. La fille travaille en usine à 15 ans.

Employée de maison à 16 ans puis bonne d'enfants, elle quitte la place, enceinte. L'amant l'aurait abandonnée en apprenant la grossesse. Elle n'ose pas en parler à sa mère qui l'apprend par une voisine. Sa mère aurait tenté de la faire avorter sans succès. C'est en maison maternelle qu'elle accouche de Fabienne. Elle dit qu'elle voulait un garçon. La petite fille naît par césarienne : elle a donc, dès la sortie, marqué le ventre maternel. La blessure de la mère, la blessure au ventre, c'est une petite fille qui la provoque. Sa mère interdit à sa fille d'allaiter l'enfant. Elle obéit. De même qu'elle obéit quand elle l'installe dans un studio qu'elle a trouvé pour mieux la contrôler et l'oblige à placer sa fille en nourrice.

Elle travaille à nouveau en usine.

Rencontre un garçon qui ne travaille pas.

Elle vit avec lui. Dispute violente mère-fille : « Je te hais, je ne t'ai jamais aimée », dit la fille à sa mère... La fille maltraitera sa propre fille, la petite Fabienne, et sera elle-même battue par son amant. C'est la grand-mère maternelle de Fabienne qui dénonce sa fille à la Brigade des mineurs. Elle veut obtenir l'incarcération de sa fille, la déchéance des droits maternels et obtenir la garde de sa petite-fille.

Après l'hôpital, Fabienne est placée en pouponnière. Puis chez une nourrice. Sa mère, qui a fait plusieurs tentatives de suicide pendant ces années, lui rend visite assez régulièrement. Elle a quitté son ami. Elle travaille. Elle s'est mariée et le mari a reconnu la petite fille naturelle. La relation de la mère à sa fille est difficile — « Tu verras, on te mettra en pension si t'es pas gentille... C'est moi qui commande » — surtout lorsque le séjour chez la mère est plus long que d'ordinaire. En revanche, avec la deuxième petite fille, légitime, la mère paraît heureuse, détendue. Plus tendre qu'avec Fabienne.

Une si longue histoire, et rapportée dans le détail, pour dire sans grand risque d'erreur que, d'une part, la mère de Fabienne a eu sa fille plutôt avec le beau-père qu'avec un ami d'aventure, même si le silence a été gardé là-dessus avec la complicité de la fille, malgré le souci de destruction de la grand-mère. Et que, d'autre part, nombreux sont les éléments propres à cette histoire, et que nous avons pu lire à travers d'autres récits, qui permettent de penser que le beau-père aura avec Fabienne de retour chez sa mère, par séduction, complicité, provocation de la fille contre la mère, peut-être, un rapport incestueux (on se rappelle l'histoire

d'Antoinette, d'autres aussi). On assiste là à un effet de miroir tragique et fascinant. Une histoire où tout se lit dans une image spéculaire Mère-Fille, et le regard s'arrête pris dans le temps de la répétition, un temps immobile et meurtrier.

Petites filles mortes à leur corps, femmes mortes au plaisir, à la maternité, parce qu'un homme, leur père ou beau-père dans la même maison si longtemps, a fait prendre corps à ce fantôme de sa fille d'avoir un enfant de lui — c'est ce que dit la psychanalyse — le père... Et son fantôme à lui ? Le corps de la petite fille grandie sous son regard attentif d'homme en désir de petite fille, en désir de virginité, de poils à peine naissants, de seins en bouton pour devenir une femme, et elle devient femme et mère sans connaître son désir à elle, parce que c'est la violence masculine, paternelle qui parle, et c'est lui qui le premier troue le ventre vierge. La mère était avec cet homme ou un autre à l'origine de sa vie puisqu'elle est née d'elle ; l'homme sera, lui, à l'origine comme amant, et comme père. Le premier amant. Le premier père des enfants de sa fille. Est-ce qu'elle voulait, elle, vivre cette réalité-là ? Et dans la violence ? Et si d'autres la vivent à l'état de fantôme dans leur tête, elle, elle l'a vécue dans son ventre par pénétration, grossesse, avortement et accouchement. Est-ce que toute petite fille n'est pas, quelque part, objet de ce désir du père — oublieuse de son désir à elle — de toucher, atteindre, et presque toujours en le forçant, parce que la violence fait couple avec le désir, un corps qui l'émeut pour sa jeunesse et sa douceur et parce qu'il répète le corps de la mère, sa femme qu'il a peut-être aimée, un jour.

## Il m'appelait Marie-Garce

L'homme dans la maison ne fait pas toujours des enfants aux femmes et filles de son clan. Lorsque la fille ne remplace pas sa mère, la femme de cet homme, pour être presque sa femme et mère à son tour, elle est là présente pour lui, pour exciter son regard, émouvoir son corps, le faire trembler, et il agite autour d'elle, sur elle, ses mains, sa verge dans la clandestinité de la chambre et de la nuit. C'est lui qui vient dans le noir là où elle dort, dans sa chambre et dans son lit. Le lit de la mère, il le déserte en y laissant sa femme endormie peut-être, et si elle se réveille, elle ne voit pas qu'il n'est plus à sa place près d'elle, que les draps sont à peine froissés ? Elle ne sait pas qu'il s'est levé doucement sans lumière, tâtonnant sans bruit pour qu'elle ne se réveille pas, pour qu'elle ne pose pas de questions ? Peut-être aussi fait-elle le silence parce qu'elle sait et que, au fond, s'il ne fait pas d'enfant à sa fille, il peut bien la prendre. Elle est à lui. Et s'il n'est pas le père, il lui a déjà dit : « Après tout, je ne suis pas son père », même s'il déclare ensuite au juge d'instruction qu'il a tout fait pour elle — qui n'était même pas sa fille — pour son

instruction, son éducation, et il souligne : « Même qu'elle m'appelait papa... » L'autorisation tacite de la mère, sa complicité muette lui font croire qu'il s'agit presque d'un don. Si la mère s'est si souvent réfugiée dans le silence — sauf dans l'hypothèse où elle ne veut plus de cet homme dans sa maison, et alors elle fera tout pour le chasser parce qu'elle ne tolère plus sa présence près d'elle et non parce qu'il a couché avec sa fille — c'est qu'elle sentait son corps vieillir, corps usé, usagé, coupable de n'être plus assez femme pour son mari. Dans sa fille — sa fille lui ressemble, en plus jeune, plus ferme, plus souple — elle vit le désir de celui qui la quitte, la nuit, pour aller dans le lit de la chambre à côté, et elle sait bien où il va et pour quoi faire, même si sa fille n'ose rien lui dire parce qu'elle ne l'écouterait pas, parce qu'elle ne veut pas entendre le refus, l'anxiété, le désarroi. Quand elle reste seule la nuit dans son lit, il faudrait que sa fille soit reconnaissante à sa place. Ce n'est pas seulement par peur du scandale et des poursuites judiciaires qu'elle reste en silence dans la maison. Peut-être même, lorsqu'elle n'est pas présente pour regarder, assister au spectacle de sa fille avec son mari, son amant ou pour jouer elle-même dans cette scène domestique (ce qui arrive plus souvent qu'on ne pense), reste-t-elle en éveil pour surprendre, écouter, savoir à travers le mur ce qui se passe de l'autre côté et s'il s'y déroule le même jeu érotique qu'avec elle lorsqu'elle était encore un corps en désir, un corps à désirer. Le silence est précieux à la mère pour garder dans sa maison l'homme et ses filles. Quitter la maison de la mère... Car même si c'est l'homme qui travaille pour l'argent du loyer, de l'entretien, de l'élevage des

enfants, c'est la maison de la mère. Pour en sortir, il faut un temps si long que même les filles fugueuses y reviennent. Quitter la maison de la mère, ça déracine. Et la mère saisit le lit de sa fille comme lieu d'enracinement de l'homme et de sa fille. Ils sont là avec elle. Ils n'en partiront pas ou le départ sera une rupture si radicale que la fille voudra se tuer, réellement ou non, et le père coupé brutalement de ses femmes, sera livré à la justice, à l'enfermement carcéral ou à l'errance.

*... Toutes les filles faisaient ça avec leur père*

« Selon les déclarations de la jeune Raymonde, depuis l'année 1975, son père venait la rejoindre dans son lit lorsque sa mère était endormie et continuait à se masturber devant elle, l'obligeait sous la menace à lui caresser le sexe. Il lui arrivait également de lui faire sucer le sexe [...]. L'inculpé a reconnu les faits reprochés [...]. Il prétend n'avoir jamais usé de menaces et n'avoir jamais tenté d'avoir des relations sexuelles complètes avec l'enfant [...]. Il convient de noter qu'il s'était rendu coupable de faits similaires sur les personnes de trois de ses nièces actuellement majeures. » Si l'affaire n'était pas « sortie », la connivence clanique aurait joué si fort que jamais les cousines n'auraient parlé. C'est ainsi que le regard du père-oncle s'étend sur un domaine, toujours familial, mais plus large que celui de la seule fratrie : la fille de sa femme, puis ses filles jusqu'à la dernière et, en vacances, les cousines de ses filles. Elles se le chuchotent, racontent en grand secret, elles le

disent à l'aînée, sans savoir qu'elle aussi s'est tue sur cette histoire, jusqu'au jour où ça se sait : sur plainte de la mère ou de la fille, ou d'un parent.

Ce que le réquisitoire définitif ne rapporte pas parce qu'il doit condenser l'affaire, c'est la déclaration complète de la fille durant son audition. Depuis qu'elle a 10 ans — elle en a 16 au moment de l'enquête — son père lui impose, dans la nuit, un rituel érotique qui la dégoûte : « Je ne pouvais plus supporter ces relations... je ne veux plus voir mon père, il me dégoûte et il me fait peur... Il venait le soir, dans ma chambre, lorsque ma mère était endormie. Il se caressait le sexe devant moi jusqu'à ce qu'il en sorte un jus blanc [...]. Il m'obligeait à lui toucher le sexe... Il me touchait les seins et le sexe. Il me disait que c'était normal, que toutes les filles faisaient ça avec leur père. Il pénétrait aussi son doigt dans mon sexe. Il continuait à se masturber devant moi et il me demandait de le masturber moi-même. J'ai toujours refusé sauf deux ou trois fois sous la menace. Quand j'ai dit que je ne voulais plus, vers 13 ans, il m'a dit : " Si tu le dis à ta mère, je t'aurai." J'ai toujours eu peur de lui. » Elle précise, sûrement à la suite d'une question de l'inspectrice de police, qu'elle est toujours vierge et qu'elle n'a jamais eu de relations sexuelles avec un garçon. Car elle a dû, pour que l'enquête soit précise et complète, subir l'examen gynécologique obligatoire, pratiqué par le médecin légiste (et parfois plusieurs fois suivant les besoins de l'enquête judiciaire). Qu'est-ce qui se mesure à cet examen de l'hymen de la fille ? On veut savoir si le père est le premier ? S'il y a eu ou non pénétration par coït vaginal ou simplement pénétration digitale ? Pour la fille

c'est un supplément de viol. Pour le père une justification — elle n'était plus vierge — sa fille ouverte par un autre que lui, l'innocente. Pour le juge, si la fille est vierge c'est une fille sérieuse, sinon c'est une coureuse. On entend dire : « Elle aimait les garçons, elle sortait avec l'un puis l'autre, elle était légère, c'était une fille facile... » C'est plutôt à la suite d'une fugue que l'adolescente se met souvent à jouer ces scènes-là avec des garçons qu'elle rencontre ici ou là. Raymonde, elle, résiste à l'examen médical. Elle se ferme, son vagin empêche le doigt scientifique et juridique dans son avancée vers cette paroi mythique. Toutefois, sa mère produit un certificat établi par le médecin de famille qui note :

- un hymen probablement absent, mais pas de signe de déchirure ;
- un toucher à un doigt montre une perméabilité de l'orifice vaginal ;
- pas de signe de violence dans la région périnéale.

Un médecin légiste parle des centaines de fillettes qu'il a examinées : « Elles avaient, dit-il, été utilisées par leur père et on pouvait constater l'effondrement des parois vaginales. Chez une petite fille, l'hymen est une membrane très mince, pas extensible. Il craque et la paroi vaginale extérieure aussi. C'est très douloureux mais la cicatrisation se fait sans problème. » Ce médecin racontait aussi qu'il avait remarqué chez trois sœurs le même hymen : « Par pénétration digitale, le père les avait dilatées progressivement, suivant la même méthode... »

*Je me suis réveillée avec son sexe dans la main*

L'examen médical de Raymonde est impossible. Le médecin légiste ne peut donc conclure. Dominique, une adolescente de 13 ans qui parle de son angoisse lors d'une visite gynécologique, dit : « Moi, devant un gynéco, ça me gênerait pas d'être toute nue. Mais j'ai peur qu'il me tripote, s'il me regarde par là, s'il me touche et tout... ça me rappellerait mon père... » Et M... : « On t'enfonce un truc dans le sexe là pour voir... pour des analyses. J'aimais pas trop. Ça fait mal. J'ai une copine, elle a demandé que le gynéco soit une femme parce qu'elle disait que les hommes, ça lui faisait peur. » Les fantasmes des filles sur le « gynéco », leur résistance, leurs peurs..., tout cela Raymonde l'a vécu dans le réel comme Dominique parce que le regard du père s'est arrêté sur elles, il les a élues, préférées. Ces signes qui les privilégiaient sexuellement, peut-être les ont-ils flattées quelque part et jusqu'à un certain moment... jusqu'à ce qu'elles comprennent que cette élection érotique a pu, pour elles, produire du malheur, du désespoir, et cela au moment de l'adolescence et de la brutale conscience de vivre sous la contrainte, lorsque la violence n'est pas à tout moment présente. D'ailleurs, s'il y avait cris, ils seraient étouffés, et la petite fille, d'abord surprise puis résignée, pense-t-elle même à crier ? L'audition des cousines, les trois sœurs, touchées par l'oncle quand elles étaient petites à 10, 11 ans, dit bien le silence complice, peut-être terrorisé — elles ne le précisent pas —

et parfois toute une nuit. L'aînée : « Pendant les vacances chez ma grand-mère maternelle, je dormais avec mon oncle parce qu'il n'y avait pas de place chez ma grand-mère. Il m'obligeait à dormir dans le même lit, à le masturber, toutes les nuits. Il me caressait, mais je n'ai pas eu de relations sexuelles avec lui. Je l'ai dit à ma mère et ma grand-mère, je ne suis plus allée chez mon oncle. » La cadette : « C'était un soir, je partageais une chambre avec mon cousin et ma petite cousine. Mon oncle est venu dans la chambre, et m'a mis son sexe dans la main. Il m'obligeait à le masturber en me tenant la main... » La dernière : « C'était dans un camping. La nuit à un moment je me suis réveillée avec son sexe dans la main. Il se masturbait en me tenant la main sur son sexe... » Fantasmes de petites filles ? Peut-être si le dossier de police ne donnait l'audition du père-oncle. Il arrive souvent que les pères nient ou reviennent sur leurs déclarations, il arrive aussi que sous diverses pressions, la fille elle-même fasse une autre déclaration, donne une autre version des faits. Un juge d'instruction remarque : « La fille est deux fois victime : une première fois du père ou beau-père, et ensuite de la mère qui fait pression pour qu'il y ait un non-lieu ou que la fille retire sa plainte... »

Le père de Raymonde reconnaît les faits. Il reconnaît avoir obligé sa fille et ses nièces à le masturber. Toutefois, il ajoute : « Ce n'était pas toujours moi qui allais vers ma fille. Quelquefois elle venait vers moi et j'en profitais à ce moment-là. Je la caressais sur les seins, les cuisses, le sexe [...]. Je ne peux pas vous dire les causes de ces comportements avec ma fille et mes nièces. Tout ce que je peux dire, c'est que j'y ai trouvé du plaisir. »

Côté filles, le plaisir ? Elles n'en parlent jamais. Peut-être sur le divan ? Mais là aussi on garde le secret. Silence. Silence. Secret professionnel... Peut-être le plaisir du secret... On sait que les petites filles sont amoureuses du secret, des murmures dans le noir, proches et complices, des coins cachés, dérobés aux regards, d'une clandestinité qui fait l'aventure... le rapt, l'enlèvement la nuit, le vol offensif : l'arrachement à la maison, à la chambre... rêves de petites filles, intrépides dans leur tête, ou en secret et personne ne le sait sauf l'amie, la sœur de connivence dans la transgression de l'interdit — transgression plus imaginaire et bavardée que réelle. Mais la petite fille, seule avec un homme, et cet homme est son père, ou comme son père, même si le regard du père est gratifiant, peut-elle supporter le poids de son corps, de son sexe ? Il ne s'agit plus de noir pour faire semblant, mais vraiment de la nuit pour que la mère, les sœurs ne voient rien ; plus de chuchotis : seulement le silence absolu sous peine de châtement ; plus d'émotion dans l'imaginaire, plutôt le cœur qui bat d'être découverte, sous l'œil de la mère (la fille surprise par la mère, c'est elle la coupable, pas le père), une terreur — quand ça va être fini — à cause de la menace : « Si tu le dis, je te tue », et parfois les coups si elle refuse, les coups si elle sort avec des garçons de son âge et que le père n'est plus toléré dans le lit de la fille qui sait que d'autres hommes existent et que, sans la surveillance permanente, jalouse de son père, elle oserait peut-être un baiser, comme le raconte une fille de 16 ans dans une lettre\* secrète (écrite en 1977), anonyme, où elle parle de ce secret qu'il fallait si bien garder qu'elle ne peut plus approcher un garçon. Elle parle aussi d'elle,

petite fille, perdue dans le lit du père — la mère absente regarde la télé chez sa mère : « Un jour, mon père m'a montré comment il faisait l'amour avec sa femme. Il a essayé de me pénétrer mais il me faisait mal, il a arrêté. Il m'a fait prendre son sexe (son oiseau, comme il me disait) et m'a fait aller du haut en bas. J'ai senti un liquide chaud arriver sur moi. (Maintenant je sais ce que c'est.) Il m'a frictionnée à l'eau de Cologne après m'avoir fait jurer de garder cela, ce serait un secret entre lui et moi... » C'est un secret qui séduit peut-être la petite fille jusqu'au jour où elle comprend que tenir le secret, c'est appartenir de corps au père : de corps — mains, bouche, seins, ventre et sexe — et que ce corps s'il bouge, comme celui de la petite fille qui résiste à sa mère en pissant et chiant partout, s'il veut franchir la barrière du corps paternel, les murs de la maison maternelle, il sera séquestré. L'adolescente raconte dans la même lettre que son père l'a giflée, giflant aussi le garçon avec qui elle se trouvait assise sur un muret tout près d'une fête foraine. Elle a été consignée dans sa chambre puis expédiée chez sa grand-mère avec ordre de la surveiller, disait le père : il avait vu sa fille « passer d'un garçon à l'autre », « et aller avec le premier venu »... C'est Barbe-Bleue qui enferme ses femmes saignées à mort dans le cabinet noir...

Le père de Dominique la surveille aussi. Quand elle parle de son père — elle en parle en groupe avec des filles de sa classe, hors du lycée — sa voix se durcit, elle bégaie, parfois même il semble qu'elle perde sa voix, une voix blanche et sèche.

*La fessée déculottée*

Juin 1977. Cinq lycéennes. Entre douze et quatorze ans. Elles parlent d'elles, de leur corps... Elles dans la maison. Nudité. Pudeur...

Dominique. — Moi, je m'enferme toujours dans la salle de bains pour ne pas que mon père il me voye.

Mon oncle, il l'a fait à mes frères. Mon frère quand il était petit, il allait coucher chez mon oncle et il lui faisait pareil. C'est mon frère qui m'a raconté. On se dit tout avec mon frère. Ma grand-mère m'a dit que mon père il l'a pas fait seulement à moi, il l'a fait aussi à ma cousine. Un jour y avait une réunion de famille. Y avait plus de place et mon père devait dormir avec ma cousine... Il lui a fait pareil... Ma mère si elle le sait ? On lui en a parlé. Mais elle aime pas beaucoup en parler... Ça lui fait quelque chose. Quand on a voulu lui dire, on a commencé et ma mère elle a tout de suite changé de conversation. Ça me gêne. J'ai peur de lui faire de la peine. Même si ça marche pas entre eux...

Nous on pouvait rien faire. La porte fermait pas à clé. Moi je dormais avec ma petite sœur... On pouvait plus dormir. On avait peur. On était comme traquées. On se couvrait. Moi avec mes livres pour pas qu'il nous touche. Je peux plus dormir toute seule. Je dors dans un petit lit, je m'en fiche d'être serrée, presque par terre, j'en ai rien à faire, je peux pas dormir toute seule. Je vais peut-être partir

seule avec mon père pour les vacances. Ma mère elle va peut-être me forcer, même si elle sait pourquoi j'ai pas envie.

A ma petite sœur aussi il l'a fait. J'ai parlé à ma grande sœur... ce qu'il nous faisait, elle m'a dit : « C'est un dégueulasse, un obsédé, un tout ce qu'on veut. La prochaine fois tu cries, tu appelles maman. » Il doit bien savoir ce qu'il fait. Il le fait depuis longtemps. Quand il le faisait à ma cousine, je sais pas si j'étais née. Moi... j'avais 5, 6 ans... Quand j'étais toute petite, je pleurais. Je pleurais seulement. Je voyais un géant devant moi. Je pouvais rien faire. Je pleurais, c'est tout. J'en parlais pas à ma mère. Je savais pas ce que j'allais lui dire... Quand j'ai eu 11 ans... j'ai eu des réactions... je me débattais, je réveillais ma petite sœur et après on dormait plus. Ma petite sœur, quand mon père il lui faisait, elle faisait pipi au lit... elle avait peur. Quand on regarde un film à la télé et qu'il y avait un petit peu d'amour dedans, moi je regarde pas le film... je sais pas... ça me fait une réaction... ça me fait quelque chose. Quand mon père est là... j'ai peur... peut-être j'ai peur qu'il me fasse la même chose... Je peux pas. Je peux pas... je préfère aller dans ma chambre. M'enfermer.

Moi je ferai n'importe quoi. Je partirai pas avec mon père... je m'en irai... je ferai une fugue... Voilà en tous les cas pourquoi je suis pudique avec mon père... Moi je trouve que c'est un déshonneur quand même quand un père s'attaque à ses filles comme ça... Il l'a pas fait qu'à nous. Il l'a fait à une copine à ma petite sœur. On lui a dit de pas le dire...

M... — Moi j'ai une copine comme ça, elle était avec son père en week-end. Son père a essayé

avec elle, elle avait 7, 8 ans, elle a eu très peur, elle a appelé sa grande sœur, son père s'est arrêté. Après je sais pas. Elle m'en a plus parlé.

A... — Les enfants, ils ont pas la force de leur père. Ils peuvent rien faire devant ça. On peut pas réagir contre son père parce que c'est le père aussi. Si mon père me faisait ça... je me battrais ou je partirais de la maison.

Dominique. — Moi mon père je peux pas l'encadrer. Je suis déjà sortie avec des Noirs. Si je le disais à mon père, je recevrais deux baffes dans la gueule...

*Septembre 1977*

Dominique. — Finalement, je suis partie avec mon père en vacances. Mais je le voyais pas beaucoup. Alors, voilà... j'avais écrit un journal pour moi... je parlais de toute ma famille dedans. C'était pas tellement joli ce que j'avais marqué sur mon père vu ce qu'il me faisait quand j'étais petite... J'avais raconté... ça me faisait du bien. Personne savait qu'il existait ce journal. Y a un an ou deux ans, moi j'aimais personne. J'étais très sauvage, je croyais que personne m'aimait. Que j'étais la rejetée de la famille... J'avais marqué ça sur mon livre... et tout ce que je pensais de mon père, qu'il était raciste, obsédé, tout... et sur ma mère j'avais marqué qu'elle avait des préférences pour les autres, tout ça... A la fin j'avais fait une dizaine de pages... je disais : « J'ai grandi, je crois que j'ai changé, je me suis trompée sur certaines personnes de ma famille, sauf sur mon père. »

En vacances, j'avais laissé mon journal sur

un truc en cuir sous un sommier dans ma chambre. Je l'avais pas vraiment caché. Même si j'aimais pas mon père, je pensais pas qu'il allait fouiller. Ma mère était arrivée. Elle me dit : « Ton père a trouvé ton livre. » Quand elle m'a dit ça, oh ! là là ! mes larmes, elles ont coulé toutes seules. J'ai dit : « Quoi ? t'es sûre... » Ma mère me raconte que mon père lui a dit : « J'ai quelque chose à te faire voir. Ta fille écrit un livre. » Elle était toute contente. Il commence à lui lire. Ma mère elle savait pas quoi dire. J'ai dit à ma mère : « J'ai peur, j'ai peur... il va me battre... » Il m'a jamais battue enfin... Il me donnait des fessées déculottées. Ça toujours... ça dès qu'il y a un cul à voir... Je rentre. Mon père me dit : « Alors petite sainte nitouche... Dis les choses en face au lieu de les marquer dans un livre. » Moi je répondais rien. J'avais peur. A un moment il me dit : « Viens voir ici, je vais te donner une fessée déculottée. »

A mon âge une fessée déculottée ! à mon âge à 14 ans ! Alors ma mère lui fait : « Mais ça va pas, non ? tu vas pas lui faire ça. Y a les voisins juste à côté. Ils entendent tout. Ces affaires regardent que nous. » Mon père lui dit : « Alors tu te mets de son côté ? » Ma mère a dit oui. « Et tu crois ce qu'elle marque dans son livre ? — Oui je le crois. » Alors il a claqué la porte et il s'est tiré. A Paris ils faisaient chambre à part, ils devaient divorcer... moi je suis obligée de coucher dans le lit avec ma sœur... la vie est plus possible. C'est qu'il a battu ma mère. Ma mère, quand mon père a dit qu'il allait faire voir le livre à ses frères, elle a tiré le livre et elle l'a déchiré en deux. Mon père lui a donné deux claques. Le soir on a mangé. Moi je chantais en faisant



la vaisselle. Je me rappelle plus l'air. Alors mon père me traite de petite vipère. « Ça te fait bien marrer cette histoire... » Moi j'ai pas répondu. Ma mère, ma petite sœur et moi on est allées dormir chez ma grande sœur.

A Paris y a eu une nouvelle histoire. Ma mère a dit : « La prochaine fois qu'il te fait une réflexion, c'est le divorce. » Mais c'est cher. Mon père a engueulé ma mère en lui disant qu'il attendait des excuses. Il peut les attendre. Moi j'ai rien à me reprocher. Mon père ça le dérange de manger à côté de moi maintenant. Il change de place. Ça j'aimerais qu'il parte. Il s'en prend à moi. Pas à mes frangins. Il leur fait pas la loi. Un coup c'est vite parti. Mon père a dit : « Les enfants, l'école, tout ça, ça me concerne plus. » Ma mère a dit qu'il pouvait pas. Il doit s'occuper de nous si on est pas majeurs. Mais s'il veut pas j'irai me plaindre. Pas au commissariat, ah non ! oh ! là là ! tu vois ça, la police qui débarque chez moi, la honte !

Il a dit : « Dès que ta fille aura 18 ans, je la mettrai dehors. » Ma mère a répondu que si les enfants partent, elle partira avec eux.

La fessée déculottée semble une pratique courante chez les pères incestueux. Ils aiment voir le cul de leur fille, nu. Et le battre. Si le geste s'arrêtait à la flagellation des fesses de petite fille... tant de petites filles reçoivent des claques sur les fesses... On pourrait même penser que la fessée ça donne du plaisir, beaucoup l'ont déjà dit et ça se dit plus encore dans les revues pornographiques à l'article : « lanières et cuir »... Une adolescente de 15 ans porte plainte contre son

père en mars 1977 : « Elle expliquait que le même jour, alors qu'elle se trouvait au domicile familial en compagnie d'un ami, son père était rentré, avait renvoyé l'ami et l'avait emmenée dans sa chambre dont il avait fermé la porte à clé. Il commençait à lui donner des coups de poing dans les reins, lui ôtait son pantalon et son slip et lui introduisait un doigt dans le vagin [...]. L'inculpé a nié avoir exercé les violences sexuelles dont l'accuse sa fille. Il a par contre reconnu qu'il avait bien emmené sa fille dans la chambre, afin de lui donner une correction cul nu pour la punir de son absentéisme scolaire ; il reconnaît qu'il lui avait retiré son pantalon et son slip avant de lui administrer une fessée... »

Dominique n'ira pas dénoncer son père.  
Peut-être qu'un jour elle le tuera.

*L'orifice anal est souple...*

D'ailleurs le secret est aussi garanti par la violence. Puisque même si la mère l'a appris, elle doit se taire sous peine de mort. « L'épouse de M... déclarait avoir été témoin à deux reprises du comportement incestueux de son mari, en particulier le 11.1.75 où elle l'avait surpris alors qu'il sodomisait leur fille dans la cuisine. Comme la victime, elle déclarait n'avoir pas osé dénoncer ces faits, dans la crainte des coups que son mari avait l'habitude de porter à toute la famille [...]. Il obligeait sa fille [depuis l'âge de 11 ans] à avoir des relations sexuelles vaginales, la sodomisait et lui imposait la fellation. » Un autre réquisitoire rapporte des faits similaires : à deux de

ses filles, Patricia, 11 ans, et sa sœur de 10 ans, un père impose sodomisation, pénétration vaginale et fellation durant quatre à cinq ans. « Il exigeait que son épouse aille dormir dans la chambre du fils et lui-même partageait le lit de l'une de ses filles, environ deux fois par semaine. Après un moment, la première fois, l'épouse... aurait fait irruption dans la chambre de sa fille. Celle-ci et son mari étaient couchés. Elle l'avait admonesté,... lui disant de ne pas violer Patricia, ce à quoi il avait répondu qu'il fumait une cigarette... Un quart d'heure plus tard, Patricia était allée rejoindre sa mère et lui avait confié qu'après son départ, son père l'avait sodomisée [...]. Il avait menacé de la tuer si elle révélait les faits à sa mère [...]. La jeune sœur ajoutait que son père lui avait imposé les mêmes relations qu'à sa sœur, qu'il se montrait parfois violent lorsqu'elle tentait de le repousser ; un jour il lui avait tordu un pied, une autre fois il avait déchiré son pyjama. Il l'avait menacée de mort si elle le dénonçait à sa mère... »

La mère porte plainte.

Le père reconnaît les faits tout « en se défendant de toute pratique sodomique, assurant qu'il n'avait jamais obligé la plus jeune de ses filles à lui sucer la verge. Il prétendait qu'elle n'était pas vierge lorsqu'il l'avait prise la première fois... »

Un médecin légiste constate que la sodomisation des filles par le père est assez courante (il évite ainsi de faire des enfants à sa fille). La pénétration est douloureuse au début mais « l'orifice anal est souple et il peut subir une dilatation de 2 à 3 cm. Les ruptures cutanées ou des muqueuses ne sont pas constantes et la cicatrisation se produit sans problème. Chez les très jeunes enfants, des ruptures de la paroi recto-

vaginale peuvent avoir lieu, mais c'est rare ». Il reste que la préparation nécessaire à cette forme de pénétration ne doit pas souvent se faire, puisque la rapidité de l'acte est une constante dans les rapports clandestins, nocturnes, pris sur le sommeil de la mère... Le père peut, il est vrai, s'enfermer avec sa fille en l'absence de sa femme et bénéficier ainsi d'une heure d'exercice sexuel. Sophie, 17 ans, mariée à 16 ans parce qu'elle est enceinte, produit un certificat médical au moment de l'enquête engagée contre son père parce qu'elle a porté plainte. Le certificat avait noté : « Un rapprochement de l'orifice anal et de l'orifice vulvaire par dilatation de l'anus ; un certain état de béance de l'orifice anal, pouvant expliquer l'incontinence anale, épisodique, due à une cicatrice de déchirement de l'anus [...]. Les experts commis confirmaient ces constatations, et concluaient que le déchirement de l'anus et le rapprochement entre les deux orifices résultaient de coïts anaux répétés et que la date indiquée par la plaignante ne pouvait être mise en doute, en raison de l'importance des lésions [...]. Le père reconnaissait avoir eu des rapports sexuels avec sa fille alors qu'elle avait 15 ans, ajoutant, d'une part, que c'était sa femme qui l'avait obligé ; d'autre part, que sa fille était consentante et se faisait payer. » De 8 à 17 ans, Sophie dit qu'elle subit des rapports sexuels imposés par son père. Son mariage précoce n'empêche d'ailleurs pas le père de passer chaque dimanche matin en l'absence du mari pour exiger sous la menace un rapport sexuel : « Je te tuerai et ton mari et ton fils aussi. » Lui, le père, bat sa femme et s'exerce avec un fusil dont il menace sa fille si elle parle. « La première fois, les faits se sont passés à la maison en l'absence de sa mère. Elle était toute nue, son père lui a fait

caresser sa verge tandis qu'il la caressait lui-même, puis il lui a introduit sa verge dans l'anus. Il recommençait chaque semaine jusqu'à l'âge de 12 ans. A 12 ans le père a changé de technique, il l'a déflorée [...]. D'autre part, il lui caressait le sexe et il l'obligeait parfois à lui sucer la verge [...]. Une fois, elle aurait eu un peu de sang à l'anus, sa mère s'en serait rendu compte, et son père a déclaré qu'ils étaient tombés de bicyclette et qu'elle s'était blessée sur la pédale [...]. La mère, interrogée, déclare qu'elle avait remarqué que son mari mettait la main aux fesses à Sophie. Elle n'avait rien le droit de dire. Elle se doute que son mari a des relations sexuelles avec sa fille ; elle les a surpris une fois, le mari avait le pantalon baissé, il avait sa verge en érection, et sa fille s'asseyait sur lui, mais elle ne lui a jamais rien dit [...]. La sœur de Sophie a 7 ans. Interrogée en 1974 lors de l'enquête, elle déclare que son père lui aurait mis le doigt dans le derrière. Il a recommencé plusieurs fois. Cela lui aurait fait mal, elle aurait dit qu'elle avait envie de faire caca et serait partie aux cabinets [...]. La jeune sœur aurait dit, après l'arrestation du père, qu'il l'avait obligée à lui sucer la " quéquette " et qu'il s'était masturbé devant elle. Ce n'est qu'après qu'il lui aurait mis les doigts dans l'anus. » Sophie précise que son père lui donnait facilement des cadeaux, mais qu'elle avait peur de lui, parce qu'il l'aurait battue comme il battait sa mère si elle ne lui avait pas obéi.

« Je vous donne mon adresse poste restante, car c'est mon mari qui reçoit le courrier. » C'est une femme qui écrit \* (en 1970). La mère terrorisée, résignée, qui sait sans le vouloir, qui sait

sans savoir... Une femme qui cherche le bonheur avec un homme et c'est l'échec : misère affective, violences... Blessée parce qu'il ne la regarde plus comme une femme — « Je n'étais pas assez femme pour lui » — parce qu'il ne lui parle pas, ne la caresse pas... Il ne l'aime pas. Il ne l'aime plus. Elle est seule. Elle a des filles et elle ne veut pas perdre cet homme, même si elle sait... Elle sait mais quand même. Et si elle n'est pas sous la terreur, il arrive qu'elle ne dise rien.

Cette femme a 52 ans. Abandonnée par son mari avec trois filles, elle se remarie avec un homme célibataire de trois ans plus jeune qu'elle : « Il m'a demandé de l'épouser malgré mes trois enfants... Au début tout était sans nuages, il était gentil, affectueux avec mes enfants et moi (mes filles avaient 8, 6 et 4 ans). Au bout de quelque temps... » Elle a trois enfants de lui. Il a des maîtresses. Elle est malheureuse. Un jour, c'est le drame. Dénoncé par un parent à qui l'une des petites filles est allée se plaindre, le mari est incarcéré pour attentat aux mœurs sur mineure de moins de 15 ans. Cinq ans. Elle apprend — le savait-elle ? — qu'il a successivement violé la première puis la deuxième de ses filles. Elle ne l'abandonne pas. Contre l'avis de sa famille, et malgré les conséquences de ces viols sur ses filles, lorsqu'il sort de prison, il revient chez sa femme, demande pardon, promet le bonheur : « Tout était fini... et il m'avait promis que nous serions heureux... » Ses deux filles sont placées, l'aînée s'est mariée. Il est furieux. Il fait la connaissance d'une jeune femme mariée mère de deux enfants (des petites filles ?). Il déserte la maison de sa femme (il n'y a plus de filles à draguer et à violer), il lui fait des scènes violentes. Dépression nerveuse. Elle entre en hôpital psychiatrique. Au bout de quatre

mois elle revient chez elle. C'est infernal. Comment le quitter ? Elle ne travaille pas. Elle a 52 ans. Ses enfants sont mariés... Elle est malheureuse.

Elle mourra malheureuse.

Le temps pour l'amour, la tendresse, l'émotion ? Question qui se pose lorsqu'on serait tenté de penser que si la fille ne dit rien, c'est que durant toutes ces années les caresses paternelles l'ont éveillée, initiée au plaisir sexuel. Mais, même s'il était question du plaisir, c'est un plaisir imposé sous la menace verbale et parfois les coups ; un plaisir reçu après blessures de forçage ; dans un temps minuté avec la peur d'être surpris ; dans le noir, en vitesse ; dans le jour et avec l'anxiété de la chambre fermée au verrou... Il faut faire vite et aller droit aux points du corps que le père privilégie pour lui : un peu les seins si le temps le permet (l'absence de la mère, la pièce verrouillée), masturbation minutée ; et puis pénétration anale si possible parce que ça évite le retrait, le sperme partout ou à essayer aussitôt... Comme dans une chambre d'hôtel de passe. Comme avec une pute : même hâte, même pauvreté de l'espace, pénurie de temps, honte et mépris mêlés... Silence et solitude. Mais là dans la chambre, l'objet de désir n'est ni une femme encore, ni une étrangère. Elle a un nom : le nom de son père. Elle a un corps qui ressemble à celui de la femme de son père, sa mère. Elle est dans la maison de sa mère mais sa chambre n'est pas à elle, ni son lit, ni son corps sur le lit quand son père veut la prendre.

### *Son mouchoir dans ma culotte*

1976. Elle a 23 ans \*. Mariée. Elle vient d'avoir un petit garçon. Quand elle fait l'amour avec son mari, ça lui fait mal et sinon elle ne sent rien. Elle est froide et elle ne parvient pas à manifester par des gestes, des mots son amour pour lui. Elle dit qu'elle l'aime. Il est doux, gentil. Quand elle lui a parlé de son père le soir, dans le lit, dans le noir (son père venait la rejoindre le soir, dans son lit, dans le noir), il a pleuré. Ils sont allés ensemble voir un psychologue. Puis elle y est retournée seule : « Nous avons parlé sans apporter rien de nouveau à mon état. Je ne croyais pas tellement que parler avec lui m'aiderait et j'ai laissé tomber... J'ai maintenant envie d'être heureuse sexuellement avec mon mari et voudrais beaucoup connaître le plaisir avec lui (je connais un peu le plaisir clitoridien, par masturbation avec son pénis). » Lorsque son père la touchait au sexe, elle avait moins de 12 ans. Elle ne se défendait pas — « même que j'appréciais peut-être ». C'est lorsqu'elle se met à se poser des questions sur les gestes paternels qu'elle cherche à fuir les mains du père qui la tripote partout, n'importe où lorsqu'ils sont seuls un moment. Sa mère travaille en extra dans une maison bourgeoise. Elle rentre tard le soir. « Je couchais dans la salle à manger sur un divan et mes deux frères dans un autre lit en face du mien. Mon père venait dans le noir et continuait... J'en arrivais à penser n'importe quoi, même au suicide pour ne plus être son objet... Rester dehors... faire n'importe

quoi dans le jardin pour ne pas me retrouver dans ses mains... Un jour, il m'a fait mettre le dos courbé et les mains en avant sur le lit. Je me rappelle cette douleur et le sang qui a coulé. Il m'avait fait mettre son mouchoir dans ma culotte pour ne pas la tacher et que ma mère ne la voie pas. Le lendemain matin, il était venu me réveiller dans le lit, pour reprendre le mouchoir taché avant de partir au travail. Quelque temps après, j'ai eu mes règles (ma mère ne m'en avait jamais parlé). Quand j'ai vu tout ce sang, j'ai lavé et fait sécher ma culotte, pendant que ma mère était au travail, car pour moi je croyais cela anormal et je pensais que cela venait de ce que mon père avait fait [...]. Plus tard j'ai gardé une terrible haine envers lui. Au point de vouloir parfois sa mort [...]. En 1972 je commençais à travailler et à aller au bal. Mais je n'ai jamais vraiment aimé les garçons... J'étais très timide et les garçons ne me remarquaient pas. Je me décourageais disant à maman que je n'arriverais jamais à me marier. » En octobre de la même année elle rencontre son futur mari... D'autres jeunes femmes ont écrit pour raconter ces désarrois de petite fille, de femme plus tard : « Je ne peux comprendre l'abandon d'une mère qui laisse ses propres enfants avec un loup. » Sa mère se retrouve seule avec trois filles dont deux petites jumelles. Le beau-père s'installe chez la mère. Elles ont 12 ans environ. Attouchements. Pelotages des trois filles jusqu'au mariage précoce pour échapper aux mains baladeuses. « Au début mon vagin se refermait automatiquement lors de la pénétration par mon mari... Je ressens toujours un léger recul de plaisir... » Une autre femme parle de « cette chose qui l'a terrorisée au départ et dégoûtée par la suite » : « Il n'a jamais abusé de moi, mais ce qu'il faisait était

pire... Il détruisait en moi toute possibilité de devenir une vraie femme — car depuis là, le sexe masculin ne m'inspire que du dégoût. » Son père ne l'autorise à aller au bal qu'à la condition qu'elle « se laisse taire ». Il lui donne de l'argent pour qu'elle accepte. Elle rencontre un garçon, se marie à 18 ans. Lorsqu'elle écrit, en 1976, elle a 25 ans \*, elle a eu deux garçons : « Mon mariage est un échec total... rien entre nous... » Interrogée par son mari sur ses réticences, elle lui raconte. C'est une catastrophe. Il s'éloigne. « J'ai tout essayé pour le rapprocher de moi... rien n'y a fait... J'ai songé au divorce mais, à cause de cette histoire, je recule. Si ma mère le savait... Je suis au désespoir. »

### *Je ne voulais plus qu'on me touche*

La liste est longue de ces jeunes femmes qui vivent — disent-elles, et pourquoi ne pas les croire, pourquoi lire autre chose que ce qu'elles ont écrit d'elles ? — dans l'angoisse de la frigidité. Qui ne supportent plus sur leur corps la main d'un homme : « Je ne voulais plus qu'on me touche... S'il me touche, écrit-elle \* de son père, je serais capable de le tuer... Il ne me touchera plus. J'aime mieux mourir... » Son père lui offre tout ce qu'elle veut. Il veut seulement la toucher : « Il ne me prendrait pas ma " vertu ", il insistait sur ce mot. » Il ferme les portes à clé. Il la surveille. Elle réussit pourtant à flirter avec un garçon. Elle couche avec lui vers 18 ans (elle l'a connu à 14 ans) : « Mais moi je n'aimais pas cela du tout, au contraire... Je lui fis encore plaisir en me disant que cela allait changer, mais

j'étais encore plus dégoûtée que la première fois. » Elle tombe malade. Dépression. Hémorragie... Examens gynécologiques — « qui ont achevé de me dégoûter de mon corps ». Elle revoit son ami. Ils font l'amour : « Après cette dernière fois, je compris que cela n'était plus possible. Je dus aller à la toilette directement pour vomir tellement cela me rendait malade... Il croyait que j'avais froid car j'avais la chair de poule... Je me rendis compte par la suite que pendant plus d'un an, quand un homme me tendait la main, j'avais la même chose... » Elle rompt avec lui. Elle est enceinte. Il se marie avec une autre. Elle cache sa grossesse jusqu'au sixième mois. L'accouchement est difficile. Le père essaie de coucher avec elle puisqu'elle n'est plus vierge. Elle part avec son fils. Deux années durant elle travaille pour élever seule son fils. « J'aime mon fils, mais je regrette que ce soit un garçon, car il est très affectueux, souvent il venait me rejoindre dans mon lit mais je le remettais dans le sien car j'aurais trop peur qu'il n'ait des idées... » Elle se méfie même de son petit garçon. Si elle se mettait un jour à le maltraiter parce qu'il est un enfant de sexe mâle... Combien de mères maltraitent gravement leur fille parce qu'elle est justement une petite fille ? Elle ne supporte plus qu'un homme l'approche. Elle a essayé de flirter à nouveau : ça la dégoûte. Elle pense aux microbes : elle ne peut pas. A la fin de la lettre, elle se demande si ses sœurs, elle en a plusieurs, n'ont pas elles aussi... On peut répondre par oui... Comme souvent, elle se résigne semble-t-il au célibat, à la chasteté, elle s'y contraint — corps interdit de plaisir — expiant ainsi cette relation honteuse qu'elle a eue avec son père, punissant son corps d'avoir cédé au plaisir du père — au sien ? — le privant du plaisir avec n'importe

quel homme. La frigidity des femmes mariées apparaît au mari comme une délinquance conjugale. Un mari téléphonait à Menie Grégoire pour lui parler des refus successifs de sa femme. Elle avait été violée à 15 ans : « On vit ensemble depuis 68 [l'appel date de juin 1977]. On n'a jamais tellement... J'ai 28 ans, elle 31. Hier ça a craqué. J'ai voulu la forcer... Je l'ai battue... Elle dit que je suis pas tendre avec elle. Une fois je suis parti avec une femme. Ça a bien marché. Elle l'a su. Un jour elle a voulu se suicider, je suis revenu... En ce moment, elle est pas sous pilule. C'est pour m'empêcher d'approcher. » Ces femmes vivent leur frigidity — ce qu'elles appellent à la suite des sexologues radiophoniques frigidity — dans la culpabilité. D'ailleurs, les sexologues les y aident puisqu'ils ne parlent que de plaisir par l'orgasme. Cet impérialisme de l'orgasme aggrave plutôt l'angoisse de ces femmes qui se lancent dans la recherche éperdue, anxieuse de cet orgasme miraculeux — orgasme vaginal — qu'elles ne connaissent pas. Elles osent à peine parler de plaisir clitoridien, ou comme d'un plaisir de seconde zone. « Etre une vraie femme », comme l'écrivait l'une d'entre elles, c'est pour elle avoir connu l'orgasme vaginal. Sinon... on pathologise, psychiatrise. Il faut guérir... Si on est mort, est-ce qu'on peut revivre ? Si déjà la culpabilité sur ce point diminuait. Mais les sexologues ne s'y emploient guère. Ils font plutôt des ravages. Morte à son corps. Morte au plaisir. Normer ainsi le plaisir, c'est la faire mourir une deuxième fois. C'est un long travail pour une femme, violée petite fille et par le père... de se reconnaître un corps avec un sexe, un ventre et de savoir qu'il n'est pas divisé en sexe et le reste, comme le désir de son père, le premier homme pour elle, l'a séparé. Corps mor-

celé. Et privilégier le vagin dans le rapport amoureux ou privilégier le clitoris ou l'anus... c'est oublier que ces points-là, séparés pour le plaisir et suivant le désir, sont du corps. De tout le corps. Pour mieux atteindre ses filles et sa femme, directement, un père les contraignait à ne pas porter de slip et il avait lui-même déchiré le fond de leurs collants pour « pratiquer des attouchements ». Il les avait par ailleurs marquées par des tatouages pratiqués en divers endroits : seins, sexe, cuisses, à l'aide d'aiguilles et d'encre de Chine. Inutile de préciser qu'il bat régulièrement femme et enfants (il en a six), que sa femme a été hospitalisée pour dépression nerveuse et que l'une des filles a tenté de se suicider aux barbituriques. Lorsque la fille ne s'automutile pas (suicide, frigidité, chasteté, avortement, dépression nerveuse...), si elle a gardé de la vie, et si la menace ne reste pas verbale, comme pour Yvette et Jacqueline (pour Mireille-Barbara qui raconte sa haine dans *La Partagée*), elle recherche le père plus tard, pour le tuer. L'histoire d'Yvette est intense, violente, cruelle. Elle la raconte avec lucidité, cynisme...

*Il m'a dit « fifille »...*

Janvier 1978. Yvette a 20 ans. Les cheveux crépus. Des yeux clairs dans un visage rond et blanc. Elle est née à la Réunion.

J'ai donné quatre coups de couteau à mon cher petit papa. Et il est même pas mort. Les salauds s'en sortent toujours. Moi, il faut que j'apprenne à être salope, dégueulasse. Sinon

on vous écrase. J'ai compris ici que c'est comme ça qu'on peut s'en tirer dans la vie. Je me serais pas retrouvée en prison... Ma mère, chaque fois qu'elle m'a appelée au secours, je suis venue. Tandis qu'elle... On pourra jamais se comprendre. Pendant dix ans j'ai été placée à l'Aide sociale. J'ai passé cinq ans dans une famille de paysans du centre de la France. Je venais de l'île de la Réunion. J'avais 10 ans. C'est eux qui m'ont éduquée. Ma mère m'a rien appris. Quand j'étais à la Réunion, on vivait dans une grande maison avec des domestiques. Mais ma mère s'occupait pas de nous.

Elle, ma mère, c'était une vraie négresse — on l'appelait la négresse — c'était la négresse de mon père aussi. Elle était belle et il l'avait épousée pour ça. Ses ancêtres étaient africains. Mon père c'était le Bouana, le Blanc. On lui faisait des courbettes. Il avait tous les droits et sur tout le monde. Il battait ma mère et nous ses enfants : les Noirs, enfin ceux qui n'étaient pas blancs comme lui et qu'on appelait les « enfants de ma mère ». Moi il me battait moins que les autres, j'étais la « fille de mon père » parce que je suis sortie blanche comme lui. Souvent il envoyait ma mère et ses enfants noirs — c'était les siens aussi — passer la nuit dehors, comme ça, parce qu'il était pas content de je sais pas quoi. Ma sœur aînée — la fille de ma mère — était la fille d'un Réunionnais du pays. Mon père n'était pas son père. Elle faisait un peu la bonne à la maison. Ma mère la battait à coups de balai. Elle m'a raconté, quand on s'est revues plus tard en placement, que mon père l'avait violée pendant plusieurs années quand elle était petite fille. Elle l'avait dit à ma mère qui l'avait engueulée, parce qu'elle disait qu'elle

racontait des histoires pour se rendre intéressante. Un jour ma mère a surpris mon père dans la cuisine : il déshabillait ma sœur. Elle a fait un petit scandale. Ça s'est étouffé et ça a continué. Maintenant ma sœur se prostitue. Elle dit que de toute façon elle est foutue. Alors ça lui est égal. Moi je l'avais dit à personne. Quand j'avais 8, 9 ans, mon père m'obligeait à le masturber d'abord à la main — j'étais à moitié endormie — et après il a fallu que j'ingurgite ça. Enfin... il me mettait son pénis dans la bouche. Mon père il lui fallait toutes les femmes, même ses filles. Les Blancs étaient comme ça. Lui, il est breton.

Quand on est venus en France avec ma mère, elle nous a placés tous les cinq. Mon père voulait pas entendre parler de nous. Pour ma mère, élever seule cinq enfants, c'était pas possible. Elle a repris des études d'infirmière, et moi avec les autres, j'étais dans cette famille à la campagne. J'ai appris à marcher avec des chaussures, à me tenir à table. Je suis allée à l'école régulièrement. Ils m'ont donné une éducation catholique. C'était une espèce de rééducation, quoi.

Quand j'ai revu ma mère... ma mère maintenant est infirmière dans un hôpital psychiatrique. Je crois que malgré ça, elle est un peu timbrée. Enfin ce qu'elle me raconte c'est incroyable... je trouve ça... Elle me dit très naturellement qu'il lui arrive de prendre des taxis et d'emmener le chauffeur chez elle pour coucher avec lui. Elle règle la course et elle le fait monter. Après les taxis, ça a été les Algériens. J'ai une petite sœur de 3 ans qui est à moitié algérienne, elle est placée et c'est mieux si ma mère ne va pas la voir. Elle

la démolira. Je trouve qu'elle devrait rester chez sa nourrice comme si c'était sa vraie mère et que ma mère la laisse tranquille. Moi je ne peux pas comprendre ça — la vie de ma mère.

Avec les garçons, c'est très dur, j'arrive pas. Je me crispe, je me ferme, je crie, je pleure ou alors, comme je sens rien, je pourrais aussi bien lire le journal en même temps. C'est pas comme ma mère, chaque fois que je l'ai retrouvée, c'est dans un hôtel meublé, avec un Algérien. La première fois, je l'avais cherchée partout. Quand je suis arrivée à cet hôtel du côté de la place d'Italie, je pensais pas que je la verrais dans cette chambre minable avec ce type qui reboutonnait sa braguette. Ma mère m'a dit de retourner dans la famille nourricière, que c'était mieux comme ça. Je suis partie en pleurant. Je me suis trompée de train, trois fois. Là-bas j'ai pas pu rester. Je les ai quittés.

Quand ma mère m'écrivait, elle disait toujours que j'étais pas affectueuse, qu'elle me manquait pas, que, au fond, j'avais pas besoin d'elle. Pourtant... A Paris, c'est moi qui me suis occupée d'elle, malade à l'hôpital. J'étais une espèce de petite sœur des pauvres, paysanne naïve qui débarque à Paris... Je voulais que ma mère guérisse, que mon père revienne, que ma sœur quitte le trottoir, que mon frère ne fume plus de hakik — comme il disait — que les autres nous retrouvent à la fin de leur placement. Je voulais ça, la petite famille réunie. Quelle conne ! Je me suis tuée, épuisée pour un truc impossible... Mon père travaillait pas. Il vivait avec une pauvre femme énorme presque impotente. Il buvait. Ma mère vivait sa vie, j'existais plus pour



elle. Ma sœur... Un jour je suis montée chez elle, elle était avec son maquereau, un Réunionnais qui la battait et, cette fois-là, je l'ai vu lui passer un fer chaud dans le dos parce qu'elle voulait le quitter. C'était une sorte de torture... Elle avait appris un métier — téléxiste — mais pendant qu'elle était en formation elle faisait plus le tapin. Il lui a cassé les doigts. Je l'ai vue avec des bandages un matin, j'ai compris. Elle a eu deux enfants que ma mère l'a obligée à placer. Je lui ai dit, à ma sœur : « On travaille toutes les deux, tu travailles pour toi, tu tapines plus, on partage un appartement et on élève les enfants... » Elle a jamais dit oui, ni non. Et voilà. Elle continue. Moi je le dis quelquefois que, à la première tuile quand je sors de prison, je lève ma jupe, je baisse ma culotte et allez... Ma sœur m'a dit souvent de faire comme elle. C'est facile pour l'argent. Mais je l'ai vue, à Barbès... Moi les nègres je les aime pas... je pourrais pas. Elle m'avait proposée comme réceptionniste dans un hôtel. Quand j'ai vu l'hôtel j'ai compris. Je devais tenir la caisse avec la maquerelle, quoi ! Je me suis tirée... J'ai dit salut !

J'avais eu un diplôme de fin d'études secondaires. Je m'étais inscrite à la fac. En philo. Et puis c'est arrivé... encore une fois je cherchais ma mère. Pourquoi je la cherchais ? Parce que c'est maman — oui, parce que c'est maman. Elle m'a dit : « Laisse-moi tranquille », quand je l'ai revue avec ce même Algérien, dans le même meublé... Je sais pas ce qui m'a pris. J'étais résolue, déterminée. Je suis entrée dans une quincaillerie. J'ai demandé un couteau. On m'a demandé : « Pour quoi faire ? » Pour couper, tiens ! Le quincaillier

m'a présenté plusieurs modèles. J'ai choisi l'Opinel géant, enfin le plus grand. Chez mon père, j'ai dit à la femme de nous laisser, que j'avais un compte à régler. Je travaillais à ce moment-là, je m'habillais bien — pour le bureau — je me maquillais un peu, j'étais pas mal. Ma mère m'avait dit, quand elle m'avait revue, que je ressemblais à une paysanne — je le suis toujours un peu — et qu'il fallait que je sois plus femme. Que je fasse attention à moi... si je voulais plaire en somme. C'est depuis que je suis en prison que je m'arrange un peu. C'est bizarre...

J'ai vu mon père. Il m'a dit : « Tu as changé, tu travailles ? tu as de l'argent ? » J'ai dit : « Oui. Je gagne de l'argent. » Il avait un peu bu, je crois. Il délirait. Il disait : « Je sais pas si j'avais envie ou non, si ça me plaisait, je sais pas... » Moi je supportais pas de l'entendre. J'ai sorti le couteau et j'ai frappé. Quatre fois. Je voulais le frapper au cœur. J'ai raté. Il est toujours vivant. Il m'a dit « fifille », c'est comme ça qu'il m'appelait quand j'étais petite. Je suis sortie. J'étais sûre de l'avoir tué. Il pissait le sang. J'ai poussé la femme dans un taxi. Je lui ai dit : « On va à la police » — avant j'avais tapé une lettre qui disait ce que j'avais fait en quelques lignes. Elle s'est mise à rire. Et puis elle m'a demandé : « Pourquoi chez les flics ? — Parce que je viens de tuer papa... » La pauvre femme... Elle savait pas si je plaisantais. J'ai répété : « Oui, j'ai tué mon père de quatre coups de couteau. » Le chauffeur était inquiet. Il nous a déposés au premier poste. Là, j'ai dit à l'inspecteur pourquoi je venais. Il m'a pas crue. C'est seulement quand on lui a signalé la tentative de meurtre à telle adresse... qu'il m'a crue.

Je devais faire une déposition. Je disais que ma lettre suffisait. Je refusais de parler. Jusqu'au moment où le flic a dit : « Ça doit être encore une histoire de viol... » J'ai pris un cendrier, je l'ai lancé dans sa direction... c'est là que je me suis mise à parler. J'ai tout raconté.

Ma mère est venue, quand elle m'a vue, elle pleurait, elle m'a dit : « Ma pauvre petite fille, tu pourras jamais plus travailler dans l'Administration » — c'est ce qu'elle m'a dit. C'était plus terrible que tout. Elle avait rien d'autre à me dire. Non. Vraiment...

Maintenant, je suis ici.

J'attends. Je sais pas combien j'aurai.

Je suis en prison.

Je parle avec les filles, ici. J'apprends des tas de trucs. Beaucoup sont de l'Assistance. Je parle de ça avec elles. J'ai remarqué aussi que la plupart, surtout entre 19, 20 ans et 30, 35 ans, se prostituent plus ou moins, ou elles se sont prostituées. Elles me racontent. De la prostitution occasionnelle souvent. Et souvent quand elles étaient mineures. Ma sœur a commencé tôt... Mais elle c'est pas occasionnel.

## Elle galope, elle est dure à mener

Automutilation. Atteinte mortelle à son propre corps ou tentative de meurtre du père, beau-père, amant de la mère... Les filles fuguent aussi. La fugue, c'est une forme de désobéissance civile. La fugueuse est une insoumise. Elle part sans autorisation de la mère ou du père. Elle déserte la maison, tout d'un coup, comme ça — sur un coup de tête — sans avertir personne, sans dire pourquoi, comme si elle n'avait plus de comptes à rendre, comme si elle n'était pas mineure et soumise à l'autorité parentale. Elle n'attend pas d'être mise à la porte, par force. Elle s'en va. Elle s'enlève elle-même, s'arrache à la maison où elle était murée, sous surveillance, portes et fenêtres closes comme dans un bordel. D'ailleurs la chambre où le père la rejoint, l'enferme au verrou pour user de son corps inerte, passif, consentant sous la menace, pour des pratiques sexuelles rituelles où elle n'a pas de part — elle fait ce qu'on lui dit comme elle obéit à sa mère pour le ménage — c'est une chambre de passe. Tout s'y déroule suivant un temps, dans un espace, avec des gestes, des règles prostitutionnels. Elle fait ce qu'il veut. Elle est là sur le lit pour son plaisir, à lui. C'est lui qui

connaît le déroulement de l'opération... Il l'initie à des rites amoureux en quelque sorte : rites de la prostitution où l'oubli de son propre corps, par la femme, est la règle fondamentale. La prostitution est aussi une forme d'automutilation. C'est à cette mutilation — corps marchandé de la pute — que le père initie sa fille dans la chambre secrète, le cabinet noir de la discipline sexuelle de l'inceste. En échange d'un corps qui se donne, froid, amorphe, figé et comme mort — corps de poupée, poupée de sex-shop — la fille reçoit de son père reconnaissant cadeaux ou argent. Elle se vend à son père pour un petit bénéfice, pour un peu plus d'argent de poche. Le père l'a initiée très tôt et avec efficacité — c'est un bon pédagogue — à monnayer son corps. C'est ainsi, comme nous l'avons déjà signalé, que des fugueuses pratiquent sans le savoir et avec beaucoup de naturel une « prostitution occasionnelle », souvent transitoire, et qui les conduit parfois à une « prostitution habituelle ». Mais la fugue n'est pas si simple. La fuite suivie du retour à la maison est presque obligée, avant la dernière fugue qui marque une rupture radicale et définitive : prise de liberté plus violente qu'un signe de révolte. Les fugueuses vagabondes et rebelles ont derrière elles, dans l'histoire de leurs fuites successives, une liste mouvante de cavales, détentions domestiques (ou en institution et placement), tentatives d'évasion... Fugitives indociles.

La première fugue. La fille a subi longtemps une relation incestueuse. Le seuil de tolérance est atteint. Elle voudrait sortir. Voir des garçons autres que ses frères. Elle n'a pas le droit de rencontrer des copains — elle n'a pas de copains. Elle vit en permanence dans un quartier de haute surveillance.

*De l'autre côté de la rue, c'était la campagne*

Un soir, elle sort. Comme pour aller faire des courses au Mono d'à côté. Sans sac de voyage ni valise. Sans argent. Elle ne sait pas très bien ce qu'elle veut faire. Elle verra. Un après-midi de décembre 1976, Josiane, 16 ans, rencontre un ami dans un café. Ils bavardent. Il vient de perdre son travail. Ses parents l'ont mis à la porte. Elle reste avec lui. Ils passent la nuit ensemble. Ils ont regardé la télé chez un copain. Ils se sont couchés. Ils se caressent et s'embrassent : « J'ai caressé Josiane intimement et j'ai senti " mouillé ", je pensais que les choses s'annonçaient bien lorsqu'elle m'a dit qu'elle avait ses règles. Je n'ai pas insisté, ça me faisait débânder... nous nous sommes endormis. » Josiane interrogée confirme cette version. Le copain aussi. Le lendemain, elle rentre à la maison. Elle a fait une fugue. Elle est coupable. Pour se disculper, elle fait à son père et à la femme de son père le récit d'un viol collectif qu'elle aurait subi. Ses parents l'auraient contrainte à porter plainte. Elle porte plainte. Elle donne du viol une version cohérente et très précise. « De l'autre côté de la rue, c'était la campagne... » Sur le lieu, la chambre dans un immeuble H.L.M... le lit de torture — un grand lit à deux places. Ils sont trois, ils l'ont enlevée en voiture. Séquestrée dans une chambre, ils la déshabillent de force. Elle est maintenue par deux d'entre eux pendant que le troisième essaie de la pénétrer. On la brûle à la main gauche avec une cigarette, deux fois. Avec un objet tranchant, on lui fait des

incisions sur les deux avant-bras. On lui donne des coups de poing. Deux garçons la pénètrent avec leurs doigts. Elle a ses règles, elle saigne. Ça dure trois heures. « Quand ils ont vu qu'il n'y avait rien à faire, ils m'ont dit : " Rhabille-toi. " Ils sont allés dans l'autre pièce. L'un m'a dit : " C'est pas la peine de faire une mare de sang. " Je les entendais rire. Ils m'ont mise dans la voiture. Ils ont dit que j'étais bonne à rien. Ils m'ont déposée au bord de la Marne. Je suis rentrée à pied chez moi. » Elle donne même des garçons une description qui n'est ni floue ni confuse : « Les trois garçons étaient de type nord-africain ou portugais, teint basané, cheveux bruns, tous les trois, mi-longs plus ou moins frisés. Tous plus de 1,75 m. Entre 25 et 40 ans. Selon leur parler je pense qu'il s'agit d'Arabes. L'un portait un col roulé, l'autre une chemise à ramages de couleur, le troisième une chemise noire. » Elle ajoute : « Je ne suis pas certaine de pouvoir reconnaître mes agresseurs. Tout s'est passé dans la pénombre et je ne les ai jamais très bien vus. »

Le scénario est au point. Elle raconte comme si elle avait été violée et la description des violeurs répète les stéréotypes racistes qui reviennent lorsque des Nord-Africains sont soupçonnés de viol. On se rappelle le procès pour attentat aux mœurs, où le beau-père disait que sa fille Liliane avait été violée par des Nord-Africains lors d'une fugue. Lorsqu'elle était revenue, sa mère aurait vu du sang sur sa culotte. C'était lui le beau-père qui couchait avec sa fille depuis dix ans.

C'est le père de Josiane qui a fait examiner sa fille et qui a remis le certificat médical qui constate :

- des traces de brûlures de cigarette sur la main gauche au nombre de deux ;
- des éraflures nombreuses aux deux avant-bras ;
- des contusions multiples sur le corps, les deux seins ;
- des contusions et éraflures de la vulve intéressant les grandes lèvres et les petites lèvres sans plaie ni déchirure.

C'est le père aussi qui dépose au commissariat un slip et un soutien-gorge lavés depuis les faits. Le père parle d'un chemisier déchiré mais qui n'aurait pas été retrouvé.

Trois jours après la première déposition, Josiane retourne au commissariat avec un ami. Elle déclare que ce qu'elle a dit sur l'affaire du viol est faux. Qu'elle ne connaît pas les individus dont elle avait parlé. Elle ajoute qu'elle n'avait pas l'intention de porter plainte et qu'elle ne l'a fait que sous la pression de ses parents, qu'elle a d'ailleurs l'intention de quitter, dès qu'elle sera majeure. Elle fait, à ce moment-là, le récit de la soirée de fugue avec son copain de rencontre. Elle signe sa nouvelle déposition.

Le père de Josiane ne s'est jamais rendu aux convocations jusqu'en février 1977 : deux mois après les faits.

L'enquête de la police conclut à une fugue maquillée en viol : « La plaignante avait déposé plainte, contrainte par son père, et fait des déclarations mensongères pour couvrir son absence nocturne du domicile paternel. » C'est une conclusion possible. Mais si on lit plus attentivement l'audition du père, on prend connaissance d'éléments importants qui manquaient jusque-là, et qui éclairent singulièrement

l'histoire de Josiane. Le père se présente donc enfin. Il remarque : « Le comportement de ma fille ne m'étonne pas car elle est très renfermée et menteuse... Elle est lointaine et pas communicative. » On apprend que Josiane a été placée à l'A.S.E. par sa mère que son père avait quittée. C'est par une lettre de la mère que le père prend connaissance du placement de sa fille. Il s'est marié et sa femme voudrait reprendre Josiane. Il accepte. Elle a 8 ans lorsqu'elle vient vivre chez son père : « Nous l'avons toujours élevée correctement sans sévérité accrue, mais en ce qui me concerne j'ai toujours tenu à ce qu'elle ne traîne pas et travaille bien. » On entend à distance et presque dans le même temps, en janvier 1977, les paroles d'une mère qui témoigne pour son ami contre sa fille Thérèse qui a porté plainte contre son beau-père. Depuis l'âge de 11 ans, il la contraint à des relations sexuelles et ce que dit la fille, qui refuse de retourner chez elle, ne laisse aucun doute sur la manipulation sexuelle dont elle est l'objet. La mère affirme donc : « Ma fille a tout ce qu'il lui faut à la maison. Elle a sa chambre personnelle et n'a aucun problème sur le plan matériel. Mon ami fait tout pour l'élever correctement. Il la considère comme sa propre fille et elle le considère comme son père. D'ailleurs, elle l'appelle papa... » Sa fille est personnelle. Elle n'aime pas être commandée. Elle raconte des mensonges et elle n'est pas très courageuse pour travailler à la maison. L'ami : « Nous faisons le nécessaire pour qu'elle soit heureuse à la maison... D'ailleurs elle m'appelle papa... Elle ne sort pratiquement pas sinon pour les commissions... Etant donné son âge, il n'est pas question qu'elle sorte seule le soir... J'ai tout fait pour elle. Je l'ai toujours considérée comme ma fille... »

Le père de Josiane précise encore dans sa déclaration : « Elle a déjà essayé deux fois de se suicider : une première fois à 14 ans en se coupant les veines et une deuxième fois à 16 ans en avalant des comprimés... » Il pense ainsi charger sa fille en la pathologisant ; or ces réactions, dans un climat familial qui présente tous les signes de la famille incestueuse, sont celles qui se retrouvent de façon permanente dans les affaires d'inceste lues, ou rapportées par des juges, des éducatrices, des assistantes sociales... Le père ajoute encore : « Il est possible qu'elle se soit brûlée volontairement. » Il est vrai que l'automutilation, ça existe, mais les contusions et les éraflures de la vulve, les contusions aux seins... Elle se serait donné à elle-même des coups de poing sur les seins comme Tarzan dans la jungle quand il pousse son cri de forêt ?

Tous les arguments que le père de Josiane avance contre sa fille peuvent se retourner contre lui. Il la charge trop et avec trop d'acharnement, il la psychiatrie si bien... Un juge des enfants racontait qu'une mère, complice d'un père incestueux — il avait couché avec ses trois filles, la deuxième avait fugué et c'est la sœur aînée qui avait porté plainte, la troisième couchait avec le père contre de l'argent — disait de ses filles qui accusaient le père, qu'elles étaient folles et menteuses, coureuses aussi. Le père les battait parce qu'elles fréquentaient trop les garçons ». La deuxième refusait le retour chez les parents. L'aînée avait quitté la maison. C'est elle que la mère traitait de folle : « Il ne faut pas la croire, elle raconte des mensonges... »

Depuis les faits, Josiane n'a pas quitté la maison de ses parents. Elle ne veut plus aller à l'école. Elle ne sort que pour aller à son travail :

elle apprend le métier de secrétaire dans une étude d'huissiers. Elle veut passer un examen d'enquêteur de police. Elle cherche ainsi à se donner les moyens de découvrir la vérité dans des affaires d'attentats aux mœurs sur mineures de moins de 15 ans. Elle veut pouvoir dire un jour ce qui s'est réellement passé pour son histoire. Dire la vérité. Ce choix est symptomatique. Peut-être saurons-nous que c'est le père qui a manipulé sa fille en mettant au point un scénario qui a marché, pour couvrir un inceste. « Un attentat aux mœurs avec violences... » Car l'auteur des sévices, nous ne le connaissons toujours pas à la fin de l'enquête. Si notre lecture du dossier est juste, le père serait à l'origine des sévices. Les filles, battues, maltraitées, violées dans la famille, ne dénoncent pas facilement leur père.

*Pour lui faire plaisir, elle couche aussi avec ceux qui sont là*

« Maman et J... font que de me taper, je commence à en avoir assez... Maman fait que de me dire « " Vivement que tu t'en ailles... " », écrit Thérèse. Sa mère la bat avec la laisse du chien, son beau-père aussi. A la maison elle est la « bonne à tout faire ». C'est elle qui se sauve pour porter plainte seule. C'est rare. Affronter la police, les juges, les interrogatoires et examens successifs, les pressions de la mère, du père, une honte que la fille ressent dans ces affaires-là : coucher avec le père ou le beau-père. Honte que le public renvoie à la fille même si elle n'est pas coupable. Culpabilité : avoir trahi le père, la

mère, le clan... Tout cela, Thérèse à 14 ans, frêle et fragile, devra le vivre avec la force, l'énergie d'un adulte. Que son histoire ensuite soit troublée, douloureuse... Qu'elle se retrouve de fugue en foyer, de foyer en fugue, de fugue en trottoir mesuré, arpenté, par les proxénètes, promeneurs infatigables du côté des foyers et maisons maternelles...

Des éducatrices racontent, on en a déjà parlé, que des hommes, souvent des Nord-Africains, rôdent autour des maisons maternelles, pour proposer aux femmes qu'ils rencontrent et reconnaissent pour leur dénuement une adresse, une chambre, des sorties. L'été, les jeunes femmes s'assoient sur les bancs de l'avenue. Elles attendent. Des hommes s'arrêtent, viennent bavarder avec elles. Ils font des promesses. Que la femme soit enceinte ou mineure ne les arrête pas. Ils ne parlent ni de la grossesse ni de l'enfant à venir. C'est la femme qui les intéresse. Son corps. Plein ou non. C'est un corps à faire produire et à baiser. Elles sont seules. Elles écoutent. Elles le trouvent gentil. Elles le suivent et ce qui s'ensuit... Elles quittent le centre et on ne les revoit plus. L'enfant, elles le placeront : la plupart des enfants recueillis temporaires sont des enfants de femmes, d'adolescentes recueillies elles-mêmes dans les centres, foyers, hôtels maternels. Celles qui sortent le samedi-dimanche et qui retrouvent leur ami d'aventure ou un nouvel ami reviennent brutalisées, violentées sexuellement. « Les organes génitaux sont abîmés, enflammés à chaque retour de week-end, c'est ce qu'ont souvent remarqué les sages-femmes qui suivent la grossesse des jeunes femmes. Par ailleurs beaucoup ont un ami nord-africain qui vit avec des copains, des cousins, des frères... La jeune femme couche avec son ami et, pour

lui faire plaisir, elle couche aussi avec ceux qui sont là. Elle ne vit pas du tout ça comme un viol. Elle répond simplement à une demande, à un besoin de son ami et des hommes qui sont là. Elle se sent utile. Elle ne s'interroge pas sur son plaisir à elle, son corps et sa fonction sexuelle... Elle voit dans ces rapports — peut-être chaleureux — des preuves d'attachement, de préférence, d'amour... » Même si la plupart du temps l'ami l'abandonne dès qu'un problème matériel est posé, lorsque la femme n'est plus hébergée au centre et qu'elle se retrouve sans travail ni domicile, avec un nouveau-né... La prostitution apparaît souvent comme un remède financier provisoire et petit à petit habituel.

*Il rejette un liquide blanc dans son mouchoir*

Elle ne parle pas, elle ne bouge pas. C'est lui qui fait les gestes sur elle. Elle est comme un tout petit enfant qui a peur. Comme une putain passive et muette qui travaille à la demande du client, toujours la même et suivant les mêmes rites. Le beau-père donne des cadeaux à Thérèse.

« Mon beau-père achète des livres dégoûtants du genre S.O.S. ou S.A.S. avec sur la couverture une femme nue tenant un couteau. Mais il n'y a pas d'images dedans. Ces livres parlent de violences et de coucheries. Ils se trouvent sur l'étagère du bas. Il y a deux mois, j'ai vu sur la table de nuit de la chambre un livre intitulé *Jouir*. Il était question de " chatte " ; sur la couverture, il y avait deux filles nues. » C'est un beau-père moderne et libéral : il ne cache pas les

revues pornographiques qu'il lit. Curieusement on s'aperçoit — on en parlera plus loin — que ces revues pornographiques traînent justement là où se déroule la scène incestueuse. Est-ce que le père ou le beau-père expérimente, est-ce qu'il initie aux positions, gestes, objets..., qui feront de la petite fille une amante habile, une prostituée experte et peut-être spécialisée dans tel ou tel secteur technique des perversions que la pornographie passe en revue ?

Au cours de son audition, Thérèse emploie avec un grand naturel le mot « chatte » qu'elle a lu dans les livres savants de son beau-père. C'est si peu courant qu'une petite fille publiquement prononce ce mot qu'il est consigné dans le rapport de police : « Mon beau-père m'emmène dans sa chambre avant le retour du travail de maman. Il envoie mon frère et ma sœur jouer dans leur chambre. Il ferme la porte de la chambre au verrou. Il me dit de me coucher sur le lit, il me déshabille entièrement, il enlève son pantalon, il sort son zizi et il le met dans ma chatte [...]. C'est dur et ça me fait mal. Il bouge dans ma chatte, après il rejette un liquide blanc dans un mouchoir. C'est tout ce qu'il me fait. Il ne m'a jamais rien fait faire d'autre. Il me fait ça plusieurs fois par semaine... Depuis deux mois je me rebiffe, alors il me bat pour m'obliger à faire ça avec lui [...]. Il ne me dit rien quand il a des relations avec moi. Mais à chaque fois il prend son mouchoir soit dans sa poche, soit dans ses affaires qui sont dans un placard, et après avoir remué en moi, il se retire d'un seul coup et il s'essuie le sexe avec ce mouchoir [...]. Il ne prend jamais autre chose. Après, il met son mouchoir directement dans la machine à laver, comme ma mère fait pour le linge. »

Elle a le devoir de se prostituer à lui seul mais elle n'a pas le droit de sortir : « Ma mère et mon beau-père ne me laissent jamais sortir et surveillent le temps que je mets pour faire les commissions. »

Elle fugue.

C... fugue. N... fugue...

C... ne veut plus retourner chez son père. Elle fugue deux fois. Interpellée au cours de sa seconde fugue, elle accuse son père d'« actes impudiques ». « La réalité des accusations portées par la mineure n'a pu être établie. » En revanche, le dossier signale : « La jeune C... est présentée comme d'un caractère difficile, voleuse, fugueuse, mythomane et très intéressée par les problèmes sexuels... »

N... se présente au commissariat. Elle demande les renseignements nécessaires pour quitter le domicile familial. Au cours de l'audition, elle accuse son père de violences et d'« attentat aux mœurs sur sa personne ». L'inculpé reconnaît les faits. Le rapport souligne : « La jeune N... semble particulièrement attirée par les garçons. Elle a fugué depuis du domicile familial. »

La liste est longue.

### *Je fais des saisons à Cannes, l'été*

Des parents donnent le signalement de leurs filles en fuite. Elles ont quitté la maison depuis plusieurs jours. Les parents disent qu'ils « n'arrivent plus à les tenir ». Elles veulent sortir, ils disent non. Les pères incestueux surtout. On l'a vu. Elles rejoignent un copain qui les héberge ou elles errent dans les rues des centres urbains. Les

hommes les draguent, certains les recueillent. La police les interpelle et les dirige sur la Brigade de protection des mineurs. Elles ne parlent pas tout de suite. « Deux mille à trois mille filles mineures arrivent ainsi, dit un juge d'instruction, à la B.P.M. ; 90 % d'entre elles ne sont plus vierges et souvent elles n'ont pas 15 ans. » Combien déflorées par le père ou le beau-père ? Il est impossible de donner un chiffre. Elles ne le disent pas toutes. « Souvent dans les rues, elles se font draguer pour des parties, pour des hommes qui aiment les filles très jeunes, elles ont 12, 13 ans. Elles sont consentantes la plupart du temps. » Ces affaires « sortent » rarement. Elles n'arrivent pratiquement jamais jusqu'à la justice. On a entendu parler de cette affaire d'un industriel qui recherchait des filles mineures en fugue. Il les hébergeait dans son appartement ou dans des studios. Il les entretenait. En contrepartie elles devaient se livrer à des scènes érotiques en tout genre. Il ne couchait pas avec elles. Il appréciait les scènes de lesbianisme. Par exemple, l'une d'entre elles devait se masturber avec un crucifix... Beaucoup se retrouvent pratiquer une sorte de prostitution « occasionnelle ». « Une fille de 17 ans, raconte un juge des enfants, ne cessait de fuguer. Elle ne s'entendait pas avec son beau-père comme beaucoup d'adolescentes qui refusent vers 15 ans des relations sexuelles imposées jusque-là. La fille traînait la nuit dans les bars. Sa mère était serveuse dans un bar, « serveuse montante ». » C'est le service de prévention qui signale la fugueuse au juge. La mère raconte que sa fille se drogue, vit avec des Antillais et des Africains... « La mère demandait l'émancipation de sa fille, poussée par un proxénète dont elle était complice. » La fille fait deux tentatives de suicide.



Elle est hospitalisée trois fois.

Elle fugue à nouveau. Elle est arrêtée par les flics en forêt de Fontainebleau. Elle allait à Marseille avec un copain. En juin 1977, elle est interpellée dans un hôtel sordide à Issy-les-Moulineaux. Elle retourne chez sa mère. En septembre 1977, la mère ne sait pas où est sa fille. Elle dira peut-être, comme une autre fille mineure qui se prostituait depuis l'âge de 15 ans, en studio, après avoir fait le trottoir à Marseille : « Je fais des saisons en été à Cannes. » A 17 ans, elle faisait de la prostitution par téléphone. Elle était « montée à Paris » pour faire de la « prostitution de classe ». Elle avait été placée dans un foyer à Lyon. La mesure éducative avait échoué...

A... quitte à 16 ans le domicile familial. A Paris elle vit chez des amis de rencontre puis elle est hébergée par un Algérien chez qui elle vit pendant plusieurs jours. Elle travaille dans divers cafés. Elle est recherchée. Elle est mineure. Il la protège. Elle partage sa chambre et son lit. Elle l'accuse de l'avoir battue « pour lui imposer chaque nuit des rapports complets. Il lui aurait également proposé de se livrer à la prostitution pour son compte et lui aurait à plusieurs reprises dérobé le produit de ses gains ». Il était inculpé « de violences, vol, tentative de proxénétisme », en janvier 1977.

On pourrait citer quelques portraits de jeunes femmes qui se prostituent, qui ont été victimes de violences dans l'enfance et qui lors d'une ou plusieurs fugues ont été fichées (entre 1970 et 1977) :

F..., 20 ans.

Fille unique d'un père ouvrier d'entretien, d'une mère sténo.

Fugue à 15 ans. Son père la bat.

En deux ans elle fait vingt et une fugues.

Tentative de suicide par barbituriques.

Placée par ordonnance judiciaire.

Fugue.

Vit avec des Nord-Africains.

Se prostitue pour un Algérien.

Elle a eu un enfant, il est élevé par les parents.

J..., 30 ans.

Née de la liaison père : ouvrier — mère : sans profession.

Fille unique.

Elle est victime de faits de mœurs de la part de son père.

Depuis l'âge de 17 ans, elle se prostitue.

Elle a cinq enfants dont trois placés à l'A.S.E.

C..., 29 ans.

L'aînée d'une famille de quatre enfants.

La mère reçoit ses amants chez elle.

Son père a tenté d'abuser d'elle à 12 ans.

Elle a été placée à l'A.S.E.

Puis dans un Bon Pasteur.

Elle fréquente des bandes d'adolescents.

Prostitution à 17 ans.

Elle a un enfant.

Le souteneur est incarcéré. Il a deux femmes qui travaillent pour lui. Les enfants sont élevés par la famille.

J..., 35 ans.

Elevée par sa mère et son beau-père.

Enfance malheureuse.

Vit en ménage avec un homme qui devient son souteneur après le mariage.

Trois enfants en nourrice.

Une fille de 10 ans qui est victime en 1971 d'attentat aux mœurs de la part de l'amant de la mère.

Les filles qui fuient le domicile familial pour rompre la relation incestueuse ne se retrouvent pas toutes sur le trottoir pour le tapin ou dans une chambre d'hôtel du côté de la gare de l'Est... Il arrive qu'elles rencontrent des garçons qui ne sont ni souteneurs ni salauds et qui vivent avec elles sans en tirer profit. Ce qui arrive aussi, c'est qu'elles attendent toujours l'amour fou, éternel, merveilleux et qu'elle se retrouvent enceintes parce qu'elles sont contre « ce bout de ferraille qu'on met dans le ventre » ou contre « l'amour sous cellophane »... Le garçon n'a rien contre l'avortement, la fille le refuse, elle veut l'enfant... on connaît la suite. Mariage précocé. Enfants rejetés, ou placés, ou maltraités. Fille abandonnée, mère célibataire, coupée de sa famille, seule... Et les souteneurs le savent, reconnaissent ces femmes dans la détresse, les guettent. Ils les protègent d'abord puis se font payer très cher ce secours. Les mères aussi peuvent être des mères proxénètes.

### *La chambre n° 5*

La fille de Mme B. R..., Salima, placée par la D.A.S.S. dans un foyer, fait de nombreuses fugues. L'éducatrice insiste dans son rapport sur le caractère sexuel de ces fugues. Salima retrouve plusieurs garçons à la fois. Elle entre-

tient avec eux des relations sexuelles. Enceinte elle doit se marier. Elle épouse un homme beaucoup plus âgé qu'elle. Elle a une petite fille.

Mme B.R. avait été une petite fille maltraitée. Son père était violent : « J'ai tellement vu mon père battre ma mère que j'ai décidé que les Français valaient rien et que je prendrais un Algérien. » Elle est placée à l'Assistance publique. Puis elle travaille comme fille de salle dans un hôpital. Elle épouse un Algérien. Trois enfants naissent de ce mariage. Son mari est violent. Il la bat. Elle fait une fugue avec un amant. Ses enfants sont placés. Elle se serait prostituée, dit le dossier judiciaire. Elle est incarcérée en 1973, pour « complicité d'attentat à la pudeur sans violence sur mineure de moins de 15 ans par ascendant ». Salima, 13 ans, accuse son père de l'avoir violée avec la complicité active de la mère qui reconnaît les faits. « Elle disait qu'une nuit alors que ses parents étaient couchés, ceux-ci l'avaient attirée dans leur lit où son père consommait avec elle l'acte sexuel complet avec la complicité de sa mère qui lui tenait les bras. Elle précisait que la scène s'était renouvelée plusieurs fois à des dates différentes. »

Son frère a lui aussi des relations sexuelles complètes avec elle à plusieurs reprises. Son cousin « n'aurait pas consommé l'acte sexuel complet, se bornant à quelques mouvements sans pouvoir la pénétrer ». Tous les hommes du clan se sont sentis autorisés à la forcer. Et c'est sa mère qui a facilité le viol incestueux...

Une autre mère avait ainsi livré à son amant algérien et au frère de l'amant, sa fille de 11 ans, Odile. La mère travaille chez un hôtelier algérien. Elle a des difficultés d'argent. Depuis l'âge de 14 ans elle travaille ; elle a commencé dans une usine de poupées. Elle quitte sa famille, ses dix

frères et sœurs, pour un mariage précoce. Son mari boit. Il est violent. Les ruptures sont fréquentes. Elle a des amants. En prison elle dit qu'elle n'a jamais été heureuse dans sa vie. Elle est donc hébergée et employée dans cet hôtel tenu par un Algérien, son amant. Elle fait la cuisine et le ménage pour l'hôtelier. Elle couche avec lui et lui donne sa fille : elle pourra différer le moment de payer les loyers qu'elle doit. Un soir Odile, sa fille, couche dans la chambre n° 5, inoccupée, au deuxième étage. C'est une faveur que la mère semble demander à l'hôtelier qui la lui accorde. « Le soir, la petite fille se rendit donc dans la chambre n° 5, et s'y enferma à clé. L'hôtelier vint alors frapper à la porte, mais Odile refusa de lui ouvrir. Il descendit chercher la dame B... et tous deux revinrent devant la porte de la chambre n° 5. La dame B... frappa en disant : " C'est maman, ouvre ". La fillette ayant ouvert, l'hôtelier entra et la dame B... redescendit. » Odile enlève sa chemise de nuit. Il s'allonge nu, sur elle. Ils font l'amour mais par précaution il éjacule entre les cuisses. Ils s'endorment.

« La dame B... a fini par dire qu'elle avait incité sa fille à coucher avec l'hôtelier [...]. Odile a prétendu que sa mère l'avait contrainte en la menaçant de la maison de correction. »

Odile et ses frères sont placés à l'A.S.E.

Leur mère est en prison pour cinq ans.

Comme la mère de Salima.

Les mères complices prostituent leur fille à leur mari, ou à leur amant. Cette affaire est claire sur ce point si les autres le sont moins en apparence. Le père, l'amant utilisent la fille comme une pute, la paient en argent ou en cadeaux, et la mère se conduit comme une mère maquerelle. Il existe aussi des pères proxénètes.

Qui déflorent pour eux leur fille et l'utilisent ensuite pour qu'elle rapporte de l'argent. Si le père ne la garde pas pour lui seul, elle doit lui servir encore et son corps lui appartient, à lui le père premier amant, premier souteneur.

### *Dans les W.-C. publics*

« Elles ont ça dans la peau, dans la tête. Elles courent, elles galopent. » La mère dit : « C'est une vicieuse, y a rien à faire », et les dossiers soulignent soigneusement, chaque fois, que la fille s'intéresse aux garçons, euphémisme pour dire qu'elle couche à droite et à gauche avec n'importe qui... Un matin de mars 1978, une vieille dame accompagnait une mineure enceinte dans un centre maternel. La mère travaillait dans la restauration, elle ne pouvait pas s'absenter. Par ailleurs, son appartement était trop petit pour recevoir sa fille avec son enfant. La vieille dame s'indignait : « Tout ça, c'est à cause de la pilule. C'est une catastrophe. J'ai travaillé à Bretonneau. J'en ai vu passer. Toutes des petites vicieuses. Cette pilule... moi je verrai pas ça. Je serai morte avant. Mais les médecins le disent. Toutes les femmes auront un cancer de l'utérus. D'ailleurs, on soigne les cancéreux avec un ingrédient qu'on trouve dans la pilule... Ma fille, ça lui serait jamais arrivé, ça. J'ai élevé trois enfants toute seule. J'étais veuve de guerre. Je me suis jamais remariée. J'ai bouloité, je peux vous dire. Un étranger, il peut pas aimer les enfants qu'il a pas faits. C'est pas possible. Alors il en fait d'autres, s'il en a pas déjà, et ça fait des histoires... »

Un juge d'instruction racontait qu'un père qui couchait avec sa fille depuis longtemps prenait des photos de leurs « ébats ». Il menaçait sa fille de tout révéler à sa mère si elle ne lui rapportait pas d'argent. La fille se prostituait donc. C'était par vice ? Pour se soumettre à ce point... il fallait qu'elle soit dans une solitude, une misère, un désarroi absolu pour subir le père, les séances pornographiques et la prostitution. Mêmes questions pour Suzanne : cette faiblesse morbide qui sert les désirs des pères, cette inertie qui appelle les sévices, la violence sexuelle et l'utilisation du corps de la fille comme si elle n'existait pas. L'histoire de Suzanne est à cet égard exemplaire et terrifiante.

A 4 ans, elle est placée à l'Association de la sauvegarde de l'enfance du Rhône. Son père est incarcéré. Il a été condamné en 1965 pour attentat à la pudeur sur sa fille aînée, proxénétisme... Le père de son père, ouvrier tonnelier, avait été condamné pour attentats aux mœurs sur des fillettes, dont ses propres filles. Il perpétuait donc la tradition familiale et Suzanne va éprouver le poids réel de cette tradition-là. En 1972, elle a 14 ans. Elle est aide-monitrice dans un foyer de tout-petits. Sur la demande de ses parents elle retourne au domicile familial. Le père et la mère rapportent « que la jeune fille ne voulait en faire qu'à sa tête, qu'elle manquait de tenue et de correction, et que le père avait dû la réprimander sérieusement à cause de ses jupes trop courtes ». On se rappelle Blandine qui revient après dix ans dans la maison de sa mère et les querelles qui s'ensuivirent... Les mêmes. Mêmes accusations : elle est paresseuse, elle n'obéit pas et d'ailleurs elle a tout pour faire le trottoir. C'était le discours de la mère et

de la nourrice : Blandine n'était plus une petite fille, on ne pouvait plus la tenir, elle cherchait à plaire aux hommes, c'était donc une putain... Le discours du père de Suzanne c'est : de toute façon c'est déjà une garce, autant en profiter. Il justifie ainsi — parce que sa fille porte des jupes trop courtes — les viols successifs qu'il lui impose et les passes qu'il l'oblige à faire pour de l'argent.

Un après-midi de juillet 1972, le père emmène Suzanne et son jeune frère pour une promenade en voiture. A Lyon, ils assistent à un défilé de majorettes, puis le père rend visite à des amis et, vers minuit, ils s'arrêtent dans un débit de boissons où, généreux, le père invite un jeune Algérien à boire à sa table. « Les deux hommes s'offraient mutuellement à boire ; au cours de la conversation, le père faisait au jeune Algérien des coups d'œil et des signes de tête en direction de la jeune fille qui l'accompagnait, engageant ainsi son interlocuteur à s'y intéresser. » Ils quittent ensemble ce bar pour un autre où le père propose de faire travailler sa fille comme serveuse. Vers 1 heure du matin, ils se rendent tous au domicile de l'Algérien auquel le père avait proposé de coucher avec sa fille (le jeune homme ignorait la filiation). Il avait accepté mais avait obtenu que le prix de 50 F fût ramené à 30 F [...]. Arrivée devant le domicile de son client, Suzanne manifestait de la réticence. Finalement, elle acceptait de monter dans la chambre accompagnée de son père et de l'enfant. Ces deux derniers se plaçaient près de la fenêtre, l'obscurité était faite dans la pièce. Une fois la jeune fille déshabillée, le jeune Algérien lui remettait l'argent et essayait de la pénétrer. Il ne réussissait pas en raison de l'attitude passive de sa partenaire et de son tremblement. »

Ils s'en vont au matin. Ils quittent Lyon.

Le père arrête la voiture dans un petit chemin après avoir quitté la route nationale. Le petit frère est endormi à l'arrière.

Il demande à sa fille de faire l'amour.

Elle refuse.

Deux gifles.

Il l'allonge sur le siège-couchette, arrache son slip, se couche sur elle et la pénètre.

Elle était vierge.

Elle saigne abondamment.

Retour à la maison. Silence. Le père propose à nouveau une promenade en voiture à Suzanne avec le petit frère et la petite sœur, cette fois. Elle accepte. Dans une ville proche, ils s'arrêtent place de la Libération ou place du Promenoir. « Le père faisait descendre sa fille et lui demandait de racoler des clients en leur faisant des sourires : elle devait réclamer 50 F ou plus aux hommes qui lui proposaient d'aller faire l'amour. Elle était abordée par un homme d'une soixantaine d'années qui, après l'avoir invitée à prendre une consommation dans un café, la conduisait dans les W.-C. de la place où ils tentaient d'avoir des relations, mais en vain, étant donné la position debout. L'homme remettait 50 F à Suzanne qui les donnait immédiatement à son père [...]. Le lendemain, vers 14 ou 15 heures, dans les mêmes circonstances, elle retrouvait le même client et cette fois ils se rendaient dans un hôtel en face de la place de la Libération. La réceptionniste reconnaît Suzanne, la cliente de l'après-midi : de plus elle confirme la description de la chambre n° 11 et les prix pratiqués pour son occupation. L'homme donnait 20 F à l'hôtesse et remettait à la jeune fille la somme de 40 F. Les rapports avaient été complets [...]. A quatre ou cinq reprises, dans les jours qui

suivirent, le père emmenait sa fille à la ville et, se tenant toujours à proximité, l'incitait à racoler des hommes et à avoir des relations avec eux dans les W.-C. publics. Suzanne versait à chaque fois l'intégralité du prix des passes à son père. » Elle veut cesser. Son père parle de ses besoins d'argent. Elle résiste. Il la menace de mort.

A chaque voyage de retour, le père arrête sa voiture et couche avec sa fille.

Le dossier poursuit : « Dans le courant du mois de septembre 1972, il reprochait à sa fille de ne pas gagner suffisamment d'argent. » Ils se rendent à Paris où ils sont hébergés par un oncle. Son père la rejoint chaque soir dans son lit et lui impose des relations dans sa voiture « au cours de randonnées nocturnes dans les endroits isolés de la banlieue parisienne ». Elle se prostitue quelque temps sous la surveillance de son père puis ils reviennent à la maison.

En novembre 1972, Suzanne fugue quatre fois de chez elle. Elle est placée dans un centre d'observation par le juge des enfants.

Le père a nié tous les faits reprochés par sa fille : « Il a affirmé que sa fille était consentante, que si elle se prostituait c'était de sa propre initiative. Il a contesté le fait d'avoir partagé les produits de sa prostitution. Il a nié avoir commis des actes incestueux. » La mère de Suzanne « affirme tout ignorer des agissements de son mari à l'égard de sa fille [...]. Elle soutient la thèse de l'inculpé et qualifie sa fille de vicieuse ». Lors de la confrontation père-fille « Suzanne maintenait intégralement ses accusations contre son père, tandis que l'inculpé réitérait ses dénégations ».

Au mois de juin 1973, Suzanne fugue du centre où elle était placée. Elle se met en ménage avec successivement un Français et un Algérien.

Interpellée dans la rue, ivre morte, elle est à nouveau placée dans un centre d'où elle fugue. « Elle vit dans le milieu des prostituées entre les mains des proxénètes. »

Au mois de juin 1974, elle tentait de mettre fin à ses jours en absorbant divers cachets.

En juillet 1974, elle est hospitalisée à la suite d'une fausse couche.

Suzanne vivra ainsi une suite de morts ratées : suicides manqués, fausses couches, avortements, refus d'une mise au monde vivante. La prostitution, c'est déjà une mort à son propre corps. Un corps qui aurait pu être oublié au milieu de la merde et des ordures, dans les W.-C. publics d'une place qui s'appelait place de la Libération. C'est là qu'elle est morte à son corps et sur les sièges-couchettes de la Peugeot paternelle.

En février 1976, le père de Suzanne, est condamné par la cour d'assises du Rhône à 12 ans de réclusion criminelle pour « viols, attentat à la pudeur, proxénétisme ».

Suzanne est peut-être morte.

On ne sait pas si elle était présente le jour du procès.

On ne sait rien.

## La leçon de choses

Souvent, les pères incestueux parlent d'initiation, d'éducation sexuelle. Leur relation avec leur fille, ils la considèrent en quelque sorte comme une initiation à la sexualité. A quelle sexualité? A la sexualité des hommes. A leurs besoins sexuels, à leur plaisir. Ils se moquent bien, eux, de la sexualité féminine. Ils pensent que ça n'existe pas ou, plutôt, ils ne pensent pas que ça puisse exister. Initiation aussi à la prostitution et, paradoxalement, à la chasteté, à la frigidité. La femme n'a pas de sexualité. Elle existe de corps et de sexe pour satisfaire la sexualité masculine — c'est ce que la petite fille apprend des relations avec son père, son beau-père ou l'amant de sa mère. Elle apprend qu'une femme — sa mère, elle aussi puisqu'elle sert de femme à l'homme présent — est à manipuler comme objet sexuel. Elle apprendra ce qu'il faut faire et ce qui est le mieux pour faire plaisir aux hommes, et d'abord à l'homme qui l'enseigne dans sa sexualité à lui, dans sa maison.

C'est ainsi que souvent les parties sexuelles se font à plusieurs, en famille. Le père invite la fille à regarder comment il faut s'y prendre

avant de le faire elle-même. Pour l'y aider, il lui montre des revues pornographiques pour les positions, gestes... Comme ça elle saura mieux, elle apprendra plus vite. L'acte lui-même sert de leçon concrète, puis la fille, pour plus de savoir, participe à la scène sexuelle où la mère est présente, le frère s'il y a un frère, la petite amie de la fille s'il n'y a ni frère ni sœur.

*Tu veux que je te fasse voir comment ça éjacule...*

Père, beau-père, amant de la mère, ils prétendent tous à ce rôle professoral qu'ils jouent et rarement sans violence. Les filles seront des putes expertes. Libérées de tous les tabous... « Il me disait que si je ne me masturbais pas avec une banane, c'est que j'étais une fille [elle a 15 ans] pas libérée, anormale [...]. Il venait dans ma chambre, il prenait son livre sale (il m'achetait des livres très sales, il me donnait des adresses pour que j'aie les lire à Pigalle), il s'allongeait sur mon lit avec son pantalon de pyjama, il me disait de me rapprocher, il lisait son livre et il se touchait le sexe... Si je ne faisais pas ce qu'il disait, il me tapait et il me punissait. Un jour je l'ai dit à ma mère, elle m'a pas crue. Alors pour qu'elle me traite pas de menteuse, j'ai enregistré. Mon père il disait : " Tu veux que je te la fasse voir, tu veux que je te fasse voir comment ça éjacule, tu veux voir mon sperme..." » La lettre \* date de 1974.

C'est aussi au nom de la libération sexuelle, de l'« épanouissement par le sexe », la « santé par le sexe »..., que les revues pornographiques titrent :

- Vivez votre vie sexuelle sans complexe...
- Libérez vos fantasmes.
- Libérez votre sexualité endormie par les soucis quotidiens.
- Libérez votre imagination.
- Le bonheur par la pornographie.

Sur les catalogues de pornographie, les revues, romans-photos pour « amateurs de fruits verts », sont généralement épuisés. On peut lire les textes publicitaires : « *Salopes de 13 ans* — Premier roman-photo couleurs d'adolescentes. Elles sont bougrement jeunes mais leurs chattes à peine duvetées les brûlent... Toujours en chaleur, les petits seins naissants gonflent, les délicieux trous du cul tout roses palpitent, les mini-clitoris pointent, les vulves trempent la couche, les fines croupes se tendent vers le désir qui les ronge. Ce qu'il leur faut à ces salopes de 13 ans, ce sont des queues longues et dures, des langues fouineuses et des fontaines de foutre brûlant. Ne ratez pas le spectacle d'Adrien enculant dououreusement à sec sa toute jeune cousine déchirée dans ses chairs brutalement déflorées et souillées par l'intromission de l'énorme pine. » Au hit-porno, le catalogue signale un roman-photo tout couleur : « *Une cruelle histoire d'inceste et d'incitation à la débauche*. Il baissa son slip et déboutonna la jupe. Quel âge pouvait-elle avoir ? 12 ans peut-être ? [...] Il embrassa avec passion son petit ventre blanc. Ah ! que c'était bon ! Il colla ses lèvres sur les fesses. Le gentil sexe était des plus tentants. Ses mains parcoururent tout le corps avec fébrilité. " Je veux t'entendre hurler ! " Il saisit le nerf de bœuf et s'employa à frapper la petite... » *Il débauche sa fille pour en faire une salope*. En France, les revues porno-

graphiques qui mettent en scène des enfants sont interdites. Les trusts de la pornographie importent donc pour des ventes par correspondance des livres, films, revues où des petites filles et des adolescentes jouent des scènes pornographiques. C'est ainsi qu'on peut lire des publicités à moitié clandestines en France sur des « gamines en chaleur » dans la série Lolita : « Des productions danoises qui osent débaucher des fillettes à des fins pornographiques [...]. Proposer aux amateurs de fruits verts des nouveautés mettant en action de charmantes petites biches. Attouchements, mouvements corporels voluptueux, masturbations gentiment consommées, premières pénétrations d'objets, de bites dans la chatte imberbe, premiers ramonages de la vulve molle et rose, pourpiers candides, jeunes corps d'enfants souillés de sperme, tout ce qui concerne la découverte de l'amour, du sexe... »

Près du lit, des illustrés : *Titi, Mickey, Pif...* et des revues porno. « Avant de faire l'amour, mon père me montrait des revues où on voit des gens qui couchent ensemble. Il me les montrait en me disant que c'était pour que je voie comment il fallait s'y prendre. » La mère confirme : « Plusieurs fois j'ai vu ma fille Francine lire des revues à caractère pornographique que mon mari laissait traîner. »

*Regarde comment ta mère se fait baiser par l'Algérien*

Francine a 12 ans. Sa mère « a quitté le domicile conjugal en raison des sévices infligés par son mari. Elle s'inquiète d'avoir laissé sa fille

seule avec son père. L'enquête effectuée devait confirmer les soupçons de la mère ». Le père et la fille reconnaissent les faits. La relation dure depuis un an, depuis 1976. En 1964 les parents avaient été déchus de leurs droits, et Francine placée en nourrice jusqu'en 1974 où elle est reprise par ses parents. C'est alors que commence une initiation sexuelle particulière de la fille par son père. La mère parle : « Chaque jour, mon mari adressait des compliments à ma fille. Il lui disait qu'elle était belle. Il lui demandait si elle avait de la poitrine. Si elle avait du poil au bas-ventre... Elle acceptait ces remarques pleines d'attention... Elle était flattée. Elle prenait ça comme un jeu [...]. Un soir, mon mari rentrait du travail. Il s'en est pris à moi. Il voulait me donner des coups. Je me suis réfugiée dans la chambre. Mon mari m'avait suivie, il a appelé ma fille : " Viens voir comment on fait l'amour tous les deux. " Francine est restée près de la porte. Elle regardait. Il se déshabille. Me force à me déshabiller et me dit : " Je vais t'enculer. " Il était déjà en érection. Il m'a poussée et je suis tombée à plat dos sur le lit. Cette ordure s'est jetée sur moi comme une bête et m'a dit : " Je vais te pisser dans le ventre. " Ma fille assistait à cette chose horrible sans broncher [...]. La pisse coulait le long de mes cuisses et se répandait sur le drap. J'essayais de me débattre. Il continuait son va-et-vient jusqu'au moment où il en a fini. Il m'a demandé de le sucer. J'ai refusé — criant, appelant... je ne sais qui. Il était toujours en érection. Il a appelé Francine pour qu'elle vienne voir de plus près. Je me suis mise à le sucer... Je pleurais. Il me regardait chialer. Après il m'a dit : " Je vais t'enculer. " J'avais peur. J'ai accepté. Je me suis mise à quatre pattes sur le lit. Je l'ai masturbé



avant, car il ne bandait plus. Il a entièrement rentré son sale sexe dans mon derrière, je m'étais remise à pleurer. Je me suis levée, je suis allée me laver. Lui, il s'est rhabillé et il a attendu que je fasse à manger. Francine est revenue dans la salle à manger avec son père. Nous nous sommes mis tous les trois à table. Nous n'avons pas parlé. La télévision marchait [...]. Un autre jour, il a voulu voir si sa fille était toujours vierge. Il lui a demandé de lever sa robe et de baisser sa culotte et a introduit un doigt dans son vagin : " Tu vois, elle est déflorée ta fille. Qui est-ce qui a pu lui faire ça ? " » Le père dit au cours de l'audition : « Je n'aurais jamais eu de rapports sexuels avec ma fille si je n'avais pas su qu'elle était déflorée... »

Le père s'autorise à coucher avec sa fille parce qu'elle n'est plus vierge. Elle a été dépu- celée par l'amant de sa mère, un Algérien. Son mari l'a battue en apprenant sa liaison avec un Nord-Africain : « Ce jour-là encore, j'ai châtaigné ma femme. » C'est pour cette raison, dit-il, qu'il aurait appelé sa fille : « Je lui ai dit : " Tiens, regarde comment ta mère se fait baiser par l'Algérien. " »

Racisme. Violence, Sexualité. Humiliation. Exhibitionnisme... Tout ici est mêlé. Francine a appris beaucoup en peu de temps. D'ailleurs, la leçon se poursuit dans son lit puisque son père, sa femme endormie après l'épreuve exemplaire, la rejoint la nuit même : « Je suis arrivé à la pénétrer, me retirant à temps et déchargeant dans les couvertures. » La fille à son tour raconte qu'elle couche régulièrement avec son père depuis le départ de la mère : « A deux reprises il m'a demandé de regarder quand il faisait l'amour avec ma mère. Cela me gênait, surtout que ma mère ne voulait pas et se débat-

tait [...]. Cela me gêne un peu de dire que je me suis fait lécher par mon chien, un caniche du nom de Titus. La première fois c'est arrivé tout naturellement. Il faisait chaud, j'étais allongée toute nue sur mon lit. Titus est arrivé et s'est mis à me lécher le sexe sans que je lui aie montré. Cela s'est reproduit plusieurs fois. Je me suis fait surprendre par mon père qui m'a dit de ne pas recommencer. Une autre fois par ma mère. Elle m'a disputée. Titus veut faire cela à toutes les filles qu'il voit... » Le père, la mère et l'amant de la mère confirment l'épisode de Titus. L'amant dit : « Cette fillette était mal élevée et mal éduquée. Je la connaissais à peine qu'elle m'invitait dans sa chambre. La première fois où j'y suis allé, j'ai vu le chien placé entre les cuisses grandes ouvertes de Francine, l'animal lui léchait le sexe... Je suis sorti... » On peut lire dans les rubriques pornographiques : « Des belles et des bêtes : cette Porno-Vérité hallucinante aborde la pire des déviations, la plus obscène perversion : la bestialité. Elle vous prendra aux tripes et vous secouera fortement. Jamais encore on n'avait osé aller si loin en France dans l'escalade érotique. A présent, c'est fait et tant pis pour les bonnes mœurs. Pour 75 F : *Possédées par les bêtes* : des fillettes, chastes d'apparence, s'amusaient avec Dick et Fucks, deux splendides molosses aux vigoureux assauts. Excités par les cris aigus des gamines, les chiens fourragent les jeunes vagins avec énergie. C'est assez insoutenable, les clitoris sont léchés, dégustés, les langues baveuses visitent les vulves trempées, et ce déchaînement lubrique amène la cyprine des fillettes à se mêler à l'épais sperme de chien. Un roman au texte superbe relate l'aventure bestiale de ces chiens en rut dans ces jeunes

chattes. Une revue-cadeau pour tout achat supérieur à 100 F. »

La mère demande le placement de sa fille.  
« Elle est difficile, dure, intenable. »

Francine veut retourner chez sa nourrice.

Un beau-père parlait aussi au juge d'instruction d'éducation sexuelle, de libération... Il avait d'abord pénétré la fille de sa femme — légitimée par le mariage. Sous ses yeux, chaque soir. A plusieurs reprises depuis l'âge de 11 ans il lui avait imposé fellation et sodomisation. Puis il avait demandé à sa femme, qui lisait des revues pornographiques, de se livrer à des attouchements avec sa fille. « L'épouse un soir de 1975, répondait à la demande de son mari en s'allongeant sur le lit avec sa fille. En présence de son mari qui se masturbait, la mère et la fille se caressaient sur tout le corps et s'embrassaient sur la bouche et les parties sexuelles. Les faits se répétaient plusieurs fois. » Le père force son fils de 13 ans, pour voir s'il est un homme, à coucher avec sa sœur. Il le masturbe. Pas d'érection. Il appelle sa femme. Il le masturbe à nouveau mais il n'arrive pas à pénétrer sa mère. Le père l'expulse brutalement de la chambre. A plusieurs reprises il a forcé le fils à des relations avec sa mère et sa sœur. Ils reconnaissent les faits l'un et l'autre. Mais la femme dit n'avoir cédé qu'à la crainte d'être battue par son mari. Un autre dossier rapporte que l'amant de la mère avait fait venir sa fille de 12 ans, dans le lit maternel. Il fait l'amour avec la femme puis avec la fille. Il sodomise la mère et, à chaque séance, les autres enfants regardent la scène. L'amant fait venir le fils de 10 ans, il le masturbe et l'incite à s'exhiber. Il donne des cadeaux aux deux enfants pour qu'ils se taisent. La mère n'a pas déclaré

qu'elle avait peur d'être battue. Elle aurait même indiqué qu'elle prenait plaisir à ces scènes.

Les deux filles ont été placées dans un Bon Pasteur.

### *Pour qu'elles connaissent tout de l'amour*

La mère de Colette est favorable à la liberté sexuelle : « J'ai expliqué à ma fille les choses de la vie sexuelle. Elle s'intéresse aux garçons et elle aime le flirt... J'ai informé ma fille de cette chose-là sur le plan sexuel... » Colette a une relation sexuelle avec l'amant de sa mère. Elle dit que c'est une expérience. Il ne l'a pas forcée. Quand elle en parle à sa mère, celle-ci la traite de salope. Puis elle ne dit rien. Elle souligne pendant l'audition : « Ma mère est tout à fait favorable à la liberté sexuelle des adolescents. Elle est d'accord pour que j'aie des relations sexuelles si je le désire. » Mais ce qui s'est déroulé un certain samedi soir chez sa mère a provoqué un malaise que Colette reconnaît lorsqu'elle raconte la scène : l'amant, Colette et une amie (elles ont toutes deux 13 ans et demi) sont dans le lit de Colette. Ils sont nus. L'amant caresse les deux filles. Arrive la mère qui entre à son tour dans le lit : « Mon amie a sucé le sexe de ma mère et ma mère lui en a fait de même. Pendant ce temps je faisais l'amour avec l'ami de ma mère. Ma mère ne m'a pas sucé le sexe, elle ne m'a pas caressée. En revanche, j'ai caressé le sexe de ma mère avec mes doigts à la demande de son ami. Je n'avais pas spécialement envie de le faire [...]. Je me suis sentie contrainte d'avoir ces gestes avec ma mère mais

cela ne me plaisait pas. » L'ami, interrogé, parle d'« exercice pratique ». Il a voulu montrer à Colette et à son amie ce qu'on peut faire à plusieurs de même sexe et de sexes différents : « Ce n'était pas pour jouir mais pour leur faire voir, pour qu'elles connaissent tout de l'amour. »

Les inspectrices de police disent : « Ceux qui ont été versés dans la psychologie peuvent se défendre parce qu'ils ont des connaissances sur l'éducation... alors ils parlent d'éducation sexuelle et tout ça. Ils ne peuvent pas tous se défendre comme ça. Ceux qui sont d'un milieu simple, ils n'y pensent pas. »

Colette est née en prison. Sa mère l'a reconnue. La petite fille a été placée à cause des séjours réguliers de sa mère à Fresnes. Elle est restée pendant dix ans chez des parents nourriciers. La mère a repris sa fille : pensionnaire dans une institution, elle la voit le samedi-dimanche. La mère entretient depuis cinq ans une relation avec son amant. Colette s'entend bien avec lui.

Après l'affaire, la mère est à nouveau incarcérée. Sa fille est placée dans un foyer. Elle fait une fugue pour vivre avec des copains. La fugue tourne mal : elle est obligée d'appeler la police à cause des copains. Entendue par le juge, elle voudrait retourner en pension et passer les week-ends chez ses parents nourriciers. Colette, quelque temps après a disparu à nouveau. Ses parents nourriciers n'ont pas de nouvelles. Une dépêche donne son signalement. Elle est recherchée.

La leçon de choses s'est mal terminée. Elle s'était déroulée sans violence. Il semble malgré tout que Colette ait obéi à une sorte de contrainte morale : ou elle était libérée et elle pouvait coucher même avec sa mère, ou non et

elle était une petite fille encore dans l'enfance au regard de l'homme, l'amant de sa mère. Le terrorisme de la libération sexuelle à tout prix, en toute occasion, ressemble plutôt à une nouvelle forme d'aliénation, de manipulation. Elle voulait être grande. Il fallait donner des preuves, elle les a données : elle n'a pas reculé, elle a répondu à la demande du professeur d'éducation sexuelle, comme une bonne petite élève bien dressée. Elle a même fait du zèle. Pour quelle gratification ? Quel était son désir à elle ? Comme une petite fille, elle n'a pas voulu décevoir l'attente de l'adulte, ici l'ami de sa mère à qui elle cherchait à plaire, sa mère aussi. Pour montrer qu'elle avait bien compris les leçons d'éducation sexuelle de ses parents, elle a participé activement à leur mise en pratique.

Est-ce que Colette va répéter l'histoire de sa mère ? Si la mère de son amie n'avait pas porté plainte, et que la police et la justice ne soient pas intervenues, est-ce qu'elle avait de cette situation une conscience, une maîtrise suffisantes pour assumer ce que peu de filles de 13 ans supporteraient : coucher avec sa mère, transgresser deux tabous à la fois — homosexualité et inceste ? L'inceste avec le père serait en ce sens moins intolérable. Tout n'est pas réglé par la magie de la libération sexuelle dans la pratique. Colette serait peut-être devenue une parfaite technicienne, virtuose de l'amour, elle aurait fait école comme spécialiste des techniques sexuelles... Cet avenir est arrêté. Sa mère en prison. Elle en foyer. Parce qu'elle est mineure. La Brigade de Protection des Mineurs connaissait déjà bien sa mère : elle vivait dans des bandes, elle volait, elle a été plusieurs fois condamnée et notamment pour vol qualifié. Elle avait été placée, parce que sa mère, abandonnée

par celui qui lui avait fait un enfant, ne sortait pas d'une dépression permanente. Un juge des enfants, une femme sensibilisée à ces problèmes d'adolescentes difficiles ou « en danger », suivant les termes juridiques, et confrontée à des situations complexes et délicates de filles qui fuguent, vivent en bandes, refusent de retourner chez leurs parents (qui en même temps voudraient ne pas les quitter et qui expriment une haine insoutenable de la mère ou du père), ce juge remarquait : « La famille est moins tolérante avec les filles touchées, elles aussi, par le mouvement de libération sexuelle. Pour affronter cette situation, les filles sont désarmées, les parents font le silence là-dessus (ou alors c'est l'excès inverse comme dans l'affaire de Colette)... Des tabous ont sauté à l'extérieur et ils existent encore très fortement dans la famille. Les filles sont obligées de résoudre seules les problèmes qui se posent à elles dès qu'elles sont confrontées à cette double réalité. Dans les familles où la fille a une relation avec le père, les tabous sont encore plus forts, paradoxalement. C'est une des raisons pour lesquelles, lorsque les affaires sont connues des services, c'est le drame. Là aussi, au fond, les filles sont deux fois victimes : d'abord d'une éducation qui ne tient pas compte de l'évolution des mœurs, ensuite d'une libération sexuelle qui ne les libère pas du tout, puisque, là non plus, elles ne choisissent pas. Elles se retrouvent, malgré elles, dans la consommation sexuelle : elles sont elles aussi, sans le savoir, des objets de consommation ; elles couchent comme elles prennent un steak-frites... Elles font ça comme ça, parce que ça se fait, en prenant pour une libération ce que je considère comme une nouvelle aliénation. C'est peut-être pour cette raison que souvent elles se

retrouvent dans la prostitution occasionnelle, sans bien se rendre compte qu'on les utilise, ou victimes d'un viol collectif par une espèce de passivité : coucher à tout prix, avec n'importe qui, sinon on n'est pas libérées... Mais aussi elles cherchent quelque chose, elles sont un peu perdues, elles cherchent elles ne savent pas quoi. Elles sont très seules... »

Je me rappelle la lettre d'une fille de 12, 13 ans qui disait : « ... Mais c'est l'amour de maman que j'ai besoin... »

Solitude de la fille. Silence. Gestes obligés. Clandestinité. La chambre verrouillée, l'ombre, le secret. Le corps est séparé de la mère, séparé de l'amour. La mère est complice de l'homme : pour la paix domestique, sa paix sexuelle, elle donne sa fille en sacrifice ; ou bien la mère est du côté de sa fille — « Ma mère, heureusement, elle m'aime » — et la résolution de la crise est possible. Mais le corps de la fille est toujours pris pour un effet de sexe. Sexualisé, il n'est pas pris pour l'amour ou par amour. La demande sexuelle, son actualisation, ne viennent pas de la fille. Les fantasmes de la petite fille qui veut séduire son père ou l'homme qui vit dans la maison de sa mère, l'homme les détourne, les fait dévier dans une réalisation qui est une violence, parce que la petite fille n'a même plus la disposition de ses fantasmes à elle. Elle n'a plus droit à ses propres fantasmes. Elle n'a plus droit à son corps. Sexualiser la petite fille comme si elle était une femme, la séparant violemment du corps maternel par un rapt, c'est la priver d'un corps, de son corps de petite fille, spécifique, autonome. La sexualisation précocée de la petite fille, imposée par un homme,

un adulte dans un rituel particulier à la transgression incestueuse : mutisme du corps et de la bouche, interdit, honte, pièce fermée et sombre avec toujours un lit, les violences, la menace et puis les mêmes gestes. Le plaisir de l'homme pris à la hâte, sans variations, plaisir volé au corps de la petite fille — figé, raide, qui se laisse travailler par les mains, la bouche, le sexe de l'homme. C'est un rituel dicté à un corps dans l'enfance, à une petite fille enlevée à la tendresse chaude — réelle ou rêvée — diffuse, floue d'une émotion qui est peut-être érotique mais qui ne s'exprime pas dans des gestes sur le sexe. Car même s'il n'y a pas toujours violence physique : coups portés au corps, ligotage, bâillonnage, bondage, la violence est présente, permanente dans cette pratique incestueuse de l'homme : détourner la fille de l'amour de la mère, pour son compte ; et dans ce geste de la mère maquerele de livrer sa fille à son homme pour son propre compte.

Ainsi, cette sexualisation précoce de la petite fille, corps déporté, dévié de lui-même — il n'existe plus comme un corps de petite fille avec sa recherche, son expression érotiques, sexuelles propres — coupé si tôt du corps maternel, manipulé par un homme de la maison pour son plaisir, utilisé à son strict profit..., cette sexualisation particulière que vit la petite fille produit sur son corps, sur elle-même, des effets qui ne se mesurent que lorsqu'on aperçoit des similitudes troublantes dans le rituel de l'inceste et celui de la prostitution. La position d'inceste en acte, où s'est trouvée forcée la petite fille, a généré sur son corps et, malgré elle, des obsessions, des besoins, des ritualisations de sa sexualité tout entière déterminée et orientée vers celle de l'homme. Sa sexualité à elle ? Où peut-elle

exister ? Dans quelle marge préservée du désastre ? Son corps où est-il ? Est-ce qu'elle sait qu'elle a un corps s'il ne demande rien pour lui-même ? Ces questions-là, elle ne peut — petite fille, femme trop tôt femme — se les poser. Son corps s'est fermé, dès l'enfance, il est devenu frigide, interdit de plaisir. Chaste ou débauché, un corps pour la prostitution — un objet marchand productif, efficace, un corps muet dans le noir entre les quatre murs, où se répètent les rites sexuels de l'inceste.